Erasmo, a Renascença e o Humanismo

Coleção
Perspectivas do Homem
Direção de
MOACYR FELIX
Série Filosofia
Volume 20

Ivan Lins

Erasmo, a renascença e o humanismo

civilização
brasileira

Exemplar № 3920

desenho de capa:
MARIA MYNSSEN BERN

Direitos desta edição reservados à
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua 7 de Setembro, 97
RIO DE JANEIRO

1967

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

TRABALHOS DE IVAN LINS

(da Academia Brasileira de Letras)

O Crime, o Criminoso e a Responsabilidade Penal vistos à luz da Escola de Augusto Comte. (Introdução de uma Tese), 1933, Rio, Tipografia do Jornal do Comércio. (Esgotado).

Escolas Filosóficas ou Introdução ao Estudo da Filosofia, Rio, Livraria São José, Quarta edição, 1966.

Lope de Vega, 1935, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado).

Benjamin Constant, 1936, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado).

Católicos e Positivistas (Carta aberta a Tristão de Ataíde), 1937, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado).

Um Aspecto Inédito da Vida e da Obra de Martins Fontes, 1938, São Paulo, Comissão Glorificadora de Martins Fontes. (Esgotado).

O Humanismo e o Plano Nacional de Educação, 1938, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado).

Três Abolicionistas Esquecidos: Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, 1938, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado).

Tomás Morus e a Utopia, 1938, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado).

A Concepção do Direito e da Felicidade perante a Moral Positiva, 1939, Rio, J. R. de Oliveira & Cia. (Esgotado).

Ruiz de Alarcon, Emiel Editôra, Rio, 1940. (Esgotado).

A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas (com prefácio de Afrânio Peixoto), curso público de oito conferências, realizado nos salões da Academia Brasileira de Letras e no Automóvel Clube do Brasil, em 1938, em comemoração do oitavo centenário de Saladino: 4.ª edição, Livraria São José, Rio, 1966.

Descartes: Época, Vida e Obra (com prefácio de Roquette Pinto), curso público de oito conferências, realizado em 1937, no salão da Academia Brasileira de Letras, em comemoração do Tricentenário do *Discurso do Método,* Rio, Epasa, 1940. Segunda edição, Livraria São José, Rio, 1964.

A Obra Educativa do General Rondon — no volume *Rumo ao Oeste* da Biblioteca Militar, Rio, 1942. (Esgotado).

A Cultura e o Momento Internacional, Rio, Sauer, 1943. (Esgotado).

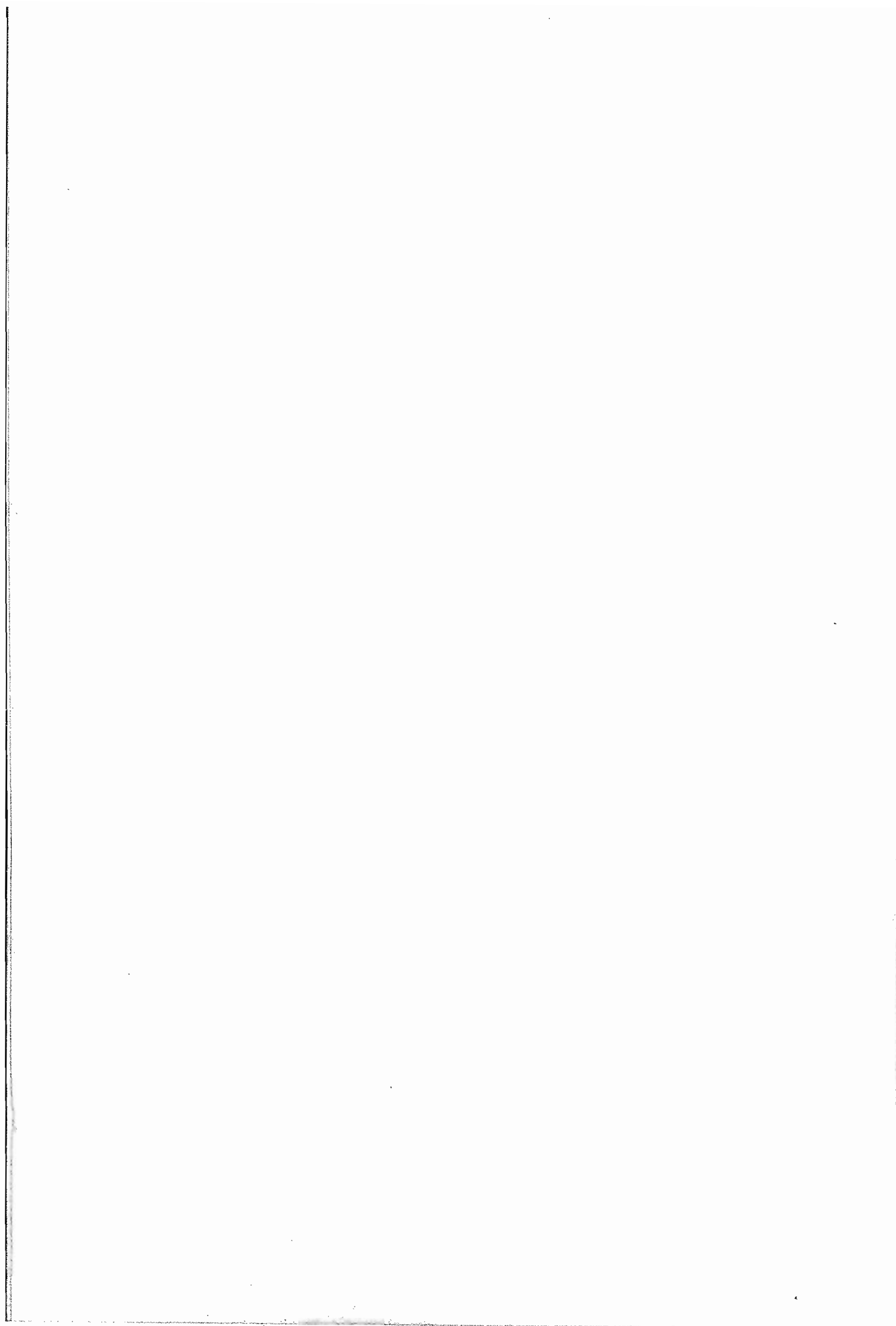
Gonçalves de Magalhães, Cadernos da Academia Carioca de Letras, Rio, Sauer, 1943. (Esgotado).
O Positivismo no Brasil, in Decimalia. (Esgotado).
É o Positivismo Ateu? Pode ser considerado uma religião? Rio, 1956.
Aspectos do Padre Antônio Vieira, 3.ª edição, Rio, Coleção do Livro de Bôlso. 1966.
En torno a Lope de Vega, trabalho publicado, em tradução de Angel Crespo, pela *Revista Cuadernos Hispanoamericanos,* Madri, 1963.
A Santificação de Anchieta, Separata de *Brasília,* vol. XII, Coimbra, 1964.
História do Positivismo no Brasil, Editôra Nacional, São Paulo, 1964. 2.ª edição, 1966.
Dante e o Positivismo, in Cadernos n.º 5 — *O Meu Dante* — do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, São Paulo, 1965.
Edmundo Lins — Alguns traços de sua personalidade e juízos de seus contemporâneos, Edições Movimento-Perspectiva, Belo Horizonte, 1965.
Perspectivas de Augusto Comte, Livraria São José, Rio, 1965.
João Pinheiro, sua formação filosófica e seus ideais políticos, Edições Movimento-Perspectiva, Belo Horizonte, 1966.

INÉDITOS

O Teatro Espanhol: Lope de Vega, Calderon e Tirso de Molina.
Tomás Jefferson, Pensador e Homem de Estado.
A Reabilitação de Frância.
Shakespeare e a Filosofia: Hamlet, um cartesiano "avant la lettre".
Perfil de José Bonifácio.
O Criador de Don Juan.
L'Oeuvre d'Auguste Comte et sa signification scientifique, philosophique et politique au XIXe. siècle, a sair nos *Cahiers d'Histoire Mondiale* editados pela Unesco.
Positivismo e Catolicismo (Uma resposta a Fernando Callage).
Idéias Esparsas — 1.ª série (coletânea de artigos publicados em jornais).
A Bandeira Nacional: seu significado e sua história.
A Oratória Religiosa no Brasil.
Bergson à luz do Positivismo.
A Mensagem de Francisco Bacon em seu quarto centenário.
Gôngora e sua poesia.
Luís Murat e sua poesia.

À MEMÓRIA DE DONA BRANCA FIALHO, RODRIGO OCTÁVIO, PLÍNIO CASADO, OCTÁVIO KELLY, FRANCISCO MENDES PIMENTEL, ROQUETTE PINTO, AFRÂNIO PEIXOTO, MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, LAUDELINO FREIRE, HÉLIO LÔBO, AGLIBERTO XAVIER E ERNESTO LOPES DA FONSECA COSTA, QUE, EM 1936, PATROCINARAM AS CONFERÊNCIAS COMEMORATIVAS DO QUARTO CENTENÁRIO DA MORTE DE ERASMO, ENFEIXADAS NESTE VOLUME — HOMENAGEM DE SAUDADE E AGRADECIMENTO.

I. L.



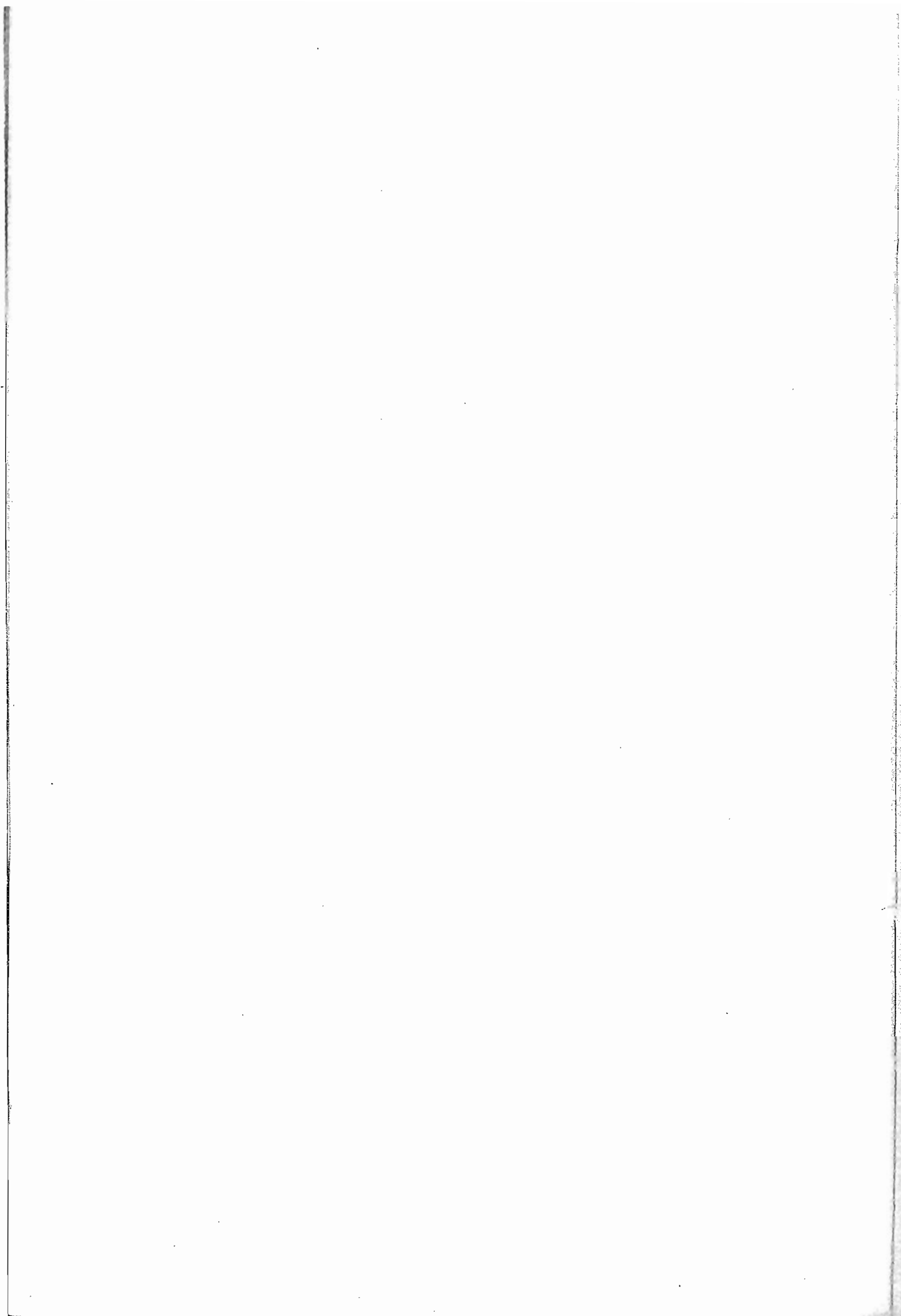
NOTA DO AUTOR

Reúne êste volume, desdobradas em capítulos, as seis conferências que, em 1936, proferi no salão da Academia Brasileira de Letras, ao comemorar o quarto centenário da morte de Erasmo. A demora de sua publicação resultou da necessidade de documentar muitas assertivas com a História dos Papas, *do Professor da Universidade de Innsbrück, Dr. Ludwig Pastor, a quem Leão XIII autorizou consultar os Arquivos Secretos do Vaticano, e, posteriormente, lhe elogiou a obra em honrosíssimo Breve.*

Outros trabalhos e cursos de conferências, como os de que resultaram os livros sôbre Descartes, Padre Antônio Vieira, A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas, *assim como a* História do Positivismo no Brasil, *impediram-me, durante vários anos, retomar a redação definitiva do livro que sai agora para comemorar o quinto centenário do nascimento do humanista.*

Rio, 26 de outubro de 1966.

I. L.



ÍNDICE

CAPÍTULO SÉTIMO:

CAPÍTULO OITAVO:

CAPÍTULO NONO:

CAPÍTULO DÉCIMO:

CAPÍTULO PRIMEIRO

A PÁTRIA DE ERASMO NA HISTÓRIA

ANTES DE APRECIAR os antecedentes históricos da época de Erasmo, evoquemos-lhe a pátria — a Holanda — vanguarda da civilização germânica, magistralmente retratada por Diderot, Michiels, Taine, De Amicis, Ramalho e Asselin, entre muitos outros. Se, na antiguidade, havia sido "o pântano tenebroso, a região anfíbia, ora água, ora terra firme; um pouco de lôdo envolto em névoa, periòdicamente revolvido pelas tempestades do Mar do Norte, habitado por um povo sinistro e lamentável, condenado a lutar incessantemente contra a cólera do Céu e a inclemência do Oceano sôbre alguns mouchões de terra movediça",[1] já assim não era a pátria de Erasmo quando êle nasceu.

Desde o ano 54 antes de Cristo, haviam os seus aborígines estabelecido contato com a civilização romana através de César, de quem se fizeram aliados na conquista da Gália Belga, e, no quinto século da era vulgar, os mesmos germanos, que ruíram sôbre o Império Romano, se apossaram da Batávia, também chamada Baixa Alemanha ou Países Baixos.

1 *Vide* Ramalho Ortigão: *A Holanda,* pág. 1 da 3.ª edição, Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1900.

A nova raça, que passou a preponderar na Holanda, e em cuja descrição esmerou Tácito o seu talento histórico, é formada de homens corpulentos, cujas sensações, pouco vivas, se acham sob a direção de um espírito calmo e refletido. Desdenhando, mais do que os latinos, as impressões agradáveis, podem os germanos, no dizer de Taine, "entregar-se, sem aborrecer-se, às mais enfadonhas tarefas. Sendo mais rudes os seus sentidos, preferem o fundo à forma, a verdade íntima à sua roupagem exterior, e, como são menos vibráteis, são também menos sujeitos à impaciência e aos assomos da insensatez. Dotados de espírito metódico e minucioso, são capazes de emprêsas de longo fôlego. Nos trabalhos penosos, quer do espírito, quer do corpo, ninguém os excede — erudição, conhecimento das línguas mais rebarbativas, edições críticas, dicionários, coleções, classificações, pesquisas de laboratório e tudo quanto, em qualquer domínio, depende de aplicação fastidiosa, porém indispensável, lhes pertence de pleno direito. Com paciência e abnegação insuperáveis concorrem para a obra civilizadora dos tempos modernos. Neste ponto diferem totalmente dos chamados povos latinos. Um germano entregue à sua faina é um autômato, que trabalha o dia inteiro, e, na oitava hora, quase tão bem quanto na primeira".[2]

A essa raça pertinaz e infatigável, que prevaleceu sôbre os antigos batavos, deve a Holanda a sua existência, não só histórica, mas até geográfica, e, daí, o adágio: "*Deus fêz o mundo* (o que muitos põem em dúvida) e o holandês a Holanda" (o que ninguém contesta)...

O Meio Físico

A região é formada por extenso pântano, proveniente do transbordamento de três grandes rios, o Mosa, o Reno e o Escalda, e, por isto, dizia Bonaparte "ser a Holanda um aluvião de rios franceses", motivo pelo qual se julgou com o direito de anexá-la...

[2] *Vide* Taine: *Philosophie de l'Art*, vol. I, págs. 266 e 269 da 4.ª edição, Paris, Hachette, 1885.

Acrescentem-se a êsses três grandes rios vários outros, e, bem assim, os seus inúmeros afluentes, além de lagos, lagunas e charcos que aí se formam por falta de escoamento natural, e se terá uma imagem do que foi a Holanda antes de ser o seu solo criado e até o seu próprio clima modificado pelo holandês.

Acompanhando até o mar êsses rios que, em suas embocaduras, se espraiam, preguiçosos, numa largura de mais de uma légua, verificamos que nôvo alude de água invade violentamente, todos os dias, e por duas vêzes, essas encharcadas planícies sob a influência das marés.

E, além dos rios e do mar, tempestades freqüentes e formidáveis, ao lado da aspereza da temperatura, faziam da Holanda um amontoado de lama e neve perdido entre as águas, mais adequado a abrigar castores do que homens, chamando-lhe, com razão, o Padre Antônio Vieira um "alagado e frio inferno"...[3]

Quando as novas tribos germânicas aí acamparam, outra não era a situação. Durante treze séculos registrou-se, na Holanda, pelo menos uma grande inundação de sete em sete anos: em 1230, são cem mil as vítimas; em 1287, oitenta mil; vinte mil em 1470, e trinta mil um século mais tarde, para só mencionar algumas das mais mortíferas. A baía de Dolart, com doze quilômetros de largura e treze de fundo, assim como o Zuiderzê, que possui quarenta e quatro léguas quadradas, são invasões do mar no século XIII.

Para proteger a Frísia foram necessários noventa quilômetros de enormes estacas, reforçadas por massas graníticas, importadas da Noruega e Alemanha, porque, além do mais, a Holanda desde cedo perdeu as suas florestas, não dispondo de pedra, carvão e ferro.

Amsterdã é inteiramente construída sôbre estacas, assim como quase tôdas as cidades e aldeias da Frísia. Imaginai — pondera Taine — "nesse pântano as antigas tribos germânicas — pescadores e caçadores — errando em barcos de couro, vestidos com peles de foca, e calculai os seus

[3] *Vide* Padre Antônio Vieira: *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*, pág. 293 do t. XIV dos *Sermões*, ed. Lelo e Irmão editôres, Lisboa, 1908.

esforços para fabricarem um solo habitável e se transformarem em povo civilizado... Homens de outra têmpera nada teriam conseguido aí. Eram imprescindíveis boas cabeças, calmas, refletidas, capazes de subordinar a sensação à idéia, suportando o tédio e a fadiga, impondo-se privações e trabalhos em vista de um resultado longínquo, ou sejam homens feitos para associar-se, penar, lutar, recomeçar e melhorar sem descanso, canalizando os rios, contendo o mar, drenando o solo, aproveitando o vento, a água, a planície, a lama, construindo navios e moinhos e tijolos, criando a agricultura e a pecuária, a indústria e o comércio. Sendo imensas as dificuldades, a inteligência consagrou-se inteiramente a vencê-las. Subsistir, abrigar-se, vestir-se, defender-se contra o frio e a umidade, não havia tempo para outra coisa".[4]

Impossível nessa região — nota Michiels — sonhar à latina, filosofar à alemã, viajando entre as quimeras da fantasia e os sistemas metafísicos.[5]

Os triunfos, tão fáceis noutros países, da mediocridade palavrosa sôbre o mérito verdadeiro na intriga parlamentar, são impossíveis na Holanda.[6] O meio cósmico obriga, aí, o pensamento a voltar-se imediatamente para a terra, e o apêlo à ação é muito premente e incessante para deixar de ser atendido: se o holandês pensa, diria Augusto Comte, é, certamente, para agir.

Sob essa pressão secular o caráter se forma; o que era hábito se transmuda em instinto, e as qualidades adquiridas pelos pais tornam-se hereditárias nos filhos. Trabalhadores, industriosos, homens de negócio e homens preocupados com o lar, homens de bom senso antes de tudo, são os holandeses, de nascimento e sem esfôrço, o que, por necessidade e a contragosto, se tornaram os seus antepassados. Entre êles nenhum filósofo da grande estirpe, pois Espinosa é um judeu que, só por acaso, premido pela intolerância do fanatismo luso, nasceu em Amsterdã, perdendo, assim, Portugal a glória de contar, na Filosofia Moderna, um representante de tanta projeção quanto Camões na Epopéia. Um só dos escritores da

4 *Vide* Taine, *op. cit.*, págs. 282 e 283.
5 *Vide* Michiels: *Histoire de la Peinture Flammande, apud* Taine, l. cit.
6 *Vide* Ramalho Ortigão, op. cit., pág. 30.

Holanda foi lido por todos os homens de seu século e ainda o é hoje, em nossos dias — Erasmo, que escreveu em latim, e, por sua formação, seus gostos, seu estilo e suas idéias se filia aos humanistas e eruditos italianos.[7]

Graças às suas qualidades de caráter, os obstáculos se transformaram, para os holandeses, em colaboradores.

O seu solo era plano e por tôda parte minava água. Os rios os molestavam com sucessivas enchentes. Os lagos e lagunas lhes tomavam grandes porções de terra. Esgotaram os lagos, transformando-os em prados; subjugaram os rios, disciplinando-os como se fôssem regatos, e, aproveitando os aluviões e lentos depósitos de terra vegetal, que as águas estagnadas haviam acumulado em seu solo, fizeram de seu país um dos mais férteis e prósperos do mundo inteiro.

O vento corria livre por suas planícies. Aproveitaram-no para movimentar moinhos sem conta, e durante muitos séculos uma só aragem não passou pela Holanda sem pagar tributo à sua indústria.

O mar os ameaçava. Depois de o haverem contido, dêle se valeram para comerciar em tôdas as nações, fundando um dos mais lucrativos impérios coloniais dos tempos modernos.

A água, que era o flagelo do holandês, tornou-se, assim, o seu maior aliado. Por todo o País estende-se, há séculos, inextricável rêde de canais que, perfazendo a extensão de três mil quilômetros, servem a um tempo de vias de comunicação e meios de irrigação, tornando cada casa e cada granja verdadeiro pôrto,[8] como, já no século XVII, assinalava o Padre Vieira:

"Tôda a Holanda é retalhada do mar, com que juntamente vem a ser mar e terra, e os homens a quem podemos chamar marinhos e terrestres, tanto vivem em um elemento como no outro.

"As suas ruas por uma parte se andam, e por outra se navegam, e tanto aparecem sôbre os telhados os mastros e as bandeiras, como entre os mastros e as bandeiras, as tôrres.

7 *Vide* Taine, *op. cit.*, págs. 284 e 286.

8 *Vide* Albert Demangeon: *Belgique, Luxembourg, Pays-Bas, in Géographie Universelle publiée sous la direction de P. Vidal de la Blache et L. Galois*, vol. II, pág. 227, Paris, Librairie Armand Collin, 1927.

"Sendo tão estéril a terra, que sòmente produz feno, as árvores dos seus navios sêcas, e sem raízes, a fazem abundante de todos os frutos do mundo.

"Em muitas partes toma o navio pôrto à porta de seu dono, amarrando-se a ela, e dêste modo vem a casa a ser a âncora do navio, e o navio a metade da casa, de que igualmente usam".[9]

"É preciso estar aqui, no 'país côncavo' (significado da palavra Holanda), côncavo de três metros abaixo do nível do mar, e ir passear por meia hora junto do dique, à noite, no silêncio profundo desta região do silêncio, e ouvir rugir a vaga, do outro lado, a quatro metros acima da nossa cabeça, para compreender, de repente, num só calafrio, intraduzível por palavras, quanto pode a audácia. Do lado de lá, a massa enorme do mar temeroso, bate às marradas no muro, e bate certo como bate o machado no lenho, dilacerando-lhe uma fibra a cada golpe. Está calculado que todo o dique precisa de ser renovado de quatro em quatro anos. Do lado de cá, um povo inteiro confia na sua obra, e confia naqueles em quem delegou o cuidado de velar por ela"[10] — exclama Ramalho em incontido assomo de entusiasmo.

Os holandeses no evolver do Ocidente

Tais homens não eram, evidentemente, "os homens de manteiga", que o Duque D'Alba, em sua arrogância ibérica, se julgava desonrado em combater.

Pela luta que empreendeu contra a natureza, pela consciência de tudo dever a si mesmo, tem êsse povo, como nenhum outro, elevado sentimento de sua dignidade pessoal, reforçado por indomável espírito de liberdade e independência, observando Carlos V "serem os holandeses ótimos súditos e péssimos escravos", verdade de que só mui tardiamente se deu conta Felipe II.

[9] *Vide* Vieira: *Sermão de Santo Antônio*, pág. 46 do t. VII dos *Sermões*, ed. cit.

[10] *Vide* Ramalho Ortigão, *op. cit.*, pág. 219.

Dadas as suas qualidades de prudência, atividade fleumática e espírito de conservação, os holandeses progridem sempre, mas aos poucos, figurando entre os povos em que melhor se verifica não ser o progresso — na fórmula do filósofo — senão o desenvolvimento da ordem.

Adquirir lentamente, mas nada perder do que uma vez adquiriu; guardar quase intacta a sua originalidade na vizinhança de três grandes nações; manter essa originalidade através de tôdas as formas de govêrno, apesar das invasões, apesar das guerras políticas e religiosas de que foi o centro; apesar do imenso afluxo de estrangeiros de todos os países que aí se refugiam e vivem — é o holandês, de todos os povos do Setentrião, aquêle que, formando sempre na vanguarda da civilização, mais nìtidamente conserva as tradições de seu passado.[11]

Inaugurando a biocracia, os compatriotas de Erasmo incorporaram-se os bovinos, êsses preciosos reservatórios alimentícios do gênero humano, como se constituíssem uma espécie de irmãos menores. É de se ver como são aí tratados: tal a limpeza de seus estábulos que, só de meias ou de tamancos especiais, nêles são admitidos os homens.

Participando, através da incorporação de Carlos Magno, do sistema católico-feudal, e, em seguida, do duplo movimento de decomposição, que tende a eliminar o regime antigo, e de recomposição, que prepara o advento de um regime nôvo, científico quanto às concepções e industrial quanto à atividade, a Holanda figura entre os países que mais intensamente têm colaborado na civilização. Num obscuro mosteiro das imediações de Zwol compôs Tomás Kêmpis o tocante resumo do ideal católico, que é a *Imitação de Cristo,* poema onde, segundo o fundador da Sociologia, "a posteridade jamais cessará de admirar o sublime esbôço do quadro sistemático da natureza humana.[12]

Quando o Ocidente, em fins do século XI, se levantou, como um só povo, para preservar sua civilização contra o domínio árabe, e transportou, para o próprio seio do Islão, o

11 *Vide* Edmundo de Amicis: *A Holanda,* pág. 13 da tradução francesa de Frédéric Bernard, Paris, Hachette, 1879.
12 *Vide* A. Comte: *Política Positiva,* t. III, pág. 543.

campo de luta, acompanharam-no os holandeses que se puseram em marcha para a Palestina sob os estandartes dos Condes de Flandres.

Conhecidas já em tôda a Europa, por sua indústria e comércio, desde o século XIII, era franca a prosperidade das cidades holandesas no tempo de Erasmo, rivalizando sob êste aspecto, com as da Itália.

Elevadas à categoria de cidades livres, havia muito, segundo o regime das comunas, pertenciam, então, por via de herança, à Casa de Borgonha, embora, a bem dizer, constituíssem verdadeiras repúblicas, a despeito de seus soberanos.

"Êsse povo não vacila em arrostar a morte pela liberdade. Altivo e afeito às armas, formado de homens grandes e robustos, calmos e intrépidos, ufana-se de ser livre, não obstante dizer-se senhor do País, Felipe, o Bom, Duque de Borgonha" — escreve, no século XV, Enéias Sílvius, que foi mais tarde Papa com o nome de Pio II.[13]

As cidades da Holanda são, no século XIV, as grandes praças comerciais e o maior centro da indústria de tecidos da Europa, exportando-lhes a Inglaterra tôda a sua lã, que só elas, aquém dos Alpes, sabiam manufaturar.

Em fins do século XVI — caso único na Europa — quase todos, mesmo os campônios, sabem ler e escrever, e a maior parte conhece rudimentos de gramática. Guicciardini, que visitou por êsse tempo a pátria de Erasmo, diz que na Frísia raros eram os homens e mulheres que não falavam francês, sendo muitos os que conheciam o italiano.

O Demônio do Meio-Dia e Guilherme, o Taciturno

Agregados à Casa d'Áustria em 1477, pelo casamento de Maximiliano com Maria de Borgonha, filha de Carlos, o Temerário, passaram os Países-Baixos, através de Carlos V, ao domínio espanhol, sob o qual permanecem até o último quartel do século XVI. Abraçando então grande parte de sua população a Reforma, impetrou debalde a liberdade de

[13] *Apud* Taine, *op. cit.*, vol. II, pág. 74.

consciência ao Demônio do Meio-Dia, Felipe II, o qual lhe enviou para reconduzi-la, a ferro e fogo, ao girão da Igreja, o famoso Duque d'Alba. Êste, em 1573, jactava-se de haver feito executar, no cepo, na fôrca e na fogueira nada menos de dezoito mil hereges. Entretanto, êsse pequeno povo de comerciantes, perdido num pântano, nos confins de um império, mais vasto e temido que o de Napoleão, resistiu, subsistiu e até cresceu sob o pêso do colosso que pretendia esmagá-lo.[14]

Em 16 de fevereiro de 1568 uma sentença do Santo Ofício condenava à morte, como heréticos, todos os habitantes dos Países-Baixos. Designavam-se nominalmente algumas pessoas excetuadas. Dez dias depois um decreto real confirmava essa sentença e ordenava que imediatamente se lhe desse execução, sem distinção de hierarquia, sexo ou idade. Eram três milhões de criaturas humanas, homens, mulheres e crianças, lançadas ao patíbulo por um traço da pena de Felipe II. Em uma carta ao rei o Duque d'Alba avalia em oitocentas cabeças o número das execuções adiadas para depois da ocorrente Semana Santa.[15]

Essa torrente de sangue devia, porém, servir de cimento a uma nova nacionalidade. Para conquistar e proporcionar à humanidade "um nôvo direito — todo um nôvo mundo moral — o direito de cada um à inviolabilidade da consciência",[16] funda-se, em 1579, por iniciativa de Guilherme, o Taciturno, a República das Sete Províncias Unidas: Holanda, Zelândia, Pueldra, Utrecht, Frísia, Over-Issel e Groninga, independentes umas das outras, mas ligadas pelo grande interêsse da liberdade, tal qual o simbólico feixe de flechas, que se tornou o seu escudo.

Vencendo ao Duque d'Alba, a Dom João d'Áustria — o herói de Lepanto, a Requesens, ao Duque de Parma e a Alexandre Farnese, que eram os maiores capitães do século, triunfando do Concílio de Trento, da Inquisição, da intriga palaciana e clerical de tôdas as côrtes da Europa católica, Guilherme, o Taciturno, realiza uma das mais típicas revo-

14 *Vide Taine,* l. cit.
15 *Vide* Ramalho Ortigão, *op. cit.*, pág. 15.
16 *Idem, ibidem,* pág. 1.

luções da História e funda um Estado livre, a despeito de um império, que era então o pavor do mundo.[17]

A partir do instante em que ingressa na luta, começam a desfilar "os funerais da imensa monarquia espanhola, a qual, coberta das maldições de todo um povo, salpicada de sangue e lôdo",[18] lentamente se afunda nas águas da Holanda, entrando num ocaso de que jamais sairia.

Referindo-se a essa luta inglória, provocada pelo fanatismo de seus compatriotas, pergunta um personagem de Lope de Vega, em meados do século XVII, ao regressar, faminto e miserável a Madri:

Bién mirado qué me han hecho
Los luteranos à mi?
Jesucristo los crió,
Y puede por varios modos,
Si él quiere, acabar con todos,
Mucho más fácil que yo.[19]

E, realmente, tiveram os espanhóis, em 1648, pelo tratado de Westphalia, de desistir de exterminar a ferro e fogo os luteranos, realizando assim os holandeses profunda revolução na teoria e prática do Govêrno: "a idéia de Estado, o sentimento de Pátria desprende-se, desde então, do que parecia ser o seu indispensável suporte: a fidelidade monárquica. O nome de *patriotas,* criado para designar súditos rebeldes a seu rei, simboliza essa revolução".[20]

Posta a prêmio, em 1580, a cabeça do Taciturno, e largamente divulgada pelo clero a lei de Felipe II, que prometia vinte e cinco mil escudos de ouro e um título de nobreza ao assassino, a cupidez e o fanatismo fizeram surgir milhares de sicários.

17 *Vide* Edmundo de Amicis, *op. cit.,* pág. 107.
18 *Idem, ibidem,* pág. 25.
19 Lope de Vega: *Los Milagros del Desprecio,* ato 1.º, cena 3.ª.
20 *Vide* Henri Hauser: *La Prépondérance Espagnole,* pág. 532, Paris, Librairie Félix Alcan, 1933, col. *Peuples et Civilisations, publiée sous la direction de Louis Halphen et Philippe Sagnac.* Vide também A. Comte *Curso de Filosofia Positiva,* t. V, pág. 468 da 4.ª ed.

Depois de tentativas diversas, tomba, afinal, mortalmente, em 1584, o instituidor da tolerância e da liberdade de consciência em todo o Ocidente, e enquanto a Holanda chora o seu herói, o clero celebra festivamente o crime e prodigaliza louvores ao facínora em tôdas as cidades submetidas ao rei de Espanha.[21]

Sucedido por Barneveldt, teve o Taciturno a sua obra consolidada na fundação dessa república, que se tornou, no século XVII, o refúgio da liberdade na Europa, a pátria das ciências, das artes e da filosofia, a bôlsa e o centro comercial de todo o mundo.

Preponderância Marítima e Comercial da Holanda

Seu domínio estende-se, então, além de Java e Sumatra, ao Indostão, ao Ceilão, à Nova Holanda, ao Japão, ao Brasil, à Guiana, ao Cabo da Boa Esperança, às Índias Ocidentais e a Nova Iorque, triunfando, no mar, da esquadra inglêsa; resistindo, em terra, aos exércitos conjugados de Carlos II e Luís XIV; tratando, de potência para potência, com os maiores soberanos e elevando-se, por algum tempo, à categoria de uma das três grandes nacionalidades que decidem dos destinos do mundo.[22]

A Holanda tornou-se, nessa quadra, o lugar de peregrinação, como que nacional, dos franceses de tôdas as classes, comerciantes, soldados, homens de Estado, sábios e escritores.[23] Estampas do século XVII, reproduzindo aspectos da Bôlsa de Amsterdã, apresentam, aglomerada, imensa multidão cosmopolita, onde os largos chapéus de fêltro dos comerciantes locais se mesclam com os retorcidos turbantes dos turcos e os pontiagudos barretes dos armênios.[24]

21 *Vide* Edmundo de Amicis, *op. cit.*, pág. 116.
22 *Vide* Edmundo de Amicis, *op. cit.*, pág. 15.
23 *Vide* Gustave Cohen: *Écrivains Français en Hollande dans la première Moitié du XVIIe. Siècle*, Paris, Champion, 1920, pág. 424.
24 *Vide* Charles Adam: *Vie et Oeuvres de Descartes*, pág. 100 do vol. XII das *Oeuvres de Descartes* publicadas sob os auspícios do Ministério da Instrução Pública, Paris, 1910.

Walter Raleigh, um dos primeiros "livres pensadores" da Inglaterra, fundador da Virgínia, figurando entre as melhores cabeças de seu tempo,[25] descreve da seguinte forma, em princípios do século XVII, a prosperidade da Holanda: "A Marinha inglêsa não pode entrar em linha de comparação com a dos holandeses. A exemplo da antiga Tiro e da moderna Veneza, tornou-se a sua pátria o entreposto de inúmeras mercadorias, das quais apenas consome a centésima parte. Traficam na Inglaterra com 500 a 600 navios todos os anos, e nós apenas enviamos à Holanda 30 a 40. Mantêm negócios com tôdas as praças de França, e nós apenas com cinco ou seis. Possuem, êles sòzinhos, tantos navios quantos todos os reinos da cristandade juntos. Constroem mil embarcações por ano e, entretanto, não dispõem de uma árvore em sua pátria, e os seus próprios produtos não ocupariam cem navios".[26]

E, alguns anos mais tarde, ponderaria Colbert, em nome de Luís XIV, a um de seus Ministros:

"O comércio ultramarino da Europa se faz com cêrca de 25.000 navios, dos quais perto de 15.000 pertencem aos holandeses e apenas 500 a 600 aos franceses. Quer o Rei fazer o possível para que seja aumentado êsse número."

Ainda em 1670, a tonelagem holandesa correspondia à têrça parte da de tôda a Europa,[27] ponderando Boussingault possuir então a pátria de Erasmo mais casas no mar do que na terra...

A Universidade de Leide

Após resistência, que figura entre as mais heróicas da História, consultada a cidade de Leide pelo Taciturno se preferia, como prêmio, a fundação de uma Universidade ou

25 *Vide* Hume: *History of England,* pág. 671 do vol. I da *The Imperial History of England,* Ward., Lock Co., Londres, 1891.
26 *Apud* Albert Demangeon: *Belgique, Luxembourg, Pays-Bas, in Geographie Universelle, publiée sous la direction de P. Vidal de la Blache et de L. Galois,* vol. II, págs. 222/223, Paris, Librairie Armand Collin.
27 *Idem, ibidem.*

a abolição definitiva de vários impostos, escolheu o estabelecimento dêsse centro de cultura, que se tornaria um dos mais reputados de todo o mundo. A êle afluíram, durante muito tempo, as melhores cabeças da Europa, salientando-se, entre seus catedráticos, Justus Lipsius, célebre por seus comentários sôbre Tácito; Scalígero, tido como o assombro da erudição de seu tempo; Június, jurisconsulto tão famoso quanto o seu grande mestre Alciato; os dois Heinsius, filólogos e jurisconsultos de nomeada universal; Vossius, autor de grossos *in-folio* sôbre antiguidades gregas e romanas e pai de dez filhos de tal qualidade que dêle dizia Grotius "haver dotado tão preciosamente o seu século pela prole quanto pelos livros"; Gronovius, anotador seguro de quase todos os grandes clássicos latinos; Spanheim, historiador e numismata que, além do livro *De usu et praestantia numismatum antiquorum,* obra-prima de erudição — publicou ainda *De papa faemina inter Leonem IV et Benedictum III,* livro em que, com uma ciência e habilidade espantosas, procurou reviver a lenda da papisa Joana, criada e defendida por autores católicos e definitivamente destruída pelo pastor protestante Blondel.[28]

Mais que todos, porém, luziram, em Leide, os holandeses Huyghens, um dos fundadores da mecânica racional e da física moderna, e Boerhaave, matemático, químico, naturalista e médico que lançou as bases do ensino clínico e cujas lições foram ouvidas pelo Czar Pedro, o Grande, e pelo célebre Haller, o qual figura, a seu lado, entre os fundadores da Biologia. Sua celebridade foi tamanha que, assim como Newton, recebeu um dia, vinda do Oriente, uma carta que trazia, como único enderêço, as palavras "Ao Dr. Boerhaave — na Europa..."[29]

Dos bancos dessa Universidade saiu, finalmente, o *prodigium Europae,* Hugo de Grotius, cartesiano, poeta, homem de letras, historiador, jurisconsulto dos mais afamados, em cujos livros: *Mare Liberum* e *De Jure Praedae,* se inspiraram, durante dois séculos, os mais eminentes internacionalis-

28 *Vide* Pierre Bayle: *Dictionnaire Historique et Critique, verbum Papesse* (*Jeanne la*), pág. 354 do t. XI da ed. de Paris, Desoer, Libraire, 1820 e t. III, pág. 472, *et passim.*
29 *Vide* Ramalho Ortigão, *op. cit.,* pág. 216.

tas, sendo um dos precursores da Revolução Francesa e da declaração dos direitos do homem em seu livro: *De Jure Belli et Pacis.*

Notáveis são ainda Musschenbroeck, inventor dos condensadores vulgarmente conhecidos por "botelhas de Leide"; o médico Van Swieten e o inventor do microscópio, Leuwenhoeck, aquêle que, na expressão ingênua de Parini: *"col vetro indagatore vide a nuoto nell'onda genitale il picciol uomo"* — "com o vidro perscrutador viu nadar na onda genital o pequenino homem".

Além de Ruyter e inúmeros estadistas de valor, holandês é ainda Guilherme III, neto do Taciturno, que a Inglaterra se ufana de contar entre os seus maiores reis, havendo sido a alma da resistência à política retrógrada de Luís XIV.

Entre os seus poetas, ao lado de Cats, destaca-se Vondel, tragediógrafo e épico, que inspira, com o seu *Lúcifer,* o *Paraíso Perdido,* de Mílton.

Dentre seus artistas basta citar Rembrandt, que Diderot compara a Rafael[30] e chefia tôda uma plêiade de grandes mestres.

Holandeses são, finalmente, êsses engenheiros hidráulicos que, constituindo a verdadeira organização militar de seu país — o exército sempre alerta contra a chuva, o mar, os rios e os lagos — têm esparzido, em abnegadas missões de ciência e de técnica, as suas luzes por tôda a Terra. Desde o século XVIII aparecem à frente de todos os grandes empreendimentos hidráulicos do mundo: em França e Inglaterra, na Suécia e na Itália, em Suez e no Panamá, nos portos do Prata, do México, do Japão e da China; nos canais do Sião e por tôda parte onde é necessário canalizar, economizar ou subjugar as águas: na Europa, na África, na América e na Ásia, sua colaboração científica e técnica tem sido imprescindível.[31]

30 *Vide* Diderot: *Voyage de Hollande, apud Oeuvres Complètes,* t. XVII, pág. 430 da ed. Assézat et Tourneux, Paris, Garnier Frères, 1876.

31 *Vide* Albert Demangeon, *op. cit.,* pág. 224.

Hospitalidade da Holanda

Quanto à hospitalidade da Holanda, não há quem a desconheça.

É aí que expulsos, em ocasiões diversas, da Espanha, Portugal, Bélgica, Alemanha e Polônia, se abrigam os filhos de Israel, aos quais os cristãos não perdoam lhes haverem impôsto não só os seus livros santos, mas ainda um Deus, que êles próprios não adotam.

É aí que em fins do século XVII, quando Luís XIV revoga o Edito de Nantes, vão encontrar refúgio cento e cinqüenta mil protestantes franceses.

É também nas cidades da Holanda que, depois de haver servido nas tropas de Maurício de Nassau, vai Descartes buscar a calma e a liberdade de espírito de que carece para a sua grande elaboração filosófica, publicando em Leide, célebre então pelas edições elzevierianas, o *Discurso do Método*, ponto de partida, com o *Novum Organum*, da filosofia moderna. Todos conhecem o hino que ergueu à pátria de Erasmo:

"Que outro lugar se poderia escolher, no resto do mundo, onde sejam tão fáceis de encontrar as comodidades da vida e tudo quanto há de mais curioso? Que outro país há, na Terra, onde se possa dormir com maior tranqüilidade, onde haja sempre um exército em armas para velar por nós, onde as prisões, traições e calúnias sejam menos conhecidas, e onde, enfim, hajam permanecido maiores remanescentes da inocência de nossos antepassados?"[32]

É aí que surgem os primeiros cartesianos: João de Witt, um dos maiores estadistas dos tempos modernos; João de Hudde, burgomestre de Amsterdã, e, finalmente, Hyghens, os quais, em graus diversos, colaboram na grande renovação matemática de Descartes, enquanto a sua geometria era ainda muito pouco apreciada e mesmo quase desconhecida na própria França.

Tendo em vista uma filosofia plenamente positiva, isto é, exclusivamente baseada em dados da observação, excla-

[32] *Vide* Descartes: *Oeuvres*, vol. I, pág. 204 da ed. Adam-Tannery, publicada sob os auspícios do Ministério da Instrução, Paris, 1897.

mou Diderot em seu leito de morte — e foram as suas últimas palavras — "o primeiro passo para a filosofia é a incredulidade".[33]

Pois bem — a primeira tentativa de uma sistematização da incredulidade deve-se ao cartesiano Spinoza, que, trabalhando como operário de instrumentos ópticos, achou tempo para realizá-la em seus tratados filosóficos.

É ainda na Holanda que Bayle escreve e publica o seu *Dictionnaire Historique et Critique*, o qual prepara a senda para a elaboração crítica de Voltaire e dos enciclopedistas, cujas obras, proscritas pelo despotismo e renegadas pelo mêdo, só encontram editôres nos livres prelos de Amsterdã.

É também na Holanda que se refugia Voltaire, o "Proteu do talento", e todos conhecem o que escreveu sôbre Amsterdã, isto é, de "500.000 homens que a habitavam no seu tempo não se encontrava um só desocupado, um só pobre, um só perdulário, um só insolente".

Quando, em 1846, Augusto Comte, ignorado em sua própria pátria, perseguido e prestes a sucumbir à fome ou a suspender, em meio, sua construção filosófica, política e social, é na Holanda que se publica a primeira tradução das lições iniciais da *Filosofia Positiva,* cujo autor é apresentado como o sucessor de Bacon e Descartes pelos seus tradutores Conde de Limburg Stirum, Kretzer e Van Hasfelt.

Pátria de Grotius e do Direito Internacional, é, finalmente, na Holanda que se abrigam as Côrtes Permanentes de Arbitragem e Justiça Internacional, as quais procuram concretizar os incessantes apelos de Erasmo em prol da paz.

Altamente dignificante foi ainda, em nossos dias, o heroísmo dos compatriotas de Erasmo durante a ocupação de seu país pelas hordas nazistas na Segunda Grande Guerra mundial.

33 *Vide* Mme. de Vandeul: *Vie de Diderot,* pág. 33 do t. I das *Oeuvres Choisies* de Diderot, Paris, Garnier Frères.

CAPÍTULO SEGUNDO

ANTECEDENTES ESPIRITUAIS DO SÉCULO DE ERASMO E ALGUNS DE SEUS REFLEXOS NOS SÉCULOS SEGUINTES

No Elogio da Loucura e em várias de suas obras, faz Erasmo contundente crítica ao Papado. Era, entretanto, monge e padre. Para bem compreendermos sua atitude, devemos situá-lo em sua época, de acôrdo com o aforismo sociológico segundo o qual "o homem é de seu século, mesmo a seu pesar".[1]

É isto tanto mais necessário quanto não só os seus contemporâneos, mas autores de grande pêso, entre os quais Robertson, consideram seus escritos uma das circunstâncias que poderosamente contribuíram para o bom êxito da ação de Lutero, ao qual teria servido de precursor, lançando as primeiras sementes amadurecidas pelo monge de Wittenberg.[2]

1 *Vide* A. Comte: *Système de Politique Positive*, vol. IV, *Appendice Général*, pág. 50, Paris, Carilian, Première Édition, 1854; *Correspondance Inédite*, Deuxième série, pág. 281, Paris, au Siège de la Société Positiviste, 1903, Conf. *Lettres à Valat*, pág. 186, Paris, Dunod éditeur, 1870.

2 *Vide* Robertson: *História de Carlos V*, pág. 187 da trad. franc. de Suard, ed. Garnier, 1.º vol. das *Oeuvres Complètes*, Paris, 1867.

Ao estudar de perto a situação espiritual do tempo de Erasmo, veremos, contudo, que, embora haja sido muito grande a sua influência, não foi êle senão um dos órgãos do movimento de desagregação que, espontâneamente, se vinha processando desde a época de Dante.

Nasceu, de fato, o autor dos *Adágios*, na segunda metade do século XV, quando o regime católico-feudal, após prestar os mais relevantes serviços, se encontrava em franco desmoronamento, iniciado havia dois séculos.

Conseguira o catolicismo, no apogeu da Idade Média, estabelecer, em quase tôda a Europa, um sistema de idéias onde ninguém contestava o valor da moral, que lhe era ensinada, e a legitimidade dos laços que determinam as relações entre os homens. A ninguém ocorria modificá-los, porquanto "ninguém concebia uma organização social mais perfeita e nem apenas diversa da que o cercava. No pensamento da época, limitava-se o mundo à abóbada estrelada, estendida sôbre nossas cabeças, dirigindo-se a oração a Deus e aos santos, como a vizinhos mui próximos, que incessantemente interferem nos negócios humanos, vivendo familiarmente na Terra, tal qual além das nuvens".[3]

Cria-se então em Deus, não em geral e dêsse modo um pouco vago e arbitrário, nesse distanciamento para o qual a ciência moderna o faz cada vez mais recuar; mas — na observação de Sainte-Beuve — "num convívio incessante, como se estivesse presente nas menores ocorrências da vida. Achava-se então o mundo, a cada passo, semeado de obscuridades, embustes e ardis; o ignoto estava por tôda parte e por tôda parte também o invisível Protetor e sustentáculo... Lá, no alto, aberto, se via o Céu povoado de figuras vivas, patronos atentos e manifestos... O mais intrépido guerreiro vivia nesse misto habitual de confiança e mêdo, como se fôra pequenina criança..."[4]

[3] *Vide* Brentano: *Le Moyen Âge*, pág. 151 da 4.ª ed., e Gaston Paris: *La Poésie Du Moyen Âge*, pág. 11 e seguintes da 1ère série, Hachette, 10.ª edição.

[4] *Apud* G. Hubault: *De l'enseignement de l'Histoire de France*, pág. 26, e Léon Gautier: *La Chevalerie*, pág. 34 da ed. de Paris, Sanard et Derangeon.

Todavia, com o desenvolvimento intelectual, operado sob a direção do próprio catolicismo, começaram os seus dogmas fundamentais a ser discutidos e postos em dúvida, não por perversão moral, mas por incompatibilidade mental, de que é exemplo típico aquêle "grande mestre de Teologia" do tempo de São Luís, rei de França, que um dia procurou o Bispo de Paris para dizer-lhe, entre copiosas lágrimas, não mais conseguir obrigar o seu espírito a aceitar a eucaristia.[5]

Já em 1239 atribuía o Papa Gregório IX ao Imperador Frederico II o pensamento de haver sido o mundo ludibriado por três impostores: Jesus Cristo, Moisés e Maomé, devendo êstes dois últimos, que morreram cheios de glória, ser colocados acima do primeiro, que pereceu numa cruz.[6]

Apoiando-se o regime católico-feudal sobretudo no equilíbrio entre o seu respectivo poder temporal, fundamentalmente militar, e o seu poder espiritual, essencialmente teológico, não podia deixar de ser transitório, provindo-lhe a ruína do inevitável conflito entre essas duas fôrças antagônicas.

Tendia, na verdade, o poder militar, por sua própria natureza, para a supremacia completa, enquanto o sacerdócio, dado o caráter absoluto de seu dogma, propendia a absorver o mando, inclinando-se a restabelecer as antigas teocracias.

[5] *Vide* Joinville: *Vie de Saint Louis,* livro I, c. VII, págs. 21 e seguintes da edição da Société de Saint Augustin, Lille, e conf. H. Wallon: *Saint Louis et son Temps,* cap. XXI, pág. 418 da ed. de 1878.

[6] *Vide* Abade Fleury: *Histoire Ecclésiastique,* t. V, págs. 299 e 300 da ed. Didier, Paris, 1844. O Abade Fleury (em cuja autoridade freqüentemente me apoiarei para descrever a situação espiritual da época de Erasmo) — devo lembrá-lo — é o autor de uma das mais imparciais e bem documentadas histórias da Igreja até hoje dadas à publicidade. Dela dizia Alexandre Herculano: "Observemos as precauções de que Fleury se rodeava, as balizas que para si próprio punha, ao começar o imenso lavor de sua *História Eclesiástica,* ainda hoje não "substituída", apesar de tantas monografias excelentes com que depois tem sido iluminada, por um ou por outro aspecto, numa ou noutra época, a história da Igreja." (Alexandre Herculano: *Solemnia Verba,* pág. 75 do 3.º tomo dos *Opúsculos,* 1.ª ed. brasileira.)

Além de Fleury, apóio-me ainda freqüentemente, mui de intento, na *História dos Papas,* do Professor da Universidade de Innsbrück, Dr. Luís Pastor, autor católico, cuja obra é precedida de honroso Breve de Leão XIII, o qual lhe facultou a consulta aos arquivos secretos do Vaticano.

Trazendo, assim, em seu próprio seio; o germe de sua decomposição, começou a meia-idade a dissolver-se desde fins do século XIII, quando Bonifácio VIII, seguindo as pegadas de Inocêncio III, tentou estender as usurpações temporais dêste e de outros de seus antecessores. Postou-se-lhe, porém, à frente, inflexível, Felipe, o Belo, e a prisão do Sumo Pontífice pelo legista Nogaret, em Anagni, assinala o estalar da Revolução Moderna.

Prêso, vilipendiado, privado da própria vida em conseqüência dos violentos insultos de Felipe, o qual, embora fulminado com a excomunhão, levara ao auge o menoscabo da autoridade pontifícia, tinha Bonifácio VIII todos os direitos à vindita de seus sucessores. Êstes, contudo, não só lhe anularam as bulas, mas ainda readmitiram Felipe à comunhão da Igreja, "sem a mais mínima retratação" — diria, apelando para um latinismo, Filinto Elísio. "É de se notar — observa o Abade Fleury, nesse monumento de honestidade e erudição, que é a sua *História Eclesiástica* — "É de se notar só haja o Rei autorizado os seus emissários a receberem, e não a solicitarem a absolvição papal".[7]

Contava Felipe, o Belo, com a pusilanimidade, segundo uns, e, segundo outros, com a prudência do sucessor de Bonifácio VIII, Bento XI, o qual, ou por sua circunspecção, ou por sua fraqueza — os historiadores não esclarecem — mereceu as honras da canonização.

Aniquilando a autoridade papal na pessoa de Bonifácio VIII:

Lo principe de'nuovi Farisei,

como lhe chama Dante,[8] Felipe, o Belo, subordinou, definitivamente, à realeza, o poder espiritual do regime medievo, fazendo eleger, como sucessor de Bento XI (que menos de um ano permaneceu no sólio pontifício), o francês Clemente V. Inaugura êste, na expressão de Petrarca, o "segundo cativeiro de Babilônia", transladando a Santa Sé de Roma para

[7] *Vide* Fleury: *Histoire Ecclésiastique,* livro 82, pág. 685 do vol. V da ed. de Paris, Didier, 1844, Conf. Hallam: *Europe During the Middle Ages,* pág. 387 da ed. Ward, Lock, Bowden and Co.
[8] Dante: *La Divina Commedia, Inferno,* c. XXVII, v. 85.

Avinhão, o que, depois de setenta anos de inomináveis escândalos, motivou o cisma de quase meio século, conhecido, na História, por "Grande Cisma do Ocidente".

Por outro lado, cessadas as invasões e terminada a tarefa de defesa da Europa, consolidada pelas Cruzadas, perdera o feudalismo sua razão social de ser, desagregando-se aceleradamente.

Foi o que salientou Michelet: "Em Felipe, o Belo, neto de São Luís, começam os tempos modernos; a Idade Média foi esbofeteada em Bonifácio VIII, e as Cruzadas queimadas na pessoa dos Templários."[9]

E, destarte, pelo jôgo exclusivo de seus próprios elementos, começou a ruir, pouco a pouco, o regime católico-feudal — "obra-prima política da sabedoria humana" — no dizer do fundador da Sociologia.[10]

Reconhecendo não lhes bastar mais a persuasão — única fôrça do catolicismo, quando, socialmente oportuno, enfrentava as legiões romanas — passaram os pontífices a apelar cada vez mais, desde Inocêncio III, para a fôrça militar a fim de manterem a unidade da doutrina, aberração tanto mais injustificável quanto o objeto do poder espiritual é exatamente o de servir-se da persuasão e prescindir da fôrça bruta, peculiar do poder temporal.

As chacinas contra os albigenses não conseguiram deter as heresias, que se repetiram com intensidade e importância crescentes, provando inútil o estabelecimento da Inquisição, isto é, do aparelho especialmente destinado a salvaguardar a fé à custa de quaisquer processos.

Preparado pelos valdenses, Occam e outros, serve Wiclef, no século XIV, de elo entre as antigas heresias e o protestantismo, cujo dogma da predestinação é o primeiro a formular. Investe, como instituição, contra a Igreja, e ataca o sacramento essencial do catolicismo: a eucaristia, encerrando a sua doutrina, em germe, tôda uma revolução, não só religiosa, mas política e social.[11]

9 *Vide* Michelet: *Histoire de France*, t. II, pág. 607 da 1.ª ed. Paris, Hachette 1833.
10 *Vide* A. Comte: *Sistema de Filosofia Positiva*, vol. V, pág. 231 da 4.ª ed., Librairie Baillière et fils, Paris, 1877.
11 *Vide* Pastor: *História dos Papas*, vol. I, págs. 174 e 175 da trad. franc. de Furcy Reynaud, 6.ª ed., Paris, Plon, 1925.

Herdeiro espiritual de Wiclef, morre João Huss, em primórdios do século XV, na fogueira, não obstante estar sob a proteção de um salvo-conduto imperial, sendo, pouco depois, acompanhado por Jerônimo de Praga, o que motivou o cisma da Boêmia, cruentamente esmagado, após longos anos de lutas, pelas tropas de Segismundo.

Que prova mais cabal podia dar a Igreja do seu esgotamento, demonstrando tàcitamente estar para sempre perdido o seu predomínio sôbre a generalidade dos espíritos, desde que não contasse com outro chefe temporal para colocar a seu serviço fogueiras e exércitos?

Êsse predomínio, aliás, longe de corresponder à universalidade a que, pelo seu próprio nome, honrosamente aspirava o catolicismo, já se apresentara, na própria época de seu apogeu, gravemente comprometido. A divisão do catolicismo em romano e bizantino, patenteara, desde o quinto século, não ser êle capaz de reunir espiritualmente nem apenas aquelas populações que já encontrara politicamente agregadas.

O completo fracasso do proselitismo, indiretamente visado pelas Cruzadas, extinguira, até nos crentes mais férvidos, a esperança de ser obtida, pela doutrina de São Paulo, a universal comunidade de opiniões e costumes a que almejavam, desde a antiguidade, as almas de escol.

Reduzida, dêste modo, a esfera de ação do catolicismo ao ocidente europeu, as heresias sempre mais graves e freqüentes, em conseqüência do incentivo que, a partir do século XI, recebera a cultura intelectual, prenunciavam que nem mesmo na Europa haveria de permanecer unânime a sua aceitação. E o teologismo, em vez de instrumento de união, tornou-se o fermento de divisões e violências que se sucederam e agravaram dia a dia.

Acompanhemos as principais etapas dessa desagregação a fim de melhor apreciar a quadra em que surgiu e exerceu Erasmo a sua influência.

No primeiro quartel do século XIV, entrando os Irmãos Menores em luta com João XXII[12] lançam um apêlo ao "fu-

[12] João XXII era designado pelos seus contemporâneos como o Papa "das trezentas concubinas", "o diabo em carne e osso". A fim

turo Concílio", e, partindo de disputas teológicas, chegam, de conseqüência em conseqüência, a um sistema político de inaudita ousadia, tendendo nada menos do que a subverter tôdas as noções até então assentes, abalando, sobretudo, o Papado.[13]

Guilherme de Occam — fundador do "ocamismo científico"[14] — retoma e desenvolve essas idéias no *Dialogus* e no tratado *Super potestate summi pontificis octo quaestionum decisiones*, onde sustenta possuir o Imperador o direito de depor o Papa, quando incide em heresia. E, sendo também os Concílios passíveis de êrro, as únicas regras infalíveis da fé são, a seu ver, as Escrituras, não se tornando, destarte, nem a primazia do Papa, nem a hierarquia, condições necessárias da Igreja. E, assim, na terceira década do século XIV, já Occam se apresenta como precursor da ruptura que ocorreria perto de duzentos anos mais tarde, com Lutero, em caráter irrevogável.

Quase contemporâneamente com Occam e os Irmãos Menores, dois professôres da Universidade de Paris — Marsiglio de Pádua e João de Jandun — entram na liça com o tratado *Defensor Pacis*, onde se entregam a veementes invectivas contra o Papa João XXII, chamando-lhe "o grande dragão, a velha serpente". Do ponto de vista político, estabelecem, como princípio, a soberania do povo, ao qual cabe o Poder Legislativo, exercido através de seus representantes, e o Executivo, cujos agentes são igualmente eleitos, possuindo o povo o direito de depô-los sempre que abusem.[15]

As opiniões de Marsiglio e Jandun sôbre a doutrina e a constituição da Igreja são de um radicalismo ainda mais acen-

de aumentar as rendas pontifícias, multiplicou os corretores eclesiásticos e adotou, como alvitre de fazer dinheiro, a torpe idéia de lançar impostos aos lupanares. (*Vide* Rui Barbosa: *O Papa e o Concílio*, pág. 35 da 2.ª ed., Rio).

13 *Vide* Pastor: *História dos Papas*, vol. I, pág. 92 da trad. franc. de Furcy Raynaud, 6.ª ed., Paris, Plon, 1925.

14 *Vide* Gilson: *La Philosophie Au Moyen Âge*, págs. 285 e seguintes da ed. Payot, Paris, 1930.

15 *Vide* Pastor, *op. cit.*, pág. 93.

tuado, se possível — frisa Pastor. A seus olhos, o fundamento exclusivo da fé vem a ser a Sagrada Escritura, que, longe de ter sua autoridade derivada da Igreja, robustece, ao contrário, esta última. A interpretação da Igreja não é a única verdadeira, podendo acontecer que homens dotados de espírito judicioso penetrem melhor o sentido da Escritura do que a Cúria Romana. Nenhum padre é superior a outro, não sendo a supremacia do Papa fundada nem sôbre o direito divino, nem sôbre a Escritura. Preludiam, assim, não só a Lutero, mas ainda a Calvino. Segundo êles, o Imperador ocupa, na Igreja, posição muito mais elevada do que o Papa, cabendo-lhe convocar os Concílios e dirigir-lhes os trabalhos. Dispõe, ademais, do direito de punir padres e bispos, e, inclusive, o próprio Papa, sendo inadmissível que êste julgue o clero, pois o direito de julgar só ao Estado compete. Os bens do clero não devem gozar de nenhuma isenção de impostos, e o número de seus membros pode ser limitado pelo Estado. Cabe, enfim, a êste (seja representado pelo príncipe, ou pela maioria dos componentes da comuna) nomear os diversos pastôres e ocupantes dos cargos eclesiásticos, fiscalizando-os e até depondo-os. Quanto à excomunhão, não pode ser pronunciada sem o consentimento do Estado. Assim como Calvino, dois séculos mais tarde, Marsiglio e Jandun admitem que o Poder Judiciário e Legislativo da Igreja pertence, de pleno direito, ao povo, o qual o delega ao clero. A seus olhos, o Estado é tudo, ficando a Igreja completamente aniquilada, sem o direito de legislar, julgar e nem mesmo possuir.[16]

A teoria do Estado onipotente — o *cesaropapismo*, tão característico em Felipe II de Espanha, do lado católico, e em Elisabeth de Inglaterra, do lado protestante — já se acha longamente exposta no *Defensor Pacis*, suprimindo tôda liberdade individual e religiosa. Excede, em arrôjo, novidade e acrimônia todos os ataques de que, até então, fôra alvo a Igreja. Se houvessem, desde logo, sido praticadas as doutrinas dêsse livro, ter-se-ia dado a completa subversão do es-

16 *Idem, ibidem*, págs. 94 e 95.

tado social então existente, com o total aniquilamento da Igreja, ficando longe tudo quanto de mais temerário sustentariam, no século seguinte, Wiclef e João Huss. Dois séculos são necessários para que Marsiglio e Jandun tenham continuadores em Lutero e Calvino, os quais, sob muitos aspectos, não os atingem: só na Revolução Francesa diversas de suas idéias encontraram eco. A êles cabe, portanto, o título atribuído por Luís Blanc a João Huss — "o gênio nascente da Revolução".[17]

O *Defensor Pacis,* dedicado ao Imperador Luís da Baviera, teve muitas de suas doutrinas imediatamente concretizadas em vários atos levados a efeito em 1328: a colação da coroa imperial pelo povo romano, a deposição do Papa João XXII e a eleição de um antipapa na pessoa de Pedro Corbière.[18]

Êsses atos, altamente revolucionários, se justificavam, todavia, pela degradação moral dos Papas de Avinhão.

Sem apelar para a pintura de Petrarca, basta considerar o que, a respeito, não para censurar, mas para lastimar, escreveu profundo conhecedor de todos os meandros da côrte pontifícia durante o nôvo *Cativeiro de Babilônia* — o espanhol Alvaro Pelayo, um dos mais ardentes defensores do Papado em todos os tempos, a ponto de considerá-lo Pastor *exagerado* em seu zêlo ultramontano.[19]

No tratado *De Planctu Ecclesiae,* terminado em 1332, traça Pelayo apavorante quadro da decadência religiosa em sua época. Apesar de seu férvido apêgo à causa dos Papas, não trepida em escrever: "dominam os lôbos na Igreja, apascentam-se de sangue e no sangue se acha imersa a alma de cada um dêles: *"lupi sunt dominantes in Ecclesia: pascuntur sanguinem, anima uniuscuiusque eorum in sanguine est."*[20]

Dêle não diverge Dante ao dizer, no *Paraíso,* referindo-se a dois dos Papas de Avinhão — João XXII e Clemente V:

17 *Vide* Louis Blanc: *La Révolution Française,* vol. I, pág. 19, Paris, 1847, e Pastor, *op. cit.,* págs. 93 a 98.
18 *Vide* Pastor, *op. cit.,* pág. 98.
19 *Idem, ibidem,* pág. 89.
20 *Idem, ibidem,* pág. 108.

In vesta di pastor lupi rapaci
Si veggion di quassu per tutti i paschi:
O difesa di Dio, perchè pur giaci?
Del sangue nostro Caorsini e Guaschi
S'apparechian di bere; o buon principio!
*A che vil fine convien che tu caschi!**

Clemente VI, Papa de 1342 a 1352, ao lado da imoralidade de sua vida íntima, caracterizou-se pelas constantes extorsões de dinheiro a que submetia a Igreja. Como lhe ponderassem a má impressão causada por seus abusos, respondeu: "Meus predecessores não sabiam o que é ser Papa!"

Álvaro Pelayo conta ser então impossível obter-se uma audiência ou um despacho senão a pêso de ouro, e quem lê, em autores insuspeitos, como Pastor e o Abade Fleury, o que era a côrte de Avinhão, não se espanta haja Santa Catarina de Sena dito, ao visitá-la em junho de 1376, ter imaginado aí encontrar um paraíso de virtudes, só deparando, no entanto, com a podridão do Inferno.[21] A tal ponto chegaram as coisas que, num consistório presidido, em 1346, pelo Papa Clemente VI, os Cardeais de Cominges e Périgord insultaram-se, investindo-se, de armas em punho, sendo necessário os apartassem seus colegas e o próprio Papa.[22]

Noutro consistório, presidido por Clemente VI em 1351, encontrou-se no chão uma carta que, entregue ao Papa, foi lida perante os Príncipes da Igreja. Era escrita em alto estilo, em nome do Príncipe das Trevas, e dirigida a seu bom

* *Com vestes de pastor lôbos vorazes*
vêem-se daqui em todos os pascigos:
Ó vindita de Deus, por que te deténs!
Para o sangue beber-nos se apercebem
Caorsinos e Guascos: sã doutrina,
A que abismos hás chegado a rebaixar-te!

(Dante: *A Divina Comédia, Paraíso,* canto XXVII, versos 55-60 trad. do Barão da Vila da Barra, pág. 475 da ed. Garnier, 1910. Os *Caorsinos e Guascos,* a que se refere o poeta, são João XXII, natural de Cahors, e Clemente V, originário da Gasconha.)

21 *Idem, ibidem,* págs. 108 e 123.

22 *Vide* Abade Fleury, *op. cit.,* livro 85, cap. XXXII, pág. 150 do vol. VI da ed. cit.

vigário Clemente VI, e a seus fiéis conselheiros, os Cardeais. Sua autoria foi atribuída ao Arcebispo de Milão, o qual, querendo tornar seus próprios vícios menos intoleráveis, buscou patentear os de tôda a côrte pontifícia, referindo, com muita exatidão, os pecados comuns e particulares do Papa e dos Cardeais, confessando-se Satã plenamente satisfeito e concitando-os a prosseguirem no desprêzo da vida pobre e no ódio dos preceitos evangélicos. Increpava-lhes apenas que a doutrina pregada pelo Papa e seus acólitos ainda se não ajustasse perfeitamente às suas ações, e lhes aconselhava a se corrigirem para fazerem jus a melhor posição no reino do mal. Essa carta, de que se espalhou grande número de cópias, terminava com a saudação: "Vossa Mãe, a Soberba, vos envia muito saudar, e, com ela, vossas Irmãs, a Avareza, a Luxúria e as demais, que se jactam de andarem bem os seus negócios, graças a vossos diligentes préstimos."[23]

O desregramento, a simonia e os ademanes mundanos tornaram-se, durante o *Segundo Cativeiro de Babilônia*, extremamente comuns no alto e no baixo clero. Santa Catarina de Sena insiste, com freqüência, em suas cartas, sôbre o espírito mundano do clero de seu tempo (1347-1380).

O monge agostiniano, Luigi Marsiglio, chama aos cardeais "*avari, dissoluti, importuni* e *sfacciati Limogini*". A *Cronica di Rimini* informa que cada um dos cardeais acumulava de dez a doze bispados e abadias "*e anco tenevano scelerata vita si de la lussuria e disimili modi di mal vivere*". Também o Arcebispo de Praga, João de Jenzenstein, flagela enèrgicamente, no livro *De Consideratione*, os vícios do clero do século XIV.[24]

Como observam Boisserée, Gregorovius, Stolz, Laincel e Pastor, o gigantesco palácio dos Pontífices de Avinhão oferece a exata imagem da decadência papal a partir de fins do século XIII. É — nas compungidas palavras do mais autorizado historiador do Papado moderno — "a um tempo a prisão dos Papas e um dêsses castelos feudais da época em que os chefes da Cristandade, aceitando, sem corar, o papel de vassalos dos reis de França, se ataviavam com o título de

23 *Idem, ibidem*, livro 86, cap. IX, pág. 173 do vol. VI.
24 *Vide* Pastor, *op. cit.*, págs. 137 e 138.

Condes de Venaissin e Avinhão. Se compararmos o palácio dos Papas à catedral que o acotovela, notamos ser esta, de algum modo, esmagada pela vizinhança, ressaltando, da aproximação, impressionante quadro da época do exílio de Avinhão, que pode resumir-se em duas palavras: enfraquecimento do elemento eclesiástico e predominância do elemento secular, principesco e guerreiro".[25]

Com Urbano VI começa, em 1378, o *Grande Cisma do Ocidente*, que, durante perto de quatro décadas, divide a Cristandade entre os Papas de Roma e Avinhão.

Urbano VI, apesar de lutar contra Clemente VII, reconhecido Papa pela maior parte do mundo cristão, não trepida em enriquecer, com uma das mãos, sua família, investindo um sobrinho, devasso e indigno, na posse de vários territórios da Igreja, enquanto, com a outra, despoja os altares a fim de ter meios de fazer a guerra contra Nápoles. Nada reflete melhor a decadência do Papado, nesses dias de opróbrio, do que a cena grotesca em que Urbano VI, sitiado em Nocera por Carlos de Durazzo, depois de ostentar a mais fria crueldade para com vários cardeais, se cobriu de ridículo: quatro vêzes por dia, ao som dos sinos e munido de brandões, lançava a excomunhão contra o exército que o cercava. Morreu em outubro de 1389, sem que o sítio tivesse sido levantado, apesar das veementes objurgatórias pontifícias.[26] Não é, assim, de estranhar que, no limiar do século XVI, se considerasse, em Veneza, como por tôda a Cristandade,[27] a excomunhão "uma arma embotada pelo tempo".*

[25] *Vide* Pastor, *op. cit.*, pág. 101. *Vide* também L. de Laincel: *Avignon*, págs. 329 e seguintes da ed. de Paris, 1872.
[26] *Vide* Pastor, *op. cit.*, págs. 152 e 153.
[27] *Vide* Pastor, *op. cit.*, pág. 290, vol. VI.

* Quando, em 1640, os espanhóis quiseram compelir Urbano VIII a excomungar o Cardeal Richelieu e Luís XIII por sua aliança com os protestantes, o Papa negou-se a atendê-los, lembrando o insucesso de medidas idênticas contra Henrique VIII e Elisabeth de Inglaterra. Desde então nunca mais a Santa Sé lançou sentença de deposição contra um príncipe reinante.

(*Vide* Pastor: *História dos Papas*, vol. XVIII, pág. 127 da ed. francesa da Livraria Plon.)

O que foram as conseqüências das quatro décadas que durou o Cisma é fácil avaliar. Em grande número de dioceses viam-se dois bispos, dois abades, etc., disputando-se, de armas em punho, uns a sé episcopal, outros uma abadia, uma igreja, etc.

Os abusos, já tão grandes e numerosos, agravaram-se e multiplicaram-se ao infinito. A Santa Sé, sobretudo, foi sacrificada, porquanto o cisma colocava os Papas cada vez em maior dependência do poder civil, dando aos príncipes a possibilidade de escolherem um pontífice à sua feição, que se via constrangido a fazer-lhes enormes concessões no domínio espiritual, como o *Placet* e o *Exequatur,* isto é, não poder nenhuma bula ou ato pontifício ter publicidade e aplicação, num país, sem o prévio consentimento do respectivo govêrno. Se, portanto, no século XVI, se produziram, em tôrno do Papado, tantas deserções, suas raízes se acham em acontecimentos ocorridos pelo menos dois séculos antes.[28]

Promanou, da subalternização do Papado para com a Realeza, a nacionalização dos diferentes cleros europeus, que se subordinaram, desde então, aos seus respectivos chefes temporais, coligando-se a fim de, periòdicamente, submeterem o Papado à fiscalização de uma assembléia insurrecional,[29] como o decretou, *urbi et orbi,* no século XV, o Concílio de Constança.

Observa, com razão, Gregorovius que, ao adotar, em princípio, a teoria da superioridade do Concílio sôbre o Papa, o Sínodo de Pisa constituiu, em 1409, "a aurora da Reforma", tendendo a transformar a Igreja, na expressão de Gebhart e Pastor, "de monarquia absoluta em monarquia constitucional ou parlamentar".[30]

A Pragmática Sanção de Bourges, decretada em 7 de julho de 1438, arrebatou ao Papa quase tôda influência nos negócios eclesiásticos de França, colocando-a em situação

28 *Vide* Pastor, *op. cit.,* vol. I, págs. 156 e seguintes.
29 *Vide* A. Comte: *Política Positiva,* vol. III, pág. 535.
30 *Vide* Gebhart: *Moines et Papes,* pág. 149 da 5.ª ed., Hachette, Paris, 1909, e Pastor, *op. cit.,* vol. I, págs. 193 e 252 e vol. II, pág. 41.

semicismática.[31] Monumento de oposição erigido sob a influência das idéias de nacionalidade contra a teoria da Igreja Universal, era, além disso, a expressão viva da pretensão de um soberano temporal ao direito de regular, a seu talante, os negócios religiosos de seu reino.[32]

A *Pragmática Sanção* — registrava no século XV, em seus *Comentários*, Pio II — "impôs aos clérigos de França a obrigação de prestarem contas de seus atos ao Parlamento, conferindo os benefícios e cargos eclesiásticos segundo o capricho do Rei (ou de outros poderosos personagens da nobreza), elevando às dignidades sacerdotais crianças, ignorantes, estropiados e bastardos".[33]

Foi sòmente graças à Concordata (assinada em 1516) que se manteve a França nominalmente fiel ao Papado, pois, já no primeiro quartel do século XV, Martinho V deixara de designar uma cidade francesa para sede do Concílio levado a efeito em Basiléia, por terem os fatos provado serem os franceses muito mais "antipapistas" do que os alemães.[34] A *Concordata* concedia ao Rei de França o direito de nomeação para todos os bispados vagos, autorizando determinassem o favor real e considerações puramente mundanas a escolha dos candidatos às funções eclesiásticas,[35] tal qual, aliás, vinha acontecendo no regime da Pragmática Sanção.

Em nenhuma parte mais do que em França lançaram as tendências cismáticas tão profundas raízes, sendo incontestável ter sido apenas graças às vantagens asseguradas pelo nôvo tratado à Coroa, que as tentativas de cisma perderam o apoio da Realeza, conforme salientam Hanotaux,[36] De

31 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. I, pág. 347 e vol. III, págs. 121 e seguintes.

32 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. III, pág. 122.

33 *Apud* Pastor, *op. cit.*, vol. I, pág. 254.

34 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. III, pág. 123.

35 *Idem, ibidem,* vol. VIII, págs. 265 e 267.

36 *Vide* G. Hanotaux: *Introduction aux Instructions aux Ambassadeurs de la France à Rome,* Paris, 1889, pág. LIX.

Maulde,[37] Baudrillart,[38] De Meaux,[39] Daunon,[40] Picot[41] e Pastor.[42] Em conseqüência da Concordata, passou o Rei a dispor, legìtimamente, a seu bel-prazer, da renda do clero francês, a qual se elevava, em 1516, a cinco milhões de libras, quase o total da receita do Estado![43] Sob Francisco I e Henrique II, os benefícios eclesiásticos foram ostensivamente consagrados, em França, a pagar serviços prestados no Exército ou na Côrte, daí resultando receberem rendas de ricas abadias homens de guerra e gentis-homens.[44] Giovanni Correro, Embaixador de Veneza junto a Henrique II, descreve, com picante ironia, como os ofícios e bens da Igreja eram, no século XVI, dispostos ao sabor dos caprichos do Rei de França: "Parece muito agradável, a Sua Majestade, distribuir 106 Bispados, 17 Arcebispados, 600 a 700 Abadias e outros tantos Priorados. E, assim, sem abrir a bôlsa, paga suas dívidas, recompensa os Grandes de seu Reino e lhes dota as filhas. O abuso subiu a tal ponto que se negocia, na côrte de França, com Bispados e Abadias, como alhures com pimenta e canela." Em França — acrescenta Correro — considerava-se o Papa mais como um grande soberano italiano do que como o Chefe da Igreja e Pastor Universal.[45]

Henrique III continuou a reservar, para os favoritos da coroa, as pingues dignidades da Igreja. Bispados e abadias eram, no depoimento de observadores imparciais, confiados a pessoas inteiramente incapazes, leigos e até mulheres e crianças, por vêzes mesmo huguenotes, que se apropriavam das rendas, deixando os encargos eclesiásticos a padres po-

37 *Vide* De Maulde — La Clavière: *Origines de la Révolution Française,* Paris, 1889, pág. 136.
38 *Vide* A. Baudrillart: *Quatre Cents Ans de Concordat,* Paris, 1905, págs. 81 a 86.
39 *Vide* De Meaux: *Les Luttes Religieuses en France au XVIe. Siècle,* Paris, 1879, pág. 44.
40 *Vide* Daunon: *Essai Historique sur la Puissance Temporelle des Papes,* vol. I, Paris 1818, *passim.*
41 Picot: *Histoire des États Généraux,* Paris, 1673, *passim,* e Baudrillart *op. cit.,* págs. 90 e 97.
42 Pastor, *op. cit.,* vol. VIII, págs. 274 e 275.
43 *Idem, ibidem.*
44 *Vide* De Meaux, *op. cit.,* pág. 262 *et passim,* e Pastor, *op. cit.,* vol. XIV, pág. 261.
45 *Vide* Pastor, *op cit.,* vol. XVIII, págs. 61 e 64.

bres, quase sempre mal escolhidos, chegando a fazer comércio dos Sacramentos. Um decreto de Henrique III, datado de 4 de outubro de 1580, considerava crime de lesa-majestade a publicação de uma Bula sem o *placet* real, punindo com o confisco de seus bens os bispos e padres que a executassem, como, aliás, acontecia em Espanha e Polônia...[46] Nada menos estranhável, pois, haja sustentado Fénelon, Arcebispo de Cambrai, no século XVII, "ser o Rei, em França, muito mais o chefe da Igreja do que o papa![47]

Por seu turno, desde 1449, numa reunião dos Príncipes Eleitores, realizada em Francfort, Gregório Heimburg pregava abertamente a necessidade de "sacudir o jugo do Papa", princípio que desde então entra em voga na Alemanha. Em 1456, dez anos antes do nascimento de Erasmo, solicitando o Cardeal Carvajal, em nome do Papa, recursos para a Cruzada contra os turcos (que se haviam apoderado de Constantinopla três anos antes), os delegados dos Príncipes Eleitores responderam pela negativa, dizendo que devolveriam com a bôlsa vazia, para o outro lado dos Alpes, os "mercadores de indulgências", não continuando a fornecer dinheiro para manter as intrigas dos sobrinhos do Papa na Cúria Romana.[48]

As contestações entre Pio II e Segismundo d'Áustria, soberano do Tirol, insufladas por Gregório Heimburg, foram em 1460, o prenúncio do que seria a atitude da Alemanha, duas gerações mais tarde, sob a influência de Lutero. Os príncipes alemães, até mesmo os investidos em dignidades eclesiásticas, colocaram-se ao lado de Segismundo contra o Papa, considerando letra morta a Bula que proibia qualquer comunicação com Heimburg, excomungado por sua extrema violência e hostilidade contra Pio II.[49] A ousadia dêsse agitador chegou ao ponto de ter, em Mântua (aonde fôra enviado como embaixador de Segismundo), a insolência de lembrar pùblicamente ao Papa as epístolas amorosas que êste,

46 *Idem, ibidem,* vol. XIX, págs. 456, 458 e 459.
47 *Apud* Brentano: *La Renaissance,* pág. 361 da 33.ª ed.
48 *Vide* Pastor, *op. cit.,* vol. I, pág. 351 e vol. II, pág. 392.
49 *Idem, ibidem,* vol. III, pág. 177.

quando ainda era apenas Enéias Silvius Piccolomini, fizera para o jovem Segismundo.[50]

Assim como, duas gerações mais tarde, os escritos de Lutero e Ulrich Von Hutten se disseminaram com a rapidez de um raio, assim também encontraram imensa repercussão, em tôda a Alemanha, os escritos e manifestos de Heimburg,[51] fazendo-se êste e Segismundo d'Áustria, na segunda metade do século XV, os arautos da doutrina anticatólica e democrática da superioridade do Concílio sôbre o Papa, espalhando não passar de pretexto para a extorsão de dinheiro a propalada Cruzada contra os turcos.[52]

Se, em França e Alemanha, o movimento de revolta contra a autoridade pontifícia apenas existia entre os príncipes e homens de letras, apresentando antes o caráter de um cisma, o mesmo já não se dava na Boêmia, onde a maioria da nação professava abertamente opiniões opostas às da Igreja,[53] hauridas nas doutrinas de Wiclef.

Uma das circunstâncias que tornaram fácil a Henrique VIII proclamar-se, em 1534, Papa de Inglaterra, foi o regalismo que aí, como por tôda parte, se radicara desde o século XIV. O chamado *Statute of Praemunire* de 1365 já encerrava, em princípio, a supremacia do Rei nos negócios eclesiásticos e isto explica que até mesmo um homem tão instruído e eminente quanto Tomás Morus se haja enganado a propósito da primazia do Papa, emitindo a respeito opiniões confusas.[54]

Em Espanha, os "Reis Católicos" aproveitam-se, com habilidade, de tôdas as circunstâncias propícias (tão freqüentes nesses tempos de crise) para se assenhorearem do govêrno espiritual em sua monarquia: sob o pretexto de proteger, governaram, de fato, a Igreja — atesta Pastor.[55]

[50] *Idem, ibidem,* pág. 82.
[51] *Idem, ibidem,* pág. 179.
[52] *Idem, ibidem,* págs. 180 e 198.
[53] *Idem, ibidem,* pág. 201.
[54] *Vide* Zimmermann, Camm e outros *apud* Pastor, *op. cit.,* vol. X, págs. 206.
[55] *Vide* Pastor, *op. cit.,* vol. XVI, pág. 251.

Carlos V sustentava ter, como chefe leigo da Cristandade, a supremacia sôbre o Papa[56] e, mesmo sob Felipe II, o baluarte leigo da Contra-Reforma, o govêrno espanhol julgava tôdas as decisões pontifícias, declarando-as nulas para a Espanha, por pouco que contrariassem as leis e costumes do País, obrigando o clero a excomungar, ou absolver, segundo os caprichos do Conselho Real. Para submeter a clerezia e os leigos ao poder absoluto do Rei, o filho de Carlos V, seguindo as pegadas de seu bisavô, Fernando, o Católico, servia-se abusivamente da Inquisição, transformando-a em dócil instrumento contra os adversários do absolutismo.*

No comêço do govêrno de Felipe II, em 1556, o objetivo fôra plenamente atingido: achava-se a Igreja reduzida ao papel de "serva obediente e útil da Coroa", sendo os Núncios e demais representantes da Santa Sé tratados, em Espanha, como simples enviados de um súdito.[57] Não admira, pois, haja Figueroa, Presidente do Conselho de Felipe II, declarado "não haver Papa em Espanha".[58] Esta afirmativa, feita em sessão do Conselho Real, quando, no tempo de Pio IV, se discutia o processo movido pela Inquisição espanhola contra Carranza, Arcebispo de Toledo, é bem característica da irremediável subalternização do Papado em tôda a Cristandade a partir de Bonifácio VIII, assumindo Felipe II em Espanha, relativamente à Igreja, a atitude que, um século mais tarde, tomaria, em França, Luís XIV.[59]

Fôra o Arcebispo, apesar de inteiramente fiel à doutrina católica, prêso e processado pelo Santo Ofício a fim de ter Felipe II um pretexto para seqüestrar os bens de seu riquíssimo Arcebispado, cujas rendas ascendiam a 800.000 ducados. Averiguando a completa inocência do Arcebispo e

* Contra os que sustentam haver sido a Inquisição espanhola apenas um órgão político, evidencia Pastor o seu caráter nìtidamente eclesiástico, embora se tenha prestado a ser ignóbil instrumento do absolutismo em Espanha. (*Vide* Pastor: *História dos Papas,* vol. IV, págs. 374 e 376, vol. XVI, pág. 253 e vol. XVII, págs. 272, 290, 310 e 329 da ed. citada.)

56 *Vide* Pastor, *op. cit.,* vol. XII, pág. 207.

57 *Vide* Pastor, *op. cit.,* vol. XVI, págs. 254 e 258, e vol. XVII, pág. 332.

58 *Idem, ibidem,* vol. XVI, pág. 236 e vol. XVII, pág. 306.

59 *Idem, op. cit.,* vol. XVI, pág. 255.

vendo-se impossibilitado de livrá-lo da imerecida pecha de heresia, morre Pio IV, em 1572, de desgôsto e remorsos.[60]

O mesmo espírito de absorção do poder espiritual pelo temporal alastrou-se por todo o Ocidente e, em nenhum país talvez com tamanho rigor quanto em Portugal, onde, desde Pedro, o Justiceiro, se estabelece o regime do beneplácito.[61] Sem o *exequatur* real, não tinha validade a mais inócua determinação de um Bispo, assim como um Decreto do Papa, embora de natureza puramente dogmática e disciplinar. Era materialmente impossível a promulgação de qualquer documento eclesiástico, seja na metrópole, seja nas colônias, sem a aprovação do govêrno civil.[62]

Salienta Pastor (como, aliás, anteriormente a êle, já o fizera Augusto Comte),[63] o papel decisivo que, na decomposição do sistema católico-feudal, desempenharam, a partir do século XIII, os juristas, escudados no Direito Romano, um de cujos princípios é o de "ser a lei o que apraz ao príncipe". Compreendendo-o, tornaram-se os príncipes e reis, através das Universidades, os mais zelosos propagadores do Direito Romano, confiando aos seus intérpretes os mais altos empregos e funções da côrte.[64] Os romanistas pleiteavam, na verdade, a extensão dos direitos do príncipe no sentido do *princeps* antigo, exercendo a soberania também no domínio espiritual.

Muito antes de explodir a crise protestante, vários juristas, como Nogaret, Occam, Pierre de Cugnière, Marsiglio de Pádua e Jandun, entre outros, afirmaram que o *princeps* pode e deve reclamar a jurisdição espiritual, podendo e devendo, a exemplo dos antigos césares romanos, regular as matérias religiosas, nomear e transferir bispos, dispondo dos bens da Igreja para seu proveito pessoal e o do Estado. Impelido por seus legistas, intentou Carlos, o Temerário, ser Papa em seus próprios domínios. O mesmo aconteceu com

60 *Idem, ibidem*, vol. XVII, pág. 290.
61 *Vide* Oliveira Martins: *História de Portugal*, t. I, pág. 118 da 8.ª ed.
62 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. XVIII, pág. 221.
63 *Vide* A. Comte: *Filosofia Positiva*, vol. V, págs. 391 e seguintes da 4.ª edição, e Teixeira Mendes: *A Universidade*, págs. 37, 43 e seguintes da 1.ª ed., Rio, 1882.
64 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. VII, págs. 245 e 246.

os senhores alemães do século XV, que empreenderam exercer, em seus territórios, o poder pontifício.[65]

E, destarte, mesmo após recobrarem sua liberdade nominal, abandonando Avinhão, tiveram os Papas de renunciar à sua ação geral e permanente sôbre os diversos governos temporais. Êles que, nos tempos de Gregório VII e Inocêncio III, dispunham, com uma simples bula, dos maiores reinos europeus, se transformaram pouco a pouco em soberanos eletivos de pequenina parcela da Itália. E esta, que antes apenas lhes inspirava um interêsse secundário, passou a constituir sua preocupação preponderante, indo vários Papas dessa fase ao cúmulo de fomentarem discórdias e guerras entre as nações cristãs para mais fàcilmente disporem de seus próprios Estados, como se deu, entre outros, com Nicolau V, Sisto IV, Júlio II e Leão X.[66]

Não admira, assim, hajam malogrado tôdas as tentativas pontifícias de congregar a Cristandade contra o perigo, então iminente, de uma invasão turca. Enquanto Urbano II e seus sucessores conseguiram levantar tôda a Europa contra o Islão nos séculos XI e XII, Nicolau V, Pio II e demais Papas dos séculos XV e XVI só encontraram, por tôda parte, frieza e indiferença, apesar de ser, em seu tempo, igualmente ameaçador o perigo muçulmano.

Confrange acompanhar as diversas tentativas infrutíferas dos Papas, depois da queda de Constantinopla em 1453, a fim de fazerem os cristãos convergirem para a defesa da civilização comum.

Dia a dia tornava-se mais evidente haver passado o tempo das Cruzadas, tendo perdido sua fôrça as idéias que guiaram, durante séculos, o mundo cristão. Dilacerada por lutas intestinas, perdera a Cristandade o senso de sua unidade, seu espírito de conjunto e a inteligência dos interêsses que tinha a defender contra o Islão. A grande emprêsa, que se

[65] *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. VII, pág. 246; e J. B. Foucart: *La Supression du Budget Théologique, in La Politique Positive, Revue Occidentale*, págs. 34 de la 1ère année, e Hallam: *Europe During the Middle Ages*, pág. 403 da ed. cit.

[66] *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. II, págs. 59 e 285, vol. IV, pág. 287, vol. VI, págs. 298 e 299 *et passim*, e vol. VII, pág. 369, *et passim*.

lhe deparava no Oriente, não possuía mais o poder de emocioná-la.[67]

A unidade espiritual da Idade Média fôra rompida, e os contemporâneos não alimentavam a menor ilusão a êsse respeito. É o que prova a carta em que Enéias Silvius, deplorando-o amargamente, verifica não mais possuir a Cristandade um chefe: "O título de Papa não passa hoje de palavra vã. Cada Estado tem o seu príncipe, cada príncipe seus interêsses particulares. Que voz seria bastante eloqüente para reunir, sob uma mesma bandeira, tantas potências discordes e hostis? ....

"Que mortal poderia realizar uma aproximação entre inglêses e franceses, genoveses e aragoneses, alemães, húngaros e boêmios?"[68] "A Cristandade é um corpo sem cabeça, uma república sem leis, não passando o Papa de fantasma ofuscador", proclama ainda, em 1456, Enéias Silvius, que dois anos mais tarde, subiria ao sólio pontifício com o nome de Pio II.[69]

É por isto que Roma pergunta, como num lamento, nos versos de um poeta da época:

Dov'è mo Pietro, mio primo marito,
O Silvestro, o Gregorio, o bon Clemente,
Dov'è Urban e quei che l'an seguito?[70]

Em escrito memorável — um dos últimos de seu pontificado — volta Pio II a frisar o completo aniquilamento da autoridade pontifícia em seu tempo. Depois de lembrar seus esforços para congregar os cristãos contra o turco, assim prossegue:[71] "Quando enviamos embaixadores a pedir o auxílio dos reis, zombam dêles. Quando impomos uma dízima ao clero, êste apela para o futuro concílio. Quando publica-

67 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. II, pág. 356 e vol. III, pág. 336.
68 *Apud* Pastor, *op. cit.*, págs. 264 e 265.
69 *Vide* Gibbon: *The History of The Decline And Fall of The Roman Empire*, c. LXVIII, pág. 1241 da ed. de Londres, 1834.
70 *Vide* Medin e Frati: *Lamenti Storici Dei Secoli XIV, XV, XVI*, Bolonha, 1887, pág. 55 do vol. II, conf. Philippe Monnier: *Le Quattrocento*, t. I, pág. 83 da ed. Perrin, Paris, 1901.
71 *Apud* Pastor, *op. cit.*, vol. III, pág. 254.

mos indulgências e prometemos favores espirituais aos fiéis para levá-los a contribuir para a Cruzada, acusam-nos de rapacidade. Imagina-se que todos os nossos atos não visam senão a acumular dinheiro, e ninguém confia em nossa palavra. Estamos na situação do negociante falido que não pode satisfazer a seus credores: não temos crédito. O que quer que façamos é sempre mal interpretado."*

Em vão, na *Bula da Cruzada,* lida no consistório público de 22 de outubro de 1463, ponderava Pio II: "Vós, alemães, que recusais vossa assistência aos húngaros, não conteis com a dos franceses; e vós, franceses, se não acudis aos alemães, não espereis a ajuda dos espanhóis!"[72]

Os grandes senhores e príncipes não compreendiam mais o generoso ardor "que, durante a Idade Média, havia arrastado o mundo cristão para os lugares onde o Salvador viveu e derramou seu sangue". O espírito cavalheiresco, que se impusera a tarefa de defender os Lugares Santos contra "os bárbaros pagãos", desaparecera sem deixar vestígios.[73]

Mereciam, pois, as nações cristãs as increpações que lhes fizeram Petrarca e Camões. Exprobrava o primeiro, no tempo de Urbano V, no *Trionfo della Fama*:

Ite, superbi e miseri Cristiani,
Consumando l'un l'altro: e non vi caglia,
Che'l sepolcro di Cristo è in mano di cani[74]

Não menos enérgico seria Camões na segunda metade do século XVI:

* À vista de depoimento tão claro, partido de um dos maiores Papas do século XV, qual o juízo a formar-se sôbre uma obra como *A Crise do Mundo Moderno,* onde o Padre Leonel Franca, silenciando, de maneira surpreendente, sôbre o desmoronamento *espontâneo* do catolicismo nos séculos XIV e XV, atribui a Descartes e até (*proh pudor!*) a Augusto Comte, a anarquia espiritual em que vivemos? *Dicant Paduani*...

72 *Idem, ibidem,* pág. 317.
73 *Idem, ibidem,* pág. 318.
74 Petrarca: *Trionfo della Fama,* c. II.

Ó míseros Cristãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vêdes a divina sepultura
Possuída de cães, que sempre unidos
Vos vêm tomar a vossa antiga terra
Fazendo-se famosos pola guerra?
(*Lusíadas*, VII, 9)

O mais estranho, contudo — o vate luso não o sabia! — é que (além de haver-se rebaixado Inocêncio VIII à categoria de carcereiro de Djem, príncipe turco fugitivo, recebendo, para tal, uma pensão anual de Bajazé II, irmão do prisioneiro), Alexandre VI entabulara negociações em Constantinopla a fim de decidir os turcos a atacarem Veneza. Em 1547 seria o exemplo de Alexandre VI seguido pelo Sumo Pontífice Paulo III, o qual tentou servir-se dos turcos contra os espanhóis. Compreende-se, assim, haja Francisco I respondido a Adriano VI, que lhe pedia consentisse numa trégua com Carlos V a fim de poder ser empreendida a guerra contra o Islão: "O verdadeiro turco, que se deve combater, é o clero."[75]

[75] Sôbre o Príncipe Djem e Inocêncio VIII, ver Pastor, *op. cit.*, vol. V, págs. 289 e segs., e 303 e segs., e Jacob Burckhardt: *A Civilização na Itália da Renascença*, t. I, pág. 118 da trad. franc. de Schmitt. Sôbre Alexandre VI e os turcos, ver Burckhardt, l. cit., Pastor, vol. V, págs. 410 e 411, e Bossuet *Histoire de France*, pág. 291 do vol. XXIV das *Oeuvres Complètes de Bossuet*, Paris, e Lião, 1849, Mellier Frères. Sôbre Paulo III e os turcos, Francisco I e Adriano VI, ver Pastor, *op. cit.*, vol. XII, pág. 216 e vol. IX, pág. 151.

CAPÍTULO TERCEIRO

AINDA OS ANTECEDENTES ESPIRITUAIS DA ÉPOCA DE ERASMO

SENTINDO que sua influência internacional lhes escapava dia a dia, deixaram-se os Papas da época de Erasmo dominar por desenfreado nepotismo, consagrando-se, uns após outros, a obter a realeza para suas respectivas famílias, muitas vêzes à custa de prolongadas guerras.

Entretanto, à vista do desprestígio espiritual em que caíra a Santa Sé, em conseqüência do *Cativeiro de Babilônia* e do Grande Cisma, sustenta Pastor a necessidade do nepotismo de um Papa como Martinho V, soberano sem reino, tão pobre e desrespeitado que os garotos de Florença se punham a cantar, quando o viam pelas ruas: *"Papa Martino, signore di Piombino, duca d'Urbino, non vale un lupino."*[1]

Já Nicolau III, em fins do século XIII, distribuíra entre os Ursini numerosos territórios eclesiásticos, motivo pelo qual, ao lado de Clemente V e Bonifácio VIII, foi, por Dante, colocado numa das *bolgias*

[1] *Vide* Pastor: *História dos Papas,* vol. I, pág. 241 da trad. francesa de Furcy Raynaud, 6.ª ed., Paris, 1925, e Monnier: *Le Quattrocento,* vol. I, pág. 84 da 1.ª ed.

.... *della città dolente*
.... *nell'eterno dolore*
.... *tra la perdutta gente...*[2]

Quase todos os Pontífices dos séculos XIV, XV e XVI se distinguem pelos sobrinhos e bastardos, entre os quais repartem as terras e mais altas dignidades da Igreja.

Em 1456, a exemplo de outros de seus predecessores, Calisto III nomeia cardeais dois de seus jovens sobrinhos. Um dêles, Rodrigo de Bórgia, era de costumes extremamente depravados.[3]

A primeira promoção de cardeais, feita por Sisto IV, compreendeu sòmente dois purpurados, ambos sobrinhos de Sua Santidade. Poucos anos depois, o mesmo Pontífice elevou ao cardinalato mais três de seus sobrinhos, um dos quais, Rafael Sansoni, contava apenas dezessete anos.[4] Para atender às prodigalidades de seus sobrinhos, introduziu espantosa venalidade e corrupção na côrte pontifícia, lamentando Pastor haja, em Sisto IV, o Chefe da Cristandade desaparecido, com muita freqüência, atrás do soberano italiano, por demais preocupado com a fortuna dos seus, assinalando-se-lhe o pontificado pela ascendência dos interêsses temporais sôbre os espirituais e acentuado relaxamento da disciplina eclesiástica.[5] Basta, a êste respeito, lembrar a célebre conjuração dos Pazzi, apoiada pelo Papa, contra Lourenço e Juliano de Médicis.

No dia 26 de abril de 1478 — Erasmo contava então doze anos — ao rezar-se, na Catedral Santa Maria del Fiore de Florença, missa solene, no momento do ofertório, quando a hóstia consagrada se elevou acima da cabeça do oficiante e nuvens de incenso se evolaram ao tilintar das campainhas, ouviu-se, ao pé do altar, um estertor abafado: Bernardo Bandini, um dos conjurados, se havia atirado sôbre Juliano, cravando-lhe um punhal no peito. Na mesma ocasião, no côro, dois padres, punhais em punho, investiram contra Lourenço de Médicis e por pouco também não o matam.

2 Dante: *La Divina Commedia, Inferno*, c. XIX, 31-78.
3 Pastor: *op. cit.*, vol. II, pág. 427.
4 *Idem, ibidem*, vol. IV, págs. 380 e 382.
5 *Idem, ibidem*, vol. IV, págs. 389 e 399.

Em conseqüência dessa conjuração, um de seus próceres — Salviatti, Arcebispo de Pisa — foi enforcado na praça pública, e prêso o sobrinho de Sisto IV, Cardeal Riário, sendo, nas palavras de Pastor, profundamente lamentável figure, na história de uma conjuração dessa natureza, o nome de um Papa, havendo sido mais digno do Sumo Pontífice lutar a rosto descoberto, em vez de imiscuir-se num golpe de Estado, mesmo que fôsse possível realizá-lo sem efusão de sangue.[6]

Tão fatal se tornara o nepotismo no século XV, como condição inevitável, decorrente da degradação espiritual e temporal do Papado, que nem mesmo os melhores Pontífices, como Pio II, a êle escaparam.[7] Um Decreto do Concílio de Basiléia vedara, em 1436, a promoção à púrpura de qualquer sobrinho do Papa ou de algum dos cardeais vivos. Mas os decretos limitavam-se a registrar o mal sem conseguirem corrigi-lo.

Em fins do século XV salientava Frei Jerônimo Savonarola: "antigamente, quando os padres tinham filhos, chamavam-lhes sobrinhos; agora nenhum tem mais sobrinhos, e sim *filhos;* filhos, nada mais, nada menos."[8]

No tratado *Do Papa,* afirmava Joseph De Maistre ser o govêrno dos Sumos Pontífices uma monarquia eletiva, cujo titular "é sempre velho e celibatário".[9] Se isto era verdade no século XIX, tal não se dava na época de Erasmo. A partir de Inocêncio VIII, no registro de seus contemporâneos Rafael Maffei e Gilles de Viterbo, sucedem-se os Pontífices que pùblicamente se vangloriam de seus filhos e filhas, cumulando-os de bens.[10]

Em dezembro de 1487 Inocêncio VIII celebra, em seu próprio Palácio, as núpcias de seu bastardo Franceschetto Cibo com Madalena de Médicis, irmã do futuro Papa Leão X. Em novembro do ano seguinte, abençoa ainda no Vaticano o casamento de sua neta Peretta, assistindo, pessoal-

6 *Idem, ibidem,* pág. 287.
7 *Idem, ibidem,* vol. III, pág. 115.
8 *Vide* Pastor, *op. cit.,* vol. VI, pág. 14.
9 *Vide* Joseph De Maistre *Du Pape,* L. III, pág. 320 da ed. Charpentier.
10 *Vide* Brentano: *La Renaissance,* pág. 193 da 33.ª ed. e Pastor, *op. cit.,* vol. V, pág. 264.

mente, ao banquete nupcial, circunstância que se reproduziria ao serem realizadas as núpcias de Luís de Aragão, neto do Rei de Nápoles, com Batistina, neta do Papa, filha de sua bastarda Teodorina.[11]

E, desde então, bastardos dos Papas, cardeais e demais prelados, reconhecidos pùblicamente, se tornam banais.

É interminável a fiada de assassínios, estupros e misérias com que Alexandre VI, sobrinho de Calisto III, argamassa o pedestal dos principados de seus bastardos Pier Luigi, João, César, Joffre e Lucrécia Bórgia.

Espetáculo acabrunhante — escreve Pastor — é o da vida dêsses cardeais, bispos e prelados do tempo, acumulando benefícios sôbre benefícios, destituídos de espírito eclesiástico, mergulhados em volúpias mundanas e levando sem pudor uma vida condenável. Durante o pontificado de Inocêncio VIII, a gangrena fêz tais progressos que Alexandre VI conseguiu eleger-se por corrupção. E, chegando à dignidade suprema, introduziu, no Sacro Colégio, homens de costumes extremamente depravados, tais como Hipólito d'Este, Francisco Iloris, César Bórgia, Segismundo Gonzaga, Alidosi e muitos outros. Do Cardeal d'Este sabe-se haver pago um assassino para vazar os olhos de seu irmão natural, Júlio, visto achá-los belos uma de suas amantes. Pode-se fazer uma idéia do estado de coisas no tempo de Júlio II, lendo o *Relatório* do Embaixador de Ferrara, datado de Roma, 27 de junho de 1506, onde assinala o favor de que gozava, junto de vários cardeais, a cortesã Impéria.[12]

Já num consistório efetuado em setembro de 1463, advertia Pio II aos cardeais: "Na opinião dos fiéis, levamos vida regalada, amontoamos dinheiro, vivemos no fausto, montamos mulas bem nutridas e nobres corcéis, arrastamos atrás de nós as franjas de nossos mantos, passeamos pela cidade nossas faces rubicundas, com o chapéu vermelho na cabeça e a capa no dorso; sustentamos matilhas de cães de caça, desperdiçamos dinheiro com comediantes e parasitas, sem nos dispormos a despendê-lo na defesa da fé. Nesta descrição

11 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. V, págs. 264, 278 e 279.
12 *Idem, ibidem*, pág. 169.

não deixa de existir verdade: entre os cardeais e membros da Cúria encontraríamos mais de um aos quais pode êste retrato ser aplicado."[13]

Entre outros, aludia Pio II a Rodrigo de Bórgia, sobrinho de Calisto III, ao qual dirigira, em 1460, uma carta repreendendo-o pela maneira desabusada com que, em público, sem a menor consideração pela púrpura, cortejava as mulheres.[14]

Habitando suntuosos palácios, cercados do mais requintado luxo, os cardeais da Renascença levavam a mesma vida que os príncipes seculares. Rodeados de capangas — *bravi* — traziam uma espada de alto preço na cintura, iam à caça, jogavam desbragadamente, banqueteavam-se à Luculo, davam festas de um luxo extravagante, participavam dos ruidosos divertimentos do Carnaval e se permitiam escandalosos desvios de procedimento, deixando na sombra, por sua pompa, os grandes senhores romanos. Sob êste aspecto, o mais conhecido, em fins do século XV, era Rodrigo de Bórgia, que, como vimos, seu tio, Calisto III, fizera Cardeal e Vice-Chanceler na flor da juventude. Fruindo de inúmeros benefícios, dispunha de rendas principescas. Brilhante cavaleiro, alto, bem feito de corpo, tendo um ar nobre e temperamento folgazão, era dotado de sedutora eloqüência, exercendo sôbre as mulheres belas — no dizer de um contemporâneo — atração ainda mais forte do que a do ímã sôbre o ferro. Excessivamente depravado, foi, até o seu último dia — frisa Pastor — escravo da sensualidade. De Vanozza, que era casada, teve quatro filhos, cujos nomes se acham gravados na sepultura de sua mãe: César, João, Joffre e Lucrécia. De outras mulheres houve ainda vários bastardos, entre os quais Pedro Luís e Girolama, reconhecendo-os e proporcionando-lhes rendosos benefícios eclesiásticos. César, nascido em 1475, desde 1480, isto é, aos cinco anos de idade, obteve de Sisto IV dispensa do impedimento de receber ordens sacras, visto ser filho de um cardeal com uma mulher casada, isto é, achar-se na situação que as *Ordenações Filipinas* qualifi-

13 *Idem, ibidem*, vol. III, pág. 310.
14 *Idem, ibidem*, vol. II, pág. 429.

cariam como sendo "filho de punível e danado coito".[15] Apesar, porém, da situação irregularíssima de seu nascimento, desde os sete anos foi César Bórgia feito Protonotário, recebendo benefícios de várias igrejas espanholas, nomeando-o, ademais, Inocêncio VIII, Bispo de Pampeluna. Joffre, irmão de César, foi também, desde muito criança, feito cônego e arquidiácono da Catedral de Valença.[16]

Por uma Bula de 17 de setembro de 1501, Rodrigo de Bórgia, já elevado ao pontificado com o nome de Alexandre VI, deu o Ducado de Sermoneta a seu neto Rodrigo, filho de Lucrécia, contando apenas dois anos. Na mesma Bula, o Ducado de Nepi foi outorgado a Juan Bórgia, menino de cinco anos, que Sua Santidade, em Bula anterior, reconhecera como seu filho, nascido depois de ocupar o sólio pontifício.[17]

Não contente com assistir a danças escandalosas nos aposentos de César, dentro no Vaticano,[18] chegou o Sumo Pontífice a confiar a Lucrécia a administração do palácio papal quando deixou Roma, em julho de 1501, dirigindo-se a Castel Gandolfo. O mesmo tornaria a fazer por ocasião de uma viagem a Nepi.[19]

Para atender às despesas de suas amantes e bastardos, Alexandre VI pôs-se a vender tôdas as dignidades eclesiásticas, a exemplo do que haviam feito diversos de seus predecessores.[20]

A promoção de cardeais, efetuada em 31 de maio de 1503, rendeu cêrca de 130 mil ducados — informa Pastor.[21] O mesmo aconteceria ainda sob Leão X, Clemente VII e pontífices subseqüentes,[22] segundo comentava com o Embaixador de Veneza, em março de 1556, o Papa Paulo IV: "Presen-

15 *Vide Ordenações*, livro IV, título XCIII.
16 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. IV, págs. 351 a 354, e vol. V, págs. 358 e 359.
17 *Idem, ibidem, vol.* VI, págs. 97 a 99.
18 *Idem, ibidem*, págs. 100 e101.
19 *Idem, ibidem*, pág. 97.
20 *Idem, ibidem*, volume I, págs. 254, 255 *et passim;* vol. V, págs. 342 *et passim*.
21 *Idem, ibidem*, vol. VI, pág. 120.
22 *Idem, ibidem*, vol. VII, pág. 156 *et passim*, vol. IX, pág. 292 e vol. XI, pág. 259 *et passim*.

ciamos, na casa do Senhor, coisas que vos encheriam de horror. Houve tempo em que os que desejavam um bispado iam, antes de mais nada, a uma espécie de Banco, onde encontrava a lista dos bispados vagos com o preço de cada qual."[23]

O desmedido luxo dos Papas renascentes de tal modo pervertera o sentimento público que um Pontífice econômico era, para os italianos da época, um fenômeno inteiramente incompreensível. Leão X se popularizara por cometer erros sôbre erros. Adriano VI, seu sucessor, tornou-se, ao contrário, impopular por não querer praticá-los de maneira alguma.[24]

A tal ponto se haviam habituado todos a ver, no detentor da Santa Sé, apenas o príncipe mundano, o político e o mecenas, que nenhuma consideração tinham por um Papa como Adriano VI, o qual colocava seus deveres eclesiásticos no primeiro plano, querendo ser, antes de tudo, um pastor de almas.[25]

Caracteriza bem a crescente secularização da mais alta dignidade hierárquica do catolicismo a declaração de Leão X depois de haver dominado, com Carlos V, a cidade de Milão: "sentir-se mais feliz com essa conquista do que com a sua eleição ao Papado."[26]

Não é de admirar, pois, que, em conversa com Leão X, haja Francisco I dito que Júlio II fôra excelente general, valendo incomparàvelmente mais como guerreiro do que como Papa.[27] Do que teria sido o Cardeal Juliano de la Rovera, que subiu ao sólio pontifício com o nome de Júlio II, dá uma idéia a seguinte ponderação de Pastor, depois de aludir aos bastardos do Cardeal Cibo, feito Papa sob o nome de Inocêncio VIII: "o fato de haver sido bastante desprovido de escrúpulos, trabalhando a fim de ser elevado à suprema dignidade da Igreja um homem de tais antecedentes morais, basta para caracterizar o Cardeal Juliano de la Rovera."[28] Não

23 *Idem, ibidem*, vol. XIV, pág. 155.
24 *Idem, ibidem*, vol. IX, pág. 77.
25 *Idem, ibidem*, pág. 172.
26 *Idem, ibidem*, pág. 390, vol. VII.
27 *Idem, ibidem*, pág. 107.
28 *Idem, ibidem*, pág. 236.

podia, contudo, êste último, em boa fé, increpar, ao Cardeal Cibo, seus bastardos, porquanto êle mesmo, além de sofrer do *mal francese,* possuía três...[29]

Sob Leão X a imoralidade cresceu, em Roma, em todos os círculos eclesiásticos e mundanos, chegando às piores monstruosidades justamente nos meios mais elevados e cultos.[30] Não trepidou êsse Papa em rebaixar o Vaticano à categoria de casa de espetáculos, assistindo a comédias inteiramente inconvenientes, como a imoralíssima *La Calandria,* de autoria do Cardeal Bibiena.[31]

No domingo de Carnaval, 6 de março de 1519, Leão X assistiu à representação dos *Suppositi* de Ariosto, que subiram à cena no Castelo de Santo Ângelo, nos aposentos de seu sobrinho Cardeal Cibo, purpurado desde os vinte dois anos, e notável por sua vida extremamente dissoluta.[32] Cêrca de duas mil pessoas foram admitidas na sala transformada em grande anfiteatro, sentando-se o Papa, rodeado de cardeais e embaixadores, diante do palco, sôbre cujo pano de bôca estava representado *Frei Mariano perseguido por diabinhos,* tendo Rafael decorado a cena, que representava, em perspectiva, a cidade de Ferrara, onde a ação se passava. "Notamos, os Cardeais Rangoni, Salviatti e eu — escreve o Embaixador de Ferrara, Alfonso Paolucci — quão lastimável era que se representasse diante de um senhor tão venerado coisas tão indecentes quanto os *Suppositi.*[33]

Leão X passou ainda no Castelo de Santo Ângelo o Carnaval de 1521. Apesar de ameaçadora a situação, nunca achava Sua Santidade fôssem suficientes as mascaradas, os concertos, as representações teatrais, as danças e justas. E, enquanto isto, os negócios da Cúria permaneciam completamente paralisados. Na tarde do domingo gordo, comediantes de Sena deram, no pátio do Castelo de Santo Ângelo, uma *moresca,* descrita por Baltasar Castiglione, Embaixador de Mântua, a que assistiram o Papa e sua côrte, das janelas do Castelo. Sôbre um estrado armado no pátio, como palco,

29 *Idem, ibidem,* vol. V, pág. 358.
30 *Idem, ibidem,* vol. VIII, pág. 39.
31 *Idem, ibidem,* pág. 75.
32 *Idem, ibidem,* pág. 62, vol. VII.
33 *Idem, ibidem,* vol. VIII, pág. 77.

apareceu primeiro uma jovem que, em versos elegantes, suplicava a Vênus um amante. Em seguida, a toque de tambores, surgiram oito eremitas dançando e espancando um Cupido, o qual se defendia com seu carcás e pedia a Vênus que o libertasse. A Deusa do Amor propinou, então, aos monges, uma beberagem, adormecendo-os profundamente, até serem despertados por Cupido a flechadas. Uma vez acordados, puseram-se os anacoretas a dançar em volta de Cupido, fazendo à jovem declarações de amor. E, atirando longe suas estamenhas, apareceram como belos jovens. Depois de executarem uma *moresca,* declarou-lhes a jovem que precisavam mostrar-lhe como se serviam das armas. Pondo-se, então, a combater, todos sucumbiram, salvo um a quem coube a jovem como prêmio da vitória.

Se esta cena — comenta Pastor — não fôsse certificada por uma testemunha tão segura quanto Castiglione, pareceria inadmissível. Tão longe ia a leviandade inconsciente de Leão X que no próprio momento em que a questão de Lutero era debatida perante a dieta de Worms, dispondo-se grande número de monges a despir o burel e a casar-se, eram representados e quase glorificados em Roma, na presença de Sua Santidade, casos inteiramente semelhantes, sob a aparência frívola de um espetáculo dramático. Como nos espantarmos, à vista disto, ganhasse terreno a oposição além dos Alpes, retumbando cada vez mais veementemente o apêlo à Reforma, na cabeça e nos membros da Igreja, encontrando crédito as mais duras queixas e as piores acusações formuladas por Hutten, Lutero e numerosos inimigos figadais do Papado na Alemanha? A enormidade do perigo procedia de que, nos mais diversos pontos da Cristandade, as matérias inflamáveis, amontoadas desde vários séculos, ameaçavam incendiar-se, enquanto uma oposição apaixonada se estendia, por tôda parte, como irresistível chama. Não só grande porção da Alemanha se preparava para romper o laço milenar que a ligava a Roma, mas, até na Itália, os Estados do Norte e do Centro, em plena fermentação, insurgiam-se contra o Papado secularizado. Apenas pequeno número ia tão longe quanto Maquiavel ao reclamar a destruição de tôda a Igreja, onde via a fonte de todos os males. Entretanto, de ano para ano multiplicavam-se e tornavam-se mais fortes as vozes que

denunciavam a inominável preponderância a que haviam chegado, na côrte de Roma, as tendências puramente mundanas... O historiador Guicciardini, depois de haver servido, durante longos anos, a Leão X e a Clemente VII, se arrebatava em violentas invectivas contra Roma e esperava justamente de Lutero a destruição do Estado da Igreja. Em 1529, ao referir-se, num de seus *Aforismos*, à ambição, cupidez e luxúria dos clérigos, faz votos para que "êsse bando de celerados" ("*questa caterva di scelerati*") renunciasse a seus vícios e rendosos cargos.[34]

O que é mais impressionante — comenta ainda Pastor — é ver italianos, sinceros e fervorosos crentes, entregarem-se a manifestações, igualmente fortes, contra o espírito secular do alto e do baixo clero. A *Crônica Milanesa* de João André Prato, católico entusiasta, encerra, a êsse respeito, lanços acalorados, principalmente contra êsses monges "que nada tendo, entretanto tudo possuem".[35]

Só era possível deter o movimento antipapista na Alemanha através de reformas decisivas. Leão X não quis compreendê-lo. De espírito frívolo e folgazão, continuava a entregar-se despreocupadamente a prazeres fúteis, quando já explodira o tremendo furacão que desligaria da Santa Sé um têrço da Europa. Verdadeiro filho da Renascença em tudo, Leão X, no meio de seus artistas, poetas, músicos, comediantes, bobos e demais parasitas da Côrte, entregava-se, com apavorante ingenuidade, aos deleites da vida mundana, sem cogitar se convinham a um soberano espiritual. Nem a direção da guerra contra a França, nem o perigo turco, nem a entrada em cena dos novos hereges (Lutero e seus adeptos) o perturbaram em seus divertimentos e gozos de belo espírito. O desmedido luxo de sua côrte no tocante às distrações — jôgo, teatro, caçadas — estava em radical oposição com o caráter de um detentor de dignidades eclesiásticas. O relaxamento moral fôra incontestàvelmente maior sob Alexandre VI, mas, nem por isto, é possível deixar-se de perguntar se o fino epicurismo de Leão X não teria sido mais

34 *Idem, ibidem*, págs. 80 e 81, Conf. Jacob Burckhardt: *A Civilização na Itália da Renascença*, vol. II, pág. 232, trad. Schmitt, Paris, Plon.

35 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. VIII, pág. 81.

pernicioso para a Igreja. Pouquíssimos contemporâneos o compreenderam, a tal ponto se haviam habituado a ver, nos Papas da Renascença, o lado eclesiástico relegado ao último plano, considerando Leão X mero príncipe leigo. Guicciardini fala dêle como de qualquer outro príncipe, possuidor de muitas qualidades boas e de muitos defeitos. Vettori também parte do mesmo ponto de vista, apenas referindo-se, assim como Guicciardini, ao Príncipe e ao político, e não ao Papa, enquanto o humanista Giovio pintou sobretudo o Mecenas e um homem de sua família intelectual.[36]

Não é, porém, de admirar a atitude de Leão X diante de Lutero, como talvez injustamente lhe censura Pastor, quando se sabe que o procedimento de vários de seus sucessores, muito depois da explosão protestante, não foi mui diverso.

Assim, Paulo III, que devia sua carreira ao fato de sua irmã, a bela Giulia Farnese, casada com Orsino Orsini, ser amante de Rodrigo de Bórgia, o qual o fêz cardeal pouco depois de subir ao sólio pontifício,[37] continuou a tradição dos Papas renascentistas, mesmo depois do completo rompimento de grande parte da Alemanha e de tôda a Inglaterra com a Santa Sé, sacrificando, mais de uma vez, os altos interêsses eclesiásticos aos da família Farnese.

Relegando, para o último plano, os negócios espirituais, um de seus primeiros cuidados foi elevar ao cardinalato dois de seus netos, Alexandre e Ascânio, filhos de seu bastardo Pier Luigi, o primeiro tendo apenas quinze, e, o segundo, dezesseis anos.[38]

Não sòmente os cardeais, mas o próprio Paulo III contiuuaram a dar, no Vaticano, festas licenciosas, onde se viam músicos e mesmo cantoras, dançarinos e palhaços.[39]

Assim como antes da ruptura protestante, continuou o Chefe da Igreja a participar de ruidosas caçadas; recebendo, entre seus comensais, mulheres de sua família, e celebrando com magnificência as festas de seus bastardos e netos. O batismo dos gêmeos de Margarida e Otávio Farnese,

36 *Idem, ibidem*, págs. 295 e 296.
37 *Idem, ibidem.*, vol. XI, págs. 15, 16 e 31.
38 *Idem, ibidem*, págs. 116 e 117.
39 *Idem, ibidem*, pág. 297.

neto do Papa, foi marcado por Paulo III para o dia 3 de novembro de 1545, aniversário de sua sagração pontifícia.[40]

Ainda em 1550 — quatro anos depois da morte de Lutero — Júlio III elevou à púrpura um rapazinho de dezessete anos, que tratava de um macaco de Sua Santidade, quando ainda cardeal. E, logo no ano seguinte, deu ordem aos Núncios para dirigirem ao favorito, extremamente vicioso e insolente, a correspondência da Santa-Sé.[41]

Em 1561, tais os crimes e monstruosidades praticados pelo Cardeal Carlo Carafa,* sobrinho, e, durante longo tempo, dono de tôda a confiança de Paulo IV, que o sucessor dêste, Pio IV, teve de mandá-lo à fôrca.[42]

E ainda em 1563, em plena realização do Concílio de Trento, foram feitos cardeais Frederico Gonzaga, com dezoito anos, e Ferdinando de Médicis, com quatorze apenas.[43]

Assim, pois, segundo acabamos de ver neste rápido escôrço sôbre a situação espiritual da época de Erasmo, desde o cativeiro dos Papas em Avinhão, e, principalmente, desde o grande Cisma do Ocidente, haviam-se introduzido em todos os Estados da Europa, a começar pela própria côrte pontifícia, graves e insuportáveis abusos que, formando imensa massa de matérias inflamáveis, deveriam produzir terrível incêndio com a primeira faísca que lhes tocasse.[44]

Não só em matéria eclesiástica, mas ainda política e social, as causas de incêndio eram múltiplas. Faltava sòmente o homem e a ocasião para fazer tudo explodir. Que o motivo haja sido uma questão de dinheiro, nada menos estranhável, pois nada provocara maiores queixas, em tôda a Cristandade e principalmente na Alemanha de então, do que os

40 *Idem, ibidem*, pág. 298.
41 *Idem, ibidem*, vol. XIII, págs. 68 e 69.

* Tais as infâmias do Cardeal Carafa que, rebentando duas vêzes a corda em que devia ser enforcado, Nicolò Franco aludiu ao incidente no epigrama onde diz que, para tantos crimes, era pouca uma só corda:
Extinxit laqueus vix te, Carafa, secundas:
Tanto enim sceleri non satis unus erit.

42 *Idem, ibidem*, vol. XV, pág. 149.
43 *Idem, ibidem*, pág. 266.
44 *Idem, ibidem*, vol. XI, pág. 2.

incessantes pedidos de recursos financeiros por parte da Cúria Romana.[45]

Segundo nota Pastor, Meyer insiste justamente no grande papel que, apenas sob êsse prisma, representou, nas queixas da nação alemã, a outorga de prebendas.[46] Já em 1420, um dos embaixadores da Ordem Teutônica escrevia de Roma para o seu Grão-Mestre na Prússia: "Caro Mestre, é preciso dinheiro, porquanto, nesta Côrte, pode-se dizer: 'sem dinheiro, sem amigos'."

E, noutra missiva, declara ser impossível enumerar todos os processos aos quais se recorria, em Roma, para extorquir dinheiro, o amigo e protetor essencial a que, na côrte papal, era preciso apelar para conseguir-se o que quer que fôsse.

Em relatório de 1430 um dos emissários da Ordem Teutônica escreveu: "A avidez pavoneia na côrte de Roma. Aí se inventa, cada dia, nova fraude e nôvo truque para extorquir dinheiro da Alemanha sob pretexto de investiduras espirituais, o que ocasiona muitas reclamações, queixas e escândalos entre as pessoas instruídas e os cortesãos: isto suscitará, sem dúvida, grandes dificuldades ao Papado, se mesmo não acabar por lhe tirar a obediência"...[47]

A partir de Sisto IV, sobretudo, entraram os Papas a lutar com grandes embaraços financeiros para atender ao luxo dêles próprios e de seus bastardos e netos. Para fazer-lhes frente, aumentaram o número de cargos na Cúria, vendendo-os a alto preço: um lugar de escriba que, sob Calisto III, custava mil florins de ouro, passou a valer o dôbro sob Júlio II, e o triplo sob Leão X. Os que dêste modo haviam adquirido um lugar lucrativo procuravam, naturalmente, fazê-lo render a fim de se indenizarem e se enriquecerem, e daí, como conseqüência inevitável, as queixas, muito fundadas, contra a venalidade dos funcionários da Cúria e a corrupção da côrte papal.[48]

É, portanto, menos como representantes de Deus sôbre a Terra, ungidos e infalíveis, do que como homens sujeitos

[45] *Idem, ibidem*, vol. VII, pág. 257.
[46] *Idem, ibidem*, pág. 237.
[47] *Idem, ibidem*, vol. I, pág. 255.
[48] *Idem, ibidem*, vol. XVII, págs. 134 e 135.

as mais detestáveis fraquezas, com sua autoridade espiritual conspurcada, que aparecem, perante a Cristandade, os Papas da época de Erasmo. Inocêncio VIII abençoa, pùblicamente, entre festivos foguetes, a artilharia de um de seus bastardos,[49] e Alexandre VI se ufana de fornecer à Santa Sé, como *condottieri*, seus filhos espúrios, apoiando ostensivamente as façanhas guerreiras de César Bórgia através da Itália. Júlio II, que lhe sucede, sobrinho de Sisto IV, timbra em comandar, em pessoa, as tropas que espalham a desolação e o terror pela península.

A religião se transforma, então — nota um autor — em arma de ataque e de defesa, e como, para sustentar a fôrça dos exércitos e o luxo das côrtes, é preciso dinheiro, com a religião cunham-se moedas. Vendem-se cargos, prebendas e dispensas, vendem-se benefícios e chapéus cardinalícios, "como alhures se vendem melancias", no comentário de um contemporâneo. Na Alemanha, companhias se formam para comprar, por atacado, dos oficiais do Papa, os benefícios das dioceses, a fim de revendê-los a varejo. E, quando não se sabe mais o que vender, mercadeja-se o vício, trafica-se com o pecado. O roubo, o assassínio, o parricídio são postos a preço. Matar duas filhas custa 800 ducados, e um adultério apenas 150. "O Senhor — discreteava o vice-camerlengo de Inocêncio VIII — não deseja a morte do pecador, mas apenas que viva e *pague!*"[50]

Ao dirigir-se a Roma, aos dezessete anos, João de Médicis (que era cardeal desde os quatorze anos, e, depois, foi Papa com o nome de Leão X) disse-lhe seu pai, Lourenço, o Magnífico: "Vais à sentina de todos os vícios e nela dificilmente te manterás com decência."[51]

Eis, realmente, como se referem a respeito dois contemporâneos:

"Talis effecta est vita sacerdotium et curialium, ut vix reperiatur qui concubinam non retinet vel saltem meretricem

[49] *Vide* Philippe Monnier: *Le Quattrocento*, t. I, pág. 87 da 1.ª ed., Paris, Perrin, 1901.
[50] *Idem, ibidem*, pág. 90, e Robertson: *História de Carlos V*, pág. 185 das *Obras Completas*, trad. franc. de Suard, Paris, Garnier, 1867.
[51] *Vide* Gebhart: *Moines et Papes*, pág. 168 da 5.ª ed., Paris, 1905, Hachette.

ad laudem Dei et fidei christianae."[52] "Tal a vida dos sacerdotes e membros da Cúria que dificilmente se acha um que não mantenha concubinas, ou, pelo menos, cortesãs, para a maior glória de Deus e da fé cristã" — escreve Infessura.

"*Quis horrenda libidinum monstra enarrare non formidet, quae aperte in illius domo, et spreta dei atque hominum reverentia, committuntur? Quot stupra, quot incestus, quot filiarum et filiorum sordes, quot per Petri palatium meretricum quot lenonum greges atque concursus, prostibula et lupanaria majori ubique verecundia contineri.*"[53]: "Quem não treme ao narrar os horrendos monstros de libidinagem, que abertamente se cometem no Vaticano, banido, como se acha, todo respeito humano e divino? Quantos estupros, quantos incestos! Quanta torpeza nas môças e rapazes! Quantas cortesãs no Palácio de São Pedro e quantos bandos de alcoviteiros! Um lupanar é mais decente!" — exclama Burchard, Bispo de Città-di-Castello e Mestre-de-Cerimônias do Vaticano de 1483 a 1506, unânimemente admirado pela inalterável fleuma — espécie de insensibilidade moral — com que registra, por assim dizer fotogràficamente, os hediondos sucessos da Roma de seu tempo.

"Não empreenderei contar-vos o que eram os divertimentos de Alexandre VI — observa Taine — é preciso lê-los no *diário* de seu capelão Burchard: só o latim é capaz de narrar priapéias e bacanais."[54]

E, realmente, segundo Burchard, por ocasião das bodas de Lucrécia Bórgia com Afonso d'Este, herdeiro do Ducado de Ferrara, cinqüenta cortesãs dançaram, nuas, diante do Papa e sua família.[55]

E, contudo, observa um historiador, que foi também um dos gênios mais universais da humanidade, continuava-se a chamar "Santa a Sé de todos os crimes!"[56]

52 *Apud* Philippe Monnier, *op. cit.*, vol. II, pág. 412.
53 *Idem, ibidem.*
54 *Vide* Taine: *Philosophie de l'Art*, vol. I, pág. 180 da 4.ª ed., Paris, Hachette, 1885.
55 *Vide* Burchard: *Diarium*, publicado por Thuasne, Paris, 1884, vol. III, pág. 167. Conf. Monnier, *op. cit.*, vol. II, pág. 413, e Pastor, *op. cit.*, vol. V, pág. 101.
56 *Vide* Voltaire: *Essai sur les Moeurs*, pág. 340 do vol. III das *Oeuvres Complètes*, ed. Firmin-Didot, Paris, 1855.

Desde a primeira metade do século XIV, Bento XII dera lugar ao provérbio: *"Bibamus papaliter."*[57] Inocêncio VIII empreende revigorar um Decreto de Pio II que proibia aos padres explorar cabarés e tavolagens, e, bem assim, servirem de intermediários a damas galantes.[58]

Mas, mostrara-o, havia quinze séculos, o sensato Horácio:

Quid leges, sine moribus?[59]

Não é, evidentemente, a golpes de decretos que se reformam os costumes, limitando-se, desgraçadamente, o poder criador da tinta a borrar o papel, como numa imagem feliz, faz ver o preclaro economista belga, Padre Valère Fallon. Registrando a dificuldade de se executarem as determinações do Concílio de Trento, dizia, logo após o encerramento dêste, o Cardeal Commendone: "É fácil emitir decretos de reforma; mas a quem confiar-lhes a execução? Aos atuais prelados? Seria o mesmo que pôr vinho nôvo em odres velhos."[60]

Conta Vasari que, terminando Miguel Ângelo, em princípios do século XVI, uma estátua de Júlio II, o qual fôra representado com a mão direita suspensa a distribuir *"la benedizione o le maledizione"*, perguntou o divino artista ao Pontífice se devia colocar um livro na mão esquerda: *"Mettivi una spada, che io non so di lettere"* — "põe uma espada que não sou dado às letras" — foi a resposta de Sua Santidade. E essa espada — salienta um autor moderno que se recomenda pela abundância da documentação de suas assertivas — "não é a espada flamejante do Arcanjo, mas a vil adaga do *condottiere*, mergulhada em todos os crimes, infâmias e paixões do século".[61]

Foi visando a Alexandre VI que o humanista Pontano compôs o epigrama:

57 *Vide* Gibbon: *The Decline and Fall of the Roman Empire*, c. LXVI, pág. 1195 da ed. de Londres, 1836.
58 *Vide* Monnier, *op. cit.*, t. II, pág. 412. Conf. Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 197 da 33.ª ed. Paris, Arthème Fayard et Cie. 1935.
59 Horácio: *Carminum*, ode XXIV, *ad avaros*, v. 35 do l. III.
60 *Vide* Pastor, *op. cit.*, vol. XVI, pág. 8.
61 *Vide* Monnier, *op. cit.*, t. I, págs. 94 e 95.

Vendit Alexander claves, altaria, Christum,
Emerat ille priùs, vendere jure potest.

"Vende Alexandre as chaves, os altares e o próprio Cristo. Havendo-os porém, comprado, pode, de pleno direito, vendê-los."

A tal ponto caíra a respeitabilidade do sólio pontifício, sucessivamente obtido a pêso de ouro, que Pio II refere, em seus *Commentários,* haverem-se passado os episódios do conclave de que saiu eleito Papa em peças do Vaticano que só o latim permite dizer.[62]

Para chegar a seus fins políticos imiscuíram-se os Papas nas tenebrosas conspirações dessa idade corrompida, só se distinguindo dos pequenos tiranos e dos obscuros intrigantes, com os quais ombrearam, pela torpeza mais escandalosa de seus vícios — comenta Hallam em sua tão serena quão profunda *View of the State of Europe during the Middle Ages.*[63]

De centro de todo o mundo cristão, descera Roma, pois, no tempo de Erasmo, à categoria de simples principado italiano, transmudando-se a significação do Papado no Ocidente: de poderoso e formidável sob o aspecto espiritual e fragílimo sob o prisma político durante o esplendor medievo, passou a ser tanto mais temível, temporalmente, quanto mais decaía espiritualmente, não sendo mais que a sombra de um grande nome: *magni nominis umbra.*

Compreende-se, portanto, à vista dos antecedentes sociais da época de Erasmo, concordem num ponto numerosos historiadores modernos: por mais significativas que hajam sido as personalidades de Erasmo e Lutero, não dirigiram sòzinhos a revolução que rompeu a unidade da Igreja do Ocidente. Mais poderosamente talvez do que qualquer outro, trabalhou Lutero para vencer os obstáculos que a tal se opunham, mas não fêz mais do que atirar a faísca sôbre o monte de matérias combustíveis aglomeradas havia perto de três séculos.[64]

62 *Convenere: apud latrinas plerique cardinales. Apud* Monnier, *op. cit.,* t. I, pág. 84.
63 *Vide* Hallam, *op. cit.,* pág. 405.
64 Pastor, *op. cit.,* vol. VII, pág. 228.

Perdeu, assim, a Europa o mais precioso dos bens: a unidade de crenças. Em vez de uma Igreja católica, universal, surgiu, ao acaso das divisões territoriais ou nacionais, um turbilhão de pequenas e grandes associações religiosas, o mais das vêzes subdivididas entre si, cada uma das quais possuindo doutrinas, constituições e formas cultuais novas. Tôdas essas Igrejas, baseadas em questões de território, de raça ou de nação, não se uniram entre si senão para atacar a supremacia do Papa e submeter-lhe a autoridade aos caprichos do braço secular: magistrados, príncipes e reis.[65]

Êste sumário retrospecto dos antecedentes espirituais de sua época explica as veementes críticas de Erasmo ao Papado de seu tempo, apesar de ser êle, como frisei, monge e padre, e, ao mesmo tempo, confirma o que, em 1820, assinalava Augusto Comte:

"Se os historiadores houvessem melhor analisado e mais cuidadosamente aprofundado o exame da Idade Média, não nos teriam falado apenas da parte visível dêsse período; assinalariam o preparo gradual de todos os grandes acontecimentos que se desenrolaram mais tarde e não apresentariam as explosões do século dezesseis e dos seguintes como bruscas e imprevistas".[66]

65 *Idem, ibidem,* vol. XI, pág. 2. Conf. Monnier, *op. cit.,* t. 1, página 102.

66 A. Comte: *Sumária Apreciação do Conjunto do Passado Moderno,* pág. 10 do *Apêndice Geral* do t. IV do Sistema de Política Positiva.

CAPÍTULO QUARTO

NASCIMENTO DE ERASMO. IDÉIAS, HÁBITOS E COSTUMES DE SEU TEMPO

Nascimento de Erasmo

EM ROTERDÃO, a cidade marítima por excelência, "um Amsterdã salgado, onde os navios de alto bordo percorrem as ruas entre os prédios, descarregando, familiarmente, como simples carrêtas de mão, à porta dos consignatários",[1] viu a luz, em 28 de outubro de 1466, Desidério Erasmo.

O inverno em sua cidade natal costuma ser rigorosíssimo. Ainda em fins do século passado, congelando o rio, as águas vindas dos países menos frios rompiam a camada sólida que o cobria e, levantando, com imenso fragor, enormes blocos de gêlo, os arremessavam contra o dique, onde se amontoavam, retendo a corrente e fazendo-a violentamente transbordar.

Travava-se então o mais estranho dos combates: às insolências do Mosa solidificado, respondiam os roterdamen-

1 *Vide* Ramalho Ortigão: *A Holanda*, págs. 120 e 121, da 3.ª edição, Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1900.

ses com tiros de canhão que derribavam os temíveis baluartes de gêlo, tantas vêzes causadores do maior flagelo que os haja atormentado: as inundações.[2]

Nessa cidade singular, que se tem defendido contra a água até a tiros de canhão, nasceu o humanista filósofo numa casa pequenina — *"haec est parva domus magnus qua natus Erasmus"* — dizia a inscrição nela colocada: "Esta é a pequenina casa onde nasceu o grande Erasmo".

Não muito longe, em acabamento nessa época, ficava a catedral, cujo sino, quebrando a monotonia ambiente, lembrava e suavizava a tristeza irremediável do tempo que fugia.

O pai de Erasmo, Gerrit Praet, era clérigo, e, por isto, não pôde legitimá-lo, dando-lhe o humilde nome de Gerrit Gerritzoon, que se traduz por Gerardo, filho de Gerardo. Só mais tarde foi êste nome substituído pelo pseudônimo literário de *Desiderius Erasmus*, que passaria à posteridade e significa "o desejado amável".*

Até em seu nascimento foi Erasmo um símbolo de seu século. Nada mais comum, então, do que os bastardos e, defendendo-o contra a increpação que Escalígero pretendeu fazer-lhe a êsse propósito. Pontus Heuterus o incluiu no *Tratactus de libera hominis nativitate seu de liberis naturalibus*, onde cataloga os bastardos ilustres até então surgidos,[3] salientando mesmo a benéfica influência de um nascimento ilegítimo para a formação dos grandes homens, conceito paradoxal que, por vêzes, não deixa de ser verdadeiro quando se compara um Dom João de Lepanto com seu irmão Felipe II, e um D'Alembert com seus medíocres parentes, filhos legítimos.

2 *Vide* Edmundo de Amicis: *A Holanda*, pág. 36 da trad. francesa de Frédéric Bernard, Paris, Librairie Hachette, 1878.

* Em conseqüência de sua atitude relativamente a Lutero e à Reforma, os seus adversários protestantes puseram a circular, no século XVI, acêrca do nome *Erasmo*, o epigrama de mau gôsto:

"Quaeritur unde tibi sit nomen Erasmus?
Eras mus."
"Indaga-se de onde tiraste o nome Erasmo?
Eras rato."

3 *Vide* Pontus Hauterus: *Tractatus de libera hominis nativitate, seu de liberis naturalibus, apud* Bayle: *Dictionnaire Historique et Critique* vol. VI, pág. 219 da ed. Beuchot, Paris, 1820.

Talvez tivesse Erasmo em vista a sua origem, quando, no *Elogio da Loucura,* faz esta última gabar-se de não ser o fruto de triste matrimônio, como o coxo Vulcano, mas, repetindo palavras de Homero, haver sido gerada "entre os deliciosos transportes do amor".[4]

Podia Pontus Heuterus fàcilmente demonstrar a sua tese, de vez que, por êsse tempo, eram os filhos naturais quase tão freqüentes quanto os legítimos, pois mesmo os clérigos, como o bom Gerrit Praet, não se dispensavam de tê-los.

Bastardia no Século XV

Na segunda metade do século XV proclamara Pio II, com pleno conhecimento de causa, haver sido o casamento, com fortes razões, interdito aos padres, mas que, por outras razões, mais poderosas ainda, devia ser-lhes permitido.[5]

Digo — proclamara Pio II com conhecimento de causa — porque, participando, quando jovem, o nascimento de um filho, escreveu a seu pai:

"Certe nec lapideum, nec ferreum genuisti filium, cum tu esses carneus. Scis qualis tu gallus fueris. At nec ego castratus sum, neque ex frigidorum numero... Non video cur tantopere damnari coitus debeat, cum natura quase nihil perperam operatur omnibus ingenuerit animantibus hunc appetitum ut genus continuaretur humanum."[6]

Em vernáculo, *atenuadas as cruezas,* foi o seguinte o que escreveu o futuro Sumo Pontífice:

"Não engendraste, certamente, sendo tu de carne, um filho de pedra ou de ferro. Sabes quanto fôste dado ao amor

4 *Vide* Erasmo: *Elogio da Loucura,* pág. 15 da trad. francesa de Thibault Laveaux, Paris, rue de Beaune, à l'enseigne du Pot Cassé.

5 *Sacerdotibus magna ratione sublatas nuptias majori restituendas videri* — era, segundo Platina em suas *Vidas dos Pontífices,* uma das sentenças favoritas de Pio II. Conf. Burckhardt: *A Civilização na Itália da Renascença,* vol. II, págs. 232 e 233, da trad. franc. de Schmitt, Paris, Plon, 1885. *Vide* também Voltaire: *Essai sur les Moeurs,* cap. CXXVII, pág. 381 do t. III das *Oeuvres Complètes,* Paris, Firmin Didot Frères, Éditeurs, 1855.

6 Aeneas Sylvius: *Opera,* Basiléia, 1571, pág. 511, *apud* Philippe Monnier: *Le Quattrocento,* vol. I, pág. 47.

e que nem sou eunuco, nem do número dos frígidos. Não vejo por que condenar tanto a prática do amor, quando a natureza, que nada faz em pura perda, incute a todos os sêres êsse impulso a fim de perpetuar-se o gênero humano."

Se assim pensava um humanista, que foi um dos Papas mais eminentes de seu século, não é de estranhar cobrassem então vários bispos, aos padres de suas dioceses, um tributo anual pela licença de se amancebarem, tributo que eram obrigados a pagar, usassem ou não da prerrogativa correspondente — abuso intolerável contra o qual se rebelara, em vão, o Concílio de Basiléia.[7]

Jacques de Croy, Arcebispo de Cambrai, oficiava, por essa época, pontificalmente, entre seus trinta e seis bastardos.[8] É dêle a célebre cláusula testamentária em que declarava: "reservar uma soma para os bastardos que esperava ainda lhe faria Deus a graça de conceder, caso viesse a escapar do perigoso transe em que se achava."[9]

Na Holanda recusavam-se as cidades, no século XV — registra, em sua *Cosmografia,* o Papa Pio II — a receber párocos que não trouxessem consigo uma concubina, "pelo receio" — explica o Sumo Pontífice — "de corromperem a mulher do próximo".[10]

Em certa fase da Idade Média, os clérigos tinham o privilégio de escapar à justiça leiga, qualquer que fôsse o crime por êles cometido, inclusive o de homicídio. Pois uma lei de Roberto d'Anjou, rei de Nápoles, cognominado o Sábio, estendeu, no século XIV, êsse privilégio às concubinas dos eclesiásticos — tão legítima era aos olhos de todos a sua instituição.[11]

7 *Vide* Abade Claude Fleury: *Histoire Écclésiastique,* livro CII, pág. 393 do vol. VI da ed. de Paris, Didier, 1844, cap. 68.

8 *Vide* H. Taine: *Philosophie de l'Art,* t. II, pág. 9, da 4.ª ed., Paris, Hachette, 1885.

9 *Vide* Voltaire: *Essai sur les Moeurs,* cap. CXXVII, pág. 381 do t. III das *Oeuvres Complètes,* Paris, Firmin Didot Frères, Éditeurs, 1885.

10 *Vide* H. Taine, *l. cit.,* pág. 74.

11 *Vide* Henry Hallam: *View of the State of Europe during the Middle Ages,* c. VII, pág. 383, nota 1, *reprint of fourth edition,* Ward, Lock, Bowden, and Co., London, New York and Melbourne.

Quanto aos bastardos leigos, os cronistas do tempo os nomeiam incessante e gravemente, podendo dizer-se não haver quem os não tivesse.

Poggio, o grande humanista restaurador dos principais clássicos latinos, tinha doze; Felipe, o Bom, Duque de Borgonha, quinze, e João, Duque de Clèves, sessenta e três, chamando-lhe os seus contemporâneos, "o fazedor de crianças" — *"le faiseur d'enfants"*.[12]

Muito mais legitimamente do que êle, merecia, entretanto, essa antonomásia, Níccolò d'Este, da Casa de Ferrara, que perfez a cifra redonda de trezentos... Um dos presentes de noivado do Duque de Ferrara, Hércules d'Este, à sua futura espôsa, Eleonora de Aragão, foi o retrato de uma de suas bastardas, executado por um dos pintores mais célebres da época.[13]

Sustentava Enéias Sílvius em sua vida de Frederico II que, no século XV, a maior parte dos príncipes reinantes na Itália haviam nascido fora do casamento. E, ao visitar Ferrara, em 1459, foi recebido por sete príncipes, todos filhos naturais.[14]

Outros Hábitos e Costumes do Tempo de Erasmo

Antes de narrar a vida do filósofo é útil focalizar certas idéias, hábitos e costumes de seu tempo, alguns dos quais persistiram até o século XVIII.

Infelizmente quase todos os historiadores ainda hoje apenas se preocupam com as guerras e os acontecimentos políticos, esquecendo-se dêsses outros aspectos que tanta luz projetam sôbre o evolver humano.

12 *Vide* Philippe Monnier: *Le Quattrocento — essai sur l'histoire littéraire du XVe. siècle italien,* t. I, pág. 47, Paris, Perrin et Cie. Libraires, éditeurs, 1901; Taine, l. cit., pág. 8; e Philippe de Commines: *Mémoires sur les règnes de Louis XI et Charles VIII,* pág. 144, nota 3 da ed. du Panthéon Littéraire, Paris, A. Desrez, Libraire-Éditeur, 1836.
13 *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.,* págs. 47 e 54.
14 *Vide* Dr. Luís Pastor: *História dos Papas,* vol. V, pág. 114 da trad. francesa de Furcy Raynaud, Paris, Librairie Plon, 5.ª ed., 1924.

Embora já não vigorasse, na Europa, o *benefício de clerezia*,[15] isto é, o indulto concedido a todo condenado à morte no caso de saber ler, era ainda, com exceção da Itália, imensa a ignorância reinante não só na massa, mas até nas classes elevadas, não sendo poucos os grandes senhores que, no tempo de Erasmo, não sabiam escrever o próprio nome, usando-se então muitas vêzes, em seu sentido próprio, a palavra *assinar*, que significa traçar uma cruz em lugar do nome.[16]

No atinente à medicina encontramos particularidades curiosíssimas.

Os reis de França passavam por ter o dom de curar as escrófulas, o que não impediu enviasse Luís XI a Nossa Senhora de Sales uma carta onde lhe implorava a "febre quartã", visto lhe garantirem os médicos que só através de tal febre podia recobrar a saúde...[17]

Já em pleno século XVI conta Cellini que lhe havendo entrado pequena farpa de aço num dos olhos, o tratamento feito pelo cirurgião foi lavar o ôlho doente com o sangue gotejante de uma veia aberta debaixo da asa de um pombo nôvo. Sentiu-se imediatamente aliviado, e, o que é mais, saiu espontâneamente, daí a dois dias, a farpa, ficando inteiramente curado e até com a vista mais aguda do que antes...[18]

Por essa época, segundo alguns, pela primeira vez se registrou, na patologia, a sífilis, cuja origem foi errôneamente atribuída à América. Assumiu, então, o caráter epidêmico, sendo chamada pelos italianos o "mal francês", e, pelos franceses, o "mal italiano"; pelos poloneses, o "mal alemão"; pelos russos, o "mal polonês", e, finalmente, pelos turcos, o "mal cristão..." Nada mais extravagante do que as primeiras tentativas para o seu tratamento, assim como o que se praticava

15 *Vide* Voltaire, *l. cit.*, pág. 253.

16 *Vide* Du Cange: *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis, verbum Crux*, pág. 632, segunda coluna, *in fine*: *"Ego Witheredus Rex Cantiae omnia supra scripta confirmavi, atque a me dictata propria manu signum sanctae Crucis pro ignorantia litteratum expressi"*, tomo II, pág. 632, Niort, L. Favre, Imprimeur-éditeur, 1883.

17 *Vide* Voltaire, *l. cit.*, pág. 309.

18 *Vide La Vita di Benvenuto Cellini scritta da lui medesimo*, págs. 398 e 399, Torino, 1913, Libreria Editrice Internazionale.

relativamente ao câncer, o qual, ainda na segunda metade do século XVII, era tratado com água de cal e cicuta.[19]

Instrutivo sôbre o que foi a medicina até tempos bem recentes, como o primeiro quartel do século XVIII, é o livro de um dos médicos dos Reis de Portugal, "médico dos Soberanos e Soberano Médico", diz o censor do Santo Ofício, Frei João de Santo Agostinho, ao aprovar-lhe a obra.

Trata-se (respeitada a ortografia original) da *"Atalaya da Vida contra as Hostilidades da Morte, Fortificada e Guarnecida com tantos Defensores quantos são os Remédios que no discurso de Sincoenta e Oyto Annos Experimentou João Curvo Semedo, Cavalleyro Professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, e Médico da Caza Real, Offerecida a Christo Jesus Crucificado"*, Lisboa, 1720.

Vejamos algumas das receitas do Dr. Curvo Semedo, o qual, segundo Inocêncio, é, "dos antigos da medicina portuguêsa, o que escreveu com maior correção e propriedade de linguagem no tocante à sua faculdade, e por isto os críticos o reputam texto nesta parte".

Sob o título: *Almorreimas que saem do seu lugar se recolhem com os seguintes remédios*, discorre: "A experiência de 58 anos me tem mostrado que recolher as almorreimas com um pequeno de pano da camisa, ou do lançol, em que estivesse amortalhado qualquer defunto, as recolhe de modo que raras vêzes tornam a sair. Dêste remédio tenho visto efeitos quase milagrosos, e de que pudera alegar muitos exemplos se a modéstia o permitira.

"Certo homem italiano, Cavaleiro da Ordem de Cristo, e pessoa fidedigna me certificou, que o maior remédio que havia para as almorreimas se recolherem, era vê-las a um espelho dobrando o corpo para baixo e pondo um espelho de trás do traseiro, porque aquela vista bastava para que elas se recolhessem e curassem por uma antipatia oculta."[20]

No artigo *Cão danado*, aconselha: "Beber três dias sucessivos em jejum um copo de urina podre, quero dizer fe-

[19] *Vide* Mme. de Motteville: *Mémoires sur Anne d'Autriche et sa Cour*, t. IV, págs. 363, 365 e 403, Paris, Charpentier, Libraire Éditeur, 1855.
[20] *Vide* João Curvo Semedo: *Atalaia da Vida contra as Hostilidades da Morte, Lisboa*, 1720, pág. 19.

dorenta, se estima por remédio presentâneo e eficaz, que nas terras de Entredouro e Minho se não usa de outro."[21]

No artigo: *"Os estercos de vários animais têm grandes virtudes"*, preleciona: "O de homem, feito em pó sutilíssimo deitado muitos meses dentro nos olhos que têm névoa, lha gasta.

"O mesmo estêrco fresco e acabado de sair do corpo aplicado sôbre o ôlho fechado que tiver catarata, dizem que a desfaz; não tenho experimentado, mas quando se aplique não fará dano.

"O dos ratos feito em pó, e dado em quantidade de uma oitava em três onças de água cozida com macela galega, cura certìssimamente as dores de cólica.

"O estêrco do lôbo tem a mesma virtude.

"O de pato dado por quinze dias em quantidade de meia oitava, misturado com uma xícara de água cozida com fôlhas de morangãos, cura as icterícias por virtude específica.

"O de burro sêco e dado em fumos por baixo, cura as câmaras desenfreadas, contanto que se continue oito dias pela manhã e à noite, estando o doente purgado com o meu xarope das câmaras.

"O de vaca do mês de maio, destilado por alambique de vidro ou vidrado, tem maravilhosa virtude para a asma, ou falta de respiração espasmódica ou convulsiva, tomando por nove ou dez dias sucessivos quatro onças da tal água em jejum, bebida sôbre quatro colheres de xarope de hissopo. Com êste remédio curei a Ilustríssima Senhora Dona Inês de Castro, Religiosa do Convento da Anunciada, a qual havia cinco anos padecia acidentes asmáticos espasmódicos tão violentos, que em cada um esperava a morte, e com êste remédio sarou perfeitamente e viveu depois disso quarenta anos."[22]

Não se trata, como se vê, de charlatão, mas de médico de uma Casa Real, citando freqüentemente as altas personalidades curadas com os seus receituários. Assim, a propósito de um de seus tratamentos de aftas, alega: "Em uma senhora filha do Excelentíssimo Senhor D. Nuno Álvares Pereira de Melo, Duque de Cadaval, e em um filho de C. Tomás de

21 *Idem, ibdem*, pág. 127.
22 *Idem, ibidem*, págs. 240 e 241.

Nápoles e Noronha aproveitou êste remédio tão prontamente que em poucas horas ficaram são da bôca, como os curiosos o poderão saber de testemunhas de tanta autoridade. Dêste serviço e de outros muitos, que deixo escrito para o bem comum, nenhum agradecimento espero dos homens, enquanto vivo, mas só depois de morto o confessarão, porque *invidia non transgreditur sepulcrum.*

E, note-se, a medicina da época não curava, apenas, as doenças físicas, atendendo também eficazmente aos casos morais, como o revela esta receita:

"Para que um amancebado aborreça a sua manceba, e a manceba aborreça ao amancebado, metam um pouco de estêrco do amancebado nas solas dos sapatos da manceba, e o estêrco da manceba nos sapatos do amancebado, e se aborrecerão de sorte que êles se apartarão sem que a justiça os obrigue."[23]

É prudente não citar mais o preclaro médico de Sua Majestade El-Rei Dom João, o Quinto de Portugal. Não se suponha, entretanto, fôsse uma exceção em sua época, de vez que Fontenelle registra, perante a Academia de Ciências de Paris, como um prenúncio da vocação médica de Boerhaave, o emprêgo por êle feito da própria urina para curar-se, aos quatorze anos, de uma úlcera que resistira a todos os tratamentos.[24]

Eis o único reparo que ao Dr. Braz de Oliveira Freire ocorreu ao apreciar a obra do Dr. Curvo Semedo:

"Só parece que repugna ao título dêste livro o nome de Pecúlio, porque sendo o Pecúlio, como fica dito, uma pequena parte dos cabedais e riquezas de cada um, e sendo êste livro um Tesouro da Ciência do Autor, porque fêz nêle o que em Parábola tinha feito aquêle Grande Pai de Famílias do Evangelho, parece lhe não fica adequado o sobredito nome. Porém, a esta dúvida satisfaz a modéstia do Autor, intitulando Pecúlio, ao que realmente é Tesouro e tão copioso, que dando aos que o lerem um Tesouro de remédios para

23 *Idem, ibidem*, pág. 31.
24 *Vide* Fontenelle: *Éloges des Académiciens*, t. IV, pág. 284, Londres, 1785.

suas doenças, ainda fica o autor rico para tôda a posteridade."[25]

Depois da medicina, lembremos algumas das idéias relativas ao Direito Penal e Público durante os tempos que imediatamente antecederam e se seguiram à época de Erasmo.

Nos crimes políticos usava-se arrancar os dentes dos condenados.[26] O que fôsse essa penalidade, é fácil imaginar quando se considera que tal operação se fazia sem o menor analgésico, não só por não existir, mas por se tratar de castigo.

A legislação penal de Milão, organizada no século XIV por Barnabo Visconti, determinava taxativamente dever o condenado à morte ser primeiro submetido a quarenta dias de suplícios.[27]

Em 1413 passou a vigorar na Inglaterra uma lei contra os que cortassem a língua e vazassem os olhos a quem quer que fôsse, crime então extremamente comum, dizia a lei.[28]

Quanto aos regulamentos de caça, em virtude dos quais se amputava a mão ou o pé dos delinqüentes, basta lembrar que um rei tão humano quanto Henrique IV de França ainda estabeleceu, no século XVII, a pena de morte contra os que fôssem pilhados, por duas vêzes, caçando nas florestas reais.[29]

A servidão da gleba ainda existia em alguns países da Europa, e, na Inglaterra, até o último quartel do século XVI, em pleno reinado de Elisabeth, continuava a ser feita a venda de servos em regiões distantes dos centros urbanos.[30] Em França a servidão só acabou definitivamente com a Revolução Francesa. Os monges do Jura conservaram, até então, os seus servos, o que levou Voltaire a dizer em 1778: "ainda se encontram alguns cantões de França onde o povo é escravo, e, coisa horrível e contraditória, escravo de monges."[31]

Na Prússia a massa era quase tôda politeísta e escrava, e, na Polônia, muito tempo depois da época de Erasmo, man-

25 *Vide* João Curvo Semedo, *op. cit.*, licença do Paço.
26 *Vide* Voltaire, *op. cit.*, pág. 507.
27 *Vide* Henry Hallam, *op cit.*, pág. 203.
28 *Vide* David Hume: *History of England*, pág. 282 do vol. I da ed. de Ward, Lock and Co. London, New York and Melbourne, 1891.
29 *Vide* Henry Hallam, *op. cit.*, pág. 610.
30 *Idem, ibidem, págs.* 105, 569 e 570.
31 *Vide* Voltaire, *l. cit.*, pág. 284.

tiveram os senhores o direito de vida e morte sôbre os seus servos.

A Rússia não passava então de agregado de selvagens semicristãos, que seus padres enterravam com um bilhete para São Pedro e São Nicolau, colocado em suas mãos, e essa era a maior manifestação de seu cristianismo.[32] Além de Moscou, ao nordeste, tôdas as aldeias eram francamente politeístas.

O direito de *cuissage, markette,* prelibação ou pernada, que era o direito de passar o senhor feudal a primeira noite de núpcias com tôda donzela plebéia que se casasse em seus domínios, embora ainda existisse, se havia transformado, nas regiões mais civilizadas da Europa, em tributo em dinheiro.[33] O curioso é que vários bispos e abades gozavam dêsse direito na qualidade de detentores de feudos eclesiásticos.

A situação das classes populares do campo, mesmo livres, era ainda quase a própria escravidão. Além dos tributos e trabalhos gratuitos a que eram obrigadas relativamente aos senhores, estavam ainda sujeitas a tôda sorte de vexações. Uma lei de Henrique IV de Inglaterra proibia, por exemplo, no século XV, a quem quer que não possuísse vinte xelins de renda, fazer ensinar a seus filhos qualquer ofício.[34] Ainda na Inglaterra, no século XIV, uma lei estabelecia, ao contrário do que se faz hoje, o "salário máximo".[35]

Questão grave que vez e outra preocupava, em França, os juízes do tempo de Erasmo, eram os casos de divórcio por motivo essencial. A fase decisiva do processo consistia no que se chamava "congresso" ou *combat en champ clos,* após o qual as pessoas encarregadas da delicada vistoria emitiam o parecer que decidia, *in concreto,* da questão.[36]

32 *Idem, ibidem,* pág. 354.
33 *Idem, ibidem,* pág. 196.
34 *Vide* David Hume: História de Inglaterra, t. II, pág. 571, nota 1, da trad. francesa de Campenon, Paris, Furne & Cie., Libraires-Éditeurs, 1839.
35 *Vide* Henry Hallam, *op. cit.,* pág. 566.
36 *Vide* Voltaire: *Dictionnaire Philosophique,* pág. 725 do t. VII das *Oeuvres Complètes,* ed. Didot, Paris, 1855, Sôbre a "prova do congresso", *vide* Pierre Bayle: *Dictionnaire Historique et Critique, verbum Quellenec,* págs. 375 a 384 do vol. XII da ed. Beuchot, Paris, 1820.

O que era a crueza de sentimentos da época podemos avaliar pelo que se praticava em relação aos prisioneiros. Quatrocentos inglêses capturados por Carlos VII em Pontoise, em 1441, depois de exibidos nus pelas ruas de Paris e expostos à irrisão do povo, foram afogados no Sena.[37]

Em 1476 Carlos, o Temerário, aprisiona, em Granson, quinhentos alemães e os faz imediatamente enforcar.[38] Já em 1466, seu pai, Felipe, o Bom, mandara afogar oitocentos prisioneiros feitos na guerra contra Liège.[39]

Não é, pois, de estranhar a crueldade de Vasco da Gama em sua segunda viagem à Índia, assim narrada por um flamengo que a presenciou: "Tomamos uma nau de Meca, onde iam a bordo trezentos passageiros, entre êles mulheres e crianças, e, depois de sacarmos dela mais de 12.000 ducados de dinheiro e pelo menos 10.000 de fazenda, fizemo-la saltar com os passageiros que continha por meio da pólvora, no 1º de outubro."[40]

Gaspar Correia, célebre por suas crônicas e por haver sido secretário de Afonso de Albuquerque, "o terríbil", assim refere outra façanha do "ilustre Gama":

"Então o Capitão-Mor mandou a tôda gente cortar as mãos e orelhas e narizes e tudo isso meter em um pager... E a todos os negros, assim justiçados, mandou atar os pés, porque não tinham mãos para se desatarem, e porque se não desatassem com os dentes, com paus lhes mandou dar nêles que nas bôcas lhos metessem por dentro e foram assim carregados uns sôbre os outros embrulhados no sangue que dêles corria e mandou sôbre êles deitar esteiras e ola sêca e lhe mandou dar as velas para terra com o fogo pôsto, que eram mais de oitocentos mouros."[41]

É por isso que ao contar, em sua *História Eclesiástica*, que o Cardeal Ximenes se preocupou em enviar bons missio-

[37] *Vide* Henry Hallam, *op. cit.*, pág. 60.

[38] *Vide* Bossuet: *Histoire de France*, pág. 254 do t. XXIV das *Oeuvres Complètes*, Paris, Mellier Frères, 1849.

[39] *Vide* Commines, *op. cit.*, pág. 34.

[40] *Apud* Oliveira Martins: *História de Portugal*, t. I, pág. 230, Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1913.

[41] *Vide* Gaspar Corrêa: *Lendas da Índia*, publicadas de ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa, sob a direção de Rodrigo José de Lima Felner, t. I, pág. 302, Lisboa, 1858.

nários ao Nôvo Mundo, pondera o Abade Fleury que mais acertadamente teria andado o ministro de Fernando e Isabel começando as suas missões pelos próprios descobridores espanhóis e portuguêses, extremamente corrompidos e perversos.[42]

Freqüentes, nessa época, eram as cerimônias religiosas para a investidura de armas destinadas a matar cristãos. Ao mencioná-las, revolta-se Hallam em sua *História da Europa na Idade Média,* como se tivessem cessado para sempre e não devessem ser revividas em nossos dias.[43]

Passando a outra ordem de considerações, vemos ser extremo o desconfôrto reinante nesses tempos. Basta dizer que os palácios dos maiores reis e senhores não possuíam água corrente, nem instalações sanitárias. Não existiam também lampiões para a iluminação, que se fazia com tochas e lamparinas, assim mesmo apenas nas casas dos possuidores de grandes fortunas, sendo a iluminação comum obtida com lenha sêca.

Quanto ao fogo, era grande a dificuldade de obtê-lo, porquanto sòmente no século XVII se descobriu o fósforo, o qual só veio a ser industrialmente preparado no século XIX, e é isto o que explica a instituição, entre os antigos, do "fogo sagrado", guardado, dia e noite, por determinadas ordens sacerdotais, como, em Roma, as Vestais.

Geralmente se comia com a mão. Os reis e nobres utilizavam-se, por vêzes, de uma colher para a sopa e de uma faca para a carne.[44] As rainhas, princesas e senhoras da mais alta linhagem só para as frutas e doces usavam o garfo, introduzido no século XIII, sendo comum comerem os cavaleiros com as damas no mesmo prato e beberem no mesmo copo, o que era um requinte de elegância.[45] Só em princípios do

42 *Vide* Abbé Fleury, *op. cit.,* t. VI, pág. 457.
43 *Vide* Hallam, *op. cit.,* pág. 664.
44 *Vide* Frantz Funck-Brentano: *La Société au Moyen Age,* pág. 22, Paris, Flammarion, 1937, e Joseph Calmette: *La Société Féodale,* 3.ª ed., Librairie Armand Collin, Paris, 1932.
45 *Vide* Léon Gautier: *La Chevalerie,* pág. 630 da ed. Sanard et Derangeon, Paris, sem data, e Legrand d'Aussy: *Fabliaux ou Contes du XIIe et du XIIIe siècle,* t. I, pág. 24 da ed. de Paris, Eugène Onfroy Libraire, 1781.

século XVII vulgarizou-se, na côrte de França, o uso do garfo, e, ainda no século XVIII, o pai de Frederico, o Grande, esbofeteou-o por servir-se do garfo francês, com três dentes, e não do garfo, ainda então adotado na Prússia, com dois dentes apenas.[46]

Castiglione, em seu célebre *Cortegiano*, publicado em meados do século XVI e no qual registra os hábitos mais finos introduzidos nas côrtes italianas da época, conta que um dos divertimentos prediletos na mesa consistia em se atirarem recìprocamente os convivas tigelas de sopa, e, bem assim, em fazer apostas para ver quem comia maior quantidade de coisas fétidas e repelentes.[47] Os ossos, espinhas e quaisquer detritos eram arremessados ao chão.

Quanto à limpeza do corpo, basta lembrar que Luís XIV, o Rei Sol, trazia constantemente consigo agulhas de crochê para defender-se contra a comichão que lhe provocavam, sob a monumental cabeleira, hóspedes incômodos...[48] Os banhos dos reis e grandes do tempo eram acontecimentos tão surpreendentes que passavam para a História. Se isto se dava com os soberanos, imagine-se o que seria com o povo. Erasmo, que herdou de sua raça a neurose do asseio, atribuía à extrema imundície dos inglêses as epidemias tão freqüentes na Grã-Bretanha de seu tempo.[49]

Aqui ocorre a pergunta: como se explica que sendo os romanos, os gregos e os muçulmanos grandes adeptos do banho, não havendo cidade romana onde não se encontrassem termas, como se explica que os mesmos romanos, depois de adotarem o cristianismo, se hajam feito inimigos sistemáticos das abluções? É que, considerando o cristianismo a vida terrena miserável destêrro e colocando o seu ideal de perfeição na contínua contemplação da Divindade, passou a condenar o cuidado com o corpo e as coisas do mundo. Prazer

46 *Vide* Ernest Lavisse: *La Jeunesse du Grand Frédéric*, pág. 136, Paris, Hachette, 1906, e Pierre Gaxotte: *Frédéric II*, pág. 34, Paris, Librairie Arthème Fayard, 1938.
47 *Apud* Ph. Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 55.
48 *Vide* Alfred Franklin: *Vie Privée d'Autrefois*, citado por Jaime Ségnier (*Alter Ego*): *A Higiene do Passado*, artigo no *Jornal do Comércio* de 20 de outubro de 1922.
49 *Vide* Hume, *op. cit.*, pág. 479.

e crime, em linguagem cristã, eram sinônimos, sendo, portanto, pecado grave os cuidados com o corpo, ou seja com a carne, destinada aos vermes e causa de tôda a nossa desgraça, relativamente à qual não devia o homem desviar sua atenção, empregada com maior proveito em meditar sôbre as transcendentes perfeições divinas.

Coerentes com essas idéias, os Santos relegavam a um plano secundário a miserável carne, que os impedia de imediatamente se evolarem para junto da Divindade. Santa Teresa de Jesus conta, entre os seus pecados graves antes de atingir a perfeição cristã, o gôsto e a preocupação que tinha com a limpeza de suas mãos. Mais tarde, porém, depois de haver ingressado no caminho da santidade, a simples vista da água inspirava-lhe verdadeiro horror, como ela própria registra em sua autobiografia.[50]

É fácil imaginar o que eram as cidades européias no tempo de Erasmo, quando se sabe que não possuindo as casas esgotos, nem existindo o serviço de lixo ou limpeza pública, as imundícies eram, à noite, atiradas nas ruas, sendo impossível quase dar-se um passo sem encontrar algo muito desagradável. Leia-se em Commines a que foi devida a queda de que resultou a morte de Carlos VIII ao penetrar, com sua mulher, a Rainha Ana de Bretanha, numa das galerias de seu Palácio, onde se jogava a péla. Também elucidativo sôbre o que eram as cidades no tempo de Erasmo é o Decreto, de 23 de agôsto de 1565, do Sumo Pontífice Pio IV, através do qual se vê que ainda nesse ano Roma era formada por uma multidão de estreitas ruelas, tendo apenas poucos palmos de largura e nas quais se lançavam tôdas as espécies de sujeiras. Os muros apodreciam dos dois lados, desprendiam tremendas exalações e acabavam ruindo. Aumentando o mau cheiro e a insalubridade, muitas casas deixavam em comunicação com o ar livre pequenas cloacas pelas quais tôdas as imundícies imagináveis eram atiradas na rua. O ar era ainda infectado pelos intoleráveis odores inseparáveis da fabricação de velas de sebo e de curtumes espalhados por tôda a

[50] *Vide*: *Vie de Sainte Thérèse écrite par elle-même,* traduite sur le manuscrit original par le Père Marcel Bouix, de la Compagnie de Jésus, t. I, pág. 12, Paris, Librairie Victor Lecofre, J. Gabalda Éditeur, 1923.

cidade. Além disto, tirando a vista e até a luz, galerias de madeiras ligavam freqüentemente uma casa à outra em cada lado da rua.[51]

As casas de Paris e Londres eram quase tôdas de taipa, e o seu mobiliário de extrema pobreza. Um grande castelo de Inglaterra — o de Skipton, orgulho dos Condes de Cumberland e um dos mais suntuosos da região — apenas possuía, já em fins do século XVI, oito leitos, sem que em seus quartos se encontrassem cadeiras, espelhos ou tapêtes.[52]

As grandes senhoras, e até rainhas e princesas, só viajavam e andavam pelas cidades na garupa dos cavalos. Em 1507, ao receber Luís XII, em Nápoles, sua sobrinha, a Rainha de Espanha, mulher de Fernando, o Católico, "tomou-a na garupa, de acôrdo com a moda do tempo, e os senhores da Côrte fizeram outro tanto com as demais Damas".[53]

Durante o reinado de Francisco I, os dois únicos côches existentes em Paris eram os da Rainha e o da amante do Rei, Diana Poitiers.[54] O que representavam de desconfôrto é fácil de ver, quando se considera qual o calçamento de Paris nessa época.

Sendo ainda mui pouco vulgares os relógios portáteis, que só foram fabricados, pela primeira vez, no reinado de Carlos VII, media-se o tempo, na época de Erasmo, pela duração de uma reza: "mal havíamos andado o espaço de dois padre-nossos", diz Commines em suas *Memórias* sôbre Luís XI.[55] E Cellini, no século XVI, ainda assim se exprime: "Pompeu, depois de permanecer aí o tempo de dizer duas Ave-Marias."[56]

É por essa época que, em conseqüência da emancipação dos escravos, começa a acentuar-se a tendência moderna para a economia, cada vez maior, dos esforços humanos, progres-

51 *Vide* Commines, *op. cit.*, pág. 264, e Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, vol. XX, págs. 466 e 467 da trad. de Albert Poizat, Librairie Plon, Paris, 1938. Sôbre a imundície nos palácios reais do Louvre e de Versailles, ver Frantz Funck-Brentano: *L'Ancien Régime*, págs. 234 e 240, Paris, Arthème Fayard éd., 1926.

52 *Vide* Hallam, *op. cit.*, pág. 638.

53 *Vide* Bossuet, *op. cit.*, pág. 337.

54 *Vide* Voltaire, *op. cit.*, pág. 364.

55 *Vide* Commines, *op. cit.*, pág. 55.

56 *Vide* Cellini, *op. cit.*, pág. 152.

sivamente substituídos pelas fôrças naturais, das quais os antigos se utilizavam tão pouco.

Essa tendência característica, principal fonte do surto da indústria moderna, remonta ao século XIII, com o aparecimento dos primeiros moinhos movidos a vento e a água, os quais resultaram, como inúmeras outras invenções mecânicas, mais da situação social do que do estudo racional da natureza, muito imperfeito ainda sob êsse aspecto. É o que salienta Augusto Comte, fazendo ver que a existência generalizada da escravidão constituía, entre os antigos, ainda mais do que a imperfeição de seus conhecimentos, o principal obstáculo à introdução das máquinas, cuja necessidade não podia ser suficientemente compreendida enquanto se dispunha, para os diversos trabalhos materiais de uma provisão quase indefinida de fôrças inteligentes.[57]

A conquista mais notável a êsse respeito, no tempo de Erasmo, foi a imprensa, que veio completar a instituição da escrita mediante o aceleramento das cópias. É curioso haverem sido os primeiros livros impressos, aparecidos em França, apreendidos por ordem do Parlamento e da Universidade de Paris, sob a alegação de serem feiticeiros os livreiros de Mogúncia que os vendiam. Foi sòmente graças à interferência de Luís XI, que a tremenda acusação deixou de prosseguir seus trâmites legais, indenizando o Rei os livros apreendidos.[58]

O açúcar, que só foi introduzido na Europa no século XII, era, antes dos grandes descobrimentos marítimos, exclusivamente utilizado em medicina, sendo os doces confeccionados com o mel, e, daí, a importância da apicultura entre os antigos e durante a Idade Média.

Quanto ao fumo, café, chá e chocolate eram absolutamente desconhecidos na Europa, sendo apenas a partir do século XVI que começaram a entrar em voga. Também o espargo, a alcachôfra, a couve-flor e outras hortaliças próprias para saladas, só por êsse tempo se introduziram na Inglaterra, onde, em 1547, ao terminar o reinado de Henrique

[57] *Vide* A. Comte: *Cours de Philosophie Positive*, t. V, págs. 329 e 330 da 4.ª ed., Paris, 1877.
[58] *Vide* Voltaire, *op. cit.*, págs. 308 e 367.

VIII, se principiou a fazer a cultura de cenouras e nabos. Quanto à batata, foi pela primeira vez aí levada, em princípios do século XVII, por Walter Raleigh, só se divulgando, porém, o seu plantio bem mais tarde.[59] Em França, apenas por ocasião da Revolução Francesa os campônios travaram conhecimento com a preciosa solanácea, encontrando o seu consumo grande resistência, à vista de sua origem protestante.[60]

Quando, no século XVI, a Rainha Catarina de Aragão, mulher de Henrique VIII, queria saborear uma salada, era preciso enviar, de Londres, uma embarcação especial aos Países-Baixos, a fim de buscar as hortaliças com que prepará-la.[61]

Um escritor do século XIV conta que na Itália, uma das regiões da Europa mais florescentes nessa época, pequena provisão de trigo correspondia a uma fortuna. O comum do povo, só três vêzes por semana comia carne, e, assim mesmo, fria, na refeição da tarde.[62] Por aqui se pode avaliar o que fôsse a subnutrição por êsse tempo, de vez que a carne constituía o forte da alimentação, daí decorrendo a freqüência de epidemias numa população permanentemente desnutrida.

Além de seu atrativo próprio, numa civilização de caráter ainda preponderantemente militar, de vez que a guerra é apenas a mais difícil e perigosa das caçadas, dada a equivalência fundamental entre a prêsa e o caçador,[63] compreende-se apresentar então a caça um motivo altamente relevante. É que, antes de se melhorarem as pastagens naturais, descobrindo-se novas forragens para o gado, era impossível, no inverno, conservar a maior parte dêle, que era abatida, conservando-se a carne salgada para o seu consumo na estação

59 *Vide* Hume, *op. cit.*, pág. 434; Hallam, *op. cit.*, pág. 645; e André Maurois: *Histoire d'Angleterre*, págs. 359 e 491, Paris, Arthème Fayard, éditeur, 1937.
60 *Vide* Erckmann-Chatrian: *Histoire d'un Paysan*, págs. 16 *et passim*, Paris, Librairie Hachette, 1924.
61 *Vide* Hume, *op. cit.*, pág. 434.
62 *Vide* Hallam, *op. cit.*, pág. 630.
63 *Vide* A. Comte: *Système de Politique Positive*, t. III, pág. 57, Paris, 1853.

fria. Nestas condições, podemos avaliar com que delícia seria saboreada, no inverno, a mais insignificante caça, cujas leis não eram, portanto, apenas inspiradas por motivos de fútil passatempo.[64]

Também as fomes eram, como se sabe, freqüentes na Idade Média, e, enquanto duravam, muitas vêzes o homem voltava à antropogafia primitiva. Em França, já no século XV, uma lei suntuária de Carlos VI determinava: *"Nemo audeat dare praeter duo fercula cum potagio"*: "Que ninguém ouse dar senão dois pratos com a sopa."[65]

Aliás, a mesma interferência governamental existia quanto às vestes, cujos panos eram regulados por lei. Enormes eram a raridade e a carestia dos tecidos, fiados a mão, e, por isso, as roupas, assim como os sapatos, passavam, nas classes populares, por via de herança, de avós a netos.[66] Adam Smith inclui a camisa entre os objetos que, só em seu tempo, deixaram de ser considerados de "luxo" para um operário europeu.[67]

E assim devia ser, quando se sabe que Henrique II foi o primeiro rei francês a usar calções de sêda, notando um economista que ainda no século XVI um rei de Inglaterra emprestou os seus calções a um ministro, a fim de que êste pudesse comparecer à recepção de um embaixador de França.

Excessivos eram, então, os juros: em 1490 Carlos VIII de França tomou a banqueiros genoveses um empréstimo a 42% ao ano.[68] Pela doutrina da Igreja, então vigente, auferir lucro do empréstimo de dinheiro era pecado, e pecado grave, quando, na realidade, o empréstimo a juros é um comércio tão legítimo quanto qualquer outro, vendendo-se nêle o "uso do dinheiro", expressão que, na Idade Média, por influência das falsas idéias introduzidas a respeito, se tornou odiosa e passou a designar um crime.

64 *Vide* Hallam, *op. cit.*, pág. 610.
65 *Vide* Voltaire, *op. cit.*, pág. 278.
66 *Vide* Erckmann-Chatrian, *op cit.*, pág. 3.
67 *Vide* Adam Smith: *Pesquisas sôbre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, Paris, Guillaumin et Compagnie, Libraires, 1859, t. III, pág. 241.
68 *Vide* Commines, *op. cit.*, l. VII, cap. 4.º, pág. 197.

Tal concepção não podia deixar de acarretar exagerada majoração dos juros, porquanto quem fazia um empréstimo tinha de pagar ao credor não só o "uso" do seu dinheiro, mas ainda os riscos que, pelas idéias predominantes, êle corria.

Está provado pelos trabalhos estatísticos de Guéry e Quetelet achar-se a criminalidade na dependência da situação social correspondente, que a legislação penal mais draconiana não consegue modificar. É o que se verificava na época de Erasmo, sendo então os salteadores de estradas os heróis não só do povo, mas até das classes aristocráticas. Um magistrado inglês, Sir John Fortescue, envaidecia-se, no século XV, de haver maior número de inglêses enforcados em um ano do que franceses em sete. E, numa explosão de orgulho nacional, acrescentava: "Se um inglês pobre vê outro com riquezas, que esteja em seu poder roubar, não hesita em fazê-lo."[69]

O primeiro esbôço de alguma coisa parecida com a polícia, foi tentado por São Luís, rei de França, no século XIII, preocupando-se também com o assunto, no século XV, Luís XI. Mas, pràticamente, antes do século XVII, mesmo em Paris, pode-se afirmar ser quase inexistente a polícia. Leiam-se as *Memórias* de Cellini, tão vivas e instrutivas sôbre a Renascença, para se ter uma idéia do que era a insegurança, até em pleno dia, nas grandes capitais européias, como Paris e Roma, onde a todo momento se verificavam assaltos a mão armada.

Gozamos hoje da ordem instituída pela polícia — observava Fontenelle no século XVIII — sem nos darmos conta do trabalho que custa àqueles que a promovem e mantêm, assim como todos os homens se beneficiam da regularidade dos movimentos celestes sem o perceberem.[70] É mesmo notável que quanto mais a ordem de uma polícia se assemelha à dos corpos celestes, isto é, quanto mais insensível e ignorada, mais perfeita e trabalhosa é.

69 *Vide* Hallam, *op. cit.*, pág. 560.
70 *Vide* Fontenelle: *Éloge de D'Argenson*, pág. 163 da ed. dos *Éloges*, avec des notes de Francisque Bouillier, Paris, Garnier Frères éditeurs, sem data.

A distribuição da justiça na época de Erasmo era extremamente precária, bastando considerar haver Francisco I instituído a venda dos cargos judiciários, o que deu lugar às imortais sátiras de Rabelais sôbre Bridoie, juiz que só decidia através de dados.

Cellini diz haver conhecido, durante a sua permanência em Paris, pessoas cuja única profissão era a de comprar e revender demandas, sendo comum recebê-las em dote, tal a venalidade da justiça.[71]

É por isso que, ao referir-se à lei de Francisco I sôbre a adoção do francês nos papéis judiciários, nos quais até então só se usava o latim, pondera Voltaire que, afinal, os que tinham a desgraça de pleitear puderam lê-la em sua própria língua, livrando-se, assim, mais fàcilmente dos industriais do pleito.[72]

Embora a situação já não fôsse a do século XIII, quando um Concílio de Latrão ordenava, sob severíssimas penalidades, se observasse a paz pelo menos durante quatro anos, eram ainda mui freqüentes as guerras na época de Erasmo, bastando lembrar que só poucos anos antes do seu nascimento terminara a Guerra dos Cem Anos.

Os destinos da Europa dependiam, nesse e por vários séculos ainda, do matrimônio de seus príncipes, parecendo haver a Casa d'Áustria concebido o desígnio de engrandecer-se à custa de casamentos, e, daí, a fórmula célebre: *"tu, felix Austria, nube"*.[73] Aos dezesseis anos Carlos V, já rei de Espanha, contrata esponsais com uma filha de Francisco I que contava apenas um ano de idade. Vê-se, assim, a que se reduzia a arrogante divisa da Casa d'Áustria, representada pelas vogais A E I O U, as quais significavam: *"Austriae Est Imperare Orbi Universo"*, ou, em alemão, *Alles Erdreich Ist Osterreich Unterthan*: "À Áustria cabe imperar sôbre todo o mundo."[74]

71 *Vide* Cellini, *op. cit.*, pág. 330.
72 *Vide* Voltaire, *op. cit.*, pág. 378.
73 *Vide* Bossuet, *l. cit.*, pág. 324, e Voltaire, *op. cit.*, pág. 323.
74 *Vide* Hume: *História de Inglaterra*, t. III, pág. 137 da trad. francesa de Campenon, Paris, Furne et Compagnie, Libraires-éditeurs, Paris, 1839, e Hallam, *op. cit.*, pág. 300.

Comuníssimos eram, na época de Erasmo, os bobos, corcundas e anões da côrte, não havendo papa, rei ou príncipe, que os não tivesse em seus palácios, transformados em museus vivos de patologia, onde se reuniam os aleijões, monstros e casos teratológicos mais curiosos e sensacionais da época. A Duquesa de Milão, Beatriz d'Este, passava, em fins do século XV, dias inteiros numa sala chamada "dos Gigantes", distraindo-se com anões, corcundas, bobos, paranóicos e idiotas, papagaios e macacos, sendo os estigmas de degenerescência humana uma das diversões dos grandes do tempo.

Embora condenados, havia séculos, pela Igreja, continuavam em moda os torneios, que só desapareceram definitivamente no século XVII.

No tempo de Erasmo começavam a apurar-se as maneiras, permanecendo, porém, ferozes os corações. A nata social em meados do século XVI, sob a influência do humanismo e da renascença italiana, tendia a ser quase tôda constituída de letrados mais ou menos polidos, ao mesmo tempo que espadachins e assassinos. Suas ações — nota um autor — "são ainda de selvagens, mas seus raciocínios começam a ser de civilizados: são lôbos inteligentes. Ora, imaginai um lôbo a raciocinar sôbre a sua espécie: codificará o homicídio".[75]

A época de Erasmo é dos grandes e incomensuráveis ódios: *"et le duc Charles conçut une très merveilleuse hayne contre le conétable"* — registra Commines.[76] É por isto que Maquiavel erige em teoria que, para subsistir e vencer neste mundo, é preciso proceder como os celerados.

Inteligência superior e inflamado patriota, Maquiavel escreve o *Príncipe* para justificar ou, pelo menos, autorizar a traição e o assassínio, ou melhor, não autoriza, nem justifica: verifica e analisa, ligando, segundo salienta Augusto Comte, a causas puramente naturais os fenômenos políticos de seu tempo.[77] Fornece documentos e os comenta — sem amor

75 *Vide* Taine, *op. cit.*, t. I, pág. 203.
76 *Vide* Commines, *op. cit.*, pág. 64.
77 *Vide* A. Comte: *Cours de Philosophie Positive*, t. VI, pág. 257 da quarta edição, Paris, 1877.

nem ódio — *sine ira ac studio* — sem lisonja, nem censura, tal qual o geômetra estuda as propriedades do círculo, ou o biólogo a estrutura de um ser vivo. Um dos objetos de sua observação foi, como se sabe, César Bórgia, bastardo de Alexandre VI, que pertencia a essa família lombrosiana com uma predisposição e um talento particulares para o crime, qualquer que fôsse a sua natureza.

Certa vez César faz trazer ao pátio do Vaticano — conta Burchard — vários condenados, e, diante de seleta assistência, se compraz em flechá-los, vestido com uma roupa de punhos de renda.

"Matou também, debaixo do manto do Sumo Pontífice — é ainda Burchard quem o certifica — Peroto, um dos favoritos de Sua Santidade, e de tal modo que o rosto do papa ficou salpicado de sangue." Assassinou, ainda no palácio papal, seu cunhado, marido de Lucrécia.

Por ocasião do assassínio do Duque de Gândia, atribuído a seu irmão César, depois de vários inquéritos, foi descoberto um pescador que assistiu ao lançamento do cadáver no rio. Perguntado por que nada revelara ao governador de Roma, respondeu "não ter acreditado valer a pena, por haver visto, em noites diferentes, mais de cem corpos serem atirados no mesmo local, sem que jamais ninguém se incomodasse com isso".[78]

A vingança dos grandes era, então, o fratricídio, e o seu amor o incesto — comenta um historiador.[79] Nenhum político tinha escrúpulo em cometer uma perfídia útil a seus intentos: "a única vergonha é uma derrota" — registava Maquiavel.

Contando alguém a Fernando, o Católico (que alguns historiadores chamam o Pérfido), haver Luís XII se queixado de ter sido por êle enganado uma vez: "o bêbado mentiu — retrucou Fernando, cheio de ufania — eu o enganei mais de vinte vêzes!"[80]

Tão comuns e freqüentes eram os perjúrios dos Papas que o Abade Fleury diz serem os juramentos e compromissos

78 *Vide* Taine, *op. cit.*, t. I, págs. 197 e 198.
79 *Vide* Hallam, *op. cit.*, pág. 203.
80 *Vide* Hume: *History of England*, pág. 362 da ed. cit.

por êles assumidos simples formalidades, "porque era notório, pelo exemplo dos outros Papas, que não os observariam".[81]

Acentuou-se nessa época a tendência de se extinguirem as imunidades eclesiásticas, isto é, como vimos, o privilégio em virtude do qual os clérigos apenas respondiam perante as autoridades espirituais, quaisquer que fôssem os crimes por êles cometidos. Descobrindo Luís XI que La Balue, Bispo e Cardeal, participara de uma conspiração, sustentou o direito de condená-lo à morte, apoiando-se nos casos excepcionais introduzidos na legislação de França relativa às imunidades eclesiásticas. Foi assim que, se não enforcou La Balue, como pretendeu, dêle tirou uma vingança mais terrível: prendeu-o numa gaiola de ferro, onde, durante onze anos, foi mostrado como se se tratasse de ave de rapina de nova e estranha espécie.[82]

No que concerne às conversas e às maneiras dos homens e senhoras da mais alta distinção, vejamos qual a situação da mulher, de vez que, regista Robertson, o grau de civilização de uma época se mede pelo modo segundo o qual é, nela, tratada a mulher.

Ora, um dos ditados mais correntes na Itália do século XV era o de que *"buona donna e cattiva donna vuole bastone"* — "a mulher, boa ou má, quer pancada".[83] Embora Acciajuoli procurasse insurgir-se contra o ponto de vista corrente em seu tempo, dizendo: *"riprenderai più tosto la cattiva donna col riso che col bastone"*[84] "repreendereis a mulher má antes com o riso do que com o bastão", pode-se afirmar ser ainda êste último o que principalmente era adotado. São Bernardino de Sena, por exemplo, um dos pregadores mais populares do século XV, apenas pleiteia deixe o marido de bater em sua mulher durante a gestação: *"E a te uomo, che mai tu non batta la tua donna mentre che ella è gravida"* — é o que recomenda em seus *Sermões*.[85]

81 *Vide* Abade Fleury, *op. cit.*, t. VI, pág. 459.
82 *Vide* Bossuet, *op. cit.*, pág. 236.
83 *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 64.
84 *Idem, ibidem.*
85 *Idem, ibidem*, pág. 54.

Na vida comum era freqüente o espancamento de mulheres: o Marquês João Francisco Gonzaga esbofeteia sua filha, a Princesa Cecília de Mântua, por não querer casar-se.[86] Os irmãos do célebre humanista, Nicolò Nicoli, apoderam-se de sua amante, e, em plena rua, suspendem-lhe as vestes e dão-lhe palmadas.[87]

A massa da espécie humana tinha ainda muito da bêsta primitiva, e, na expressão de um historiador, "tresandava a cocheira". Os seus gostos eram grosseiros; as palavras cruas eram, a todo momento, proferidas, e a sua risada era uma gargalhada física, que partia do baixo ventre.[88] Seus remédios — nós o vimos — eram remédios de cavalos e vacas, e suas diversões não eram as que preferiria uma espécie muito delicada.

Se, na Universidade de Paris, as aulas já não eram mais ministradas, como no século XIII, na parte superior de um prédio, em cujo pavimento térreo se achava instalado um prostíbulo,[89] a corrupção de costumes, ou melhor, a animalidade, era ainda muito forte, mesmo nas camadas mais civilizadas.

Ao instalar-se, no século de Erasmo, o Concílio de Constança, estabeleceram-se nessa cidade, setecentas e dezoito cortesãs, escravas da incontinência dos grandes senhores e eclesiásticos, costume contra o qual ninguém se rebelava, estando na ordem natural das coisas.[90] E, numa época bem mais recente, em 1567, a expedição do Duque d'Alba destinada a exterminar os hereges dos Países Baixos compunha-se de dez mil homens e duas mil barregãs, tão regularmente matriculadas como os próprios soldados.[91]

É preciso ler os *novellieri* Arienti, Sermini, Masuccio e mesmo Boccacio para ver as histórias prediletas e a comicidade lúbrica e feroz em que se aprazia, então, homens e mulheres da melhor sociedade. A Princesa Isabela d'Este, apontada como raro modêlo de finura e distinção, escrevia,

86 *Idem, ibidem.*
87 *Idem, ibidem.*
88 *Idem, ibidem.*
89 *Vide* Abade Fleury, *op. cit.*, t. V, pág. 91.
90 *Vide* Voltaire, *op. cit.*, pág. 252.
91 *Vide* Ramalho Ortigão: *A Holanda*, pág. 13 da ed. cit.

com a maior naturalidade, a seu marido: *"questa notte il signor don Alphonso ha dormito cum dona Lucrezia sua moglie, senza alcuna ceremonia precedente: et per quello ch'io intenso ha caminato tre millia"*...[92] No palácio do Conde Bartolomeo Arcelli, um dos senhores mais notáveis do tempo, as altas damas se divertiam medindo: *cossias quae haberent grossiores*...[93] Em França, como em outros países, senhoras da mais alta nobreza se compraziam em assistir ao ato de fecundação de equinos e bovinos.[94]

Sôbre os costumes, é ainda instrutivo o que Bossuet conta da côrte de França, já em fins do século XVI, isto é, a opinião corrente na mais fina nobreza do tempo dos últimos Valois era a de que todo homem ou mulher, que se prezasse e quisesse passar por pessoa de bom-tom, tinha de ter amantes.[95]

Em seu manual de boas maneiras na mesa: *De Moribus in mensa informandis,* o famoso humanista Verolano aconselha:

Nec mucos manibus tangas, sputum ne resorbe,
Panniculo nasum mungito sive toga
Et ructare cave cum ora in terga reflectas,
Stringe os et crepitum coge tenere nates...[96]

"Não ponhas o dedo no nariz e não engulas o escarro; assoa o nariz com o lenço ou com a roupa; tem o cuidado de inclinar a cabeça para trás ao eructares, fechando a bôca, e..." Quanto ao último verso, só o latim permite manifestar-lhe o pensamento.

Nas igrejas a falta de respeito era extrema, como São Bernardino de Sena o mostra em um de seus *Sermões: "O donne, o che vergogna egli la vostra che la mattina mentre che io dico la messa voi fate un rumore tale, che bene mi pare udire uno monte d'oche, tanto gridate! L'una dice: "Giovanna! L'altra chiama: Caterina! L'altra: Francesca! Oh*

92 *Vide* Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 54.
93 *Idem, ibidem,* pág. 55.
94 *Vide* Brantôme: *Vie des Dames Galantes,* t. II, págs. 466 e 467 *apud* Sainte Palaye: *Mémoires sur l'Ancienne Chevalerie,* t. II, pág. 389, Paris, Gérard-éditeur, 1826.
95 *Vide* Bossuet, *op. cit.*, pág. 552.
96 *Vide* Ph. Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 55.

la bella divozione che voi avete a udire la messa! Quanto ch'è a me mi pare una confusione senza niuna divozione e riverenza!"[97]

"Ó mulheres, que vergonha a vossa, quando, pela manhã, enquanto digo a missa, fazeis tal barulhada que bem me parece ouvir uma multidão de gansos — tanto gritais! Uma diz: ó Joana! Outra chama: Catarina! E outra: Francisca! Oh, que bela devoção a vossa ao ouvirdes a missa! Quanto a mim, mais me parece uma algazarra sem a menor devoção e reverência!"

Embora um concílio reunido em York houvesse proibido, na segunda metade do século XIV, o estabelecimento de mercados e feiras em cemitérios, onde ainda se realizavam, aos domingos e dias santos, danças e festas, lutas e jogos, êsse costume perdurou atravessando todo o século XV.[98]

Para encerrar êste esbôço de algumas idéias, hábitos e costumes do século de Erasmo, resta-me examinar as suas superstições mais comuns. Sortilégio que se usava freqüentemente e no qual, por muito tempo, até príncipes e homens cultos acreditavam, era a prática que consistia em se fazer uma estatueta de cêra, colocando-se à direita o coração, e, à esquerda, o fígado de uma andorinha, atravessados por compridos alfinêtes, o que não podia deixar de inspirar amor ou ocasionar a morte à pessoa em relação à qual se fazia o sortilégio, de acôrdo com os exorcismos empregados em cada caso. La Mole, nobre da côrte de Carlos IX, foi acusado de tramar a morte dêste último, visto haver sido encontrada, em seu quarto, uma estatueta dêsse gênero.[99] Alguns anos antes do nascimento de Erasmo, a Duquesa de Glocester, tia do Rei de Inglaterra, Henrique V, foi condenada, por idêntico crime, à prisão perpétua, e, bem assim, ao que se chamava, então, "honrosa retratação", a qual consistia em percorrer o condenado, em camisa, as ruas de Londres.[100]

Em 5 de dezembro de 1484, Inocêncio VIII expediu famosa Bula contra as feiticeiras, que eram queimadas vivas,

97 *Idem, ibidem, t. II,* pág. 195.
98 *Vide* Abade Fleury, *op. cit.*, t. VI, pág. 206.
99 *Vide* Bossuet, *op. cit.*, pág. 741.
100 *Vide* Voltaire, *op. cit.*, pág. 346.

o que, no dizer de Pastor, produziu uma espécie de alucinação sôbre o povo alemão.[101]

A feitiçaria só desapareceu dos tribunais das grandes capitais européias no dia em que deixou de ser tomada a sério, de vez que, assim como a heresia, os castigos e perseguições só servem para prestigiá-la, enquanto a indiferença a mata.

Perduravam ainda os "juízos de Deus", e muito conhecido é o "duelo do fogo" entre Fra Domenico, a favor de Savonarola, e Fra Juliano, contra. Não passou, aliás, de uma das muitas modalidades do "juízo de Deus", a célebre fogueira das vaidades: *bruciamento della vanità:* bandos de crianças percorreram, nos últimos anos do século XV, as ruas de Florença, e, por ordem de Savonarola, se apoderaram de quadros, estátuas, livros e manuscritos preciosos, que foram devorados pelas chamas como contrários ao espírito do cristianismo, porquanto as crianças só podiam ser inspiradas pelo próprio Deus!"[102]

Estranha Voltaire haja Luís XI feito um contrato segundo o qual foi o Condado de Boulogne doado à Virgem Maria, e acrescenta: "a piedade não consiste em fazer a Virgem condêssa."[103] Não podia êle imaginar que Perón faria, no século XX, a Virgem Maria Generala do Exército argentino.

Nada mais comum, no tempo de Erasmo, do que as relíquias.

Na segunda metade do século XV, o Papa Urbano V presenteou o Rei da Dinamarca, Valdemar III, com várias relíquias, entre as quais cabelos e vestidos de Nossa Senhora.[104] Não se sabe o que mais admirar — se a falta de raciocínio no caso de agirem sinceramente o Papa e o Rei, ou se o cinismo, no caso de procederem sem sinceridade. O próprio Abade Fleury não se contém, e, através da simplicidade de seu estilo, deixa escapar expressões que talvez Voltaire não desdenhasse subscrever. Assim, ao contar que Inocên-

101 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, vol. V, págs. 336 e 337.
102 *Vide* Burckhardt, *op. cit.*, t. II, págs. 251 e 252.
103 *Vide* Voltaire, *op. cit.*, págs. 307 a 308.
104 *Vide* Abade Fleury, *op. cit.*, t. VI, págs. 197 e 198.

cio VIII recebeu com grandes procissões e festas a "verdadeira lança de Cristo", que o Sultão Bajazé lhe enviara de Constantinopla, o amigo de Bossuet e Fénelon se permite as seguintes reflexões: "o que apresenta dificuldades é pretenderem possuir essa mesma lança a Alemanha, em Nurenberg, e a França, em Paris, na Santa Capela."[105] O mesmo acontecia também com o verdadeiro anel nupcial da Virgem Maria, o qual existia, a um tempo, em Perúgia e Sena. Na Inglaterra eram reputadíssimos, como milagrosos, o grande dedo do pé de Santo Edmundo e o dedo índice de Santo André. Êste último era tão estimado que quando o Convento, a que pertencia, tinha dificuldades financeiras, os frades o punham no "prego" por quantias elevadíssimas.[106] Roma e várias cidades européias possuíam, tôdas ao mesmo tempo, o Santo Umbigo e o Santo Prepúcio de Nosso Senhor Jesus-Cristo. É, aliás, muito conhecido o que conta o Padre Vieira num de seus Sermões, isto é, sendo disputadíssimos os restos mortais de São Francisco Xavier, cujo braço direito foi remetido ao Santo Padre Paulo V, "devoção houve tão atrevida ou tão faminta que lhe cortou, a furto, com os dentes, parte de um dedo do pé!"[107]

Outra superstição muito comum no século XV e contra a qual se rebelou altamente o Concílio de Ruão, em 1445, era a de se darem nomes a certas imagens como se tivessem maiores virtudes que as demais: Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora do Bom Sucesso, Nossa Senhora da Penha, Nossa Senhora do Ó, etc.

Todos conhecem os diálogos travados por Lutero com o Demônio, sendo muito comuns, no tempo de Erasmo, os endemoninhados. A emancipação teológica, decorrente dos progressos da ciência, acabou, entretanto, com os possessos. Hoje, para observarmos o que devia ser um possuído pelos íncubos e súcubos, temos de nos resignar com os transes de um "Pai de Santo", empolgado por Ogum, porque, ou o Demônio tomou mêdo ao homem, ou êste se tornou tão mau

105 *Idem, ibidem*, pág. 447.

106 *Vide* Hume, *op. cit.*, pág. 412 do vol. I, Londres, Ward, Lock and Co. 1891.

107 *Vide* Vieira: *Sermões*, t. XIII, págs. 327 da ed. Lello e Irmão.

que o próprio Satã não precisa mais nêle encarnar-se: êle próprio já é Satã...

A loucura no século de Erasmo, e por muito tempo ainda, era tida como obra dos maus espíritos, e nada mais digno de comiseração do que a maneira pela qual eram então tratados os doidos.

As pessoas mais esclarecidas ainda admitiam que os acontecimentos humanos eram governados pelos astros, concepção que perdurou, na Europa, até o século XVIII. Da *Crônica* que d'el Rei D. Duarte deixou Rui de Pina, se vê ser a Astrologia de tal importância em Portugal, no século XV, que figurava oficialmente nos atos públicos mais solenes, como a aclamação do nôvo rei, a qual só se fazia quando as estrêlas eram declaradas propícias. Da *Crônica de D. Afonso V* pelo mesmo Rui de Pina extraio o seguinte: "O príncipe Dom Afonso, pôsto em vestiduras reais e bem acompanhado de todos, saiu para fora ao assentamento, onde, pelo Infante Dom Pedro, com grande reverência e muito acatamento, foi pôsto na Cadeira Real. E, enquanto um mestre Guedelha, singular físico e astrólogo, por mandado do Infante regulava, segundo as influências e cursos dos planêtas, a melhor hora e ponto em que se poderia dar aquela obediência, o Infante volveu à continença... e, em dizendo Mestre Guedelha que era boa hora para fazer sua obediência, o Infante"...[108]

Ângelo Catto, Arcebispo de Viena, ao qual Commines dedicou as suas *Memórias*, era astrólogo de grande fama, e o próprio Commines registra a realização de várias de suas predições.

Estava Carlos V em seu retiro de São Justo, quando apareceu um cometa por êle considerado o sinal de sua próxima morte, o que levou Bossuet a ponderar ao Delfim, filho de Luís XIV: "Os príncipes terão sempre essa vaidade de crer deva o seu destino estar marcado nos astros."[109]

Catarina de Médicis fêz demolir, no século XVI, o Palácio Tournelles por lhe haverem predito os seus astrólogos

108 *Apud* Latino Coelho: *O Chanceler Bacon*, pág. 219 do volume *Literatura e História*, Lisboa, Emprêsa Literária Fluminense, 1925.
109 *Vide* Bossuet, *op. cit.*, pág. 545.

que aí lhe devia sobrevir grave acidente. E, querendo o Papa Paulo III transferir para Bolonha o Concílio de Trento, a fim de melhor manobrar essa importante assembléia, um dos pretextos de que se serviu foi o de anunciarem os astrólogos estar a cidade de Trento ameaçada de peste.[110]

É interessante observar, entretanto, o relativismo que deve presidir à apreciação de concepções como as da Astrologia. Se, no século de Erasmo, espíritos eminentes, como Leonardo da Vinci e Pico de Mirândola, a repeliam, outros, de não menor valia, ainda a aceitavam dois séculos mais tarde.

Muito conhecido é o diálogo do quinhentista Frei Amador Arraes, em que se encontram as seguintes reflexões: "maravilhosos homens são os astrólogos e adivinhos, que sòmente sabem o que está por vir, e do passado e do presente não sabem nada. Não vêem o que trazem ante os pés, e querem saber o que passa sôbre as estrêlas"... Estas reflexões poderiam também ter ocorrido a Jacques Bernouilli, um dos maiores matemáticos e astrônomos de seu tempo, o qual, todavia, quase ao alvorecer do século da Enciclopédia, consultado sôbre um cometa aparecido em 1680, respondeu que "a cabeleira do cometa não era de mau agouro, visto ser eterna, mas, infelizmente, o mesmo não se podia dizer da cauda por ser acidental".[111]

Também o nosso grande Padre Antônio Vieira admitia a Astrologia e sustentava que o céu nunca acende debalde um cometa...[112]

De tudo quanto, ràpidamente, acabamos de ver, podemos concluir que a Idade de Ouro não está, nem nunca estêve no passado, e, se não se acha ainda no presente, sòmente pode encontrar-se no futuro, melhorado pela educação, esclarecido pela ciência, embelezado pela arte e servido pela indústria.

110 *Idem, ibidem,* págs. 515 e 639. Sôbre a Astrologia entre príncipes e papas dos séculos XV e XVI, *vide* Pastor, *op. cit.,* vol. V, pág. 147.
111 *Vide* Fontenelle: *Éloges,* t. I, pág. 83 da ed. de Londres, 1785.
112 *Vide* Padre Antônio Vieira: *Sermões,* t. XV, pág. 174 da edição da Livraria Chardron, Lisboa, 1909.

CAPÍTULO QUINTO

PRIMEIROS ANOS DE ERASMO: SEU ESTÁGIO NO MOSTEIRO DE STEYN

O POUCO que se conhece dos primeiros anos de Erasmo são só tristezas. Órfão de pai e mãe aos treze anos, iniciou seus estudos em Guda, pequenina cidade das cercanias de Roterdão, e, depois de haver figurado, na catedral de Utrecht, como "menino do côro", ingressou no Colégio de São Lebwin, em Deventer.

Aí, recebeu a influência de dois dos maiores humanistas holandeses: Rodolfo Husman, comumente designado por Agrícola, e Alexandre Heek, mais conhecido pelo nome alatinado *Hegius*.

Após desbaratarem os poucos haveres que lhe deixara o pai, tutôres inescrupulosos induziram-no a seguir a carreira eclesiástica, e, a contragosto, fêz-se, em 1487, noviço do convento agostiniano de Steyn, escolhendo-o, mui de intento, visto ser, de todo o País, o que possuía a melhor biblioteca de autores clássicos.

De temperamento independente, constituíram para êle verdadeiro suplício os anos aí passados. Não podem os homens viver em grande familiaridade a fim de conseguirem

suportar mùtuamente os diversos defeitos fundamentais de sua natureza moral, quer intelectual, quer, sobretudo, afetiva. Apesar do forte laço especial que as une, têm sido as comunidades religiosas freqüentemente atormentadas por profundas discordâncias habituais, inevitáveis quando se busca a conciliação de duas qualidades tão incompatíveis como a intimidade e a extensão das relações humanas. Foi o que salientou Tomás de Kêmpis no capítulo da *Imitação*: *"De cavenda nimia familiaritate"*, e Vieira deixou entrever, no *Sexto Sermão de Santo Antônio,* ao mostrar quanta vigilância é necessária para se viver nas comunidades religiosas, "comunidades de gente regular, cujos olhos são os mais agudos para ver, cujos ouvidos os mais despertos para ouvir, e cujas línguas as mais prontas para não perdoar; e todos, por tudo, os mais linces para nada se lhes esconder".[1]

Eis por que, num dos mais populares episódios do *Orlando Furioso,* ao receber do Eterno a incumbência de buscar a discórdia, depois de percorrer, debalde, tabernas e casas de tavolagem, foi o Arcanjo São Miguel encontrá-la num convento, "entre santos ofícios e missas":

Pensato avea di far la via d'Averno,
Chè si credea che tra damnati stesse;
E ritrovolla in questo nuovo inferno:
Ch'il crederia? tra santi uffici e messe![2]

Pensara em ir até o Averno,
Crendo que entre danados estivesse;
E encontrou-a nesse nôvo inferno:
Quem crera? entre santos ofícios e missas!

O estágio de Erasmo no convento de Steyn forneceu-lhe, porém, os elementos com que, no *Elogio da Loucura,* satirizaria, com perfeito conhecimento de causa, os cenobitas de seu tempo:

"Depois dos teólogos, segue-se imediatamente a espécie melhor do gênero animal, isto é, os que vulgarmente se cha-

1 *Vide* Vieira: *Sermões,* t. VII, pág. 187 da ed. da Livraria Chardron, Lisboa, 1908.
2 Ariosto: *Orlando Furioso,* canto XIV, estrofe 82.

mam *monges ou religiosos*. Seria, contudo, abusar grosseiramente dos têrmos dar-lhes, ainda hoje, tais nomes. Via de regra, não há pessoas mais irreligiosas do que essas, e, como a palavra *monge* significa *solitário*, parece-me não se poder aplicá-la mais irônicamente a indivíduos que se encontram em tôda parte, acotovelando-nos a cada passo. Sem o meu socorro — é a Loucura quem fala — que seria dêsses pobres porcos dos deuses? São de tal modo odiados que, quando, por acaso, são vistos, costuma-se tomá-los por aves de mau agouro. Isso não impede cuidem escrupulosamente de sua conservação e se considerem personagens de alta importância. Sua principal devoção consiste em nada fazer, chegando ao ponto de nem ler. Sem dar-se o trabalho de entender os salmos, já se julgam demasiadamente doutos quando lhes conhecem o número, e, quando os cantam em côro, imaginam enlevar o Céu com sua asnática melodia. Entre êsse variado rebanho, alguns se gabam da própria imundície e da própria mendicidade, indo de casa em casa esmolar, mas com uma fisionomia tão impudente que mais parecem exigir um crédito do que pedir esmola. Albergues, botequins, casas, diligências, todos, em suma, são por êles importunados, com grande prejuízo dos verdadeiros necessitados. É assim que pretendem ser os nossos apóstolos, com tôda sua sujeira, ignorância, grosseria e desfaçatez. Nada mais ridículo do que a ordem exata e precisa que observam em seus atos: tudo é por êles feito a compasso e medida. Devem os sapatos ter tantos nós, o cíngulo ser de determinada côr, a roupa composta de tantas peças, a cinta de tal qualidade e largura, o hábito de preestabelecida forma e tamanho, a coroinha de tantas polegadas de diâmetro. Além disso, devem comer, em horas certas, determinada qualidade e quantidade de alimento, dormir sòmente tantas horas, etc. Todos compreendem claramente ser impossível conciliar essa rigorosa uniformidade com a infinita variedade de opiniões e temperamentos. Pois é nessa metódica exterioridade que acham argumento para desprezar aquêles aos quais chamam *seculares*. Muitas vêzes isso motiva sérias contendas entre as diferentes ordens, a ponto dessas santas almas, que se vangloriam de professar a caridade apostólica, se destruírem mùtuamente. E por quê? Por causa de um cíngulo diverso ou da côr mais carregada da roupa.

"Alguns dêsses *reverendos* mostram o hábito de penitência; evitam, entretanto, que se veja a finíssima camisa que trazem por baixo; outros, ao contrário, trazem externamente a camisa e a roupa de lã sôbre a pele. Os mais ridículos, a meu ver, são os que se horrorizam ao contemplar dinheiro, como se se tratasse de uma serpente, mas não dispensam o vinho, nem as mulheres. Não podeis, enfim, imaginar quanto se esforçam por se distinguirem em tudo uns dos outros. Imitar Jesus Cristo? É o último de seus pensamentos ....
....

"Quase todos confiam tanto em certas cerimônias e pequeninas tradições humanas, que um só paraíso lhes parece prêmio muito modesto para os seus méritos. No entanto, desprezando tôdas essas momices, Jesus Cristo só julgará os homens pela caridade, que é o primeiro dos seus mandamentos. Debalde, cheios de temor, apresentarão a Deus, no juízo final, um corpo bem nutrido por tudo quanto é peixe; debalde lhe oferecerão o canto dos salmos e inúmeros jejuns; debalde sustentarão haverem arruinado o estômago com uma única refeição diária; debalde alegarão uma série de práticas fradescas, capazes de carregar pelo menos sete navios; debalde se gabará êste de haver passado sessenta anos sem tocar em dinheiro, a não ser com dois dedos muito sujos; debalde mostrará aquêle o seu hábito tão sórdido que até um barqueiro se recusaria vesti-lo; debalde se vangloriará outro de ter vivido cinqüenta e cinco anos sempre encerrado em seu claustro, como uma esponja; debalde fará aquêle ver que perdeu a voz de tanto cantar, e êste que a longa solidão lhe perturbou o cérebro; debalde dirá outro que o perpétuo silêncio lhe entorpeceu a língua. Interrompendo tôdas essas gabolices (pois, do contrário, seria não acabar nunca), dirá Jesus Cristo: "De que país vem essa nova raça de judeus? Pois não dei aos homens uma única lei? Sim, e sòmente essa reconheço como verdadeiramente minha. E não pronunciam êsses malandros sequer uma palavra a respeito? Abertamente e, sem parábolas, prometi, outrora, a herança de meu Pai, não às túnicas, às oraçõezinhas e à abstinência, mas à observância da caridade. Não, não reconheço, como sendo minhas, pessoas que apreciam demasiadamente as suas pretensas obras meritórias e querem parecer mais santas do que eu

próprio. Procurem, se quiserem, um céu à parte. Mandem construir para seu uso um paraíso por aquêles cujas frívolas tradições preferiram à santidade dos meus preceitos." — Qual não será a consternação de todos êles — pergunta a Loucura — ao ouvirem tão terrível sentença e ao verem que se lhes antepõem bateleiros e carroceiros? ....
....

"Não posso, contudo, deixar de dar-vos, aqui, salutar conselho: nunca desprezeis essa geração espúria (os mendicantes principalmente), embora viva separada da república. É que os frades, por meio do canal que se chama a *confissão*, estão a par dos mais íntimos segredos das pessoas. Não se pode dizer ignorem ser um delito capital a revelação das coisas ouvidas no tribunal da penitência. Isso, porém, não impede que o façam em diversas circunstâncias, sobretudo quando, esquentados pelo vinho, pretendem distrair-se contando histórias alegres!"

Esta apreciação geral dos monges da Renascença é integralmente esposada, na *Utopia*, por Tomás Morus, em cuja casa escreveu Erasmo o *Elogio da Loucura*, tendo quase colaborado nessa obra o santo chanceler, ao qual, como se sabe, foi dedicada, tomando-lhe até, mediante um trocadilho, o próprio nome: *Encomium Moriae*. Não só apreciava imensamente o *Elogio*, que defendeu com energia, mas ainda declarou Tomás Morus a Dorpius não admitir que se lhe suprimisse um só dos epigramas contra os frades: *"Non miror nil in eis reperisse te quod mutaris velles nec ego certè"* — "Não me admira nada tenhas achado nêles que queiras mudar, nem eu tampouco."[3]

Entretanto, refira-se ou não, nessa passagem, a alguns de seus colegas de Steyn, o fato é que aí encontrou Erasmo, ao lado de companheiros extremamente medíocres, poucos incentivos de ordem intelectual, tomando horror à vida do claustro e matando o tédio em ensaios de pintura e no estudo dos clássicos antigos.

Ainda há poucos anos mostrava-se em Delft um Cristo crucificado, embaixo do qual se lia: "não desprezes êste qua-

[3] *Apud* Henri Bremond: *Le Bienheureux Thomas More*, pág. 25 da 5.ª edição, Paris, Librairie Lecoffre, 1930.

dro — pintou-o Erasmo quando vivia no convento de Steyn", donde se pode talvez concluir que, surgido em meio preponderantemente estético, talvez viesse a ser um pintor de valia.

Fiel à influência de Agrícola e Hegius, entregou-se Erasmo a aprofundar o estudo dos autores antigos e dos humanistas italianos, que então se achavam à frente do pensamento e da cultura européia. Alheio às sutilezas da escolástica, em relação à qual nutria invencível repulsa; pouco dado ao misticismo; desdenhando o latim bárbaro de São Bernardo; indiferente a todos os escritores cristãos, excetuado apenas São Jerônimo, fêz-se discípulo entusiasta do fundador da escola crítica, Lourenço Valla. Aos dezoito anos resume as *Elegantiae* dêste último, mais úteis, a seu ver, do que "as unhas e dedos das mãos", e imita o estilo de seu livro "*De Voluptate* em pequeno tratado *De contemptu mundi (Do Desprêzo do Mundo)*.

Desde os dezenove anos esboça o plano e a redação dos *Antibárbaros*, livro onde salienta o ridículo e a inanidade dos métodos pedagógicos da Idade Média, increpando aos cristãos a ignorância voluntária da experiência moral depositada nas obras da antigüidade.

Restam-nos, dessa quadra, preciosas cartas, que revelam a exuberância afetiva do filósofo para com vários de seus amigos. Suas delicadas expansões desaparecem, entretanto, pouco a pouco, para nunca mais repontarem em tôda a imensa coletânea de suas cartas. É que não foi correspondido em suas manifestações de afeto. Tôdas as tentativas e esforços por êle então empreendidos com o fim de estabelecer uma amizade profunda e duradoura, fracassaram irremediàvelmente, levando-o a desistir de buscar o *alter ego* do ideal pitagórico. Aliás, sendo quem era, compreende-se não lhe fôsse fácil encontrar êsse "outro eu", que só muito mais tarde, na Inglaterra, se lhe deparou em Tomás Morus. Desde então transmuda-se o seu sentimentalismo numa frieza comedida, onde as menores expansões são calculadas, deixando raramente transparecer sua verdadeira natureza moral.

Despertando, por seus escritos, a atenção do Bispo de Cambrai, Henri de Bergues, retirou-o êste do Convento de Steyn para aproveitá-lo como secretário, depois de haver sido

ordenado padre em 25 de abril de 1492, no mesmo ano, portanto, em que Colombo descobriria a América.

Com Lourenço Valla, não aprendera apenas a irreverência e, como êle, ficou em condições de aplicar às questões filológicas, morais e religiosas, senão o mesmo, pelo menos um método aproximado daquele de que se servia Leonardo da Vinci nas ciências naturais. Sua completa indiferença por tôda preocupação mística ou metafísica o expunha, menos do que qualquer outro humanista do tempo, ao perigo dos sistemas, enquanto suas tendências críticas e racionalistas para o livre exame dos dogmas e instituições o atiravam às raias da heresia.

Para bem compreendermos, doravante, o desenrolar de sua vida e de sua obra, é imprescindível estudemos, antes de mais nada, o surto do humanismo, visto haver sido Erasmo a sua mais completa personificação.

CAPÍTULO SEXTO

O HUMANISMO

QUE É O HUMANISMO? O estudo das boas-letras, e, particularmente, das letras gregas e latinas. Deve-se, entretanto, notar, com Brentano, que, em fins do século XV, quando adquiriu pleno surto, consistiu o humanismo, essencialmente, no cultivo dos conhecimentos que visavam à felicidade e ao aperfeiçoamento do homem, em oposição às cogitações dos teólogos, os quais, voltados para Deus, consideravam a Terra passageiro exílio. Dessa oposição típica entre o homem e Deus, entre a Terra e o Céu, tirou o *humanismo* o seu nome.[1]

Caracterizou Pico de Mirândola êsse traço do humanismo, fazendo ver que, segundo êste, tudo quanto, no passado, fêz palpitar a alma humana e preocupou, de qualquer forma, os homens, não pode, nem deve morrer — crenças, linguagem, artes e letras, ciências e filosofia, tudo se incorpora na própria Humanidade, subsistindo enquanto não se interrompe sua multissecular peregrinação pelo planêta.[2]

É êrro, e êrro grosseiro, que Augusto Comte já salientava há mais de um século, o de se supor ignorasse ou des-

1 *Vide* Frantz Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 78 da ed. Arthème Fayard, Paris, 1935.
2 *Apud* Fr. Funck-Brentano, *op. cit.*, pág. 79.

prezasse a Idade Média os autores antigos.[3] Basta lembrar que Heloísa, em meados do XII século, conhecia tanto os clássicos latinos que, ao tomar o véu em conseqüência da vingança de seu tio contra Abelardo, respondeu, com belíssimos versos da *Farsália,* aos que a dissuadiam de fazer-se freira.[4] Sugério, o grande ministro de Luís VI, recitava de cor dezenas de versos de Horácio.[5] E Gerbert, mais tarde Papa com o nome de Silvestre II, escrevia no X século:

"Nada há mais precioso do que a ciência dos homens ilustres exposta nos livros. Continua, pois, as tuas buscas e oferece-me aos lábios sedentos as ondas da eloqüência de Marco Túlio (Cícero); seu gênio aliviará os cuidados que me atormentam."[6]

Jamais os humanistas da Renascença fizeram buscas mais ardentes de autores antigos do que Gerbert, a cabeça mais enciclopédica de seu século, perfeitamente familiarizado com as obras de Virgílio, Horácio, Terêncio, Lucano, Juvenal, Pérsio, Estácio, e talvez Lucrécio, além de Salústio, César, Sêneca, Suetônio, Plínio e Cícero.[7]

Entrevista por Fleury, em sua *História Eclesiástica;* por Ceillier na *História dos Autores Sagrados;* por Hume na *História de Inglaterra,* por Michaud na *História das Cruzadas,* e claramente proclamada por Augusto Comte, numerosos trabalhos modernos tornam essa tese de evidência tangível, avultando, entre todos, notável livro de Johan Nordstrom, professor da Universidade de Úpsala.[8]

Como se explica, porém, êsse êrro fundamental sôbre a Idade-Média, ainda hoje tão enraizado? É que, desdenhando os humanistas a obra e o estilo dos escolásticos, não sabiam o que êstes conheciam e passaram a considerar séculos de trevas e ignorância aquêles em que as melhores cabeças,

3 *Vide* A. Comte: *Cours de Philosophie Positive,* t. VI, págs. 152 e 153 da 4.ª ed., Paris, 1877.

4 *Vide* Charles Rémusat: *Abélard,* t. I, pág. 69, Paris, Librairie Ladrange, 1845.

5 *Vide* Frantz Funck-Brentano: *Le Moyen Âge,* pág. 125, sexta edição, Paris, Librairie Hachette.

6 *Apud* Fra. Funck-Brentano: *Le Moyen Âge,* pág. 65 da ed. cit.

7 *Vide* F. Picavet: *Gerbert, Pape Philosophe,* págs. 124 a 129.

8 *Vide* Johan Nordstrom: *Moyen Âge et Renaissance,* Librairie Stock, Paris, 1933, *passim.*

um Santo Alberto Magno e um Santo Tomás de Aquino, por exemplo, não desdenhavam discutir questões ociosas, como as atinentes à natureza dos anjos, seu sexo, seus meios de trocar idéias, o estado de suas inteligências pela manhã e à tarde, etc.[9]

O que houve, de fato, na Renascença, foi apenas um recrudescimento e uma preocupação exclusiva com a antigüidade, acompanhada de indisfarçável menoscabo para com o catolicismo, em conseqüência da crescente emancipação teológica que, pelo acentuado desenvolvimento da cultura intelectual, se vinha processando desde o século XIII.

"Por ódio às crenças, que até então haviam prevalecido — faz ver Augusto Comte — foram quase todos os pensadores do Renascimento dominados por irracional admiração da antigüidade, a ponto de totalmente desconhecerem a superioridade social do regime medievo."[10]

O humanista grego Gemistus Plethon que, em 1439, participou do primeiro sínodo de Florença, sustentava que dentro em breve tôdas as nações renunciariam ao Evangelho e ao Alcorão, para adotar uma crença que não diferia essencialmente da dos gentios.[11]

A Academia Romana, fundada por Pomponius Laetus, sofreu, em 1468, séria perseguição por serem os seus membros acusados de incredulidade e paganismo.[12]

O Cardeal Bembo, Secretário de Leão X, declarava abertamente não ler as epístolas de São Paulo a fim de não corromper a pureza ciceroniana de seu estilo, chamando-lhes nugas, impróprias para um homem sério: *"omitte has nugas, non enim decet gravem virum tales ineptiae."*[13]

9 *Vide Summa Theologica Sancti Thomae Aquinatis*: *Tractatus de Angelis, quaestio* L *usque* LXIV, págs. 713 a 873, *tomus primus,* Parisiis, Ludovicus Vives, Bibliopola, ed., via Delambre 9, 1868.

10 *Vide* A. Comte: *Système de Politique Positive,* t. I, pág. 62, Paris, 1851.

11 *Vide* Philippe Monnier: *Le Quattrocento,* t. II, pág. 77, Paris, Perrin éditeur, 1901, e Gibbon: *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire,* pág. 1213, da ed. Westley and Davis, Londres, 1836.

12 *Idem, ibidem,* t. I, pág. 193.

13 *Vide* Salomon Reinach: *Manuel de Philologie Classique,* t. I, pág. 6 da 2.ª ed., Paris, Hachette, 1907, e Pierre Bayle: *Dictionnaire Histo-*

Já em fins do século XIV, Cino Rinuccini increpava aos humanistas pretenderem que a existência dos deuses do paganismo era mais sòlidamente provada que a do Deus dos cristãos,[14] e Petrarca deplorava que bastava alguém fazer profissão de fé cristã, colocando-a acima da filosofia pagã, para adquirir reputação de pouco inteligente e ignorante, considerando-se, então, coisas inconciliáveis a cultura clássica e a fé.[15] Entre os que assim pensavam figuravam o célebre homem de Estado florentino Rinaldo degli Albizzi e Carlos Marsuppini, chanceler de Florença. Tal seria ainda, no século seguinte, o parecer de Pomponazzo.[16]

Também o dominicano Giovani Dominici, nos primeiros anos do século XV, chamou a atenção para o perigo do humanismo, o qual "formava uma mocidade, e mesmo uma infância, mais pagã do que cristã, ensinando-lhes os nomes de Júpiter, Vênus e Cibele antes do de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, envenenando, enfim, êsses tenros e impressionáveis corações por fazê-los sacrificar aos falsos deuses e educando, na incredulidade, sêres revoltados contra a verdade".[17]

"Em tôda a segunda geração dos humanistas verifica-se, de maneira inquietante, o culto cada vez mais exclusivo da literatura clássica da antigüidade, fatalmente destinado a imprimir, nos espíritos, um modo absolutamente pagão de encarar a existência" — registra Pastor.[18]

É o que confirma a Academia Romana, formada, na segunda metade do século XV, por Pomponius Laetus e vários livres pensadores, semipagãos de idéias e costumes, que se esforçavam por preencher, através do culto da antigüidade, o vazio deixado, em sua alma, pela perda da fé, como frisa Pastor.[19]

Saídos da escola de Valla e Poggio, Laetus e seus companheiros de Academia desprezavam não só o cristianismo,

rique et Critique, article *Bembus*, t. 3.º, pág. 301 da ed. Beuchot, Paris, 1820.

14 *Vide* Dr. Luís Pastor: *História dos Papas*, t. I, pág. 34 da trad. francesa de Furcy Raynaud, Paris, Plon, 1925.

15 *Idem, ibidem.*

16 *Idem, ibidem*, pág. 35.

17 *Idem, ibidem*, págs. 62 e 63.

18 *Idem, ibidem*, t. IV, pág. 32.

19 *Idem, ibidem*, pág. 39.

seus representantes e mandamentos, mas ainda professavam verdadeiro culto às divindades pagãs e copiavam os mais repugnantes vícios da antigüidade. Consideravam-se um legítimo colégio de sacerdotes antigos, tendo à sua frente um *Pontifex Maximus*.[20]

Segundo Comenius, os membros da Academia Romana pretendiam que a religião cristã se funda sôbre as artificiosas invenções de uns poucos santos, e não sôbre o testemunho real dos fatos, sendo perfeitamente lícito entregar-se o homem às suas paixões, conforme o exemplo dos cínicos.[21]

Comendo ostensivamente carne durante a quaresma, sustentavam Laetus e seus confrades não passarem Moisés e Cristo de embaidores do povo, enquanto Maomé, embora inteligência superior, era também um impostor.[22] Eis por que, referindo-se aos humanistas da Academia Romana, dizia, no século XV, o Sumo Pontífice Paulo II "serem piores do que os pagãos antigos, pois êstes ainda criam em Deus, enquanto aquêles o negavam".[23]

Nos escritos dos humanistas não se encontra a menor alusão às inscrições existentes nas Catacumbas. Nas coleções, muito numerosas, de inscrições de Roma e nos múltiplos desenhos representando seus monumentos, procura-se debalde o menor vestígio dos monumentos da antigüidade cristã,[24] o que comprova o fanatismo dos humanistas pela antigüidade pagã e seu menosprêzo pelas tradições católicas.

A Imprensa e a Difusão do Humanismo

Os progressos industriais realizados entre o XI e XV séculos facilitaram, em fins dêste último, a difusão dos clássicos gregos e romanos, dando aos observadores superficiais a falsa impressão do renascimento de uma cultura que, na verdade, nunca morrera, bastando lembrar a enorme influência dos autores antigos sôbre Dante, o qual, inclusive, toma,

20 *Idem, ibidem*, pág. 40.
21 *Idem, ibidem*, pág. 43.
22 *Idem, ibidem*, pág. 46.
23 *Idem, ibidem*, pág. 55.
24 *Idem, ibidem*, t. XIX, pág. 218.

para seu guia, na *Divina Comédia*, a Virgílio, *l'altissimo poeta*. E, contudo, em sua formação intelectual, é o florentino, inquestionàvelmente, lídimo representante da Idade Média.

Imensos óbices impediram, até o século XV, a grande difusão da cultura clássica. Eram os livros, na antigüidade, escritos em pergaminho, preparado com pele de carneiro, e em papel, feito de papiro, planta palustre da família das ciperáceas, muito comum no Egito. Sendo mais barato do que o pergaminho, era do papiro que geralmente se serviam, em seus escritos, os gregos e romanos. Depois, porém, que os sarracenos conquistaram o Egito, no sétimo século, cessaram quase por completo as relações entre êsse país e a Europa, e o papel fabricado com a preciosa ciperácea deixou de ser usado no Ocidente. Passaram todos os livros, então, a ser escritos em pergaminho, e, sendo êste de alto preço, tornaram-se excessivamente raros, e, portanto, caríssimos.[25]

Uma só circunstância basta para caracterizar a dificuldade de obter-se, nessa época, material para a escrita. Todos os manuscritos do oitavo século e dos séculos imediatos são feitos em pergaminhos, dos quais foi apagada a primitiva escrita a fim de ser substituída por outra, e assim se perderam muitas obras antigas. Apagava-se um livro de Arquimedes, Tito-Lívio, Tácito, Menandro, Ésquilo, ou não importa que autor antigo, e substituía-se pela lenda de um santo ou as orações de um missal.

Lupo, abade de Ferrières, em carta que escreve ao Papa, no ano de 855, conjura-o a lhe emprestar uma cópia do *Orador* de Cícero e das *Instituições* de Quintiliano, porquanto — afirma — "embora possuamos alguns fragmentos não se encontra um só exemplar completo em tôda a França".[26]

Tão excessivo se tornou o preço dos livros que não podiam adquiri-los as pessoas de fortuna mediana, e, daí, para desespêro dos biblioclеptas, serem os volumes mais preciosos presos em correntes... Na carta régia de 1426, em que

25 *Vide* Robertson: *A View of the Progress of Society in Europe from the Subversion of the Roman Empire, to the Begining of the Sixteenth Century*, pág. 395, *in The Works of William Robertson*, London, Cadell, Strand, 1831.
26 *Idem, ibidem*, pág. 396.

D. João I remeteu à Câmara de Lisboa dois livros com as leis do código Justiniano, a glossa e as conclusões de Bártolo, lê-se o seguinte: "E vos põe êstes livros na Câmara dêsse Conselho, presos por uma cadeia bem grande e longa."[27] Ainda no tempo de Leão X alguns manuscritos da Vaticana eram defendidos por correntes de ferro.[28]

A Condêssa de Anjou dá, no século XIII, cinco quartas de trigo e a mesma quantidade de centeio e milho, além de certo pêso de prata, por um livro das homilias de Haimon, Bispo de Halberstadt.[29] Em 1471, Luís XI toma emprestados à Faculdade de Medicina de Paris os trabalhos de Rasés, célebre médico árabe, e não só deposita, em penhor, enorme quantidade de baixela, mas ainda nomeia um nobre para servir-lhe de fiador no ato pelo qual se comprometia a restituir o livro.[30]

Muitas vêzes — informa Alexandre Herculano, referindo-se ao século XV — em países então semibárbaros, como, por exemplo a Inglaterra, era necessário empenhar um castelo ou um solar inteiro para obter a cópia de qualquer livro.[31]

Quando alguém fazia doação de livros a uma igreja ou mosteiro, únicos locais onde se encontravam bibliotecas, tal valor se ligava a essa dádiva que o doador a colocava, pessoalmente, no altar, *pro remedio animae suae*: "para a remissão de sua alma".[32]

Em 1218, o Bispo de Paris, Pierre de Nemours, legou sua biblioteca à Casa de São Victor. Os autores da época realçam a importância do legado, frisando tratar-se de "grande biblioteca": dezoito volumes![33]

27 *Vide* Oliveira Martins: *A Vida de Nun'Álvares*, pág. 365 da edição da Parceria Antônio Maria Pereira, Lisboa, 1902, e *Os Filhos de Dom João*, pág. 22 do t.I, Parceria Antônio Maria Pereira, Lisboa, 1901.
28 *Vide* Dr. Luís Pastor: *História dos Papas*, t. VIII, pág. 148 da trad. francesa de Alfred Poizat, Paris, Plon, 1926.
29 *Vide* Robertson, l. cit.
30 *Idem, ibidem.*
31 *Vide* Alexandre Herculano: *Novelas de Cavalaria Portuguêsa, in Opúsculos*, t. IX, pág. 102. Lisboa, José Bastos e Cia., Editôra.
32 *Vide* Robertson, l. cit.
33 *Vide* Abbé Claude Fleury: *Histoire Ecclésiastique*, livro LXXVIII, cap. 38, pág. 163 do t. V, Paris, Didier, éditeur, 1844.

Inventado, ao que parece, no século XI, mas só plenamente divulgado em princípios do século XIV,[34] veio o fabrico do papel de trapos facilitar a difusão das obras antigas, principalmente depois que o seu complemento indispensável — a imprensa — foi, no século XV, proporcionado à civilização.

A Revivescência do Paganismo

Petrarca, o primeiro dos grandes humanistas, empreende, no século XIV, em companhia de Bocaccio, fazer recopiar os autores clássicos pouco vulgares, e, bem assim, descobrir os perdidos, inaugurando o chamado humanismo italiano.

Fugia de seus contemporâneos a fim de mais intensamente conviver com os representantes dessa antigüidade, que tanto exaltava: "A simples vista dos homens atuais — diz êle — aborrece-me profundamente, enquanto a lembrança, as façanhas e os ilustres nomes dos antigos me despertam inefável alegria."[35]

A biblioteca que organiza, através de imensas dificuldades, é o maior de seus tesouros e é nela que, como em verdadeiro templo, cultua as grandes personificações do pensamento antigo: Cícero é a sua bíblia, e Virgílio o seu breviário, amigo e confidente de tôdas as horas.

"Teu Homero — escreve êle, possuído de indizível melancolia, visto não saber o grego — permanece mudo a meu lado: sou, ai de mim! surdo à sua voz, mas ao menos gozo de sua presença e freqüentemente o abraço."[36]

Ao vislumbrar, em suas viagens, a silhuêta de um templo ou de um convento, emocionava-se, não pelo Santíssimo Sacramento ou pelas relíquias que, acaso, pudesse conter, mas pelos textos antigos, que talvez encerrasse.[37]

[34] *Vide* Robertson, I. cit., e Voltaire: *Essai sur les Moeurs,* pág. 278 do t. III das *Oeuvres Complètes,* Paris, Firmin Didot, éditeur, 1855.
[35] *Apud* Philippe Monnier, *op. cit.,* t. I, págs. 132 e 133.
[36] *Apud* Pierre de Nolhac: *Pétrarque et l'Humanisme,* t. II, pág. 133, Paris, Librairie Honoré Champion, éditeur, 1907.
[37] *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.,* t. I, pág. 134.

Depois de Petrarca e Bocaccio, verdadeira colmeia de humanistas entrega-se ao mais minucioso e férvido culto da antigüidade. Passam uns fome e privações de tôda ordem com o fito de adquirir a cópia de um autor predileto; varrem outros a casa e lavam a louça de seus mestres a fim de lhes pagarem as lições.[38]

Torna-se, assim, a antigüidade, para os humanistas, o que foi o catolicismo para os primeiros cristãos: um pensamento apaixonado, exclusivista, e, muitas vêzes, intolerante. Dir-se-ia que, em se penitenciando pela ruptura de muitos representantes do cristianismo, relativamente às tradições culturais do politeísmo, se esmeravam os devotos do humanismo em requintar e exagerar as manifestações de seu entusiasmo ao reatarem os liames rompidos, quebrando, em represália, ostensivamente, os laços que os prendiam à Idade Média. E a continuidade humana, como salienta Augusto Comte, foi restabelecida em relação à antigüidade a fim de ser de nôvo quebrada para com a Idade Média, com uma ingratidão não menos cega que a do catolicismo ao amaldiçoar o politeísmo.[39]

Ficino, por exemplo, que era padre, escreve a uma senhora inconsolável pela perda de um filho: sua carta não contém uma só palavra de confôrto cristão, mais parecendo partir de um reitor ateniense, do que de um sacerdote católico. Em Florença, do púlpito da Igreja de São Lourenço, da qual é cônego, comenta as obras de Platão, esforçando-se por fazer os Evangelhos concordarem com o filósofo, e não êste com êles. Ao dirigir-se, do púlpito, aos fiéis chamava-lhes "caríssimos em Platão", em vez de "caríssimos em Jesus Cristo".[40]

Em 1482, no dia do primeiro aniversário da morte de Platina, seus amigos, entre os quais vários prelados, fizeram celebrar missa em sua intenção na Igreja de Santa Maria Maior, onde repousavam os seus restos mortais. Depois da

38 *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 87 da ed. cit.
39 *Vide* A. Comte: *Système de Politique Positive*, t. II, págs. 362, da 1.ª ed., Paris, 1852.
40 *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 87 da ed. cit., e Dr. Luís Pastor: *História dos Papas*, t. V, pág. 152 da trad. francesa de Furcy Raynaud, Paris, Plon, 5.ª ed., 1924.

missa, dita pelo Bispo de Vintimille, da ordem dos agostinianos, lançou-se água-benta e queimou-se incenso sôbre sua tumba. E então Pomponius Laetus — o impiíssimo Pomponius — subiu ao púlpito, e, como Presidente da Academia Romana, fêz-lhe o panegírico. Depois dêle, também do púlpito, o humanista Astreus recitou uma elegia.[41]

"Hoje — comenta Pastor — apenas ousamos acreditar que homens graves tenham podido, sem chocar-se, ouvir, no santuário da Mãe de Deus, imediatamente depois de uma missa fúnebre, a leitura (do alto do púlpito, por um leigo sem a menor insígnia eclesiástica) de versos muito elegantes, no dizer de Volterranus, mas sem o menor caráter religioso e inteiramente deslocados nas circunstâncias."[42]

Luigi Marsigli sustenta que "*i belli e buoni detti* dos filósofos antigos são tão úteis para alimentar a fé quanto as máximas dos santos",[43] e Erasmo registra a conversa que manteve, em Roma, com um padre italiano sôbre a imortalidade da alma. A fim de justificá-la, só se apoiava o seu interlocutor em Plínio, o Antigo.[44]

Na oração fúnebre de Francesco Sforza, Duque de Milão, Filelfo, depois de estabelecer essa imortalidade, baseando-a em autores gregos e árabes, em cuja enumeração ocupa mais de página e meia, acrescenta desdenhosamente: "além dêsses, temos ainda o testemunho do Velho e do Nôvo Testamento."[45]

O Cardeal Pallavicini declarava que, sem Aristóteles, a fé cristã ficaria crivada de lacunas.[46]

A Paganização do Cristianismo

Os oradores sacros entremeavam seus sermões com versos de Homero, Virgílio e até de Ovídio, e Savonarola increpava-os de nada saberem das Escrituras, limitando-se a

41 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. IV, págs. 419 e 420.
42 *Idem, ibidem.*
43 *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 141.
44 *Vide* Fr. Funck-Brentano, *op. cit.*, pág. 87.
45 *Idem, ibidem*, pág. 88.
46 *Idem, ibidem.*

a citar Aristóteles e Platão, fazendo de seus sermões um misto de mitologia pagã e dogmática cristã.[47]

Achando-se Erasmo, em Roma, numa sexta-feira santa, 6 de abril de 1509, foi ouvir a prédica sôbre a Paixão, recitada, perante Sua Santidade o Papa Júlio II, pelo célebre humanista bibliotecário da Vaticana, Padre Tomaso Inghirami, cognominado o Cícero do seu tempo.[48] Começou êle por longo e pomposo elogio do Sumo Pontífice, e, ao passar ao assunto do sermão, referiu-se ligeiramente a Cristo para deter-se no sacrifício e devotamento de Décius, Cúrtius e Ifigênia, fazendo desfilar, diante do Papa e do Sacro Colégio, maravilhados, tôda a história grega e romana. Ao terminar, chamou o orador, a Júlio II, "um Júpiter muito bom e poderoso, que, com a mão onipotente, arremessa o raio inevitável, fazendo quanto lhe apraz".[49]

Não admira, assim, haja um dominicano comparado Leão X ao Deus Sol,[50] nem que, em 1517, na festa do batismo de São João, haja um humanista invocado diante do Papa "deuses e deusas", segundo registra, indignado, Páris de Grassis, Bispo de Pesaro e Mestre-de-Cerimônias do Vaticano.[51]

Ao felicitar Leão X por uma alocução feliz, Mário Equícola compara-o a Castor, Rômulo e outros que se haviam elevado à categoria de deuses. Mais longe ainda foi, porém, Piério Valeriano que, na oração fúnebre do Cardeal Bibiena, dedicada a Leão X, assim apostrofou a sombra do Cardeal: "Não indagamos a que recanto do Olimpo te conduziu, numa quadriga de ouro, a tua virtude. Se, através dos mundos celestes, contemplas os heróis, não te esqueças de suplicar ao Rei do Céu e a todos os outros deuses, se quiserem ser cultuados na Terra, que concedam a Leão os anos de que as impiedosas Parcas te privaram a ti e a Juliano de Médicis".[52]

47 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. V, págs. 186 e 178.
48 *Idem, ibidem*, t. VIII, pág. 146.
49 *Vide* Pierre de Nolhac: *Érasme en Italie*, págs. 76 e 77, Paris, Librairie Klinckneck, 1898, e J. B. Pineau: *Érasme et la Papauté*, pág. 12, Paris, Les Presses Universitaires, 1924.
50 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. VIII, pág. 78.
51 *Idem, ibidem*, pág. 116.
52 *Idem, ibidem*, pág. 116 e 117.

Na *Teologia Dogmática* de Paolo Cortese, Bispo de Urbino, publicada em 1502, Cristo é o "deus do raio e dos trovões"; Maria a "Mãe dos deuses"; a Providência o "Destino", enquanto o Estige, o Averno e o Cocito são localizados no Inferno. Os mortos são os *manes*, Santo Agostinho é o "profeta pítico da Teologia" e Santo Tomás de Aquino o Apolo da Cristandade".[53]

O Cardeal Bembo, um dos melhores poetas do Renascimento, amigo e protetor de Erasmo, ao falar da eleição de certo Papa, diz que subiu ao trono de São Pedro, "graças aos deuses imortais": *deorum immortalium beneficiis*.[54] Seus epitáfios fazem o elogio dos mortos em têrmos absolutamente pagãos, e, num hino dedicado a Santo Estêvão, chama à Virgem Maria "ninfa radiante".[55]

O próprio Leão X, em um de seus Breves, denomina *Dea* — "Deusa" — à Virgem Maria, a fim de não quebrar a pureza ciceroniana de seu estilo.[56]

Sadoleto, apesar de Cardeal profundamente católico, defendia, com calor as expressões: "por Hércules", "por Zeus", e o plural "deuses imortais".[57] Esta última expressão (*a diis immortalibus, deorum immortalium*) se acha também em vários Breves de Leão X.[58]

No poema de Sannazaro: *De partu Virginis* — um dos mais célebres da Renascença — aparece o Deus do Rio Jordão, encostado a uma urna de cristal, dádiva do Céu:

Nitet urna novis variata figuris
Crystallo ex albo et puro perlucida vitro.

Está figurado, nessa urna, o batismo de Cristo, e o nume do rio conta às ninfas do mar que, vindo Proteu falar-lhe, à sua gruta, lhe predissera haver de sobrepujar, em fama, os mais ilustres rios da Terra, porquanto ali surgiria o nôvo sol, que renovaria a face do mundo:

53 *Idem, ibidem*, t. V, pág. 142.
54 *Idem, ibidem*, t. VIII, pág. 304, e Pierre Bayle: *Dictionnaire Historique et Critique*, t. VIII, pág. 299 da ed. Beuchot, Paris, 1820.
55 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. V, pág. 140.
56 *Vide* Pierre Bayle: 1. cit. e Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. VIII, pág. 304, nota 1.
57 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. VIII, pág. 97.
58 *Idem, ibidem*, pág. 304, nota 1.

Haec senior quondam felici pectore Proteus
Vaticinans ut forte meo diverterat antro.[59]

Se essa mistura do sagrado e do profano, do cristão e do politéico, se encontra num poema de fundo essencialmente religioso e em tratados de Teologia, que muito nos podem surpreender os poemas de Tasso e Camões, elaborados, ambos, sob idênticas influências? Que muito, de feito, chame Camões, na 18ª estrofe do canto 9º dos *Lusíadas,* "Padre Eterno" a Júpiter Tonante, e invective a Deusa Tétis, no canto 10º os membros do clero que não saem a pregar a palavra divina? O mesmo já fizera Dante, chamando a Deus *Somo Giove* e proclamando que escrevia o seu poema sob o ditado de Minerva e a direção de Apolo, enquanto as nove Musas lhe apontavam as constelações polares:

E se licito m'è, o sommo Giove
Che fosti per noi crocifisso"...[60]
Minerva spira, e conducemi Apolo
E nove Muse mi dimostran l'Orse.[61]

Inaugura-se solenemente, em 1545, o Concílio de Trento com um sermão do Bispo de Bitonto, Cornélio Mussi, em que êste prova a necessidade do Concílio, "primeiro, porque vários concílios depuseram reis e imperadores; e, segundo, porque, na *Eneida,* Júpiter convocou o Concílio dos deuses".[62]

Vida, Bispo de Alba e um dos mais celebrados humanistas do século XVI, em aplaudida ode acêrca da Cruzada a ser empreendida por Leão X, não fala, uma só vez, em Cristo e Jerusalém, mas, apenas, nos sangrentos exercícios de Belona e nos louros de Apolo e Marte. Inspiram-se seus versos bem menos nos Evangelhos do que em Horácio, e os louvores,

59 *Vide* Sannazaro: *De Partu Virginis,* c. III, *apud* A. Epiphanio da Silva Dias em *Os Lusíadas, de Luís de Camões, comentados,* pág. 204, nota 7, do t. II, segunda edição, Comp. Portuguêsa Editôra, Pôrto, 1918.
60 Dante: *La Divina Comédia*: *Purgatório,* canto VI, vs. 118 e 119.
61 *Idem, ibidem, Paradiso,* canto II, vs. 8 e 9. Sôbre o humanismo de Dante, veja-se o esplêndido livro de Augustin Renaudet: *Dante Humaniste,* Paris, *Société d'édition Les Belles Lettres,* 1952.
62 *Vide* Voltaire: *Essai sur les Moeurs,* pág. 490 da ed. cit., e conf. Dr. Luís Pastor: *História dos Papas,* t. XII, pág. 96 da ed. cit.

que tece ao Chefe da Igreja Cristã, não diferem, quanto ao tom e à forma, dos que, a Augusto, dirigia o vate de Tíbur.[63]

Nas pedras sepulcrais, colocadas dentro nas igrejas, lê-se que o defunto subiu ao Olimpo, e, no sepulcro de Sannazzaro, ao lado de Apolo e Minerva, dançam, num templo cristão, faunos e ninfas.

Nos muros da Capela Sistina confia Miguel Angelo, em detrimento do Diabo, a Caronte, filho de Érebo e da Noite, a incumbência de conduzir ao Inferno os condenados. Também numa pintura tão solene quanto *O Juízo Final* foi increpado a Miguel Ângelo haver introduzido Caronte ao lado de figuras escandalosamente nuas.[64]

Antônio Averlino, cognominado Filareto, vale dizer, o "Amigo da Virtude", esculpe, de 1433 a 1455, as portas da basílica de São Pedro em Roma. Essa obra — observa André Michel — traduz a orientação da arte italiana sob o influxo humanístico. E, nas portas dêsse templo, para o qual tinha o mundo católico os olhos voltados, são figuradas as fábulas de Esopo, "que li no original" obtemperava, garboso, Filareto; o Deus Marte; a lôba simbólica amamentando Rômulo e Remo; Júpiter e Ganimedes, Hércules e Leandro, e, afinal, "a pérola", delicada flor que se abre no pórtico da Igreja Romana: Lêda e Júpiter, o qual, sob a forma de cisne, esconde e voluptuosamente acaricia, sob as asas, a mulher amada"![65]

Ao insculpir o Riccio célebre candelabro pascoal para a Igreja de Santo Antônio de Veneza, inclui Júpiter fulminando monstros marinhos na Adoração dos Reis Magos.[66] No oratório das freiras do Convento de Parma, pinta Corregio cupidos e sátiros e até Vênus no estado de natureza. Em Sena são as três Graças, na mais esplêndida nudez, colocadas, como se foram santas, na sacristia da Catedral: todos os temas são mitológicos e dêles se acha inteiramente banida

63 *Vide* Michaud: *Histoire des Croisades*, t. V, pág. 328 da ed. de Paris, Furne éditeur, 1841.

64 *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 89 da ed. cit., e Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. XII, págs. 405 e seguintes.

65 *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 90 da ed. cit., e Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. I, págs. 371 e 372.

66 *Vide* Fr. Funck-Brentano, *op. cit.*, pág. 89.

qualquer idéia cristã. Nas pias batismais da Catedral de Sena, insculpidas por Quércia, vêem-se amôres, tritões e centauros, assim como nas portas da Catedral de Come se acham centauros carregando mulheres nuas.[67]

Nas *loggie* de Rafael, executadas sob os olhares complacentes de Leão X, é nítida a preponderância dos temas pagãos, como Júpiter e Vênus, Apolo e Diana, sátiros e centauros, Baco e Ariadna, tritões, ninfas, harpias, etc. Essa preponderância tem sido severamente increpada a Leão X e Rafael.[68]

Para celebrar a investidura de seu bastardo Pier Luigi no ducado de Parma, de seu neto Otávio Farnese no ducado de Camerino e de seu outro neto Orazio na Prefeitura de Roma, o Papa Paulo III fêz cunhar uma medalha em cujo verso se vê Ganimedes nu, carregado pela águia de Júpiter.[69]

Segundo Vasari, a quem Pastor chama "o Pai da História Moderna da Arte",[70] Alexandre VI fêz-se retratar, no Vaticano, pelo Pinturicchio, sob a figura de um mago, aos pés da Virgem, representada sob os traços de Júlia Farnese, a bela amante de Sua Santidade.[71]

Estendeu-se, por êsse tempo, o uso abusivo de representar os santos sob os traços de personagens contemporâneos. Quando Donatelo tomava, para modêlo de sua estátua de profeta, um homem tão desmoralizado quanto Poggio, excedia os limites permitidos à fantasia do artista — comenta Pastor. O mesmo fizeram, nos quadros de várias igrejas, Benozzo Gozzoli e Ghirlandajo. E Filippo Lippi, monge debochado, tomou, para modêlo de suas figuras de Madona, Lucrezia Cuti, com a qual entretinha relações escandalosas.[72]

Nos quadros e esculturas renascentes — na observação de Taine — "parecem os mártires sair de ginásio antigo; Cristos transmudam-se em Joves-Tonantes ou Apolos sere-

67 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. V, págs. 196, 197 *et passim.*
68 *Idem, ibidem,* t. VIII, pág. 197.
69 *Idem, ibidem,* t. XII, pág. 89.
70 *Idem, ibidem,* t. VI, pág. 504.
71 Embora Gregorovius, Huler, Plattner e outros historiadores aceitem a afirmativa de Vasari, Pastor a contesta formalmente. *Vide op. cit.*, pág. 164, t. VI.
72 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. V, pág. 195.

nos; as Virgens são dignas de amor profano; os anjos, graciosos como cupidos; as Madalenas, sereias florentíssimas e os San-Sebastiões mais são galhardos Hércules. Ostentam, enfim, Santos e Santas, por entre instrumentos de penitência e luto, vigorosa saúde, bela carnação, atitude sobranceira, mais própria de uma festa de nobres canéforas e atletas perfeitos".[73]

No *Júízo Final* de Miguel Ângelo, ao lado de Caronte e de figuras escandalosamente nuas, aparece não só o Supremo Juiz sumàriamente vestido, mas Cristo é um misto de Hércules e Apolo, enquanto os santos apresentam corpos de titãs e deuses antigos.[74]

No majestoso túmulo idealizado por Júlio II para si próprio, e no qual deviam entrar quarenta figuras colossais, comemorativas de suas vitórias: a Glória, as Artes e tudo quanto se possa imaginar, faltou apenas — nota André Michel — pequenina minúcia: Deus![75]

Também o monumento funerário de Sisto IV, mandado executar por seu sobrinho Júlio II, apresenta a singular mistura de motivos pagãos, assim como a famosa *cassetina Farnese, colocada* hoje no Museu de Nápoles e na qual se vêem Hércules, Minerva, Marte, Vênus e Baco.[76]

Torna-se, então, a Páscoa, uma festa inteiramente pagã, com sacrifícios, grinaldas de flôres, teorias de efebos e virgens.[77] No carnaval de 1520, a tradicional festa romana da quinta-feira gorda, realizada na Praça Navona, foi tôda celebrada em estilo antigo, excedendo, em pompa, tudo quanto até então se tinha visto no gênero. Grande cortejo se pôs em

[73] *Vide* H. Taine: *Philosophie de l'Art,* t. II, pág. 184 da 4.ª ed., Paris, Hachette, 1885.

[74] *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. XII, págs. 405 e seguintes, 415, 417 e 418 *et passim.* Dando cumprimento à decisão do Concílio de Trento, tomada na sessão de 3 de dezembro de 1563, de serem tiradas as nudezes escandalosas das pinturas da Capela Sistina, Daniel de Volterra, discípulo de Miguel Ângelo, retocou os quadros do Mestre, o que lhe valeu o apelido de "pintor de calças". *Vide* Pastor, 1. cit., pág. 408.

[75] *Apud* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance,* pág. 329 da ed. cit.

[76] *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. V, pág. 197, t. IV, pág. 359, nota 2, e t. XII, págs. 391 da tradução francesa citada.

[77] *Vide* Brentano: *La Renaissance,* pág. 89 da ed. cit.

movimento, indo do Capitólio pela Via de Bianchi até o Castelo Santo Ângelo, de onde o Papa Leão X o contemplava, dirigindo-se, em seguida, para a Praça de São Pedro. No cortejo figuravam treze carros representando Ísis, Netuno, Hércules, Atlante, Éolo, Vulcano e outros deuses pagãos.[78]

Audaciosamente misturavam alguns escritores o sagrado com o profano. Uma coleção de poesias do tempo de Alexandre VI encerra vários epigramas começando com louvores à Virgem Maria e às bem-aventuradas, e passando, sem transição, ao elogio das cortesãs, coloca no mesmo plano as santas do Céu e as sacerdotisas de Vênus.[79]

Em 1522, por ocasião de uma peste, foi, no Coliseu, sacrificado aos deuses infernais um touro, tal qual faziam, na antigüidade, os politeístas.[80]

Em 1538, ao celebrar o casamento de Margarida d'Áustria, bastarda de Carlos V, com Otávio Farnese, neto de Paulo III, fêz-se a imitação de um triunfo antigo de tal modo fiel que o pintor português Francisco de Olanda, testemunha de vista, teve a impressão de ver desfilar os próprios Imperadores.[81]

Ao ser sagrado Leão X foram erguidos, em Roma, arcos do triunfo adornados com imagens de deuses pagãos: Apolo, Minerva, Mercúrio, Baco, Vênus, Diana, etc. Num dêsses arcos liam-se versos compostos pelo banqueiro Chigi, aludindo satìricamente aos pontificados de Alexandre VI e Júlio II:

Vênus reinou primeiro, e, em seguida Marte.
Começa agora teu dia, augusta Minerva.

Ao que respondeu o ourives Marino, colocando uma estátua de Vênus diante de sua casa com o verso:

Marte e Palas reinaram: Vênus reinará sempre.[82]

Quando, em 1529, Carlos V foi recebido em Bolonha, a cidade também se engalanou com motivos antigos. Na porta de San Felice, por onde devia entrar o Imperador, via-se

78 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. VIII, pág. 78.
79 *Idem, ibidem,* t. V, pág. 139.
80 *Idem, ibidem,* t. IX, pág. 51, e Jacob Burckhard: *A Civilização na Itália durante a Renascença,* t. I, pág. 254, nota 1, da trad. francesa de M. Schmitt, Paris, Plon, 1885.
81 *Vide* Pastor, *op. cit.,* t. XI, págs. 292 e 293.
82 *Idem, ibidem,* t. VII, pág. 29.

de um lado o triunfo de Netuno, cercado de tritões e sereias; e, de outro, Baco, rodeado de faunos, sátiros e ninfas com a inscrição: *"Ave, Caesar, Imperator invicte"*. E, na porta, ao lado das insígnias pontifícias, encontravam-se medalhões de César, Augusto, Tito e Trajano.[83]

Transmudam-se os veneráveis vultos das Sagradas Escrituras em heróis do Olimpo, enquanto recìprocamente, ingressam no Paraíso os personagens da antigüidade. É Virgílio um precursor da fé, anunciando a vinda do Cristo nas *Bucólicas,* e muitos pleiteiam a canonização de Aristóteles e Platão, diante de cujo busto mantém Ficino, apesar de padre, uma lamparina dia e noite acesa.[84]

Enquanto em Nápoles o povo invoca "São Virgílio", não trepida Erasmo em exclamar, nos *Colóquios*: *"Sancte Socrates, ora pro nobis!"*, admitindo estejam Virgílio e Horácio entre os Santos, e sustentando, ainda nos *Colóquios,* haver a Virgem Maria substituído Vênus como padroeira dos navegantes.[85]

No poema de Bernardo Pulci consagrado a celebrar o velho Cosme de Médicis, é êste recebido no Céu por Cícero, Cúrcio, Fabrício e outros vultos da antigüidade.[86]

A Oliveira Martins não escapou êsse aspecto característico do humanismo:

"Assim como o Paraíso bíblico se transforma na ilha dos Amôres, onde, em vez do pecado original, achamos a própria apoteose do amor sexual; assim como, em vez do Céu, vemos abertas as portas do Olimpo, e Júpiter no trono em que nos autos medievais se sentava Deus-Pai; assim como, em lugar dos coros de serafins e potestades da mitologia cristã, dançam na terra e no mar as rodas de ninfas e sereias: assim também os heróis da história antiga tomam o lugar dos campeões da Idade-Média. Ajax substitui Rolando; Alexandre, Carlos Magno; e o combate épico de Roncesvales, ou as

83 *Idem, ibidem,* t. X, pág. 39.
84 *Idem, ibidem,* t. V, pág. 152.
85 *Vide* Erasmo: *Colóquios,* livro I, *As Hospedarias, O Repasto Religioso, et passim.*
86 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. V, pág. 100.

façanhas do Cid, esquecem-se pelas tradições da guerra de Tróia."[87]

Certo tradutor de Ovídio tem o cuidado de indicar o espírito no qual é concebida a obra, cuja versão empreende:

"Aqui começa o livro de Ovídio onde êle invoca a ajuda da Santíssima Trindade."[88] E um monge de Paris, ao copiar, em 1467, a *Arte de Amar,* declara que o faz "em honra da Virgem Maria" — *"ad laudem Virginis Mariae!"*[89]

Ainda no século XVII o Padre Vieira, no *Primeiro Sermão do Mandato,* assim como em muitos outros, não se acanha de citar, do alto do púlpito, a *Arte Amatória* e *Os Remédios do Amor Humano.*[90]

Os jesuítas — tanto é verdade "serem os homens de seu século, mesmo a seu pesar" — não davam a ler, em seus extensíssimos cursos de humanidades, os textos latinos de Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Ambrósio e demais Santos Padres, mas apenas os dos escritores romanos do século de ouro.[91]

O Renascimento

Nada menos estranhável, pois, suscitasse tão fervoroso culto da antigüidade pertinazes buscas de quanto lhe dizia respeito.

Ao lado da pesquisa de manuscritos em velhos mosteiros, escavações se fazem para ressuscitar as artes antigas, e é a estas que, mais pròpriamente, se pode aplicar a expressão *Renascimento.*

87 *Vide* Oliveira Martins: *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal,* pág. 278 da 1.ª ed., Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Pôrto, 1891.
88 *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance,* pág. 90 da ed. cit.
89 *Vide* Pierre de Nolhac: *Pétrarque et l'Humanisme,* t. I, pág. 178, Paris, Librairie Honoré Champion, éditeur, 1907.
90 *Vide* Vieira: *Sermões,* t. IV, pág. 266 da ed. da Livraria Chardron, Lisboa, 1907, *et passim.*
91 *Vide* Padre Leonel Franca, S. J. *O Método Pedagógico dos Jesuítas — o Ratio Studiorum,* introdução e tradução, págs. 49 e 50, 80 e 199 *et passim,* Rio, Livraria Agir Editôra, 1952.

Numa propriedade do Cardeal Della Rovera descobre-se, em 1480, o Apolo de Belvedere. Nas imediações de Santa Maria Maior, numa vinha, ressuscita, em 14 de janeiro de 1506, o grupo do Laocoonte, até então só conhecido através das descrições de Plínio.

Não há exagêro em dizer-se que foi o acontecimento mais sensacional do tempo. Miguel Ângelo e Sangallo dirigem as escavações e o grupo é festivamente transportado, primeiro ao Capitólio, e, depois, ao Belvedere, onde Bramante lhe preparara, por ordem do Papa, local condigno do seu renome. Durante todo o trajeto pelas ruas da Cidade Eterna, decoradas como se celebrassem um triunfo, embandeiradas e engrinaldadas, repicavam os sinos de tôdas as igrejas e troavam os canhões de Santo Ângelo. Uma vez pôsto no lugar de destaque, que lhe fôra reservado, é o grupo, qual venerável relíquia, coberto de flôres por delirante multidão. Jamais — diz um historiador — recebeu capitão vitorioso triunfo mais belo e eloqüente.[92]

Ao Apolo e ao Laocoonte juntaram-se, nos primeiros anos do século XVI, o Nilo e o Tibre,[93] a Cleópatra e a Vênus de Médicis. Ao lado das grandes estátuas, ressuscitam ainda as decorações murais, essa ornamentação fina e delicada, introduzida pelo Pinturicchio,[94] "o que a arte romana nos deixou de melhor". Denominaram-nas *grotescos,* e êsses motivos graciosos, a cuja ressurreição assistiu Cellini, exerceram profunda influência sôbre êle e demais artistas renascentes.[95]

De Rodes e das jônicas chegavam todos os dias navios carregados de antigüidades. Incentiva-se, assim, o gôsto das coleções e os menores vestígios da arte grega ou romana alcançam "preços vertiginosos".

Desaparece, nessa matéria, a noção de probidade, e, segundo Castiglione, o autor do *Cortegiano,* os roubos coones-

92 *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance,* pág. 95 da ed. cit., e Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. VI, págs. 457 e 458.
93 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. VIII, pág. 230.
94 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. VI, págs. 159 e 116.
95 *Vide La Vita di Benvenuto Cellini scrita da lui medesimo,* págs. 69 e 70, Torino, 1913, Libreria Editrice Internazionale, e Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance,* pág. 95 da ed. cit.

tam-se, tornando-se os furtos até mesmo louváveis. Isabela d'Este obtém por empréstimo, de César Bórgia, uma estatueta antiga, por êle furtada à Duquesa de Urbino, e, mais tarde, não admite a encantadora Marquesa de Mântua que se lhe fale em restituição.[96]

Essa paixão do antigo deu origem a nova indústria: a das falsas antigüidades.[97]

Bem longe iam os tempos em que as estátuas antigas — tidas como ídolos — eram impiedosamente mutiladas e calcinadas. Os monumentos greco-romanos haviam-se transmudado, durante a Idade Média, em inexauríveis pedreiras, onde cada construtor ia prover-se de pedras para edificar, ou de mármore para transformá-lo em cal. No século XIV um Legado Pontifício vendera os mármores do Coliseu para serem aproveitados como cal,[98] não se tendo, na Idade Média, a menor idéia de respeito pela arte greco-romana.[99] Até um artista, como Bramante, não o possuía, tendo sido chamado *Ruinante* pelo descaso com que se valia de materiais tirados de monumentos antigos para as suas construções.[100]

Até mesmo durante o pontificado de Leão X continuava o mármore antigo a ser importante fonte de cal, apesar dos veementes protestos de Rafael.[101] E ainda sob Paulo III continuaram as ruínas da antigüidade a ser encaradas e utilizadas como jazidas de mármore.[102]

Poggio, Niccolò Nicoli, Aurispa, Filelfo, Guarino, Lorenzo Valla e inúmeros outros distinguem-se pela busca de manuscritos gregos e latinos, fazendo-os recopiar, corrigindo e rastaurando-lhes o texto, corrompido por copistas ignaros.

De tal modo estava Poggio possuído da antigüidade pagã que, sem pestanejar, teria dado tôdas as obras-primas

96 *Vide* Fr. Funck-Brentano, *op. cit.*, págs. 95 e 96.
97 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. VI, pág. 460, nota 2.
98 *Idem, ibidem*, t. I, pág. 86.
99 *Idem, ibidem*, t. I, pág. 230, t. VIII, págs. 45, 133 e 134, t. XII, 364 e t. XIII, pág. 375.
100 *Idem, ibidem*, t. VI, págs. 446 e 447.
101 *Idem, ibidem*, t. VIII, págs. 45, 133 e 134.
102 *Idem, ibidem*, t. XII, pág. 364, e t. XIII, pág. 375.

da dogmática cristã pela descoberta de uma arenga de Cícero.[103]

Os cinco primeiros livros dos *Anais* de Tácito são encontrados num convento de Westphalia e apresentados a Leão X em êxtase, observando, com razão, Tiraboschi, ocasionar a descoberta de um manuscrito desconhecido maior sensação, por êsse tempo, do que a conquista de todo um reino.[104]

Declarou o Papa, no privilégio que concedeu para impressão do historiador de Tibério, agradecer ao Céu haver-lhe permitido servir a Humanidade, favorecendo a publicação de tal obra.[105]

Tal qual Nicolau V, enviou Leão X emissários em busca de manuscritos antigos, desde a Escandinávia até o Oriente, declarando, em mais de um Breve, considerar um de seus deveres mais importantes aumentar o tesouro dos escritores da antigüidade a fim de que florescesse, sob o seu pontificado, a língua latina. Os que opusessem obstáculos à pesquisa de manuscritos seriam nada menos do que excomungados![106] A mesma preocupação tiveram Clemente VII e Paulo III.[107]

Bayle registra dois Breves de Leão X em que êste se mostra preocupadíssimo em descobrir um exemplar completo da obra histórica de Tito Lívio.[108] Em seu entusiasmo pelos clássicos antigos chegou o Sumo Pontífice a aceitar a dedicatória da edição *princeps* de um poema de *Rutilus Numantianus,* sem preocupar-se de haver êsse ardente defensor

[103] *Vide* Voigt: *Enea Silvio,* t. I, pág. 197, *apud* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. I, págs. 37 e 38.

[104] *Vide* Henry Hallam: *View of the state of Europe during the Middle Ages,* pág. 707 da ed. de Londres, Ward, Lock, Bowden, and Co., sem data.

[105] *Vide* Roscoe: *Leone* X, ed. Bossi, IV, 181, *apud* Jacob Burckhardt: *A Civilização na Itália durante a Renascença,* t. I, pág. 277, da trad. francesa de M. Schmitt, Paris, Librairie Plon, 1885.

[106] *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* vol. VIII, págs. 148, 149 e 150.

[107] *Idem, ibidem,* t. XII, pág. 348.

[108] *Vide* Pierre Bayle: *Dictionnaire Historique et Critique,* artigo Léon X, t. IX, págs. 161 e 162 da ed. Beuchot, Paris, 1820.

dos deuses políticos declarado ser a doutrina de Cristo mais perniciosa do que o veneno de Circe, pois êste apenas metamorfoseia os corpos, enquanto aquela transforma a alma.[109]

O que fôsse o arrebatamento quase supersticioso dos humanistas para com os antigos, é fácil avaliar pelo que, de Homero, escreve Antônio Urceo, em famoso *Discurso sôbre as Artes Liberais*:

"Quero falar-te das letras gregas, e, mais particularmente, do divino Homero, que, no dizer de Ovídio, retempera, com eterno estro, os versos dos poetas.

"Podes, em Homero, aprender a gramática; em Homero, a retórica, em Homero, a medicina; em Homero, a astrologia; em Homero, a fábula; em Homero, a história; em Homero, os costumes; em Homero, os princípios da filosofia; em Homero, a arte militar; em Homero, a arte culinária; em Homero, a arquitetura; em Homero, o Govêrno dos Estados.

"Numa palavra, tudo quanto pode a alma desejar aprender de bom e honesto se acha em Homero."[110]

Êsse Antônio Urceo, um dos maiores humanistas italianos, residia num quarto do Palácio de Forli tão escuro que, para ler, mesmo de dia, precisava acender uma lamparina.

Aconteceu-lhe, certa feita, esquecer a lamparina acesa, encontrando, ao voltar, todos os seus livros e preciosíssimos manuscritos destruídos pelo fogo. Desesperado, dirige-se, então, a uma imagem da Virgem: "Se, por acaso — exclama-lhe — na hora da minha morte, eu te implorar humildemente, não me escutes: quero passar, no mais tôrvo inferno, a minha eternidade!"

Ao falecer, aos oitenta e quatro anos, lastimou, referindo-se a seus conhecimentos clássicos: "Quantos tesouros vão ser comigo enterrados!"[111]

109 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, pág. 151.

110 *Apud* Jacob Burckhardt, *op. cit.*, t. I, pág. 309, nota 1.

111 *Vide* Pierre Bayle, *op. cit.*, t. XV, págs. 440 e seguintes, e Fr. Funck-Brentano, *op. cit.*, págs. 98 e 99 da ed. cit.

Os Adágios de Erasmo

Em 1500, aparecem, em Paris, os *Adágios* de Erasmo, sob o título *Adagiorum Collectanea,* onde eram grupados cêrca de 800 provérbios, extraídos dos autores clássicos, elucidados e comentados no mais puro estilo e encadeados de modo a darem uma idéia geral do conjunto da civilização antiga. Com as sucessivas edições, o número dos adágios registrados subiu a perto de 4.000, dividindo-se em *chiliades* e *centúrias,* alcançando até o fim do século XVI nada menos de cento e trinta e duas edições.[112]

Na dedicatória a Lorde Moutjoy realça o humanista o prestígio que adquire um autor, ornando seus escritos e fortalecendo suas razões com as veneráveis máximas da antigüidade. Nesse trabalho, um dos mais importantes do humanismo — "o armazém de Minerva, ao qual se recorre como aos livros das Sibilas", no dizer de Budé, célebre helenista da época, vulgarizou Erasmo o espírito clássico, que deixava, assim, de ser privilégio dos eruditos de profissão. Foi o que êstes severamente lhe increparam, dizendo haver divulgado o mistério de sua fôrça.

Livro decisivo para o futuro das literaturas — comenta Nisard — "primeira revelação de um duplo fato: o espírito humano é uno, o homem moderno filho do homem antigo, e as literaturas o depósito da sabedoria humana".[113] É esta última que o humanista empreende revelar através de milhares de provérbios, postos ao alcance de todos, onde a moral, na expressão pitoresca de Eça de Queiroz, se acha guardada como em frascos.[114]

Erasmo sempre sustentara encerrar a antigüidade maravilhoso tesouro de verdades morais, mal compreendidas ou mesmo inteiramente desconhecidas.

São os *Adágios* um tratado de moral prática, e têm, sobretudo, alcance filosófico. Tal qual seu genial discípulo —

112 *Vide* J. B. Pineau: *Érasme, sa Pensée Religieuse,* pág. 145, Paris, Les Presses Universitaires de France, 1924.
113 *Vide* D. Nisard: *Renaissance et Réforme Erasme, Thomas Morus Mélanchton,* t. I, págs. 189 e 190, Paris, Calmann Lévy, éditeur, 1877.
114 *Vide* Eça de Queirós: *Uma Campanha Alegre — Das Farpas,* vol. II, pág. 121, Lisboa, Companhia Nacional Editôra, 1891.

Cervantes — pensava Erasmo serem os rifões, transmitidos de idade em idade, veneráveis restos da sabedoria dos povos, e nêles se reflete a Humanidade no que possui de mais fino e penetrante, fruto que são "de longa e discreta experiência".[115]

Comovedora — observa Pineau no mais completo estudo até hoje publicado sôbre *O Pensamento Religioso de Erasmo* — "comovedora essa piedade erásmica em recolher as belas sentenças, nas quais a voz dos mortos nos convida à sabedoria; enternecedor êsse cuidado em salvar as menores migalhas da verdade, esparsas através dos tempos, únicas representantes, muita vez, de aspectos essenciais de uma grande civilização, marco milenar da ascensão de nossa espécie, da animalidade aos nossos dias.

"A Humanidade não é nova, e Erasmo tem o profundo sentimento de sua misteriosa e venerável antigüidade. Esforça-se em perlustrar a longa e indefinida estrada do tempo e admira, em religioso recolhimento, as pegadas das multidões, que já se foram, e às quais devemos o que somos.

"Vide quantum philosophiae vel theologiae magis oceanum nobis paroemia tantilla aperuit."

"Vê que imenso pélago de filosofia, ou, antes, de teologia, manifesta um pequenino adágio"[116] — exclama, arrebatado, o humanista.

Perscrutando as gerações passadas no que oferecem de mais delicado, queria êle fôssem os *Adágios* verdadeiro breviário da sabedoria antiga, principalmente para os moços, cuja direção intelectual pretendia retirar aos monges, atrasados e perturbadores a seu ver.

É para fazer com que os moços admirem e amem a antigüidade, que os conduz Erasmo ao convívio dos grandes homens dos tempos idos. Tê-lo-iam comovido os versos de Dante, o qual deixou no *Inferno* os filósofos e heróis da antigüidade, muito embora num ciclo do qual não fôra banida tôda verdura — o máximo que por êles conseguira, diante do estreito dogmatismo de seu tempo:

115 *Vide* Cervantes: *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, Primeira Parte, cap. XXXIX, pág. 346 da ed. de Barcelona, Bamon Sophia-editor.
116 *Vide* J. B. Pineau, *op. cit.*, págs. 146, 147 e 149.

Giugnemmo in prato di fresca verdura
Gente v'eran con occhi tardi e gravi
Di grand'autorità nè lor sembianti:
Parlavan rado, con voci soavi.

"Êsses grandes homens, "de olhar tranqüilo e voz suave", na expressão do florentino, são, pelo humanista, apresentados, como em côro, desde as primeiras páginas dos *Adágios*.[117]

Um dêles é Aristóteles, depois do qual "nenhum filósofo construirá um edifício tão completo quanto o seu"; outro é o divino Platão, cujos pensamentos constituem verdadeiro florilégio; aquêle é o virtuoso Plutarco, jamais superado, em bondade, por nenhum dos filósofos antigos ou modernos; êste é Pitágoras, o mais religioso, e, portanto, o mais completo dos educadores.

E, ao lado dêles, numerosos outros provam, por seus feitos e escritos, que essa antigüidade, negramente pintada por alguns, é muitas vêzes uma escola de virtude, civismo, filosofia e até de religião, porquanto esta, segundo Erasmo, não é mais do que a própria filosofia, no que é insigne predecessor de Augusto Comte, quando chama "Religião da Humanidade" a um sistema universal de educação, suscetível de estender-se à espécie inteira, porquanto deve assentar sôbre a própria ciência, e esta não conhece fronteiras, nem raças.

Por aqui se vê que, se não são mais lidos hoje, contribuíram os *Adágios* para a formação do pensamento moderno naquilo que possui de mais avançado e humano.

O Latim na Vida Quotidiana

O deus dos humanistas era Cícero, adorado por uma série de imitadores, entre os quais grandes espíritos, como os Cardeais Bembo e Campano. Levou êste último tão longe o cuidado de evitar expressões modernas no latim, que um de seus trabalhos — *A Vida de Braccio de Mântua* — se torna quase ininteligível por excesso de pureza clássica.

117 *Idem, ibidem*, págs. 149 e seguintes.

Ufana-se Braccio *"se nunquam immortalium templa violasse"* — nunca haver violado os templos dos imortais". Se soldados cometem distúrbios numa cidade, acusa-os o panegirista: *"virgines vestales incestasse"* — haverem violado as vestais, que, no caso, são as freiras, e, num atrevido requinte de purismo, chama a Igreja: *Romanum Imperium!*[118]

Transforma-se, assim, o ciceronianismo numa religião, que tem sacerdotes vigilantes e intransigentes.

Permitindo-se Erasmo sustentar, no *Dialogus Ciceronianus seu de optimo dicendi genere,* merecer o orador romano os maiores louvores, mas que, além dêle, havia ainda autores estimáveis, cujo vocabulário era legítimo empregar, foi acerbamente atacado e chamado de bêbado, porquanto tamanha heresia só em plena ebriedade podia ser proferida.

Nenhuma solenidade, no apogeu do humanismo, sem uma arenga em latim, que deixa de ser apenas a língua dos eruditos de profissão.

Fazem-se discursos latinos, na praça pública, diante do potentado, que chega vitorioso; na câmara ardente, diante do ataúde fúnebre; nas cerimônias nupciais, diante dos noivos.* Nicolau V é eleito papa exclusivamente pelo panegírico latino que pronuncia, em honra de Eugênio IV, seu antecessor, perante o Sacro Colégio.[119]

Em Roma, Florença e Nápoles voltam à cena, depois de quinze séculos de mutismo, Plauto e Terêncio. Ao Cardeal Orsini se deve, no século XV, um manuscrito de Plauto contendo doze de suas comédias até então desconhecidas.[120] Em 1486 foram representadas, pela primeira vez em italiano, as *Menechmas* de Plauto, espetáculo reproduzido, em 1502,

[118] *Vide* Henry Hallam, *op. cit.,* pág. 712, nota 1.

* No triunfo com que, em 1548, foi Dom João de Castro recebido em Goa, saudou-o em latim um dos vereadores da cidade:

"Um vereador na língua latina lhe orou discretamente, discorrendo como, por benefício de seu valor, tínhamos humilhado o mais soberbo cetro do Oriente, cujas ruínas seriam de sua fama os elogios maiores."

(*Vide* Jacinto Freyre de Andrada: *Vida de Dom João de Castro,* Paris, 1769, livro 3.º, pág. 342.)

[119] *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. II, pág. 30.

[120] *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. I, págs. 285 e 286.

no Vaticano, nos próprios aposentos de Alexandre VI.[121] E, em 1513, é levado à cena em Roma, no original latino, o *Paenneus*, também de Plauto, sendo quase todos os intérpretes nobres romanos dirigidos pelo bibliotecário da Vaticana, Padre Tomaso Inghirami.[122] Em 1550 e 1551 foram representados, perante Júlio III, as *Menechmas*, os *Eunucos* e a *Aululária* de Plauto. A esta última comédia, no carnaval de 1551, assistiram o Papa e vinte e quatro cardeais.[123]

Pergunta Nicolò Nicoli se pode alguém ser tido, como poeta, quando não compõe versos latinos, e Poggio sustenta terminantemente: "Só os que escreveram obras latinas tiveram a alegria de viver."[124]

"Servimo-nos do italiano só para as coisas, cuja memória não queremos transmitir à posteridade" — declara, com altivez, Filelfo.

Leonardo Bruni, Vespasiano e muitos outros também pensam assim, lamentando todos não haja sido escrita em latim a *Divina Comédia*, que Colucio Salutati empreende trasladar para o idioma de Virgílio, projeto executado por Matteo Ronto ao verter, em hexâmetros, as *terzinas* do florentino.[125]

Várias das novelas de Bocaccio são também traduzidas para o latim: a de *Griselda*, por Petrarca; a de *Ser Ciapeletto*, por Antônio Loschi; a de *Guiscardo* e *Ghismonda*, por Leonardo Bruni, a do *Rei Afonso* e *Messer Ruggeri*, por Bartolomeo Fazi; a de *Tito* e *Gisipo*, por Filipo Beroaldo.[126]

Sem o latim e fortes recheios de cultura clássica, nada de bom-tom para os humanistas. Um dístico de Pontano ou um epigrama de Tebáldeo* causam, no mundo culto, maior sensação do que as melhores estrofes de Ariosto, preterido por versificadores latinos sem o menor mérito.

121 *Idem, ibidem*, t. V., págs. 122, 123 e 124, e t. VI, pág. 102.
122 *Idem, ibidem*, t. VIII, págs. 73 e 74.
123 *Idem, ibidem*, t. XIII, pág. 62.
124 *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 101 da ed. cit.
125 *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 123.
126 *Idem, ibidem*.

* Por um epigrama latino em honra de Leão X recebeu Tebáldeo quinhentos ducados, soma imensa na época.
(*Vide* Pastor: *História dos Papas*, vol. VIII, pág. 110 da tradução francesa.)

Por seis versos latinos em honra de Veneza, recebe Sannazzaro, da Sereníssima República, a enorme gratificação de seiscentos ducados ouro.

Eis êsses versos famosos e... caros:

Viderat Adriacis Venetam Neptunus in undis
Stare urbem et toto ponere jura mari;
Nunc mihi Tarpejas quantumvis, Jupiter, arceis
Objice et illa tui moenia Martis, ait,
Si pelago Tybrim praefers, urbem adspice utramque,
Illam homines dices, hanc posuisse deos.[127]

"Depois de contemplar Veneza, emergida das ondas do Adriático, a dar leis a todo o mar, diz Netuno a Júpiter: 'podes, agora, gabar, quanto queiras, o Capitólio e as muralhas do teu Marte; se preferes o Tibre ao Oceano, compara as duas cidades e verás ser uma, obra dos homens, enquanto a outra é dos deuses'."

[127] *Apud* Jacob Burckhardt, *op. cit.*, t. I, pág. 334.

CAPÍTULO SÉTIMO

OUTROS ASPECTOS DO HUMANISMO

O Grego na Europa

AO LADO do latim, também o grego tornou-se objeto de acurados estudos.

Ainda hoje são comuns os escritores que atribuem a difusão do idioma de Homero, na Europa, à queda do império bizantino.

Muito antes, entretanto, da tomada de Constantinopla pelos turcos, da qual errôneamente se quis fazer uma data decisiva no evolver ocidental, já o grego preocupava a Europa, havendo sido muito mais fatal às bibliotecas bizantinas a tomada de Constantinopla, em 1203, pelos cruzados, do que, século e meio mais tarde, pelos turcos.[1]

Sem esquecer que na Calábria, até o século XI, as missas eram ditas em grego; sem falar em João Scot, Lanfranc, Gui-

1 *Vide* Heeren: *Ensaio sôbre a Influência das Cruzadas*, págs. 407 e seguintes, *signaliter* 412, 413 e 414 da tradução francesa de Villers, Paris, 1808, e Henry Hallam: *View of the State of Europe during the Middle Ages*, pág. 711, nota 2, Ward, Lock, Bowden, and Co., London, sem data.

lherme Malmsbury, Rogério Bacon e Roberto Grossetête, que, em plena Idade Média, liam, no original, os autores da Grécia antiga;[2] deixando em silêncio Barlaam e Leôncio Pilatos, que, na primeira metade do século XIV, iniciam Petrarca e Bocaccio no estudo do grego; é fora de dúvida que Manuel Crysóloras inaugura, solenemente, em Florença, em 1397, um curso público dessa língua, estipendiado pela própria cidade. Depois dêle, fixam-se na Itália, a fim de lecionar o grego: Trapezuntios, em 1420; Gaza, em 1435; Pléton, em 1438; Argirópulos, em 1441, e Chalcôndylas, em 1447.[3]

Já em 1423 dois patrícios venezianos saúdam, em grego, o Imperador Paleólogo, e, em 1439, Leonardo Bruni faz o mesmo, redigindo Ambrósio Traversari, em grego, o decreto de união da Igreja Bizantina com a Romana.[4]

Leonardo Bruni possui valiosa coleção de clássicos gregos, adquiridos em Chipre, e, em 1417, Nicolò Nicoli compra manuscritos contendo Tucídides, sete tragédias de Sófocles, dez de Ésquilo e a *Argonáutica* de Apolônio. Pallas Strozzi possui a *Cosmografia* de Ptolomeu, as *Vidas* de Plutarco, os *Diálogos* de Platão e a *Política* de Aristóteles; Aurispa tem, em sua riquíssima biblioteca, as obras completas de Demóstenes, Platão, Diodoro da Sicília, Strabão, Luciano, Xenofonte e Dião Cássio, trazendo, em 1423, de Constantinopla, 238 volumes de clássicos gregos. Guarini possui-os a todos, e Frederico de Montefeltro, "proprietário de infinitos livros sôbre diversos assuntos", não espera que lhos tragam e emprega emissários em sua busca.[5]

O que há, portanto, de significativo na queda de Constantinopla, em 1453, não é o que os gregos expulsos revelam ao Ocidente, mas, ao contrário, o que vão aí encontrar.

Já em começos do século XIII, havia Felipe Augusto de França fundado, em Paris, um colégio constantinopolitano

2 *Vide* Henry Hallam, *op. cit.*, pág. 708 e seguintes.
3 *Vide* Philippe Monnier: *Le Quattrocento*, t. II, pág. 4 e seguintes, Paris, Perrin et Cie., éditeurs, 1901 e Gibbon: *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, pág. 1 207 e seguintes, London, F. Westley and Davis, 1836.
4 *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.*, pág. 21 *et passim.*
5 *Idem, ibidem.*

para jovens gregos das principais famílias de Bizâncio.[6] Esta circunstância — não há duvidar — contribuiu para difundir o conhecimento do grego, não só em França, mas em tôda a Europa.

Era Paris, então, a sede da mais famosa universidade européia, e quase todos aquêles aos quais se atribuem, nesse tempo, traduções diretas do grego, haviam estudado nessa cidade, devendo-se ao Colégio, fundado por Felipe Augusto, várias das versões latinas de Aristóteles, feitas diretamente do grego, antes de Santo Tomás de Aquino.[7]

Reatamento das Tradições Greco-Romanas

Com o movimento cultural iniciado por Petrarca e Boccaccio, passaram os italianos instruídos a considerar-se sucessores e até representantes das glórias romanas.

Paulo II, cujo nome secular era Pietro Barbo, dava-se como descendente dos Ahenobarbos, um dos quais foi pai de Nero, e referindo-se certo orador a êste último, perante o Papa, evitou censurá-lo: "a fim de não chocar Sua Santidade em suas tradições domésticas."[8]

Segundo Canensius, autor do século XV, biógrafo de Paulo III, tal o desprêzo dos humanistas relativamente à Idade Média que consideravam o auge da ignomínia usar patronímicos cristãos, e, por isso, substituíam seus nomes de batismo por outros pagãos.[9]

Propaga-se, assim, a adoção de nomes gregos e latinos, e a antigüidade passa a imperar despòticamente. Os filhos de famílias nobres chamavam-se Agamênon, Aquiles, César,

6 *Vide* Michaud: *Histoire des Croisades,* t. VI, pág. 328 da sexta edição, Paris, Furne Et Cie. editeurs, 1841.

7 *Vide* A. Jourdain: *Recherches sur l'Âge et l'Origine des Traductions Latines d'Aristote,* 2.ª edição, Paris, 1843, *passim;* Charles de Rémusat: *Abélard,* t. I, pág. 307 e seguintes, Paris, Librairie Philosophique de Ladrange, 1845.

8 *Vide* Jacob Burckhardt: *A Civilização na Itália durante a Renascença,* t. I, págs. 225, nota 2, da trad. francesa de M. Schmitt, Paris, Plon, 1885.

9 *Vide* Dr. Luís Pastor: *História dos Papas,* t. IV, págs. 43 e 44 da trad. francesa de Furcy Raynaud, 5.ª edição, Paris, Plon, 1924.

Ascânio, Enéias, Marco Antônio, Augusto, etc.; os de um pintor Apeles e Minerva, e até as cortesãs passaram a chamar-se Pórcia, Lucrécia, Cassandra, Pentesiléia, etc.[10]

Libertando-se de tôdas as cadeias — pondera Latino Coelho — "o pensamento voava animado pela grande insurreição da reforma espiritual, em tôdas as direções. O espírito, cansado da autoridade, sacudiu o jugo atual, para buscar, nas instituições e letras antigas, um jugo nôvo e uma nova superstição. Renegava a autoridade da Idade Média para curvar-se diante da autoridade dos antigos. Sacudia a ditadura dantesca para se deixar conduzir como escravo de Homero e de Virgílio. Desdenhava os autos e mistérios cristãos para copiar servilmente as cenas profanas de Eurípedes e de Sófocles".[11]

Se, portanto, se insubordinavam os humanistas contra a Idade Média, era para se submeterem a um jugo ainda mais pesado.

A veneração inata no homem sempre o impeliu ao conhecimento das opiniões de seus antecessores: assim foi na antigüidade, assim na Idade Média e assim é ainda em nossos dias. Essa "continuidade" é exatamente o mais precioso dos atributos de nossa espécie.

Tornou-se, porém, descabida tal preocupação no humanismo, conduzindo a exageros de todo em todo condenáveis.

As *Sagradas Escrituras,* os Santos Padres e os escolásticos, inclusive os maiores, foram, pelos humanistas, substituídos por Cícero, Virgílio, Homero, Aristóteles e Platão.

Ao emitirem uma idéia, o primeiro argumento que lhes ocorre é sempre o haver participado dela um autor antigo, e suas palavras só têm valor quando acompanhadas, em cada linha, de reminiscências e citações clássicas — "recusam-se a dizer qualquer coisa que não haja sido dita pelos antigos" — increpava-lhes Savonarola.[12]

Deixava, assim, de ser o humanista aquêle que conhece o passado e nêle se inspira, para tornar-se um fascinado, que servilmente copiava e repetia os antigos, seguindo-os até em

10 *Idem, ibidem,* t. V, pág. 141.
11 *Vide* Latino Coelho: *O Visconde de Almeida Garrett,* págs. 179 e 180 da ed. Emprêsa Literária Fluminense, Lisboa, 1918.
12 *Apud* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. V, pág. 192.

seus vícios e fraquezas. Reprochando Aretino o vício da embriaguez a famoso humanista, êste lhe replicou: "Os antigos não bebiam água."[13]

Enéias Sílvius, mais tarde Papa com o nome de Pio II, tem, quando padre, um filho, e escreve a seu pai: *"Antiquum et vetus est hoc delictum, nec scio quis careat"* — "antigo e velho é êste delito, nem conheço quem dêle se exima."[14]

Assim também Poggio, Secretário Apostólico durante o pontificado de Bonifácio IX. Aos cinqüenta e cinco anos abandona a mulher com quem vivia, e da qual tivera quatorze filhos, para casar-se com uma jovem, apoiado em exemplos da antigüidade, e faz a apologia de seu gesto no diálogo: *"An seni sit uxor ducenda?" "Se o velho deve casar-se?"* Para resolver os mais difíceis problemas da vida e tranqüilizar a consciência, bastava, aos humanistas, um escrito em latim elegante — observa Villari,[15] e, como nota Monnier, a antigüidade autoriza o êrro, exalta o mal e absolve o pecado.[16]

Afonso de Aragão, Rei de Nápoles, guarda e venera, como relíquia, um osso de Tito Lívio, que lhe cedem, a grande custo, os paduanos. Reconcilia-se com Cosme de Médicis, para obter um manuscrito antigo, saudando, com gritos de entusiasmo, Sulmona, pátria de Ovídio, e cura-se de uma febre quartã ao ouvir uma leitura de Quinto Cúrcio.[17]

Assim como vivem, morrem os humanistas com o espírito voltado para essa antigüidade que tanto amavam. Cosme de Médicis morre em 1464 ouvindo uma leitura de Platão, feita por Ficino. "Para que fechar assim os olhos?" — perguntou-lhe Monna Contessina, ao ver que desfalecia: "Para acostumá-los" — respondeu — e fechou-os para sempre, trazendo ainda na mente os ecos da mensagem de Platão.[18]

[13] *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 106, Paris, Arthème Fayard et Cie, éditeurs, 1935.
[14] *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 260, nota 2.
[15] *Apud* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. I, pág. 39, nota 4.
[16] *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.*, t. I, págs. 251 e 260.
[17] *Vide* Jacob Burckhardt, *op. cit.*, t. I, págs. 279 e 280 da tradução citada, e Philippe Monnier, *op. cit.*, pág. 198, t. I.
[18] *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 146.

Guidobaldo de Urbino — o mesmo que proporcionou a Rafael os meios para completar seus estudos em Roma — depois de despedir-se da família, morre parafraseando versos das *Geórgicas*:

Circum me limus niger et deformis arundo
Cocyti, tardaque palus, inamabilis unda
Alligat et novies Styx interfusa coercet.[19]

"Em derredor de mim o negro limo e os disformes caniços do Cocito, o dormente lago e a onda hostil fazem-me parar, e, nove vêzes o Estige, com as suas voltas, me detém" — foram suas últimas palavras.

A Igreja e a Preservação dos Clássicos Antigos

Apesar da ingratidão dos humanistas para com a Idade Média, por êles renegada e amaldiçoada, é, todavia, incontestável que, sem a Igreja Católica, não teriam os monumentos literários da antigüidade chegado até nós.

Não é, contudo, ao cristianismo, em seu espírito primitivo, que devemos êsse imenso benefício, mas ao catolicismo sàbiamente modificado e adaptado às exigências sociais pelas inúmeras personalidades de alto relêvo que o encarnaram na Idade Média, fazendo-o, no conceito de Comte, "a obra-prima política da sabedoria humana". O IV Concílio de Cartago, reunido no ano de 398, vedou aos bispos a leitura dos livros profanos. Condenava São Jerônimo, expressamente, os que estudavam, a menos que o fizessem com um fim religioso. As ciências naturais, sobretudo, eram banidas como incompatíveis com as verdades reveladas. Nenhum obstáculo era oposto à ordenação de analfabetos, e muito dos bispos, que assistiram aos concílios gerais de Éfeso e Calcedônia, nem sequer sabiam assinar o próprio nome.[20]

19 *Vide Geórgicas*, livro IV, vs. 478-480, e Brentano, *op. cit.*, pág. 106.
20 *Vide* Henry Hallam, *op. cit.*, pág. 586.

A salvação dos clássicos romanos foi o latim, o qual teria desaparecido sem três circunstâncias: a supremacia papal, as instituições monásticas e o uso da liturgia romana.[21]

Manteve o Papa, graças à sua supremacia, constantes relações entre Roma e as diversas nações européias, quaisquer que fôssem suas transformações políticas. Recebendo os bispos as leis da Santa Sé e presidindo os legados pontifícios aos concílios, tornou-se imprescindível o uso do latim como instrumento de ligação entre os diferentes pontos da Cristandade.

Distinguiu-se o clero secular, durante longo período da Idade Média, por sua ignorância e pela imensa corrupção de seus costumes. Os mosteiros, porém, sujeitos, em geral, a severa disciplina, tinham a vantagem de oferecer grandes facilidades para o estudo, de modo a afluírem a êles, via de regra, os homens de valor intelectual que se consagravam à vida eclesiástica, bastando considerar que foi em mosteiros que se cinzelaram êsses dois primores do misticismo católico: o *Tratado do Amor de Deus*, de São Bernardo, e *A Imitação de Cristo*, de Tomás de Kêmpis. Eram, além disso, os conventos depósitos seguros e abundantes de livros e só graças a êles se conservaram os manuscritos dos autores romanos vindos até nós.

E teria sido impossível nos fôssem transmitidos de outro modo, visto não existirem, na Idade Média, bibliotecas públicas, nem particulares, sendo os clérigos os únicos depositários do saber, a ponto de a palavra francesa *clerc* significar, a um tempo, *clérigo* e *homem de letras*.

A liturgia e o texto latino da *Vulgata* foram outros fatôres que determinaram a conservação, através dos séculos, do idioma de Virgílio.

Graças mil, pois, ao Papado e à Igreja Católica, por nos haverem conservado o latim e os admiráveis monumentos da literatura e civilização romanas.

Que amigo das letras — pergunta um historiador — "ao percorrer os anais dos tenebrosos séculos medievos, não é tomado de pânico pelas obras-primas da antigüidade?

[21] *Idem, ibidem*, pág. 598.

"Quem pode deixar de sentir-se reconhecido para com êsses estudiosos, os quais, ininterruptamente, se entregavam a transmitir-nos o depósito, que lhes haviam confiado as gerações pretéritas, e com êle se ocupavam, enquanto a Europa, atormentada por tôda sorte de flagelos, com seus povos agitados e estarrecidos, cria assistir aos derradeiros dias do mundo?

"Retiraram-se as musas profanas para a solidão, encontrando, nos claustros, asilo seguro, tal qual a piedade. Transcrever, corrigir, zelar pelos manuscritos, era, para os monges, ocupação gloriosa. A obra dos copistas — dizia Guignes, Prior de um convento de Chartres — é obra imortal, êsse trabalho não perece, nem pode o tempo destruí-lo nunca.

"Sábio solitário do duodécimo século — Geoffroi, Cônego de Sainte-Barbe en Auge — comparava um claustro sem biblioteca a uma praça forte sem arsenal: *"Claustrum sine armario, quasi castrum sine armamentario"*. Consagravam vários mosteiros certos dias do ano para orar por aquêles que haviam doado ou escrito livros.

"Assim, pois, jamais faltaram guardiães, atentos e dedicados, para os tesouros literários das eras transatas, e êles os conservaram até o dia em que devia a imprensa preservá-los, para sempre, contra as devastações da guerra, da barbárie e do tempo.

"A conservação das obras-primas da antigüidade foi um dos maiores milagres dos séculos bárbaros, e a Igreja latina, que salvaguardou tão precioso depósito, poderia ser comparada a essa arca do dilúvio, que preservou, contra o naufrágio universal, as maravilhas vivas da criação."[22]

Benefícios do Humanismo

Dentre as múltiplas conseqüências benéficas do humanismo, salientemos algumas das principais.

O legado moral e social da antigüidade, salvo, em grande parte, pela Igreja Católica, como acabamos de ver, foi, pelos humanistas, resguardado, sendo, por êles, preciosos conhecimentos de tôda ordem postos em circulação, ao mesmo

[22] *Vide* Michaud, *op. cit.,* t. VI, págs. 336 e 337.

tempo que se reatou a cadeia do evolver social, rompida com o anátema atirado, pelos primeiros cristãos, contra o politeísmo.

Foram, ademais, os humanistas que, pelo exame e discussão dos textos, corrompidos através de sucessivas cópias, inauguraram o espírito crítico e desenvolveram o livre exame, indispensável à fundação da ciência e da filosofia modernas.

No fundo, a obra dos humanistas foi uma obra crítica, porquanto o restabelecimento dos textos, em sua primitiva forma, não pode ser feito senão através de difícil crítica, a qual se estendia, fatalmente, às próprias doutrinas, de vez que, para corrigir um escrito, é imprescindível interpretá-lo. Foi o que salientou Erasmo, ao seguir a trilha de Abelardo e Lourenço Valla: "a Teologia é a rainha das ciências; não pode, porém, prescindir das luzes da Filologia. Ocupa-se esta com humildes minúcias, mas, sem ela, não pode haver ciência sólida; os problemas a que se entrega são pequenos, mas de graves conseqüências.[23]

Não indagavam os humanistas da escola crítica de Valla e Erasmo, para estabelecer um asserto, se era, ou não, moral, canônico ou ortodoxo, bastando-lhes fôsse verdadeiro.[24]

E, destarte, encontrou a demolição protestante de Lutero, Calvino e Zwínglio, assim como a construção científica e filosófica de Galileu, Bacon e Descartes, o terreno desbravado pela obra dos humanistas.

No afã de restaurar os textos antigos, desenvolveram sua inteligência, ao mesmo passo que elaboraram os princípios do livre exame, habituando o espírito moderno a suspender o seu juízo até que fortes provas o convençam, obrigando-o, assim, a observar, refletir, confrontar e discutir.

Se considerarmos o conjunto dos humanistas — pondera Pastor — "podemos dizer que muitos dentre êles, depois de haverem começado pela paixão da antigüidade, chegaram, através de uma evolução insensível, à indiferença reli-

[23] *Vide Opus Epistolarum Desiderii Erasmi Roterodami*, t. I, epist. 182, 1.134-137, Oxford, ed. P. S. Allen, *apud*, J. B. Pineau: *Erasme, sa Pensée Religieuse*, pág. 136, Paris, Les Presses Universitaires de France, 1924.

[24] *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 262.

giosa".[25] "Entre várias causas de perigo para a Igreja, um fato não deve ser desprezado: o jovem humanismo alemão diferia completamente do antigo humanismo. Enquanto os representantes dêste, admirando os antigos, continuavam, entretanto, no terreno geral do espírito cristão e colocavam ao serviço da fé a antigüidade clássica, a jovem escola dos humanistas via, no estudo dos clássicos, a própria finalidade, e não era raro encontrar nela não só indiferença, mas hostilidade contra o cristianismo. O verdadeiro fundador e modêlo aclamado dessa juventude era Desidério Erasmo de Roterdão.[26]

Lourenço Valla, Mestre de Erasmo

De todos os humanistas notáveis pela crítica dos textos, o êmulo de Erasmo e seu grande mestre foi Lourenço Valla, restaurador de numerosos manuscritos antigos, e um dos mais audazes pioneiros da destruição dos princípios morais do Catolicismo.

"Foi um dos maiores duelistas da república das letras, e pode-se comparar sua vida ao ofício de um gladiador" — diz no *Dictionnaire Historique et Critique* um de seus continuadores: Pierre Bayle.[27]

Sua divisa era: "deixemos os exemplos e raciocinemos", princípio ao qual submeteu tôda a sua obra. Caracterizou-se esta pela mais desabrida irreverência, gabando-se de trazer, em sua aljava, flechas até contra o próprio Cristo: *"neque in Christum spicula sibi deesse dicebat."*[28]

Sustentava ser uma cortesã mais útil à sociedade do que uma freira; proclamava, sem rebuços, jamais haver conhecido um Sumo Pontífice homem de bem e demonstrou que a célebre doação de Constantino, sôbre a qual apoiava o Papado o seu

25 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. V, pág. 138.
26 *Idem, ibidem*, t. VII, pág. 248.
27 *Vide* Pierre Bayle: *Dictionnaire Historique et Critique, verbum* Valla, t. XIV, pág. 317 da ed. Beuchot, Paris, 1820.
28 *Idem, ibidem*, págs. 315, 322 e 323.

domínio temporal, era apócrifa, não passando da mais insigne das imposturas históricas.

No escrito — *De falso credita et ementita Constantini donatione declamatio* — publicado, pela primeira vez, em 1517, por Hutten, os Papas são, a cada passo, chamados "tiranos, ladrões e salteadores". É Valla, nesse escrito, e não Maquiavel, o autor da frase: "Os Papas são a causa de todos os males da Itália", exortando os romanos a expulsá-los e insinuando mesmo ser lícito matá-los.[29]

Em sua *De Professione Religiosiorum,* contesta todo o mérito e razão de ser das ordens religiosas, afirmando que os que permanecem no mundo, resistindo às tentações, são mais dignos de recompensa do que os poltrões, que precisam, como os ascetas, ser enclausurados a fim de não pecarem.

Os votos de pobreza, castidade e obediência não passam, a seu ver, de frases feitas, preferindo mandar a obedecer; gerir seus bens a mendigar e casar-se a ficar celibatário.

"Utinam, utinam, episcopi, presbyteri, diacones, essent unius uxoris viri, et non potius, venia sit dicto, plus quam unius scorti amatores."[30]

"Oxalá, oxalá — exclama — os bispos, os padres e os diáconos fôssem os maridos de uma só mulher, em vez de serem, diga-se com a devida vênia, os amantes de uma só cortesã"!

No *De Voluptate* coloca, francamente, como objetivo da vida, a volúpia:

"Quid tu ais ne voluptatem esse verum bonum? Ego vero aio atque affirmo et affirmo, ut nihil aliud praeter hunc bonum esse contendam".

"Pretendes, então, não ser a volúpia o verdadeiro bem?

"Eu, na verdade, não só digo, mas afirmo, e, mais ainda, sustento que nenhum outro bem, a não ser êsse, procuro."

A virgindade — para êle — não é só o pior dos tormentos, mas um opróbrio, que deve desaparecer da Terra.

Lourenço Valla é o inspirador de Anatole France no *Lírio Vermelho* (*Le Lys Rouge*), ao sustentar que as corte-

29 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. I, pág. 23, nota 1, 25, 27 e 29.
30 *Apud* Philippe Monnier, *op. cit.*, t. I, pág. 276, nota 1.

sãs merecem mais a gratidão do gênero humano do que as reclusas dos claustros:

"Tamen dico quod sentio, scorta et prostibula melius merentur de genere humano quam sentimoniales et virgines."[31]

Os Campos Elísios nada mais são do que ficções e, segundo Valla, se forem uma realidade, os discípulos de Epicuro, que já fazem da Terra o Paraíso, serão os primeiros a nêle ingressar.

Gozemos, que a natureza nos impele ao prazer e a razão no-lo aconselha: "aos estóicos, os trabalhos gratuitos; a nós, a alegria! A êles, os tormentos, a nós as volúpias; a êles, enfim, a morte, a nós, a vida!"

"Illi labores gratuitos, nos jucunditatem. Illi tormenta, nos voluptates. Denique illi necem, nos vitam!"[32]

Pode-se dizer que tôda a filosofia moral do humanismo se acha nesse diálogo de Valla, não passando de seu discípulo Lourenço de Médicis quando canta a quadra predileta da Renascença:

Quant'è bella giovinezza,
Che si fugge tuttavia!
Chi vuol esse lieto, sia:
Di doman non c'è certezza![33]

Características da Renascença

Desde então deixa a Terra de ser, para a Cristandade, um lugar de exílio, onde tôdas as inspirações da natureza devam ser brutalmente esmagadas, mortificando-se a carne com jejuns e cilícios, em verdadeiros "suicídios crônicos".[34]

O grito da Renascença é um grito de alegria e prazer recobrando seus direitos a natureza e a razão.

31 *Idem, ibidem*, pág. 277, e Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. I, pág. 21, nota 2.
32 *Idem, ibidem*, págs. 278 e 279.
33 *Apud* Jacob Burckhardt, *op. cit.*, t. I, pág. 185.
34 *Vide* Augusto Comte: *Catecismo Positivista*, pág. 331 da trad. portuguêsa de Miguel Lemos, 3.ª ed., Rio, 1905.

Readquire o homem confiança em si mesmo e passa a contentar-se com a própria Terra, da qual procura fazer um paraíso, que nada deverá ao da lenda bíblica.

Ramalho Ortigão salienta êsse feitio característico do humanismo:

"Nesta hora de revivescência geral, um raio de sol enxuga as lágrimas vertidas pela humanidade, em vários séculos de superstições, de terror e de miséria. Um sorriso de bondade paira por um momento no ar. A humanidade parece retomar sùbitamente posse dos sentidos atrofiados no misticismo enervante e no dogmatismo absoluto da Igreja, e, imergindo na vida com um deleite vitorioso, com uma sensualidade triunfal, a humanidade goza àvidamente, abundantemente."[35]

Tipo representativo dêsse aspecto do humanismo era o Cardeal Bibiena, autor de poesias eróticas e da comédia *Calândria,* cheia dos mais crus gracejos, e que mandou pintar em sua sala de banhos, no Vaticano, com desenhos de Rafael, a história de Vênus e do Amor.[36]

Mas não foi só o Cardeal Bibiena: também o Papa Clemente VII mandou executar na sala de banhos de seu uso pessoal, no Castelo Santo Ângelo, pinturas com a história de Vênus.[37]

A Deusa do Amor era particularmente querida dos Papas da Renascença, coerentes, aliás, com o culto real que lhe consagravam: na célebre *Villa della Vigna,* mandada construir por Júlio III, eram muitas as pinturas ousadas, representativas da Deusa do Amor.[38]

O Humanismo e os Papas

É interessante observar, a propósito do humanismo, quanto é real o aforismo sociológico segundo o qual "o ho-

35 *Vide* Ramalho Ortigão: *Luís de Camões, a Renascença e os Lusíadas,* prefácio à edição de *Os Lusíadas* consagrada a comemorar o 3.º centenário de Camões pelo Gabinete Português de Leitura, Rio, 1880, págs. X e XII.
36 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.,* t. VIII, pág. 30, nota 3.
37 *Idem, ibidem,* t. X, pág. 260.
38 *Idem, ibidem,* t. XIII, pág. 322.

mem é de seu século, mesmo a seu pesar". Os Papas e o alto clero católico, cujo poder seria tão fundamente abalado pelos princípios do livre exame, divulgados pelo humanismo, são, entretanto, os seus maiores protetores, além de serem eclesiásticos três de seus representantes máximos: Petrarca, Ficino e Erasmo.

Enéias Sílvius, Cardeal-Legado, e mais tarde Papa com o nome de Pio II, deplorava, com a maior solenidade, na Dieta de Francfort, realizada na segunda metade do século XV, as perdas da literatura pagã,[39] enquanto Nicolau V e Calisto III não tiveram escrúpulo em atrair a si, fazendo-o Secretário Apostólico, o turbulento fundador da escola crítica — Lourenço Valla.[40] Observava, por isto, no século XVIII, Lorde Bolingbroke haverem os pontífices aguçado, com as próprias mãos, as armas com que seriam prostrados.[41]

A verdade, entretanto, é que o surto do humanismo ocorreu durante uma fase na qual, mesmo que o quisessem, não teriam os Papas conseguido contrapor-se-lhe. Foi, de fato, durante o Grande Cisma que criou raízes e se expandiu.

Desde o dia em que os doutôres das Universidades européias — observa Pastor — se ocuparam com a cisão religiosa, viram-se os Papas obrigados a procurar, entre os homens de letras, campeões para a sua causa. Motivando as tentativas de união incessantes negociações, precisavam os Papas dispor de homens de talento e saber, e os humanistas eram os únicos que satisfaziam a estas condições. A partir de fins do século XIII adquiriu o humanismo importância política, pois, já então, um discurso, um escrito político vazado em harmoniosos períodos de um latim ciceroniano, exercia sôbre os ouvintes e leitores embevecidos irresistível ascendência. A elegância da forma passou a ter maior importância do que o fundo. Se, nas menores cidades italianas, as chancelarias adotavam o estilo dos humanistas, como poderia desprezá-lo a chancelaria pontifícia? Sobrepondo-se a um cle-

39 *Vide* Harris: *Philological Inquiries*, parte 3.ª, cap. 4.º, e Henry Hallam, *op. cit.*, pág. 711, nota 2.
40 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. II, pág. 185 e seguintes; e 314.
41 *Vide* Lorde Bolingbroke: *Letters on the Study of History*, livro VI, págs. 165 e 166, *octavo edition*, 1779, *apud* Gibbon, *op. cit.*; pág. 1 212, nota *t*.

ro decadente e desprestigiado, pouco a pouco passaram os humanistas a ser intérpretes da opinião pública. Os mais poderosos tiranos tremiam diante dêles, e o Duque de Milão, João Galeazzo Visconti, sustentava que "uma carta de Coluccio Salutati podia prejudicar mais do que mil soldados".[42]

Impossibilitados de impedir os progressos do humanismo, não tiveram os Papas outro recurso senão se valerem dessa fôrça nova.[43]

Escrevendo da Alemanha, onde se achava como Legado Pontifício a fim de solucionar o cisma luterano, sustentava o Cardeal Aleandro que, para vencê-lo, eram necessários, não grandes teólogos, mas humanistas que esmagassem os adversários do Papado com o brilho de suas penas.[44]

Inconvenientes do Humanismo

Ao lado das conseqüências úteis do humanismo, entre as quais — repito — avulta o conhecimento da antigüidade greco-romana em suas menores minúcias, através de imensas dificuldades, porquanto foram os humanistas que restabeleceram e corrigiram os textos, extremamente corrompidos em seu tempo, a verdade é que sérios inconvenientes acompanharam tais benefícios.

Sobreleva, entre outros, além da ruptura com as tradições medievas, excessivo servilismo para com a antigüidade, que passou a ser cegamente imitada, com prejuízo da espontaneidade e da originalidade.

Tende grande parte dos escritos dos humanistas a ser informe e atordoante amontoado de citações, onde o mais simples e banal pensamento é sempre acompanhado da opinião dos autores antigos, esquecidos de que a erudição deve ser apenas um instrumento de informação, e não uma finalidade em si mesma.

Foi o que Cervantes satirizou finamente no *Colóquio de los Perros*: *"Berganza: — "Hay algunos romancistas que en las conversaciones disparan de cuando em cuando con al-*

[42] *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. I, pág. 182.
[43] *Idem, ibidem*, pág. 182.
[44] *Idem, ibidem*, t. VII, pág. 344.

gún latin breve y compendioso, dando a entender à los que no lo entienden que son grandes latinos, y apenas saben declinar un nombre, ni conjugar un verbo.
"Cipión: — *Por menos daño tengo ése que el que hacen los que verdaderamente saben latin, de los cuales hay algunos tan imprudentes, que hablando con um zapatero o con un sastre, arrojan latines como agua.*
"Berganza: — *Deso podremos inferir que tanto peca el que dice latines delante de quién los ignora, como el que los dice ignorándolos.*
"Cipión: — *Pues otra cosa puedes advertir, y es que hay algunos que no les excusa el ser latinos, de ser asnos.*
"Berganza: — *Pues quién lo duda? La razón está clara, pues cuando en tiempo de los romanos hablaban todos latin, como lengua materna suya, algún majadero habria entre ellos a quién no excusaria el hablar latin dejar de ser necio.*
"Cipión: — *Para saber callar en romance y hablar en latin, discreción os menester, hermano Berganza.*
"Berganza: — *Asi es, porque también se puede decir una necedad en latin como en romance, y yo he visto letrados tontos y gramáticos pesados, y romancistas vareteados con sus listas de latin, que con mucha facilidad pueden enfadar al mundo, no una, sino muchas veces."*[45]

É o que freqüentemente ocorria com os humanistas, cuja obsessão pela antigüidade os levava a encarnar o tipo de eruditos satirizados por Le Sage, sem os quais não saberíamos que as crianças atenienses choravam quando apanhavam, ou, como nota Cervantes, que os antigos também coçavam a cabeça...

As Arengas e Escritos dos Humanistas

Por ocasião do entêrro de Leonardo Bruni, que chegou a Chanceler de Florença, foi convidado a falar seu colega de entusiasmo pela antigüidade, Gianozzo Manetti. Depois de tratar do desespêro das Musas e das Camenas; da vida de Bruni; da história de Florença; das obras do seu Chan-

[45] *Vide* Cervantes: *Novelas Ejemplares, Coloquio de los Perros,* pág. 353 da ed. Garnier Hermanos, Libreros Editores, Paris, 1898.

celer; das obras dos gregos e romanos; das coroas *cívica, muralis, obsidionalis, castrensis* e *navalis*, depositadas pelos antigos sôbre a fronte de seus grandes mortos; da etimologia da palavra poeta; do seu papel e do da poesia; termina numa peroração em que recapitula tôda a imensa e maçante arenga, que acabava de proferir, lamentando haver omitido inúmeras matérias por falta de tempo.[46]

O mesmo se deu — segundo depoimento do Cardeal Cerejeira — com o discurso em que o humanista Jorge Coelho tratou do falecimento de Dom Duarte, bastardo de Dom João III, falecido em 1543, como Arcebispo de Braga, aos vinte e um anos de idade: "É um indigesto discurso, no qual tôda a literatura grega e romana é chamada a depor que o rei deve resignar-se com o infausto acontecimento."[47]

Os discursos então mais admirados — pondera Pastor — deixam gelado o leitor moderno: muita erudição clássica e pouquíssima ou nenhuma originalidade. Nos melhores, os pensamentos felizes são abafados por inextinguível torrente de palavras sonoras. Buscam-se, em vão, verdadeiros sentimentos ou idéias profundas nesses discursos pomposos: nêles a forma impera e tudo mata. Ademais, não tinham nenhuma medida do louvor. Se os fatos faltavam, louvavam pretensas intenções, alinhando frases brilhantes que soavam como elogios. Um panegírico proferido por Camilo Pórcio foi considerado estupendo por ter conseguido, com elegância clássica, louvar um homem que não possuía nenhuma das qualidades que lhe eram atribuídas pelo orador. Desde que frases harmoniosas, de latinidade impecável, soassem agradàvelmente, estavam satisfeitos os ouvintes.[48]

Barthélemy, o delicioso autor da *Viagem do Jovem Anarcarses*, onde, com insuperável arte, concilia a erudição com a elegância, fixa, em sua autobiografia, o retrato de um dos maiores humanistas do século XVIII — Monsignor Baiardi, prelado incumbido pelo Rei de Nápoles de catalogar as preciosidades de Herculano:

46 *Vide* Philippe Monnier, *op. cit.*, t. I, págs. 218 e 219.
47 *Vide* Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira: *O Humanismo em Portugal — Clenardo*, pág. 118, nota 74, Coimbra Editôra, Ltda., Coimbra, 1926.
48 *Vide* Dr. Luís Pastor, *op. cit.*, t. VIII, págs. 114 e 115.

"Formidável e incansável compilador, respeitável pelas qualidades de seu coração, temível, por sua estupenda memória, aos que empreendiam ouvi-lo ou lê-lo, dedicara-se Baiardi a todcs os gêneros literários, transportando, para a sua cabeça, imenso e informe cabedal de conhecimentos, que dela escapavam atabalhoadamente.

"Preludiou sua tarefa pelo catálogo geral dos monumentos existentes em Portici, o qual ocupava imenso *in folio*, e, como as gravuras que deviam acompanhá-lo não estivessem concluídas, obteve permissão para fazer preceder êsse catálogo de um prefácio.

"Quando estive com êle, já havia publicado sete volumes, sob forma de prefácio, sem entrar no assunto:

"Eis o seu método.

"Precisa o intérprete dos monumentos conhecer-lhes as proporções; mas, que medidas empregar? Donde a necessidade de longa digressão sôbre as medidas dos assírios, babilônios, persas, egípcios, gregos e romanos.

"Havendo sido os monumentos, em sua maioria, retirados de Herculano, e sendo várias as cidades antigas com êste nome, julga-se o humanista obrigado a tratar de tôdas, e, daí, interminável incursão através da geografia e história antigas.

"Mas, não é só.

"Foi Herculano fundada por Hércules, e, como são vários os heróis dêsse nome: o tírio, o egípcio, o grego, etc., acompanha cada um em sua genealogia, em suas excursões, etc., a fim de determinar aquêle pelo qual foi fundada essa cidade, donde imensa dissertação sôbre a mitologia.

"Interrompendo êsse trabalho para descanso, aproveitou o humanista o seu repouso compondo uma história universal em doze volumes, a qual começava pela solução de importante problema astronômico e histórico: a determinação do ponto em que Deus colocou o sol ao formar o mundo!"[49]

Para os humanistas era o estilo tudo, e o pensamento quase nada, transformando-se os seus escritos em insípidos exercícios de composição latina, onde a forma e o verbalis-

[49] *Vide* Abbé J. J. Barthélemy: *Voyage du Jeune Anacharsis en Grèce*, t. I, págs. 13 e 14 das *Memórias sôbre a sua Vida*, Paris, Librairie Hachette et Cie., 1893.

mo despòticamente primavam, de vez que, em plena Renascença, pretendiam muitos dêles adstringir-se, como vimos, a só empregar palavras de Cícero.

Ora, como desde o terceiro século antes de nossa era já o salientara Políbio, nada mais inevitável do que a transformação da linguagem no decorrer dos séculos.

É, efetivamente, fatal a introdução de têrmos novos para traduzirem idéias, sentimentos e objetos também novos.

Como exemplo típico dos absurdos a que conduzia o ciceronianismo, dá Erasmo a tradução de uma sentença da dogmática cristã em latim clássico:

"Jesus Cristo, o Verbo e o Filho do Padre Eterno, veio ao mundo de acôrdo com os profetas":

"Optimi maximique Jovis interpres ac filius, servator, rex, juxta vatum responsa, ex Olimpo devolavit in terras,"[50] ou seja, ao pé da letra: "O Salvador e Rei, intérprete e filho do grande e mui benigno Júpiter, desceu do Olimpo à Terra, de acôrdo com as predições dos vates."

Incorrera o próprio Erasmo, muitas vêzes, nesse vício, quando, por exemplo, traduziu *Logos* por *Sermo*, em vez de *Verbum*, e *Congregatio*, em vez de *Ecclesia*.

É que, segundo êle mesmo o diz nesse encantador *Dialogus Ciceronianus seu de optimo dicendi genere*, quase todos os humanistas só eram cristãos de nome.

O Ciceroniano

Nesse diálogo — uma das obras mais primas da ironia erásmica — é deliciosamente retratado o ciceroniano, que, tal qual Calisto Elói, o purista pintado por Camilo Castelo Branco em a *Queda de um Anjo*, se sentia apunhalado ao ouvir um têrmo pouco usado entre os clássicos de sua predileção.

Carecendo o ciceroniano de uns manuscritos, que emprestara a Tatius, empreende escrever a êste último.

Em sua carta — nota Erasmo — não pode figurar uma palavra, uma sílaba, um ponto, uma vírgula, que se não en-

50 *Apud* J. Huizinga. *Erasmo*, pág. 278 da trad. francesa de V. Bruncel, Paris, Gallimard, 3.ª ed., 1955.

contrem em Cícero, cujas volumosas obras se acham sôbre a mesa do humanista, o qual as compulsa, a todo momento, pesando-lhes as expressões, medindo-lhes os períodos, os tropos, os sinônimos, as hipálages, etc.

Consome êsse trabalho, para o menor período, uma noite inteira e noite de inverno, frisa Erasmo.

Em resumo: não conseguindo o imitador de Cícero exprimir o pensamento só com têrmos de seu ídolo, prefere ficar sem os manuscritos de que precisa, a macular a literatura epistolar com uma carta vazada em estilo imperfeitamente ciceroniano.

Que não haja Erasmo carregado nas tintas, prova-o Clemente VII cercado, no Castelo Santo Ângelo, durante o tremendo saque de Roma pelas tropas imperiais, e preocupado em que fôsse redigida, no mais puro estilo, uma súplica a ser enviada a Carlos V. Para tal foram chamados, a um tempo, vários humanistas, os quais se encarregaram de redigir um primeiro rascunho: "manter o estilo na hora do perigo era uma condição de bem-viver" — comenta Burckhardt.[51]

Cena idêntica à do diálogo de Erasmo é a que Artur Azevedo introduziu numa comédia em que um gramático obstinado não consegue escrever simples carta, diante da multiplicidade de regras que lhe acodem à memória, tornando-o indeciso sôbre as frases mais banais.

A razão, segundo pondera Rui Barbosa, decorre de poder uma composição ser gramaticalmente irrepreensível e não possuir o cunho idiomático da língua em que se escreve, como já sustentava Quintiliano: *"aliud est gramatice, aliud est latinæ loqui"*: "uma coisa é falar gramaticalmente, e outra latinamente", ou, conforme ponderava o Padre Antônio Pereira de Figueiredo, tradutor da Bíblia em vernáculo: "Falará talvez como gramático, mas não como português.[52]

Não resta dúvida que a cultura clássica, o grego, pelo seu alcance estético, e, o latim, pela sua aptidão em relembrar a filiação histórica, são ambos úteis à perfeita educa-

51 *Vide* Jacob Burckhardt, *op. cit.*, t. I, pág. 287, nota 1.
52 *Vide* Rui Barbosa: *Réplica*, págs. 39 e 298 da separata das *Pandectas Brasileiras*, 2.ª tiragem.

ção de um ocidental de nossos dias, assim como os principais idiomas europeus.

Mas, é preciso não esquecer: essa cultura é apenas complementar, e as magníficas traduções hoje existentes proporcionam a todos o que de mais essencial apresentam as literaturas grega e romana.

Para o homem moderno, incomparàvelmente mais importante do que o do grego e o do latim, é o estudo das ciências, no que têm de básico, sem deixar, todavia, de embelecer êsse estudo com a Poesia, a História e a Filosofia, não só antigas, mas ainda medievas e modernas.

É preciso tenhamos em vista que um berço não é um trono, sendo imensas as conquistas, em todos os campos do saber, realizadas do Renascimento aos nossos dias. Enquanto naquele podia Pico de Mirândola dissertar: *de omni re scibili et quibusdam aliis,* não comporta a vida moderna nos confinemos na erudição clássica e no pequeno campo dos únicos conhecimentos então ao alcance dos humanistas.

É, ademais, incontestável haverem escritores imortais subjugado tôdas as dificuldades de suas respectivas línguas, sem, entretanto, conhecerem o grego, nem o latim, ao passo que grandes latinistas e helenistas foram muitas vêzes incapazes de escrever uma página em estilo digno de lhes subsistir. O caso de Shakespeare é por demais característico e conhecido para tolerar qualquer comentário.

O Humanismo e a Defesa da Teologia

É comum apresentar-se, entre nós, o *humanismo* como instrumento de retôrno e fidelidade à Teologia. É, todavia, equívoco dos mais graves.

Em seu surto e em seu evolver foi sempre o humanismo um fator de emancipação teológica. No estudo das antigüidades gregas e romanas verifica-se não passarem o Natal e o Ano-Bom de festas exclusivamente politéicas, e até astrolátricas, combatidas pelos primeiros concílios, que condenavam também o incenso e o bater no peito. Além disto, quando se conhece o sacrifício real de um Cúrtius ou de um Décius, devotando-se às fúrias infernais para salvarem a pá-

tria, é impossível deixar de reconhecer a puerilidade da ficção do sacrifício de um Deus, que morre com a certeza de ressuscitar dentro de três dias, sendo, portanto, fatal reponte o ceticismo nos espíritos.

Preocupavam-se os humanistas muito mais com o Olimpo, os amôres de Vênus e as infidelidades de Júpiter, do que com os Evangelhos e os milagres de Deus feito homem. De acôrdo com a argumentação de Epicuro, conservada por Lactâncio, parecia-lhes impossível conciliar-se a concepção de um Deus único, onisciente, onipotente e de infinita bondade, com a indisfarçável existência do mal.[53]

Pretender restabelecer hoje o humanismo é tão absurdo quanto, depois de Descartes, o seria empreender revigorar a escolástica. Longe dessa tendência ilógica e quimérica, o que se deve fazer é incentivar aquilo que teve o humanismo de progressista e eterno ao vislumbrar uma era nova, na qual, desprezando todo devaneio extraterreno, a Humanidade se volta para o seu planêta, obedecendo a impulsos puramente humanos e transformando-se em sua própria providência.

[53] *Vide* Lactâncio: *Tratado da Cólera de Deus, apud* Bayle: *Dictionnaire Historique et Critique*, t. XI, págs. 479 e 480, da ed. Beuchot, Paris, 1820, e *Choix des Monuments Primitifs de l'Église Chrétienne*, publiés par Buchon, Panthéon Littéraire, Paris, 1840, págs. 716 e 717; e J. Carré: *Démonstration de l'Inexistence de Dieu*, págs. 5 e 6 da ed. de Paris, 1912.

CAPÍTULO OITAVO

ERASMO EM FRANÇA, INGLATERRA E ITÁLIA. GRANDES ESTUDOS QUE EMPREENDE E LIVROS QUE PUBLICA ATÉ 1509.

Erasmo em Paris

POR SUA POSIÇÃO geográfica e antecedentes históricos, exerceu a França, a partir de fins da Idade Média, decisiva influência sôbre os destinos da civilização, principalmente no que concerne às grandes iniciativas do espírito. E, considerada sob êste prisma, resumiu-se a sua ação em Paris — "êsse mundo abreviado" — como lhe chamava o Padre Antônio Vieira.[1]

Como João de Salisbury, Santo Alberto Magno, Santo Tomás de Aquino, São Boaventura, Dante, Petrarca, Bocaccio e tantas outras das grandes personalidades medievais e renascentes, também Erasmo, "o sol da Germânia", sofreu a atração de Paris, de modo que o asserto de Rui Barbosa

1 *Vide* Padre Antônio Vieira: *Sermões*, t. VIII, pág. 82 da ed. da Livraria Chardron, Lisboa, 1908.

"a França, Madre intelectual da gente latina" — pode, com justos fundamentos, ser ampliado dizendo-se "Madre intelectual do Ocidente".

Empenhou-se Erasmo junto ao Bispo de Cambrai a fim de obter meios capazes de permitir-lhe um estágio na "cidade das luzes".

O Bispo que, mais tarde, em cartas íntimas, êle denominaria "Antimecenas", só lhe proporcionou minguados recursos, e, munido de recomendações para o Superior do Colégio Montaigu, um dos mais célebres no ensino da Teologia, e para Roberto Gaguin, o maior dos humanistas parisienses de então, partiu de Cambrai em fins do verão de 1495.

A Universidade de Paris ainda mantinha a posição, que conquistara na Idade Média, e continuava a ser a mais famosa de tôda a cristandade nas matérias relativas à Teologia, e êste o motivo de pretender Erasmo diplomar-se por ela.

O terreno inseguro, e, por vêzes, cheio de azedume em que decorriam as discussões escolásticas, não condizia, porém, com o seu temperamento, nem com a formação de seu espírito.

Só a necessidade de doutorar-se em Paris a fim de angariar autoridade em matérias teológicas, determinou-o a êsse empreendimento que, de antemão, êle sabia árduo.

O Colégio Montaigu, situado no Bairro Latino, perto do atual Panthéon, era, por êsse tempo, verdadeiro cárcere. Nêle estabelecera o Superior João Standonck, monge sêco e fanático, a mais rigorosa disciplina, reforçada por castigos corporais nas menores faltas.

Talvez haja sido a quadra mais sombria da existência de Erasmo a que passou nesse "colégio vinagre", como lhe chamava, onde "até as paredes eram teológicas" e durante a noite não se dormia pela luta com os percevejos e pelas exalações malsãs. Mais tarde, em um de seus colóquios, introduziria o seguinte diálogo: — "Trazes, de certo, ao voltares de Montaigu, a cabeça coroada de louros? — Não, nela só encontrarás piolhos"...

Rabelais, monge como Erasmo, e um dos seus mais entusiastas admiradores, não poupou sua mordacidade contra êsse Colégio e coloca, na bôca do mestre Ponócrates, as se-

guintes palavras, ao dirigir-se a Grand-Gousier, pai do jovem Gargântua:

"Não penseis, Senhor, que o haja pôsto no colégio da piolheira que se chama Montaigu: mais valeria pô-lo entre os feiticeiros de Santo Inocente à vista da enorme crueldade e vilania que aí conheci. E, na verdade, são mais bem tratados os forçados entre os mouros e os tártaros, os assassinos na prisão e até mesmo os cães em vossa casa do que êsses infelizes no aludido colégio. Se eu fôsse rei de Paris, o Diabo me carregue se não lhe ateasse fogo e não fizesse queimar o Superior e os professôres que toleram tamanha desumanidade diante de seus olhos."[2]

Nesse mesmo Colégio estudou, alguns anos mais tarde, Inácio de Loiola, e, traço curioso, que bem caracteriza a diversidade de duas naturezas, ambas eminentes: o fundador da Companhia de Jesus aí se sentiu perfeitamente bem e como em seu elemento.

Circunstância que contribuiu para inspirar a Erasmo verdadeiro horror pela quadra passada nesse colégio foi o fato de se nutrirem os seus internos quase exclusivamente de peixe, que êle detestava, além de serem obrigados a freqüentes jejuns.

Depois de haver conhecido a mesa farta do Bispo de Cambrai, não podia conformar-se mais com as práticas ascéticas, escrevendo a seus compatriotas: "Então foi para isso que vim a Paris? Sofrer desmaios e influências depressivas de modo ainda mais rigoroso do que em minha mocidade?"

"Tenho a alma católica e o estômago protestante" — gracejaria mais tarde.

Erasmo e a Escolástica

De resto, o ensino da escolástica constituía, para seu espírito, verdadeiro suplício: "Êsses estudos — dizia — podem tornar um homem obstinado e discutidor, nunca porém, sábio. Tudo confundem quando empreendem tudo explicar."

2 *Vide* Rabelais: *Gargantua*, livro I, capítulo XXXVII, pág. 102 da ed. Garnier Frères, com glossário de Louis Moland, Paris, sem data.

"A vida é alguma coisa mais do que uma discussão": *"vita magis est quam disputatio."*

Das disputas teológicas, a que assistiu na Sorbone, só uma coisa lhe ficou: soberano desprêzo pelos seus representantes, os quais, depois, não perdeu vaza em zurzir com as sátiras mais vivas.

E bem o mereciam. Quanto mais as questões escapavam à inteligência humana, mais apaixonadamente a elas se entregavam.

Eis, segundo autores acima de qualquer suspeição, alguns dos temas de que se ocupavam e até hoje aguardam solução:

"Não tendo havido matrimônio legal entre a Virgem e o Espírito Santo, é Jesus filho natural, legítimo ou adotivo?"[3]

A seguinte, suscitada pelo jesuíta Sanchez, em seu tratado *De Matrimonio,* publicado em 1602, é de tal modo delicada que só em latim pode ser reproduzida: *"utrum Virgo Maria semen emiserit in copulatione cum Spiritu Sancto?"*[4]

"O objetivo dos que ensinavam a escolástica era menos instruir seus alunos do que fazerem-se admirar por êles, embaraçando os adversários com questões capciosas tal qual os antigos sofistas" — frisa, em sua *História Eclesiástica,* o Abade Claude Fleury.[5]

Para melhor compreendermos a crítica de Erasmo aos escolásticos, é útil reproduzir aqui algumas das questões por êles debatidas a partir do século XII e contidas no *Livro das Sentenças* (*Libri quatuor sententiarum*) de Pedro Lombardo, Bispo de Paris, e que foi o manual de filosofia até o século XVI, havendo por êle estudado Santo Alberto Magno, Santo Tomás de Aquino, Dante e o próprio Erasmo:

"Onde estava Deus antes da criação? Como penetram nos homens os demônios? Por que foi Eva tirada de uma

3 *Vide* Abade Claude Fleury: *Histoire Écclésiastique,* livro XLIV, capítulo LIII, pág. 183 do t. III da ed. Didier, Libraire-Éditeur, Paris, 1844.

4 *Apud* Voltaire: *Dictionnaire Philosophique, verbum Impuissance,* págs. 723 e 724 do vol. VII das *Oeuvres Complètes,* ed. Firmin Didot Frères, Paris, 1855. Conf. *verbum Généalogie, ibidem,* págs. 625 e 626.

5 *Vide* Abade Fleury, *op. cit.,* t. V, pág. 223.

costela, e não de outra parte de Adão? Teria sido o homem imortal, se não houvesse pecado? Neste caso, como se multiplicaria? Viriam as crianças ao mundo no estado adulto? Podia Deus fazer-se mulher como se fêz homem? Como conciliar a presciência divina com a criação livre? Pode Deus pecar?"[6]

Nada é, porém, comparável à sutileza de Duns Scot ao suscitar a questão: "Pode Deus fazer com que, conservados o lugar e o corpo, êste último não tenha posição, isto é, existência em determinado lugar?[7]

O próprio Santo Tomás de Aquino não se dedignava de discutir questões como estas: "Se a pomba, na qual apareceu o Espírito Santo, era um animal verdadeiro? Se um corpo glorificado pode ocupar um só e mesmo lugar concomitantemente com outro corpo glorificado? Se os anjos possuem sexo e como se reproduzem?"[8]

À vista dêstes exemplos do que eram as questões escolásticas no tempo de Erasmo, não podia êle esquecer os teólogos no *Elogio da Loucura*, dedicado a Tomás Morus e por êste calorosamente defendido, pois não imaginava viesse a ser incluído no *Index* cinqüenta anos depois de publicado:

"Talvez fôsse melhor não falar dos teólogos, tão delicada é esta matéria e tão grande o perigo de tocar em semelhante corda. Êsses intérpretes das coisas divinas estão sempre prontos a incendiar-se como pólvora, têm um olhar terrìvelmente severo e são inimigos mui perigosos. Se, acaso, incorreis em sua indignação, lançam-se contra vós como ursos furibundos, mordem-vos e não vos largam senão depois de vos terem obrigado a cantar a palinódia com uma série infinita de conclusões; mas, se recusais retratar-vos, condenam-vos logo como hereges. E, mostrando grande cólera, chamando-lhes hereges e ateus, conseguem fazer tremer os que dêles discordam. Embora não haja ninguém que, tanto como

6 *Vide* Alfred Weber: *Histoire de la Philosophie Européenne*, págs. 224 e 225, Paris, Librairie Fischbacher, 1897.
7 *Vide* H. Taine: *Histoire de la Littérature Anglaise*, t. I, pág. 224, Paris, Librairie Hachette, 1877.
8 *Vide Summa Theologica Sancti Thomae Aquinatis: Tratactus de Angelis, quaestio L usque*, LXIV, págs. 713 a 873, *tomus primus*, Parisiis, Ludovicus Vivès, *Bibliopola*, ed., via Delambre, 9, 1868.

êles, dissimule os meus favores, não é menos verdade que me devem muito — diz a Loucura. Eis por que impus ao meu amor próprio favorecê-los mais do que aos outros mortais.

. . . .

"Cercados de uma série de magistrais definições, conclusões, corolários, proposições explícitas, em suma, de tudo o que compõe a malícia da escola sacra, usam de tantos subterfúgios que o próprio Vulcano não conseguiria embrulhá-los, mesmo empregando a rêde de que se serve para mostrar aos deuses os seus cornos nascentes. . . . .

. . . .

"Observemos os nossos oráculos em meio às suas mais sublimes funções; observemo-los a interpretar os ocultos mistérios da salvação e o motivo pelo qual foi criado o mundo. Trata-se de saber por que canais passou à posteridade a mancha do pecado original? Trata-se da Encarnação e da Eucaristia? Ah! tais mistérios são muito batidos e dignos apenas de teólogos noviços! Eis as questões dignas dos grandes mestres, dos mestres iluminados, como dizem êles, os quais, ao tratar dêsses argumentos, se agitam e tomam fôlego: — Houve algum instante na geração divina? — Jesus Cristo tem muitas filiações? — É possível esta proposição: Deus-Padre odeia o seu filho? — Pode Deus fazer-se mulher, diabo, burro, abóbora, ou pedra, como se fêz homem? — No caso de ter-se unido Deus à natureza de uma abóbora como aconteceu com a natureza humana, de que maneira teria essa beata e divina abóbora pregado, feito milagres e sido crucificada? — Que teria São Pedro consagrado, se houvesse dito missa quando o corpo de Jesus ainda estava cravado na cruz? — Poder-se-ia dizer, então, ser o Salvador verdadeiro homem? — Será permitido comer e beber depois da ressurreição? (Esta dúvida existe no íntimo dos nossos reverendos, que desde já pensam em garantir o estômago.)

"Mas, não consiste sòmente nessas questões o armazém teológico. Há ainda inúmeras outras argúcias, não menos frívolas e sutis do que as supracitadas. Tais, por exemplo, o instante da geração divina, as noções, as relações, as formalidades, os *quid*, os *ecce* e tantas outras quimeras semelhantes. Duvido seja alguém capaz de descobri-las, a não

ser tendo uma vista tão penetrante que lhe permita distinguir, através de densas nuvens, objetos inexistentes.

"Acrescentemos a tudo isso sua moral estranha e contraditória, diante da qual nada são os paradoxos dos estóicos. Sustentam, efetivamente, que consertar o sapato de um pobre em dia de domingo é pecado maior do que estrangular mil pessoas; ser preferível deixar cair o mundo em o nada de onde veio a proferir a menor mentira, etc. Além disso, contribuem para sutilizar ainda mais essas sutilíssimas sutilezas os subterfúgios dos escolásticos e seria menos difícil sair de um labirinto do que desembaraçar-se da confusão dos realistas, dos nominalistas, dos tomistas, dos albertistas, dos ocamistas, dos escotistas, — ai de mim! já me falta a respiração, e, contudo, apenas citei as principais seitas da escola, silenciando muitíssimas outras.

. . . .

"Os apóstolos consagravam com devoção e piedade o sacramento da Eucaristia: se tivessem, porém, de explicar como pode Deus passar de um lugar para outro por meio da consagração; como se dá a 'transubstanciação', como um mesmo corpo pode encontrar-se concomitantemente em vários lugares; que diferença existe entre o corpo de Jesus Cristo no Céu, na cruz e na Eucaristia; em que momento se verifica a 'transubstanciação', porquanto, sendo a 'fórmula sacramental', como dizem êles, composta de sílabas e palavras, sòmente pode ser pronunciada de modo sucessivo — creio que, se êsses primeiros teólogos do cristianismo tivessem de dirimir tais dificuldades, precisariam da agudeza dos escotistas, que são verdadeiros Mercúrios na arte de argumentar e definir. Tiveram os apóstolos, é verdade, a sorte de conviver com a mãe de Jesus, mas nenhum dêles a conheceu tão bem como os nossos teólogos, que provam geomètricamente ter sido a Virgem fecunda preservada da mancha do pecado original.

. . . .

"Os apóstolos batizavam contìnuamente, mas, apesar disso, nunca ensinaram a causa formal, material, eficiente e final do batismo, nem fizeram menção do seu caráter delével e indelével. Êsses fundadores da religião cristã adora-

vam a Deus, mas a sua adoração apoiava-se neste princípio fundamental do Evangelho: 'Deus é um espírito puro e é preciso adorá-lo em espírito e verdade'. Parece, igualmente, não ter sido revelado aos apóstolos que o culto, chamado *latria,* possa prestar-se tanto a Jesus em pessoa como às suas imagens rabiscadas na parede com carvão, bastando representem o filho de Deus dando a bênção com os dois dedos, índice e médio, da mão direita erguida, e com a cabeça ornada por longa cabeleira e tríplice círculo de raios. Mas, como poderiam os apóstolos possuir tão grande e salutar erudição? Êles não encaneceram no fatigante estudo das ciências físicas e metafísicas de Aristóteles e dos escotistas. Os apóstolos costumam falar da graça, mas não distinguem a 'graça gratuita da gratificante'; exortam às boas obras, mas não distinguem a 'obra operante da operada'; inculcam a caridade, mas não separam a 'infusa' da 'adquirida', além de não explicarem se essa amável e divina virtude é 'substância' ou 'acidente', 'criada' ou 'incriada'; detestam o pecado, mas eu quisera morrer se forem capazes de definir cientìficamente o que chamamos pecado, a não ser que venham a ser inspirados pelo espírito dos escotistas. Se São Paulo, pelo qual devemos julgar todos os outros apóstolos, tivesse tido uma boa teoria do pecado, teria êle condenado, com tanta insistência, as polêmicas, as contendas, as querelas, as discussões em tôrno de palavras? ....

....

"E quantas lindas lorotas vão impingindo a respeito do Inferno! Conhecem tão bem todos os seus meandros, falam com tanta facilidade da natureza e dos vários graus do fogo eterno, das diversas incumbências dos demônios, e discorrem, com tanta precisão, sôbre a república dos danados, que parecem já terem sido seus cidadãos durante muitos anos. Além disto, quando julgam conveniente, não se poupam o trabalho de criar ainda novos mundos, como o mostraram formando o décimo céu, por êles denominado 'empíreo' e fabricado expressamente para os beatos, sendo mais do que justo que as almas glorificadas tivessem vasta e deliciosa morada para aí gozarem de todo o confôrto, divertindo-se juntas e até jogando a péla quando tiverem vontade".

Aliás, todo êste trecho mais é um retrato do que pròpriamente uma caricatura, sendo corrente, na Itália do *Quattrocento*, o provérbio: *"gran canonista, gran asinista"*.[9]

Durante a sua permanência em Montaigu, aplicou-se Erasmo ao estudo da *Bíblia* e do *Livro das Sentenças*, manual medievo de Teologia, elaborado, como salientei há pouco, no século XII, pelo Bispo de Paris, Pedro Lombardo, e ainda em voga em seu tempo. Obteve, ademais, permissão para lecionar as Sagradas Escrituras e fêz alguns sermões em honra dos Santos na Igreja de Santa Genoveva.

Procurou também entrar em contato com os humanistas parisienses, para cujo chefe, Robert Gaguin, trouxera cartas de recomendação, e publicou pequena coletânea de poemas latinos, quando, adoecendo em conseqüência do regime alimentar estabelecido em Montaigu, deixou Paris na primavera de 1496, dirigindo-se a Cambrai, de onde fêz pequena excursão à Holanda, a fim de rever colegas e amigos. Insistindo êstes para que regressasse a Paris a fim de obter o ambicionado título de doutor em Teologia, sem o qual não teria autoridade para ocupar-se dos assuntos correspondentes, regressou à França no outono dêsse mesmo ano.

Desta vez, porém, não quis mais internar-se no "colégio vinagre", e, sendo insignificante o auxílio do seu "antimecenas", Henri de Bergues, Bispo de Cambrai, pôs-se a lecionar a fim de manter-se.

Se ainda hoje, apesar de haver-se generalizado a instrução, rude e tormentosa emprêsa é a do homem que exclusivamente se consagra às letras, que seria em fins do século XV? Artistas e escritores dessa quadra, assim como por muitos séculos mais tarde, só conseguiam subsistir cortejando os grandes com incessantes dedicatórias e louvaminhas. O que fôsse essa fatalidade para um homem tão independente quanto Erasmo, podemos avaliar pelo conceito de Sêneca: "a palavra mais dura de pronunciar, e que, para sair da bôca uma vez, se engole e afoga muitas, é *Peço*. *"Molestum verbum est, onerosum et dimisso vultu dicendum, rogo"*, e acres-

[9] *Vide* Philippe Monnier: *Le Quattrocento*, t. II, pág. 105, Paris, Perrin et Cie., Libraire-Éditeurs, 1901.

centa Sêneca, que até aos deuses não pediriam os homens, se o não fizessem em segrêdo.[10]

Nenhum artista ou homem de letras enfrentou, porém, com mais espírito do que Erasmo, essa dura contingência de sua época, constituindo suas epístolas e dedicatórias aos grandes o melhor formulário de súplicas até hoje redigido.

Ao mesmo tempo que lecionava e freqüentava a Sorbone, procurava tornar-se conhecido publicando pequenos escritos, entre os quais as *Familiarium Colloquiorum Formulae*, que serviriam de núcleo aos seus famosos *Colóquios;* o *De Copia Verborum*, ensaio léxico; o *De Ratione Studii*, tratado pedagógico, onde examina a direção mais racional a ser impressa aos estudos.

Erasmo na Inglaterra

Depois de permanecer em Paris até 1499 sem conseguir doutorar-se, resolveu acompanhar até à Inglaterra um de seus melhores discípulos, o jovem Lorde Mountjoy. Essa primeira viagem durou de maio de 1499 até princípios de 1500.

Aportara o filósofo à pátria de Shakespeare como humanista que já se fizera conhecer por vários trabalhos. Protegido de um jovem Lorde, acolheu-o a mais culta e nobre sociedade do País, onde encontraria dois amigos, cujas mentalidades eram incomparàvelmente superiores a tôdas as que até então lhe fôra dado conhecer: Colet e Tomás Morus. Há mesmo uma anedota segundo a qual, conversando com o futuro autor da *Utopia*, sem lhe ter sido ainda apresentado, revelou tanto espírito que êste lhe exclamou arrebatado: "És o Diabo, se não fores Erasmo!"

A vida aristocrática, com a qual travava então conhecimento mais íntimo, agradou-lhe muito:

"Aqui, na Inglaterra — escreve bem humorado a um amigo — tenho progredido alguma coisa.

"O teu Erasmo já está quase bom caçador, sofrível cavaleiro e experimentado cortesão, saudando amàvelmente e

10 *Vide* Padre Antônio Vieira, *op. cit.*, t. VI, pág. 333.

sorrindo cheio de galanteria. Se tiveres juízo, também aportarás aqui."

E, mais adiante, como o seu correspondente, o poeta Faustus Andrelinus, apreciasse o belo sexo, fala-lhe nas lindas moçoilas e no louvável costume da Inglaterra de então onde os cumprimentos eram acompanhados de gostosos beijos: *"Sunt hic nymphae divinis vultibus, blandae, faciles et quas tuis camoenis facile anteponas."* "Encontram-se aqui ninfas de divinos semblantes, brandas e fáceis, que de certo desbancarão as tuas Camenas."

Todavia, não eram só os divertimentos que lhe ocupavam o tempo. Além das eruditas conversas e estudos com que se deleitava em companhia dos humanistas britânicos, o gênio mais sério de Colet, preocupado com assuntos de ordem teológica, fêz com que também o humanista se voltasse para essas cogitações, entabulando uma discussão em tôrno da agonia de Cristo da qual resultaram cartas a Colet, mais tarde publicadas com o título: *Disputatiuncula de taedio, pavore et tristitia Jesu.*

Aí se manifesta, porém, crente pouco fervoroso, senão mesmo já o cético do *Elogio* e dos *Colóquios,* de vez que mistura assunto tão sagrado com várias lendas mitológicas, como êle próprio o reconhece escusando-se com o verso de Horácio:

> *Naturam expelles furca, tamen usque recurret,*
> ou, como traduziu Destouches:
> *Chassez le naturel, il revient au galop.*

Em sua correspondência dessa época, encontra-se a notícia de outra discussão com Colet, ocorrida numa dessas refeições de que, mais tarde, nos deixaria deliciosos quadros em seus *Colóquios,* e à qual assistiram, no Colégio de Santa Madalena, entre outros eclesiásticos, Charnock, Prior de Santa Maria, e Wolsey, futuro Cardeal e ministro de Henrique VIII.

A anedota por êle narrada nesse ambiente eclesiástico é bem um reflexo do espírito da Renascença, cujo mordaz ceticismo deixa transparecer.

Contou êle, com imenso agrado de todos, haver encontrado em velho manuscrito a origem da má vontade de Jeová relativamente a Caim. Havia êste ouvido de seus pais referências à maravilhosa vegetação do Paraíso, onde as espigas de trigo eram colossais, o que lhe despertou o desejo, como apaixonado agricultor, de possuir algumas das espécies paradisíacas.

Nada mais divertido do que o diálogo em que convence o Anjo, guarda do Paraíso, de fornecer-lhe as apetecidas sementes:

"Deus não se importará, dizia, desde que se respeitem as maçãs."

"Achas, ademais — pergunta Caim — agradável ficar aí a vida tôda, em pé, nesse portão, carregando imensa espada?

"Na Terra já começamos a empregar cães nesse mister, e a vida não é tão má quanto supões, devendo ficar melhor ainda, de vez que os homens já sabem curar as doenças, e sua infatigável indústria vencerá todos os obstáculos."

A argumentação de Caim é, no gênero, pequena obra-prima, e era impossível não se deixasse o Anjo convencer, êle, cuja função fôra rebaixada à de mero cão de guarda.

O resultado foi que, ao ver a bela colheita obtida por Caim com as sementes do Paraíso, Jeová jamais lhe perdoou tal qual Júpiter a Prometeu.

Entretanto, essa aprazível permanência na Inglaterra não devia durar muito: o título de Doutor pela Sorbone arrancou o filósofo ao doce convívio dos humanistas britânicos.

De Londres escrevera por êsse tempo, a Roberto Fisher, que se encontrava em Roma, manifestando-lhe seu deslumbramento: "um clima dos mais amenos e saudáveis, ao lado de um trato humano e de uma erudição do melhor quilate. Já nem preciso mais ir à Itália. Em Colet ouço o próprio Platão, enquanto Grocyn personifica a literatura grega, e Linacre é um médico de rara instrução. Quem pode deixar de admirá-los? Que espírito mais suave, mais doce e mais bem dotado que o de Morus?"

"Thomae Mori ingenio quid unquam finxit natura vel mollius, vel dulcius, vel felicius?"

Regresso a Paris

Um incidente ocorrido quando regressava a Paris, em janeiro de 1500, turvou, porém, suas esplêndidas impressões.

Seus meios de subsistência eram, por êsse tempo, extremamente precários, porquanto havia cessado a pensão que lhe dava Henri de Bergues, Bispo de Cambrai, e era muito incerta a que lhe obtivera um de seus mais fiéis amigos, Batt, preceptor dos filhos da Marquesa de Weere.

Eram, assim, da maior importância para êle os menores recursos.

Havendo, porém, Henrique VII proibido a saída de ouro nas alfândegas britânicas, os funcionários aduaneiros apreenderam a maior parte das economias do filósofo, que, de vinte libras, ficaram reduzidas a pouco mais de duas.

Foi, entretanto, êsse transtôrno que motivou a publicação dos *Adágios,* o primeiro modêlo das atuais coletâneas de frases e citações literárias.

Sèriamente embaraçado para atender à própria subsistência, entregou-se, entre muitos outros, a êsse trabalho.

Grande é a amargura que deixa transparecer em sua correspondência dêsse período: irritado, deprimido e às vêzes rude ao dirigir-se a seus amigos, não podendo suportar um dos mais antigos, William Hermans, por seu epicurismo e falta de energia.

A sua nomeada, como humanista, deve-a, contudo, a essa fase em que se viu obrigado a compor os *Adágios* para não sucumbir à fome.

Em 1500 aparecem êles em Paris com uma dedicatória a Mountjoy, sob o título *Adagiorum Collectanea,* angariando-lhe imensa fama, como vimos no capítulo quinto.

Contudo, as dificuldades financeiras, que assediavam o filósofo, não cessaram desde logo. É interessante, porém, observar que, apesar de seus meios extremamente precários, suas viagens dessa época foram tôdas provocadas antes por motivos de saúde do que pela sua subsistência, e seus estudos sempre visaram muito mais ao programa, que se traçara para sua formação intelectual, do que às suas vantagens pecuniárias.

O receio de epidemias levou-o a mudar-se, em 1500, de Paris para Orléans, de onde regressou logo que aí apareceu a peste. Reprochando-lhe Faustus Andrelinus sua covardia, respondeu-lhe: "Se eu fôsse um soldado suíço, terias razão. A alma de um poeta, que ama a paz e os lugares amenos, tem, porém, outros direitos."

Na primavera de 1501, abandona de nôvo Paris, fugindo ainda da peste: "os freqüentes enterros assustam-me" — escreve ao dirigir-se a Steyn, onde pleiteia e obtém a prorrogação de um ano da licença para ausentar-se do mosteiro, alegando a necessidade de terminar seus estudos.

Eis como se dirigiu, por êsse tempo, a seu fiel amigo Batt, a fim de que êste lhe conseguisse os meios de que necessitava para a compra de livros: "Deves obter uma dádiva do Abade de Saint Bertin. Conheces o fraco do homem; inventa, pois, alguma razão plausível.

"Conta-lhe que tenho em vista grandes propósitos, como, por exemplo, restaurar o texto de São Jerônimo, corrompido, mutilado e emaranhado pela ignorância dos clérigos.

"Dize-lhe que, para tal, preciso de inúmeros livros, principalmente gregos, merecendo, conseqüentemente, auxílio.

"Aliás, nisto não mentirás, porque tal é, realmente, o meu programa."

Estava êle, de fato, sèriamente preocupado com sua aprendizagem do grego, à qual se entregou com verdadeiro heroísmo, porque, em Deventer, só insignificantes rudimentos aprendera do idioma de Homero. Em março de 1500, quando Cabral partia na viagem de que resultaria a descoberta do Brasil, escreveu a Batt: "O grego quase me está matando, pois não disponho nem de tempo, nem de dinheiro para adquirir livros e pagar um professor."

Quando um de seus amigos manda buscar um Homero, que lhe havia emprestado, êle se lamenta: "Privas-me do único consôlo em meu tédio, pois ardo de amor por êsse poeta, e, embora não o compreenda ainda, recreio meu espírito só em contemplá-lo."

É curioso manifeste-se aqui quase nos mesmos têrmos com que Petrarca, século e meio antes, segundo vimos em capítulo anterior, se lastimava não poder deliciar-se com a leitura do épico da *Odisséia*.

À medida que se ia apoderando do grego, começou a fazer citações neste idioma em sua correspondência, de sorte que, dentro em pouco, tôda a Europa passou a respeitar nêle um dos seus mais famosos helenistas, de vez que, no outono de 1502, já escrevia corretamente na língua de Demóstenes.

Por essa época travou conhecimento, em Saint Omer, com o reitor do convento franciscano dessa cidade, Jean Vitrier, para o qual se sentiu atraído pela condenação com que fôra êste último fulminado pela Sorbone em conseqüência da franqueza de suas expressões relativamente aos abusos monásticos.

Havendo Vitrier evoluído da Escolástica até São Paulo, tinha uma concepção muito larga e liberal da vida cristã, opondo-se tenazmente às cerimônias que lembravam os rituais politéicos e judaicos. Sob sua influência compôs Erasmo um dos seus trabalhos mais importantes: o *Enchiridion Militis Christiani*, isto é, o *Manual do Cristão Militante*, publicado em Antuérpia em 1504.

As cerimônias, que não renovam a alma, nenhum valor apresentam; muitos gabam-se do grande número de missas que ouvem em cada dia e saem da Igreja como se nada mais devessem a Cristo, persistindo em seus pecados; outros, embora comunguem todos os dias, só vivem para si — êsse, em linhas gerais, o espírito do *Enchiridion*, no qual, pela primeira vez, registra o filósofo, com desassombro, alguns de seus pensamentos mais íntimos.

O tom dêsse trabalho já é o mesmo do *Elogio* e dos *Colóquios*, havendo, em parte, contribuído para a fermentação dos espíritos de que resultou a Reforma.

Em outubro de 1502, morreu Henri de Bergues, Bispo de Cambrai, parcimonioso protetor de Erasmo, seu Antimecenas, como lhe chamava. A êste propósito escreve a um amigo: "Comemorei o Bispo de Cambrai em três epitáfios latinos e um grego, havendo sido gratificado apenas com seis florins, porquanto, até depois de sua morte, continuaria coerente consigo mesmo."

Em Lovaina, onde cursou a Universidade, de fins de 1502 a 1504, travou conhecimento com Adriano de Utrecht, Deão de São Pedro e Professor de Teologia, o qual, depois

de ser preceptor de Carlos V, subiria, em 1522, ao sólio pontifício.

Aí se considerava, porém, exilado, tendo o pensamento sempre voltado para Paris, onde seu atilado espírito não conseguira, até então, desbravar o labirinto escolástico, de modo a conquistar o ambicionado título de Doutor pela Sorbone.

Em 1504, conseguiu estabelecer-se de nôvo na cidade das luzes, trazendo o manuscrito das *Annotationes*, que Lorenzo Valla, o mestre querido de sua mocidade, compusera sôbre o *Nôvo Testamento*, e fôra por êle descoberto num convento das cercanias de Lovaina.

Foi o encontro das *Annotationes* de Valla que o levou a voltar-se para o *Nôvo Testamento*, empreendendo restabelecer-lhe o primitivo texto.

A edição dessas célebres *Annotationes*, em 1505, em Paris, constituiu enorme ousadia do humanista, porquanto Valla não era bem visto pelos teólogos e principalmente pelos que dominavam na Sorbone, e talvez esta circunstância explique não haver conseguido doutorar-se por essa célebre Faculdade de Teologia.

Volta a Londres e Viagem à Itália

Em 1505 deixa, mais uma vez, Paris, dirigindo-se à Inglaterra, onde ansiosamente o aguardava uma plêiade de dedicados amigos, ocupando, quase todos, importantes posições por êsse tempo: Mountjoy, com o qual passa os primeiros meses depois de sua chegada; Colet, Morus, Linacre, Grocyn, Latimer e Tunstall, os três últimos exímios helenistas.

Travou, então, conhecimento com alguns dos mais influentes eclesiásticos da Grã-Bretanha, os quais se tornaram seus amigos e protetores: Foxe, Bispo de Winchester; Fisher, Bispo de Rochester, que seria, em 1935, santificado em companhia de Tomás Morus, e William Warham, Arcebispo de Cantuária.

Nessa segunda viagem, que durou pouco mais de um ano, relacionou-se com o médico de Henrique VII, Giovani

Batista Boerio, que lhe ofereceu uma viagem à Itália em companhia de seus dois filhos, cujos estudos universitários seriam por êle superintendidos.

Aceitou, pressuroso, o convite que lhe permitiria a realização de um de seus velhos sonhos, de vez que uma viagem à Itália era, no século XVI, o complemento imprescindível de tôda educação literária.[11]

Partindo de Londres, em 1506, com os jovens Boerio, passou em Paris de junho a agôsto dêsse ano, aí publicando vários trabalhos que preparara na Inglaterra: traduções de Eurípedes e Luciano, a dêste último em colaboração com Morus; uma coletânea de *Epigramas* e uma nova edição dos *Adágios*.

Ao chegar a Turim, em setembro de 1506, o seu primeiro cuidado foi doutorar-se pela Universidade dessa cidade, já que não conseguira fazê-lo pela Sorbone.[12] Êsse título, para êle, nada significava, e só procurava obtê-lo para atender aos preconceitos contemporâneos, de modo a angariar prestígio nas matérias teológicas, como, em 1501, fizera ver à sua protetora, Marquesa de Weere: "Há duas coisas que me faltam e me são absolutamente necessárias: ir à Itália, para dar ao meu pequeno saber a autoridade dessa região ilustre, e obter o grau de doutor. Ambas, são, aliás, igualmente absurdas, de vez que não mudamos de espírito pelo fato de atravessarmos o mar, como diz Horácio, e não regressarei em nada mais instruído.

"Tal é, porém, a nossa época que ninguém, mesmo entre as pessoas graves, toma a sério o nosso mérito, se não temos o título de *magister noster* (tratamento a que tinham direito os doutôres). E, entretanto, a verdade é que o "doutor" continua a ser, como outrora, aquêle que revela seu saber por seus escritos."[13]

Foi num dos mais arrebatadores momentos da História que visitou a pátria de Dante. Aí viviam, em plena madureza uns, ainda na infância outros, alguns dos maiores artistas

11 *Vide* Pierre Nolhac: *Érasme en Italie*, pág. 3, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1898.
12 *Idem, ibidem*, págs. 9 e 10.
13 *Apud* Pierre Nolhac, *op. cit.*, págs. 3 e 4.

de todos os tempos: Miguel Ângelo, Rafael, Leonardo da Vinci, Cellini, Corregio, Ticiano e Boticelli.

Época encantadora essa da madureza de Erasmo, quando homens extraordinários em todos os gêneros aparecem na Europa, como que convocados pelo determinismo histórico a fim de apontarem sendas novas a serem trilhadas pela humanidade: Copérnico, Servet, Colombo, Vasco da Gama, Magalhães, Albuquerque, Ariosto, Maquiavel, Camões, Vespúcio, Baiardo, Palissy, Cujácio, Montaigne, Lutero, Calvino, Inácio de Loiola, Francisco Xavier, Luís de Granada, Santa Teresa, Ximenes, Isabel, a Católica, Holbein, Dürer, Tomás Morus, Falópio, Veronese, Vasari, Ambroise Paré, Vésale, Carlos V, Francisco I, L'Hôpital, Commines e Rabelais, são apenas alguns dos mais notáveis contemporâneos do autor dos *Colóquios*.

Erasmo e Júlio II

A princípio a Itália não lhe sorriu. É que a devastava, então, o belicoso Júlio II, sôbre o qual convém determo-nos ràpidamente, porquanto a êle Erasmo se refere longamente no *Elogio da Loucura,* além de lhe haver consagrado tremenda sátira: *Julius Exclusus.*

Sobrinho de Sisto IV, irmão, primo e tio de cardeais, pertencendo a uma das mais florentes oligarquias papais dos séculos XV e XVI, sucedeu, por assim dizer, a Alexandre VI, de vez que o substituto dêste, Pio III, apenas pouco mais de um mês ocupou o sólio pontifício.

Contava sessenta e dois anos quando foi eleito Papa em 1º de novembro de 1503.

Suas disposições bélicas, manifestou-as, desde logo, na escolha de seu nome, feita — dizia êle — em homenagem a Júlio César, a seu ver o maior homem e capitão de tôda a História.

Tinha um filho e uma filha, cujo marido passou a ser prefeito de Roma logo que o sogro foi eleito Papa. Apreciava imensamente os divertimentos violentos, como, entre outros, as touradas, que fêz realizar no próprio Vaticano, e, tal qual Alexandre VI, era formidável glutão: *"É una terri-*

bile cosa come mangia Sua Santità" — dizia, em carta, um representante da Marquesa de Mântua junto ao Vaticano.[14]

A fim de inspirar maior respeito, deixou crescer a barba: *"cette longue bougrisque"* que Rabelais não lhe perdoava. E, depois de conquistar, a ferro e fogo, combatendo em pessoa, metido em pesada armadura, a Úmbria, Perúgia e Forli, arremeteu contra Bolonha, acompanhado de seu filho, seu genro e vários cardeais.

Causa espanto o desembaraço com que juntava, às armas temporais, os mais temíveis raios espirituais, o que levou Bossuet a alertar o Delfim, filho de Luís XIV, em sua *História de França*: "O que apresentam de mais desastroso as guerras contra a Igreja é fazerem nascer escrúpulos não sòmente nos espíritos fracos, mas até, em certos momentos, nos mais fortes.[15]

Tal a violência de suas bulas contra Bolonha e seus soberanos — os Bentivogli — que Luís XII, apesar de aliado de Sua Santidade, não pôde reprimir a exclamação: "O Papa bebeu demais!"[16]

Erasmo que, depois de haver-se doutorado em Turim, estivera em Florença, achava-se em Bolonha no dia 11 de novembro de 1506, quando aí entrou, em triunfo, o Papa que provava ser realmente Júlio: *"Summus Pontifex Julius belligeratur, vincit, triumphat, planeque Julium agit"* — escreve o filósofo a um amigo.[17]

Nada mais teatral do que a entrada do belicoso Pontífice em Bolonha. Vestido de cetim branco, atravessou vinte e dois arcos de triunfo, precedido de cem nobres, do Santíssimo Sacramento e vinte e dois cardeais, enquanto môças e crianças o cobriam de flôres.

Perdido na multidão, assistiu Erasmo ao imponente espetáculo, "não sem tácito gemido" — *"non sine tacito gemitu"*, nota êle. "Não podia, realmente — prossegue — deixar de comparar êsse triunfo, do qual se envergonhariam os

14 *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 302, Paris, Arthème Fayard et Cie., éditeurs, 1935.
15 *Vide* Bossuet: *Histoire de France*, pág. 344 do t. XXIV das *Oeuvres Complètes*, Paris, Mellier Frères, 1849,
16 *Vide* Fr. Funck-Brentano, *op. cit.*, pág. 305.
17 *Vide* Pierre de Nolhac, *op. cit.*, pág. 14, nota, e 16.

próprios príncipes temporais, com a majestade dos apóstolos convertendo o mundo com a doutrina celeste.[18]

Luís XII — e a Erasmo não escapara essa traição — dera todo o seu apoio às mavórticas emprêsas de Júlio II contra Veneza, participando da célebre Liga de Cambrai, com o fim de entrar na posse de Milão. Depois, porém, de empregar as tropas do Rei de França contra Veneza, dominando-a, voltou-se o Papa, na mais insigne felonia, contra o seu aliado da véspera, com o grito: *"Fuori i barbari!"* No decorrer de sua luta com Luís XII, na qual quase foi aprisionado por Baiardo, dizia freqüentemente o Papa: "Veremos se não tenho os *coglioni* tão grandes quanto o Rei de França"...[19]

E, desde então, passou a França a considerar o Papa "como pessoa sagrada, mas intrépida, à qual é preciso beijar os pés, e, às vêzes amarrar as mãos".[20]

Além da sátira *Júlio Excluído do Céu*, consagra Erasmo a Júlio II largo passo do *Elogio da Loucura*:

"Prosternemo-nos, agora, aos pés do Sumo Pontífice, e beijemos-lhe as santas pantufas. Dizem-se os Papas vigários de Jesus Cristo, mas, se procurassem conformar-se à vida de Deus seu mestre; se sofressem pacientemente os seus padecimentos e a sua cruz, mostrando o mesmo desprêzo pelo mundo; se refletissem sèriamente sôbre o belo nome de Papa, isto é, de pai, e sôbre o santíssimo epíteto com que são honrados, quem seria mais infeliz do que êles? Quem desejaria comprar, com todos os haveres, êsse cargo eminente, ou, quem, uma vez elevado ao mesmo, desejaria, para manter-se nêle, empregar a espada, os venenos e tôda sorte de violências? Ah! quantos bens perderiam se a sabedoria invadisse por um instante o seu ânimo! A sabedoria? Bastaria que tivessem um grãozinho apenas daquele sal de que fala o Salvador. Perderiam, então, aquelas imensas riquezas, aquelas honras divinas, aquêle vasto domínio, aquêle pingue patrimônio; aquelas faustosas vitórias, todos aquêles cargos, aquelas dignidades e aquêles ofícios de que participam; todos

18 *Idem, ibidem*, pág. 17, nota 1.
19 *Vide* Fr. Funck-Brentano, *op. cit.*, pág. 317.
20 *Vide* Voltaire: *Siècle de Louis XIV*, pág. 68 do t. IV das *Oeuvres Complètes*, ed. Firmin Didot, Paris, 1855.

aquêles impostos que percebem, quer nos próprios Estados, quer nos alheios; o fruto de todos aquêles favores e de tôdas aquelas indulgências, com as quais vão traficando tão vantajosamente; aquela numerosa coorte de cavalos, mulas e servos; aquelas delícias e prazeres de que gozam continuamente.

"A Pedro e a Paulo deixam todo o pêso do pontificado, reservando, para si, sòmente o que no mesmo existe de esplêndido e de agradável. Agora, pergunto: não fazem muito bem?

"Graças a mim, por conseguinte — prossegue a Loucura — é que nunca houve um Papa que vivesse no ócio e na moleza. Como as suas funções episcopais consistem em ornamentos misteriosos e quase teatrais, em cerimônias, em títulos faustosos de beatíssimo, reverendíssimo, santíssimo, em bênçãos e maldições, julgam que já fazem bastante a vontade de Jesus Cristo, sem suspeitarem o que lhes poderá êste dizer-lhes um dia. Agora, não é mais necessário fazer milagres; instruir o povo dá muito trabalho; ensinar as escrituras cheira a escolástica; para pregar, seria preciso tempo; chorar convém às mulheres; ser pobre, oh! que coisa feia! deixar-se vencer é vergonhoso demais e indigno de um homem que mal admite lhe beijem o beatíssimo pé os reis mais poderosos; finalmente, morrer, oh! é a mais amarga de tôdas as coisas! ser crucificado — irra! — é horrível infâmia.

"Assim, pois, as armas dos Papas não consistem naquelas doces bênçãos de que fala São Paulo e das quais são tão avaros. Consistem em interdições, suspensões, gravames, anátemas, pinturas vingadoras e naquele terribilíssimo castigo pelo qual um beatíssimo Padre pode mandar à vontade qualquer alma para o Inferno. Os nossos Santíssimos Pais em Cristo e os seus vigários gerais nunca empregam com maior zêlo êsse espantoso castigo do que no caso daqueles que, a instigações do Demônio, tentam diminuir ou danificar o patrimônio de São Pedro. Dizia êste bom apóstolo ao seu Mestre: "Deixamos tudo para seguir-te." — Compreendereis que grande sacrifício fêz o pobre pescador! Foi a fortuna o que êle conseguiu em virtude dessa renúncia: é por isso que sua santidade glorificada possui terras, cidades, domínios, e percebe impostos e taxas. E é sobretudo para defen-

der e conservar essa rica aquisição que costumam os Pontífices romanos condenar as almas. É verdade que nem ao menos poupam os corpos, e, inflamados pelo zêlo de Jesus Cristo, desfraldam a bandeira de Marte e, sem piedade, empregam o ferro e o fogo para sustentar as suas razões. Bem vêdes que não se pode fazer semelhante guerra sem derramar sangue cristão. Mas, que importa? — respondem os Papas. — Estamos defendendo apostòlicamente a causa da Igreja e só deporemos as armas quando tivermos vingado a espôsa de Jesus Cristo contra os seus inimigos. — Eu desejaria saber, porém, se haverá, para a Igreja, inimigos mais perniciosos do que êsses ímpios Pontífices, os quais, em lugar de pregar Jesus Cristo, deixam no esquecimento o seu nome e o põem de lado com leis lucrativas, alteram a sua doutrina com interpretações forçadas e, finalmente, o destroem com detestáveis exemplos.

"Além disso, assim como a Igreja cristã foi fundada com sangue, confirmada com sangue, dilatada com sangue, assim também os Papas a governam com sangue, como se Jesus Cristo nunca tivesse existido para protegê-la e sustentá-la. A guerra é, por natureza, tão cruel, que muito mais conviria às feras do que aos homens; tão insensata que os poetas a atribuíram às Fúrias do Inferno; tão pestilenta que corrompe todos os costumes; tão iníqua que a fazem melhor perversos ladrões do que homens probos e virtuosos; finalmente, tão ímpia que nenhum laço possui com Jesus Cristo, nem com a sua moral. Isso não impede abandonem alguns Pontífices tôdas as funções pastorais para se consagrarem inteiramente a êsse flagelo da humanidade. Entre êsses Papas guerreiros, encontram-se até velhos que agem com todo o vigor da juventude, suportam corajosamente a fadiga e não têm o menor escrúpulo em fazer subverter as leis, a religião e a humanidade. Mas não faltam eruditos bajuladores para dar a êsse manifestíssimo delírio o nome de zêlo, piedade, valor. E acham razões para provar que desembainhar a espada e cravá-la no coração de um irmão não é absolutamente infringir o grande mandamento da caridade para com o próximo."

Em Bolonha não quis Erasmo dar aulas públicas pelo receio de que sua pronúncia do latim, fortemente germânica, o tornasse ridículo e entregou-se a aumentar os seus *Adágios* e aperfeiçoar ou terminar outras obras a fim de imprimi-las na tipografia de Aldo Manucio, então no apogeu da glória. Aí, foi, de fato, dada à estampa, em dezembro de 1507, nova edição de suas traduções de Eurípedes. O sucesso alcançado por essa edição levou-o a Veneza a fim de pessoalmente superintender os demais livros que desejava confiar a Aldo.

Veneza era, por êsse tempo, o centro de brilhante floração artística e literária: Bellini, Cima, Carpaccio, Giorgione, Palma e Ticiano esmeravam-se em orná-la com suas obras-primas, compreendendo-se o entusiasmo de Commines quando a visitou em 1494.[21]

Mas, embora devesse apreciar a pintura, visto havê-la cultivado em sua juventude, o que mais encantou Erasmo na cidade dos doges foi a sua polida aristocracia, cujo horizonte intelectual se alargara pelo trato com a Grécia, o Oriente e Constantinopla, mesmo depois do domínio otomano.

A tipografia de Aldo era então famosa pelo espírito de seu fundador — um dos maiores helenistas renascentes, que consagrava às suas edições capricho e esmêro inexcedíveis e até então desconhecidos.

Mantinha Aldo ativa correspondência com os eruditos da Polônia, Hungria, Alemanha, França, Inglaterra, Espanha e Portugal, e, a certos respeitos, era a sua tipografia o centro intelectual da Europa, não só pelas obras que dela saíam, mas ainda pela Academia Aldina, em cujas reuniões os consócios sòmente se exprimiam em grego, e onde, por muitos anos, se congregou a fina flor dos humanistas renascentes: Marino Sanuto, Andrea Navagero, Benedetto Ramberto, Ângelo Gabrielli, Giambattista Ramuzio, Ambrogio Leoni, Musurus e Lascaris, para apenas relembrar alguns dos mais famosos.

21 *Vide* Philippe de Commines: *Mémoires*, pág. 245 da edição do Panthéon Littéraire, Paris, A. Desrez éditeur, 1836.

Aldo fêz questão de hospedar Erasmo na própria casa em que se abrigava com sua numerosa família, composta de trinta e três pessoas, incluídos, à moda antiga, os domésticos. Não conseguiu, porém, o humanista conformar-se com a frugalidade da mesa aldina, onde — escreveria êle mais tarde — "para nove convivas, sete fôlhas de alface nadavam no vinagre, sem a menor sombra de azeite"...

Pondo de lado os exageros a que o conduzia seu espírito satírico, o fato é que obteve de seu hospedeiro licença para tomar, em seu quarto, as refeições, não só porque não se adaptara à comida italiana, mas também porque seu apetite de nórdico enchia de estupefação os sóbrios membros da família de Aldo.

Nova edição dos *Adágios,* refundida e enormemente aumentada, foi a sua principal ocupação em Veneza, sendo auxiliado, nos seus acréscimos, pelos humanistas com quem travou conhecimento na "Rainha do Adriático": o próprio Aldo, que nada lhe escondeu dos tesouros de sua imensa erudição; João Lascaris, Aleandro, Battista Egnazio, Marcos Musurus e Fra Urbano, entre outros.

"Fui ajudado por pessoas que não conhecia de vista e nem sequer de nome.

"Só trouxera a Veneza confusos e indigestos materiais, colhidos apenas em autores impressos.

"Minha temeridade fêz com que começássemos, ao mesmo tempo, eu a escrever, e Aldo a imprimir.

"O conjunto do trabalho ficou pronto em nove meses, e durante êsse tempo eu já sofria de cálculos renais, sem o saber.

"Não o teria levado a cabo se os eruditos de Veneza não me tivessem proporcionado seus manuscritos."

Cita Erasmo, em seguida, as numerosas obras ainda não impressas, que pôde compulsar graças aos venezianos e sem as quais sua coletânea — "a quinta — essência do humanismo" — teria ficado incompleta: manuscritos de Platão, Plutarco, Píndaro, Pausânias e outros.

Era a primeira vez que se metia na difícil tarefa de imprimir à medida que compunha, façanha com que depois se familiarizou em Basiléia, dando aos tipógrafos de Froben páginas cuja tinta ainda estava fresca.

Em casa de Aldo escrevia na própria oficina, citando comumente de memória.

As primeiras provas eram corrigidas por um revisor, em seguida pelo humanista, e, finalmente, por Aldo, que, zeloso pelas edições de sua casa, fazia questão de cuidar pessoalmente das últimas provas.

"Êle relia as provas depois de mim, e como eu lhe perguntasse para que tomava êsse trabalho: 'é que me instruo', respondia-me."

Além de reeditar os *Adágios*, restaurou os textos de Plauto, Terêncio e Sêneca, publicados por Aldo.

Foi Erasmo o mais insigne representante da geração que nascera e se formara com a imprensa e para a imprensa. A figura e a obra do Filósofo de Roterdão — nota Huizinga — só se tornaram possíveis pela imprensa, havendo sido êle o seu maior triunfo, e, de algum modo, a sua primeira vítima. Que teria, realmente, sido de Erasmo sem o invento de Guttenberg? Coligir manuscritos antigos, restabelecê-los em sua primitiva pureza, foi, para êle, assim como para Lorenzo Valla, a grande razão de ser da vida. A certeza de que o lívro impresso colocava, a um tempo, o mesmo texto nas mãos de milhares de leitores, era, para êle, um privilégio inestimável.[22]

Foi, na verdade, o polígrafo do *Elogio da Loucura* um dos primeiros a se servirem dessa nova tribuna, cujas impressões, no dizer de Condorcet, menos vivas e mais profundas do que as da tribuna popular, se exercem de modo mais seguro e duradouro na formação da opinião pública.[23]

Consagrando-se de modo exclusivo à imprensa, pode Erasmo ser tido como o pai do jornalismo. Foi a sua fôrça, mas também a sua fraqueza. Foi a sua fôrça por exercer, assim, influência imediata sôbre o público culto, como até então nenhum autor vivo conseguira de modo tão extenso. Se, porém, se tornou, dêste modo, o fanal de tôda a Europa,

22 *Vide* J. Huizinga: *Erasmo*, págs. 117 e 118 da trad. francesa de V. Bruncel, Gallimard, Paris, 3.ª ed.

23 *Vide* Condorcet: *Tableau, des Progrès de l'Esprit Humain, VIIIe* époque, pág. 139 do t. VI das *Oeuvres*, Paris, Firmin, Didot, 1847.

muitos de seus escritos tiveram, por isto mesmo, o caráter efêmero das produções destinadas à vida dos jornais.[24]

Em novembro de 1508 deixou Veneza, para encontrar-se, em Pádua, com o jovem bastardo de Jacques IV, rei da Escócia, cujos estudos êle devia acompanhar e superintender.

O jovem, que se chamava Alexandre, e, apesar de contar apenas dezoito anos, já era Arcebispo de Santo André, fazia então um curso de Direito na Universidade de Pádua, onde Erasmo travou conhecimento, entre outros humanistas notáveis, com Luís Teixeira, futuro preceptor de Dom João III de Portugal.

Erasmo na Cidade Eterna

De Pádua foi a Ferrara e Sena, de onde, afinal, em março de 1509, visitou, pela primeira vez, a Cidade Eterna.

Ainda então reinava o belicoso Júlio II, com o qual travara conhecimento em Bolonha, nos primeiros meses de sua chegada à Itália, conforme vimos.

Foi nessa excursão a Roma que, através do Cardeal Riário, sobrinho de Júlio II, obteve licença para deixar o hábito monástico, conservando apenas a batina.

Ao lado do que Roma possuía de mais culto e inteligente, representando o escol do pensamento europeu, não podia Erasmo deixar de encantar-se com a floração artística que aí deparou, embora, em suas cartas dessa quadra, chegadas até nós, não se expanda a respeito.

O que, entretanto, constituiu, para êle, motivo de grande embevecimento na cidade dos Papas foram as suas bibliotecas. Era êle um bibliófilo apaixonado, amando os livros não só pelo seu conteúdo, mas pelo seu próprio aspecto material. Apreciava-lhes o formato e a impressão; com volúpia os manuseava e em êxtase os devorava. Geralmente econômico e comedido em seus gastos, tornava-se perdulário em matéria de livros.

Além da Biblioteca do Vaticano e das de vários cardeais, entre as quais só a do Cardeal Grimani possuía oito

24 *Vide* J. Huizinga, 1. cit.

mil volumes, não se cansava de visitar as coleções de manuscritos antigos, principalmente os que se referiam aos Santos Padres, quase todos ainda por imprimir.

Observador perspicaz, nada de essencial lhe escapa na cidade pontifícia. Assiste às touradas organizadas por Júlio II no Vaticano, com a mesma atenção com que participa de uma cerimônia da Paixão, em cujo sermão, pregado perante o Papa, o orador realçava muito mais o sacrifício de Décius, Cúrtius e Ifigênia do que o de Cristo, verificando o filósofo como lavrara então intensamente o ceticismo entre o alto clero romano: *"ego, cum esse Romae, non omnes reperi aeque sincere credentes"* — "estando eu em Roma, não encontrei todos igual e sinceramente crentes."[25] Certificou-se, pessoalmente, de que muitos dos sacerdotes ligados à côrte papal eram absolutamente incréus e adotavam a opinião de Domizio Calderini sôbre a missa: *"eamus ad'errorem popularem."*[26]

Quanto à influência emancipadora do humanismo relativamente à Teologia, proclamou-a altamente: *"novi enim quantum absunt a christianesimo qui in bonis litteris velut apud scopulos sireneos consenescunt, praesertim apud Italos."*[27] — "Sei quanto se afastam do cristianismo os que, principalmente italianos, se detêm nas boas letras como se estivessem presos nos rochedos das sereias."

Depois de tirar da Cidade Eterna todo o proveito ao seu alcance, regressou, em 1509, à Inglaterra, onde cartas insistentes o chamavam. Morrera Henrique VII, e seus amigos escreveram-lhe entusiasmados com a ascensão de Henrique VIII, cuja educação, feita já sob o influxo do humanismo, a todos enchia de esperança.

"Se visses — escrevia-lhe Mountjoy — como estão todos contentes e felizes com tal rei! O céu sorri, a terra exulta, tudo é mel, leite e néctar. A avareza desapareceu, e a liberdade distribui seus dons a mancheias!"

25 *Vide* Pierre de Nolhac, *op. cit.*, págs. 75, 76, 77 *et passim.*
26 *Vide* Philippe Monnier, *op.* cit., t. II, pág. 182.
27 *Vide* Pierre de Nolhac, *op. cit.*, pág. 57.

Com a mesma carta recebeu o filósofo dez libras para a viagem, cinco enviadas pelo próprio Mountjoy, e cinco pelo Arcebispo de Cantuária.

Como verdadeiro humanista, não deixou, porém, de fazer uma peregrinação a Nápoles, em companhia de seu jovem discípulo, Arcebispo de Santo André, a fim de visitar o antro da Sibila de Cumas, imortalizado por Virgílio.

A Itália foi, para êle, a escola em que completou sua formação intelectual. Ao regressar, "não é mais o mesmo: sua coletânea de *Adágios* acha-se nas mãos de tôdas as pessoas instruídas; publica o *Elogio da Loucura* e os *Colóquios*, que obtêm a adesão da Europa ao espírito da Renascença; empreende essa prodigiosa correspondência internacional, a um tempo literária, política e religiosa, que figura no mesmo plaino da de Petrarca, antes dêle, e da de Voltaire, depois. Tal como êsses dois grandes homens torna-se o rei intelectual de sua época, consultado por todos os que pensam e refletem. Seu público forma-se em tôrno dêle, e então começa o seu papel como educador de príncipes e povos. Seus livros são lidos e discutidos por milhares de pessoas, e por muitos anos a Europa aguarda, ansiosa, as suas menores palavras".[28]

É ao surto dessa nova fôrça personificada por Erasmo — a fôrça da inteligência e da cultura a traduzir as mais íntimas aspirações de sua época — que assistiremos no capítulo seguinte.

[28] Pierre de Nolhac citado por Th. Quoniam: *Érasme*, págs. 29 e 30, Desclée de Brower et Cie. éditeurs, Paris, 1935.

CAPÍTULO NONO

— O ELOGIO DA LOUCURA — ANOS DE GLÓRIA — OS COLÓQUIOS ERASMO E A PAZ

O Elogio da Loucura

Ao REGRESSAR da Itália, onde pessoalmente verificara o esgotamento do catolicismo naquilo que possuía de mais representativo — o Papado — achou Erasmo útil retraçar, numa sátira, a necessidade de profunda modificação do sistema espiritual então vigente.

Qual fôsse a solução, êle não podia claramente dizer, mas, ao ressaltar os vícios e fraquezas da religião de sua época num livro ao alcance de tôdas as inteligências, caracterizou, com espantosa nitidez, o problema máximo dos tempos modernos.

Ao repassar, em seu espírito, o espetáculo social de seus dias, que pudera observar pessoalmente nos Países-Baixos, na França, na Inglaterra e na Itália, acudiu-lhe a idéia do *Elogio da Loucura,* meditado nos Alpes e escrito na Inglaterra, entre 3 e 10 de julho de 1509, em casa de Morus. Pre-

libando as conversas que teria com o futuro autor da *Utopia* — o homem mais espirituoso de seu tempo — concebeu o livro que seria a melhor exegese dos versos de Dante:

Tu perchè non ti facci maraviglia
Pensa che in terra non è chi governi
Onde si svia l'umana famiglia.[1]

"Tu, para não teres surprêsa, pensa que não há na Terra quem governe — eis por que se extravia a família humana."

Por falta de direção espiritual, achava-se o mundo transformado em imenso manicômio, onde a doutrina, que devia dirigir os ocidentais, era postergada não só pelos leigos em geral, mas até pelo próprio clero em seus representantes mais categorizados: bispos, cardeais e papas.

Daí dizerem os seus contemporâneos haver êle, no *Elogio*, pôsto o ôvo de que saiu Lutero. Entretanto, se é verdade que a parte negativa de sua obra apresenta pontos de contato com a dêsse prócer da Reforma, não é menos real, como veremos, que o Filósofo de Roterdão dêle divergia tanto quanto dos defensores incondicionais do catolicismo, dizendo, com razão, "haver pôsto um ôvo de galinha comum, enquanto Lutero saiu autêntico galo de briga".

Aos dogmas teológicos, quaisquer que fôssem, queria Erasmo opor uma doutrina cujas regras morais se baseassem em motivos exclusivamente humanos, e, daí, concluir Zweig que, ao observar a crescente animosidade provocada, nos concílios, por insignificantes minúcias dogmáticas, sonhou com uma síntese formada por aquilo que tôdas as crenças apresentam de convergente, de modo a elevar-se a Religião de Deus à categoria de Religião da Humanidade:

"Erasmo esforça-se por desprender o catolicismo do seu caráter puramente dogmático, ligando-o a tudo quanto é humano. Procura fazer entrar no quadro da idéia cristã todos os elementos fecundos, tôdas as perfeições morais das religiões. Nesse século em que ainda reinam a estreiteza de espírito e o fanatismo, o grande humanista tem uma frase admirável, que espantosamente alarga os horizontes: 'Onde quer

[1] Dante: *Paradiso*, canto XXVII, vs. 139-141.

que encontres a verdade, considera-a cristã.' Pontes são, assim, lançadas a todos os tempos e a todos os povos. As idéias fundamentais de Erasmo, comparadas com a arquitetônica da exegese católica e com o apaixonado fervor dos místicos, podem não parecer geniais, mas são profundamente humanas."[2]

Sendo a ciência a única base em que se possa assentar um sistema de ética universal e estando ainda incipiente no tempo de Erasmo, as suas vistas sôbre a direção do pensamento moderno em matéria religiosa não podiam deixar de ser superficiais.

Numa coisa, porém, não se enganou, como, aliás, todos os grandes representantes da Renascença, conforme vimos a propósito do humanismo: é que o centro coordenador dos sentimentos, pensamentos e atos deixaria, no futuro, de ser Deus, substituído pela Humanidade, considerada como o conjunto de sêres reais que, em todos os tempos e em todos os lugares, convergem para um ideal cada vez mais alto. E aqui se torna um percursor de Augusto Comte:

"A concordância espontânea entre os orientais e os ocidentais quanto às menores verdades científicas contrasta com suas invencíveis divergências no campo da Teologia. Esta indicação fundamental levou-me a descobrir a única religião suscetível de universalidade, afastando tôda crença teológica ou metafísica a fim de abranger o conjunto da existência humana, individual e coletiva, numa fé plenamente científica. A Humanidade deve ser hoje invocada para proporcionar às instituições sociais uma segurança que doravante não mais pode emanar de Deus."[3]

Se isto pôde ver e proclamar o Fundador da Sociologia, na segunda metade do século passado, depois de enorme evolução científica, é espantoso haja Erasmo, no fundo, pensado do mesmo modo, patenteando, no *Elogio da Loucura*, o descrédito dos motivos celestes entre os ocidentais: "Quanto ao Paraíso, todos só querem gozá-lo o mais tarde que podem. É

[2] *Vide* Stefan Zweig: *Erasmo*, págs. 93 e 91 da trad. francesa de Alzir Hella, Éditions Bernard Grasset, Paris, 1935.
[3] *Vide* Augusto Comte: *Système de Politique Positive*, t. III, pág. XLVIII e t. IV, pág. 474, Paris, Carilian-Goeury éd. 1853 e 1854.

sòmente quando os prazeres dêste mundo os abandonam inteiramente, sem lhes restar um só, que os homens se resignam a fruir as apregoadas delícias paradisíacas."

Ponderando o fundador da Sociologia a monotonia que caracteriza a beatitude celeste, onde o bem-aventurado passará a eternidade na extática contemplação do Criador, qualificou-a de "idiotismo transcendente".[4] Foi o que também fêz Erasmo, chamando "inefável loucura" à felicidade eterna, sendo digno de reparo, na observação de Huizinga, que êle dê, no *Elogio* à palavra *stultitia* ora o sentido de loucura, ora o de idiotia.

De idêntico modo de sentir participam, aliás, todos os emancipados modernos, dos quais Metchnikoff não é mais do que o eco, quando frisa em seus *Estudos sôbre a Natureza Humana*: "É inútil representar a vida eterna no meio de um paraíso com tôdas as delícias: ela acabará sendo tremendamente tediosa."[5]

Outro aspecto, que Erasmo não deixou de focalizar no *Elogio*, foi o da contradição permanente entre os princípios absolutos da moral católica e a vida prática, a ponto de caírem na loucura os que estritamente pretendem por êles nortear-se:

"O mesmo São Paulo recomenda a loucura como coisa muito necessária à salvação: 'Aquêle, dentre vós, que quiser ser sábio — são palavras do Apóstolo — deve fazer-se louco'. Não chamou, ademais, Jesus, em São Lucas, loucos àqueles dois discípulos com os quais se encontrou na estrada, depois da ressurreição?"

Êsse caráter absoluto da moral monotéica, que, aplicada a rigor, conduz à loucura, foi, aliás, reconhecido pelos mais eminentes representantes do catolicismo, e, entre outros, por Vieira: "Se os poetas — diz êle — têm todos uma veia de doido, não podia faltar a êste doido [São Francisco de Assis] uma veia de poeta. Definindo-se São Francisco a si mesmo chamava-se, em italiano, *Fatuello di Dio*: o doido ou

4 *Vide* Augusto Comte: *Cours de Philosophie Positive*, t. IV, págs. 391 da terceira edição, Paris, 1877.
5 *Vide* Metchnikoff: *Études sur la Nature Humaine*, pág. 288 da 3.ª ed.

doidinho de Deus, e Santo Inácio proclamou: *Insaniendum est, si vis esse perfectus*": "Hás-te fazer doido, se queres ser santo."[6]

Com imensa clareza salientou ainda Erasmo, no *Elogio*, que a solução para os males aí apontados não podia provir da Teologia, dada a vacuidade de suas cogitações, onde, através de imensas sutilezas e puerilidades, não se conseguem senão palavras destituídas de sentido.

A partir do dia em que o escol dos ocidentais, em conseqüência da própria evolução social, passou a admitir sòmente o que compreende e é suscetível de demonstração, substituindo a *fé* teológica, pela *fé* científica, com o direito de exame por parte de todos os que adquirem o preparo correspondente, a ruína do catolicismo, como a de qualquer outro sistema espiritual tendo a Teologia por base, tornou-se fatal, conforme Erasmo o patenteou ao registrar, no *Elogio*, as fraquezas da Escolástica e salientando, em seus *Colóquios*: "Muitos evitam conhecer a Teologia, com mêdo de ser abalada sua fé, desde que tudo é pôsto em questão."[7] Foi, aliás, o que, já no quinto século de nossa era, fazia ver Santo Agostinho ao proclamar seu atrevido *credo, quia absurdum*. E, realmente, se os dogmas teológicos não fôssem absurdos, não precisaria o Santo crê-los, porque os demonstraria.

"O Sacramento do altar é por antonomásia o mistério da fé, *e a fé há de ser cega e crer a olhos fechados*" — sustenta Vieira no *Décimo Quinto Sermão do Rosário*.[8] Submeter, conseqüentemente, a *Teologia* a um exame racional, como se passou a pretender nos tempos modernos, é, *ipso facto*, lançá-la por terra, de vez que só se mantém enquanto considerada *absurda*, isto é, inatingível ao raciocício e admitida às cegas, segundo a parêmia do filho de Santa Mônica, o qual só se converteu ao catolicismo depois de abandonar a terrível lógica com que lhe examinava as doutrinas, sendo, até

6 *Vide* Padre Antônio Vieira: *Sermões*, t. XIII, págs. 290 e 288 da ed. da Livraria Chardron, *Lisboa*, 1908.
7 *Vide* Erasmo: *Colloquia Familiaria*, t. I, pág. 54, Lipsiae, 1893, ed. Stereotypa.
8 *Vide* Padre Antônio Vieira: *Sermões*, t. XI, pág. 305 da ed. cit.

então, de tal modo temido dos cristãos que êstes rezavam nas escolas: *à lógica Augustini libera nos, Domine!*"[9]

A Rabelais, como digno discípulo de Erasmo, não escapou êsse caráter precário da fé teológica: "Por que não o creríeis? — Porque dizeis que não há nenhuma aparência! — Por isto mesmo, eu vos digo, deveis crê-lo em fé perfeita, visto sustentarem os sorbonistas ser a fé o argumento das coisas sem a menor aparência."[10]

Eis por que um teólogo do século XVII sustentava, ao combater Malebranche: "Não podemos satisfazer, a um tempo, à razão e à fé, porque a razão nos obriga a abrir os olhos, e a fé nos manda fechá-los."[11]

Foi num momento de incomparável lucidez que Erasmo compôs, numa semana, *O Elogio da Loucura*, e, tal como a deusa da sabedoria saiu de elmo, escudo e lança da cabeça de Júpiter, também a sua antítese — a Loucura — *Stultitia*, brotou, de um jato, do cérebro do Filósofo de Roterdão.

No *Elogio* mostra-se mais audaz do que Maquiavel e mais cético do que Montaigne: "A mentira é a própria verdade. Para que buscar o saber real? Quanto mais incompetente o homem, mais agradável a sua vida. É o que provam os professôres, poetas e oradores. O espírito humano é de tal forma constituído que se impressiona mais com a mentira do que com a verdade. Ide às igrejas; se o padre trata de assuntos sérios, todos cochilam, bocejam e se aborrecem. Quando, porém, começa a contar histórias da carochinha, todos acordam, sentam-se e ficam suspensos de seus lábios. Por vêzes a sátira torna-se direta, quando a Loucura increpa sem ambages o que Erasmo quer censurar: indulgências, relíquias, adoração dos santos, abusos do alto clero, intermináveis disputas teológicas, ciúmes entre as ordens monásticas.

"Para os leitores contemporâneos, nota Huizinga a maior importância do *Elogio* consistiu na sátira imediata. O riso

9 *Idem, ibidem*, t. I, pág. 138.
10 *Vide* Rabelais: *Gargantua*, livro I, capítulo VI, pág. 20 do t. I das *Oeuvres*, Paris, Garnier Frères.
11 *Vide* Sainte-Beuve: *Port-Royal*, vol. V, págs. 360 e 367 da 7.ª ed., Paris, 1908.

que provocou, embora mais delicado, não foi menos espontâneo do que o que despertou Rabelais."[12]

No mesmo gênero do *Elogio* compôs Erasmo um livro intitulado *Lingua*, onde explana o uso e abuso da mesma. Entretanto, de todos os seus trabalhos, reunidos em dez enormes *in-folio*, só o *Elogio*, ao lado dos *Colóquios*, permanecem leitura corrente em nossos dias. Suas demais obras apenas oferecem, hoje, interêsse histórico, para se conhecer quer a sua pessoa, quer a sua época. E, não se enganou a posteridade: o *Elogio* constitui, de fato, com os *Colóquios*, o seu melhor trabalho. Quando se compara — observa Zweig — "essa obra com as polêmicas brutais e as grosseiras invectivas contemporâneas, compreende-se fàcilmente a que ponto êsse arrebatador fogo de artifício, lançado no meio das trevas da ignorância, deslumbrou o seu século".[13]

Na Inglaterra, onde permaneceu de 1509 a 1514, o filósofo lecionou o grego na Universidade de Cambridge, tendo tido ocasião de assistir aí a um dos mais curiosos espetáculos da estupidez humana, ocorrendo-lhe, de certo, o pensamento do *Ecclesiastes*, que citara no *Elogio*: "*infinitus est stultorum numerus*" — "é infinito o número dos tolos."

É que professôres rotineiros impediam se introduzisse no ensino do grego a pronúncia correta, dividindo-se a Universidade entre duas facções irreconciliáveis: a dos que pronunciavam certo, e a dos que enunciavam erradamente o idioma de Homero. A tal ponto chegou a paixão a êsse respeito, que, quando daí a poucos anos irrompeu a Reforma, os católicos se apegaram à pronúncia errada, e os protestantes à certa. Quando se apoderavam do poder, faziam uns e outros severíssimos regulamentos, onde diversas penalidades eram infligidas aos que não adotassem a pronúncia da facção dominante.

É curioso lembrar os castigos a que Gardiner, Bispo de Winchester, representante do partido católico, submeteu os protestantes que pronunciassem certo o grego: chicotadas, degradação e expulsão, chegando mesmo a sustentar ser preferível abolir o ensino dessa língua, a permitir-se qualquer

12 *Vide* J. Huizinga, *op. cit.*, págs. 131, 132, 133 *et passim*.
13 *Vide* Stefan Zweig, *op. cit.*, pág. 82.

inovação em sua pronúncia.[14] Tal a concepção que, nesse tempo, se tinha de liberdade!

Entretanto, o pacifismo de Erasmo levou-o a deixar a pátria de Morus.

Entrando Henrique VIII, por instigação de seu sogro, Fernando de Aragão, e do Papa Júlio II, em guerra com Luís XII, o filósofo, estrênuo pacifista, não pôde mais suportar a Inglaterra, escrevendo a um de seus amigos:

"A guerra transtornou sùbitamente o espírito desta ilha. O custo da vida sobe dia a dia, enquanto a generosidade decresce. Estamos espreitados pela peste, assaltados por ladrões, bebendo o pior dos vinhos (uma vez que cessou a importação dos de França), mas — *io triumphe* — somos os conquistadores do mundo!"

Na edição dos Adágios, publicada no ano seguinte, introduziria longa dissertação contra a guerra com o título: *Dulce bellum inexpertis*, "é doce a guerra para os inexperientes", de que saíram, no século XVI, várias edições.

Na primeira metade de julho de 1514, deixou Erasmo a pátria de Morus, onde nunca mais residiria, só tornando a revê-la em três rápidas visitas. Ao partir de Londres, dirigiu-se a Basiléia em busca da tipografia de Froben, êmulo de Aldo Manucio, ao qual pretendia confiar, entre outras obras, o *Nôvo Testamento* e as *Obras de São Jerônimo*, cujos textos haviam sido por êle cuidadosamente revistos e restaurados.

Foi essa a mais penosa das travessias que fêz da Mancha, visto ter, depois da partida do navio, dado pela falta da mala onde se encontravam todos os seus manuscritos, fruto de vários anos de trabalho: "Tamanha tristeza — escreve ao contar o incidente — só podem sentir os pais ao perderem seus filhos." Para alegria sua, porém, encontrou essa porção de seu próprio ser do outro lado da Mancha.

Perto de Calais, ainda então sob o domínio inglês, no Castelo de Hammes, pertencente a Mountjoy, com o qual se hospedou, aguardava-o longa carta de Servatius, Superior do

14 *Vide* David Hume: *History of England*, pág. 436 do vol. I da ed. Ward, Lock and Co. London, 1891.

Convento de Steyn, instando pelo seu definitivo regresso ao mosteiro.

Foi, para o humanista, motivo de enorme apreensão lembrar-se da possibilidade de reingressar na vida do claustro, sobretudo depois de conhecer e gozar a liberdade durante perto de vinte anos.

O horrível fantasma que era, no curso de suas mais altas aspirações literárias, a contingência de ser, um dia, obrigado a perder essa liberdade, que tanto amava, levou-o a amadurecer a resposta, e declarou terminantemente: "Não voltarei à Holanda. Sei que não suportarei mais o ar e o gênero de alimentação do convento. Todos os olhares se concentrarão em mim. Regressarei velho e grisalho, eu que deixei o mosteiro ainda môço. Voltarei valetudinário, exposto ao desdém até dos inferiores, eu que me habituei a ser honrado mesmo pelos maiores! Não, não é possível, para falar sem rebuços."

Depois, porém, dessa afirmativa categórica, adoça-a, como bom diplomata, expandindo-se sôbre a amizade que sempre nutrira por Servatius, seu antigo colega e então Superior do Convento, o qual era com prazer que êle via transformado em seu venerável Pai.

Anos de Glória

Na segunda metade de agôsto de 1514, depois de atravessar os Países Baixos, onde visitou diversos amigos e a Universidade de Lovaina, chegou afinal a Basiléia e então fruiu da glória — "a ambrosia do gênio" — como a poucos tem sido dado fazê-lo. Basiléia, quando a visitou Erasmo, era o centro de grande cultura humanística, incentivada pela tipografia de Froben, tão famosa na época quanto a de Aldo Manuccio. Situada na Suíça, era, por êsse tempo, habitada por Holbein, a quem devemos os melhores retratos de Erasmo e de Tomás Morus, além de interessantíssimas ilustrações do *Elogio da Loucura,* quase tão apreciadas quanto o próprio texto.

Foi, desde então, a residência predileta de Erasmo: *"Hic illius arma, hic currus fuit"*, diziam seus contemporâneos, repetindo o verso de Virgílio na *Eneida*. De tal modo asso-

ciou-se a sua memória a essa cidade, onde cuidadosamente se conserva a casa por êle habitada, que, no dizer de Bayle, "os viajantes não falam menos de Erasmo, quando tratam de Basiléia, do que quando tratam de Roterdão, de sorte que se pode dizer tornar êle o lugar em que morreu tão célebre quanto aquêle em que nasceu".[15]

Graças a Erasmo, Basiléia passou a ser a capital do livre pensamento europeu, e aí foi êle entusiàsticamente recebido e saudado como "o sol do mundo" em cartas, recepções e banquetes, vendo-se objeto de uma admiração muito mais viva do que a que até então despertara em França, Inglaterra e Itália. A razão é simples, visto haver sido considerado um compatriota — "o mais belo ornamento do gênio germânico" até então surgido.

Poucos dias depois de sua chegada entraram em andamento as publicações que tinha em vista, e, mais uma vez, tal como em Veneza, havia seis anos, achava-se de nôvo em seu elemento — uma tipografia.

Rodeado de letrados, que se esmeravam em cumulá-lo de atenções, disputando-lhe àvidamente todos os lazeres, trabalhou, na tipografia de Froben, com o mesmo afinco que na de Aldo. No próprio mês de sua chegada, algumas de suas traduções das obras morais de Plutarco foram publicadas, enquanto nova edição, aumentada e corrigida, dos *Adágios*, entrava no prelo.

Além de uma edição crítica de Sêneca e de um trabalho sôbre composição latina, que publicou, nesse mesmo ano, na tipografia de Froben, editou, simultâneamente, outras obras, dentre as quais as *Parabolae sive similia* foram confiadas a Shurer, de Strasburgo, e uma coletânea de fáceis textos latinos foi impressa, em Lovaina, por Dirck Maertensz.

Os principais objetos de sua atenção eram, porém, o *Nôvo Testamento* e as *Obras* de São Jerônimo, a cuja restauração se vinha consagrando havia perto de quinze anos, enriquecendo, com valiosas notas, o texto corrigido.

Em princípios de 1516 apareceu, afinal, o *Novum Instrumentum,* contendo o texto grego do *Nôvo Testamento* res-

15 *Vide* Pierre Bayle: *Dictionnaire Historique et Critique*, t. VI, pág. 225 da ed. Beuchot, Paris, 1820.

taurado e anotado, juntamente com uma tradução latina, onde enormes infidelidades da *Vulgata* haviam sido retificadas.

A partir da publicação das obras de São Jerônimo e do *Nôvo Testamento,* cujas profundas modificações do texto latino constituíram verdadeira ousadia, tornou-se Erasmo o centro do estudo das letras sagradas, como já o era das profanas.

A publicação do *Nôvo Testamento,* corrigido em seu texto grego e traduzido para o latim, marca, de modo ruidoso, a introdução do livre exame naquilo que a sabedoria sacerdotal até então cuidadosamente resguardara: as Sagradas Escrituras.

Haviam-se habituado os teólogos a encarar o latim da *Vulgata* como sacrossanto, e, desde o insucesso da tentativa feita, no século XIII, para melhorar e corrigir a versão oficial, não se admitia a possibilidade de outra revisão.[16]

Tal como seu mestre, Lourenço Valla, empregou Erasmo, no exame das obras dos Santos Padres e na crítica das Sagradas Escrituras, os mesmos métodos usados para os textos dos autores pagãos. Hàbilmente, porém, a fim de defender-se contra os ataques que o ousio de seu empreendimento lhe suscitaria, dedicou sua tradução do *Nôvo Testamento* e sua edição crítica de São Jerônimo ao Papa Leão X, com o qual travara relações em sua viagem a Roma.

"Uma obra de alcance universal — dizia, no Prefácio — não pode deixar de ser dedicada ao homem que domina o Universo, isto é, ao Papa."

Foi, portanto, colocando-se sob a proteção do próprio Papa, que o filósofo fêz triunfar o espírito nôvo, e é interessante observar haver sido essa dedicatória pressurosamente aceita pelo Sumo Pontífice, que lera e muito apreciara o *Elogio da Loucura*. Não nos devemos esquecer, todavia, de ser êsse Sumo Pontífice, cético e epicurista, cardeal desde os quatorze anos. Além de ter conhecimento familiar da tentativa de assassínio dirigida contra seu pai pelo Papa Sisto IV, presenciara de perto os pontificados de Alexandre VI e Júlio II, conhecendo, portanto, melhor do que ninguém, a pro-

16 *Vide* Th. Quoniam: *Erasme,* pág. 112, Paris, Desclée de Brower et Cie., Éditeurs, 1935.

cedência das sátiras de Erasmo contra o Papado e o clero em geral.

A carta de Sua Santidade, agradecendo ao humanista, foi extremamente desvanecedora: "Nós te somos profundamente reconhecidos. O testemunho de tua afeição foi-nos tanto mais sensível quanto não partiu de um homem qualquer, mas de um sábio que estimamos muito, havendo-o conhecido pessoalmente e que se recomenda por sua grande fé e eloqüência. ....

"Esperamos com impaciência teus manuscritos sôbre São Jerônimo e que nos confirmes, nessa ocasião, tua promessa de dedicar-nos o fruto de teus trabalhos."

Isto dizia o Papa a propósito da tradução do *Nôvo Testamento* do grego para o latim. Entretanto, em carta de 1º de março de 1517, jovem monge alemão lastimava a desgraça de sua época, na qual "um certo Erasmo" ousava retificar o texto das Sagradas Escrituras! Êsse monge, tão cioso pela intangibilidade da *Vulgata,* chamava-se Martinho Lutero!

Com o aumento da fama de Erasmo, ràpidamente melhorou sua situação financeira. Por interferência do Chanceler Sauvage, recebeu o título de Conselheiro de Carlos V, honraria que lhe devia proporcionar a renda anual de duzentos florins, sem tolher-lhe a liberdade. Em agradecimento, escreveu a *Institutio Principis Christiani,* dedicada ao Imperador, obra que constitui o mais frisante contraste com o *Príncipe* de Maquiavel. Aí sustenta que os príncipes e povos devem subordinar seus interêsses regionais, egoísticos e imperialistas, aos da Humanidade, resumindo-se seu pensamento na máxima de que "ninguém é príncipe se não fôr homem de bem".

Em 1516 transferiu-se para Antuérpia, onde se hospedou com um de seus melhores amigos, Pierre Gilles, o mesmo que figura na *Utopia* de Morus como tendo acolhido, em sua casa, a êste e ao navegante português, Rafael Hitlodeu, que lhes descreve a encantadora ilha, cuja lembrança perdura, na imaginação humana, como um belo sonho e que, segundo alguns, deve ser localizada no Brasil, na região de Cabo Frio.

Exatamente por êsse tempo estava Pierre Gilles ocupado com a primeira edição da *Utopia,* de que fôra incumbido por

Tomás Morus e em cuja revisão tipográfica o auxiliou o autor do *Elogio da Loucura*. Mais tarde, achando-se Erasmo novamente em Antuérpia, hospedado em casa de Pierre Gilles, foram ambos pintados por Quentin Metsys. Os retratos foram destinados a Tomás Morus, figurando entre os melhores, feitos pelo grande artista.

Em 1517 organiza o humanista, em Lovaina, o Colégio Trilíngüe, destinado ao ensino do grego, do latim e do hebraico, e que serviria de modêlo ao Colégio de França, criado, alguns anos mais tarde, por Francisco I. E, não obstante haver-se munido de uma Bula de Júlio II, autorizando-o a aceitar prebendas e a abandonar o hábito agostiniano, pleiteou, por êsse tempo, de Leão X, licenças mais largas e explícitas.

Em dois *Breves* perdoou-lhe o Papa as transgressões em que incorrera relativamente aos votos monásticos, confirmando-lhe a licença de deixar o hábito de sua ordem, com a permissão de viver no mundo e receber prebendas eclesiásticas, quaisquer que fôssem os impedimentos decorrentes da ilegitimidade de seu nascimento.

Em fevereiro de 1517, estando outra vez em casa de Pierre Gilles, chegou-lhe tentadora oferta de Francisco I para fixar-se em Paris. É a fase áurea de sua fama: ativa emulação dos grandes da época se estabelece para o atrair, passando a ser designado pelos títulos de "Pitonisa do Ocidente", "Luz do Mundo", "Pai dos Estudos", "Defensor da Verdadeira Teologia", "Príncipe das Ciências", "Vir Incomparabilis", "Phoenix Doctorum", "Doctor Universalis".

Papas, imperadores e reis, grandes senhores, corpos docentes e discentes das Universidades, todos, à porfia, pleiteiam a honra de sua visita. As cidades paramentam-se com estandartes e flôres para festejar-lhe a chegada e quando anuncia a sua partida, não poupam pretextos para retê-lo.

Segundo Muciano e Camerarius, êle excede à capacidade humana — é divino como o fôra Platão. O jurisconsulto Ulrich Zazius, de Friburgo, escreve: "Fui pùblicamente apontado como o homem que recebeu uma carta de Erasmo." Zwínglio, que papel tão relevante desempenhou na Reforma, diz a um amigo: "Acrescente a isso a grande glória de haver visto Erasmo."

"Nada sei e nada ensino agora a não ser Erasmo" — exclama o humanista Capito. Ulrich von Hutten e Henrique Glareanus idealizam para si, em relação a êle, a venerante atitude de Alcebíades para com Sócrates, e Beatus Rhenanus consagra-lhe tôda uma vida de inexcedível devotamento.

Colet e Tunstall predizem-lhe, na Inglaterra, a imortalidade; em França, Poncher coloca-o acima dos mais célebres humanistas italianos; Germain de Brie declara que os letrados gauleses deixaram de ler todos os outros autores para se consagrarem apenas a êle, e Budé proclama que tôda a Cristandade ressoa com o seu nome.

"Através de densas florestas, através de países infestados pela peste, peregrinamos em busca da pérola única do universo" — escreve um humanista que, em companhia de outros, faz uma viagem só para conhecê-lo.

Sua glória manifesta-se então sob as mais variadas formas — ora a notícia de sua morte malignamente se espalha; ora panfletos e escritos mordazes lhe são atribuídos, e, entre outros, as famosas *Epistolae Obscurorum Virorum.*

Sua correspondência aumenta imensamente, transformando-se suas cartas em verdadeiras relíquias. Uma recomendação sua era um Sésamo diante do qual, nota Zweig, tôdas as portas se abriam. Longe iam os tempos em que solicitava a Morus lhe arranjasse maior número de correspondentes. Cartas chovem-lhe agora de todos os lados, e é heróica a benevolência com que empreende responder a tôdas, embora mal lhe sobre tempo para lê-las.

Para avaliarmos a importância das cartas de Erasmo, é preciso não perdermos de vista que a correspondência fazia então as vêzes dos jornais, ou, pelo menos, dos mensários literários de hoje. Erasmo, que editara, havia vários anos, em Paris, um tratado de arte epistolar — *De conscribendis epistolis,* era exímio nesse gênero, e suas cartas, coligidas e anualmente publicadas a partir de 1515, figuram entre suas obras de maior sucesso de livraria.

É comovente êsse espetáculo de um homem que, alheio aos podêres sociais de sua época, se torna, só pelo prestígio do talento e do saber, uma fôrça espiritual maior ainda que a dos próprios Papas, os quais, tal como os reis, também se põem a requestá-lo.

Foi êle, no século XVI, assim como Voltaire dois séculos e meio mais tarde, memorável exemplo do que vale um homem que intelectualmente personifica sua época. "Pela sua presença tornou-se Basiléia o centro intelectual do mundo. Falar-lhe equivalia a uma espécie de acolada espiritual. Um cardeal, sobrinho do Papa, que três vêzes o convidara em vão para jantar, não acha humilhante ir pessoalmente procurá-lo na tipografia de Froben."[17]

É que ir a Basiléia e não falar a Erasmo era mais contristador do que ir a Roma e não ver o Papa.

Deixara o filósofo de ser apenas um erudito, passando a personificar as mais íntimas e vivas aspirações de seu século. Quando Carlos V, com pasmo e escândalo de seus cortesãos, abaixou-se para apanhar o pincel de Ticiano, filho de um pastor; quando o Papa, obedecendo à ordem brutal de Miguel Ângelo, deixou a Sistina para não perturbar o divino artista, nada mais fizeram um e outro, na ponderação de Zweig, do que sofrer, sem o saberem, o influxo dos tempos modernos, em que o mérito pessoal deve primar sôbre o nascimento e o poder.[18]

Além de Leão X, Henrique VIII, Carlos V, Francisco I e Dom João III de Portugal, procuram atrair Erasmo, entre muitos outros, o Cardeal Ximenes para incorporá-lo à Universidade de Alcalá; o Duque de Saxe para dar-lhe uma cátedra em Leipzig; Pirkheimer para fixá-lo em Nurenberg, cidade livre do Império. Mas Erasmo não se deixa prender, pondo acima de tudo essa liberdade, que tão dificilmente conquistara, e, que, a seu ver, é a principal condição de tôda fôrça moral. Convidado, em 1517, para acompanhar o futuro Carlos V à Espanha, escusa-se, alegando não querer afastar-se dos quatro grandes centros de publicidade da época: Basiléia, Lovaina, Strasburgo e Paris.

Com o crescimento de sua nomeada, todos seus trabalhos anteriores sobem na estima do público, e, entre outros, o *Enchiridion Militis Christiani*, que só alcançou grande sucesso em 1515, onze anos depois de sua primeira edição.

17 *Vide* Stefan Zweig, *op. cit.*, pág. 102.
18 *Idem, ibidem*, pág. 104.

E, desde então, começam a circular por tôda parte neologismos contra os quais debalde se rebela o filósofo: *erasmiano, erásmico, erasmismo,* que denotam a profunda influência de seus escritos sôbre o pensamento da época.

O obscuro monge, partido de Steyn havia vinte anos, se tornara, assim, quase sem o saber, "o cérebro, o coração e a consciência de seu século".

Em 1518 sai, pela primeira vez, o *Antibarbarorum Liber,* cuja idéia lhe ocorrera desde sua primeira mocidade, quando ainda se achava em Steyn. Foi um livro de imensa repercussão em tôdas as rodas humanísticas, vazado sob a forma de diálogos entre o autor e um dos melhores amigos de sua mocidade, João Batt, falecido havia vários anos. Apresenta essa obra ainda grande interêsse no Brasil, de vez que ainda há quem discuta entre nós se o ensino deve, ou não, ser leigo. Quanto a Erasmo, há 448 anos, já não tinha dúvida: era pelo laicismo, e talvez por isto o haja a Holanda adotado a partir de 1800.

Eis alguns dos passos dos *Antibárbaros,* em que as tendências leigas do filósofo são expressas com uma violência que raramente se encontra nos ateus e anticlericais de nossos dias:

"Enforca-se o ladrão, e, no entanto, nenhum castigo sofre o que indignamente corrompe nossos filhos, esperança da República. Longe disto, julga-se merecer prêmios aquêle que, em vez de cultura, transmite às crianças puras parvoices. Não confiarias tua terra a um lavrador sem antes ouvires os mais experimentados agricultores, e, para teu filho, que carece de um preceptor, aceitas um dêsses *ptochotyranos* e te aventuras pelo caminho que te aponta um cego."

Ptochotyranos é um neologismo criado por Erasmo para designar os monges mendicantes, formado de *ptochos — mendigo* e *tyranos — tirano.*

E o filósofo continua no mesmo tom:

"Consulta-se acaso um camelo em matéria de dança, ou um asno em matéria de canto? Pois outra coisa não é consultar-se um franciscano, um dominicano ou um carmelita, como se fôssem oráculos, acêrca da pessoa à qual se deva confiar a criança destinada a receber a mais alta cultura, e acêrca dos métodos e autores com os quais deva ser instruída!"

"Consulitur igitur camelus de saltatione, de cantione asinus? Quid enim aliud sit cum Minorita, aut Iacobita, aut Carmelita, velut oraculum consulitur, cui puer ad optimas disciplinas destinatus formandus tradi debeat, quibus rationibus et autoribus instituendus sit?"

Os Colóquios

Na mesma ocasião dos *Antibárbaros* começaram a sair os *Colóquios*.

Figuram, ao lado do *Elogio da Loucura*, entre as melhores obras de Erasmo. É aí que mais claramente se podem apreciar suas tendências filosóficas, havendo sido enorme sua influência sôbre as diversas gerações que se sucederam nos séculos XVI e XVII. Enquanto as obras de São Jerônimo encontravam dez leitores, e o *Nôvo Testamento* cem, os *Colóquios* e *O Elogio* os contavam aos milhares.

Os primeiros *Colóquios* foram publicados em 1516. Em poucos meses venderam-se vinte e quatro mil exemplares, número fabuloso para a época, quando não se conheciam os nossos meios de publicidade, nem as facilidades de transportes de hoje.

"Finura de observação, *humour* e bom humor, *verve* cáustica, crítica incisiva, e sempre a mesma sedutora, elegante e fluida latinidade!" — exclama Brentano, e acrescenta: "O alcance filosófico dos *Colóquios* é maior e penetra mais profundamente do que as obras que os precederam. Pode dizer-se, por isso, haverem aberto o caminho para a liberdade de pensamento."[19]

Dentre os *Colóquios*, são notáveis e até hoje atuais: *A Romaria, A Mendicidade, A Parturiente, A Inimiga do Casamento, A Cortesã, A Pedagogia* e *O Naufrágio*.

No colóquio — *A Romaria* — mostra o filósofo o absurdo de se atribuírem maiores virtudes a certas imagens da Virgem, no que, aliás, nada mais fêz do que defender as deter-

[19] *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance*, pág. 121, Paris, Arthème Fayard et Cie., éditeurs, 1935.

minações do Concílio de Ruão, realizado em 1445, conforme vimos no quarto capítulo dêste livro.

É curioso como igual superstição se acha enraizada ainda hoje entre nós, decorridos mais de cinco séculos após a sua formal condenação por êsse Concílio. Êsse espaço de tempo torna-se, porém, irrisório, quando consideramos que a quase totalidade dos africanos permanece feiticista em nossos dias, e que são descendentes dêles os que, no Brasil, principalmente contribuem para reforçar essa crendice.

O personagem, que traduz o pensamento de Erasmo nesse colóquio, pergunta: "Não pode a Virgem conceder-vos todos os seus favores sem sairdes do lugar de vossa residência?" E seu interlocutor responde: "Não o nego, mas seus favores variam com as localidades, seja que ela assim o haja decidido, seja que siga nisso os nossos desejos."

O colóquio intitulado *A Mendicidade* parece escrito para o Brasil, onde tanto se tem discutido êsse problema, tão antigo quanto a própria humanidade e destinado, talvez, a só desaparecer com ela própria. Já Homero, no décimo século antes de nossa era, cantou, em seus poemas, o tipo do mendigo, sob o qual se apresenta Ulisses em Ítaca e sob o qual também costumavam os deuses aparecer aos homens, e Walter Scott ainda consagrou, no século passado, ao problema do mendigo, um dos seus melhores romances, *O Antiquário*.

A mendicidade é um fenômeno social tão inevitável quanto qualquer outro, decorrente das imperfeições inseparáveis de nossa espécie, muitos de cujos elementos ficam, por circunstâncias diversas, momentânea ou permanentemente impossibilitados de proverem à própria subsistência, recorrendo, assim, à caridade pública.

Se tais imperfeições são fatais, como pode a sociedade, sem flagrante violência, agravar os sofrimentos dos que são por elas atingidos, segregando-os de suas famílias, de cujos carinhos os priva, enclausurando-os compulsòriamente em asilos e colônias?

Dir-se-á — e com razão — que há abusos intoleráveis e que muitos mendigos são robustos. Mas, a essa robustez física, corresponderá sempre um aparelho cerebral igualmente são? Quem, hígido de corpo e de cérebro, prefere a vida de mendicância à de trabalho?

Quanto a abusos, onde os não há?

Em notável conferência, realizada há mais de sessenta anos, perguntava a êste propósito Teixeira Mendes:

"São os mendigos os únicos que exploram? Não existem exploradores em tôdas as classes sociais? São os mendigos os únicos que fingem? Não se encontram hipócritas em tôdas as camadas da sociedade, desde os que exercem as mais humildes até os que desempenham as mais elevadas funções? Os que herdam imensas fortunas, e nada fazem, a não ser esbanjá-las, não abusam também?"[20]

Recolhendo violentamente os mendigos a asilos e colônias, faz-se crer que tudo anda num mar de rosas. Isto é, porém, um mal, porquanto os mendigos constituem um problema que reclama solução. Êles desaparecerão, ou, pelo menos, diminuirão no dia em que, aumentando o bem-estar geral, puderam as famílias proletárias sustentar os seus inválidos, sem carecerem êstes apelar para a caridade pública, como já o fazem as chamadas famílias remediadas.

Há poucos anos se discutiu, entre nós, um projeto de regulamentação da mendicância em que se estatuíam penalidades não só para os que pedissem esmolas, mas ainda para os que as dessem. Essa penalidade, que tão flagrantemente desrespeita as leis básicas da natureza humana, nem ao menos tem o mérito de ser original, porquanto uma ordenação de Eduardo III de Inglaterra proibiu, de modo terminante, em 1384, dar esmolas, estabelecendo castigos severos para os que o fizessem.[21]

Tal prescrição e qualquer outra no mesmo sentido sòmente poderiam ser cumpridas mediante profunda modificação da natureza humana, caso pudéssemos alterá-la a nosso talante, suprimindo-lhe as sérias imperfeições.

É o que tornam claro as vistas de Erasmo a êsse respeito:

"Sendo a mendicância a mais miserável das condições, como não desaparece?

"É que a natureza cria homens para serem mendigos."

20 *Vide Boletim do Apostolado Positivista do Brasil,* 29-P, 27 de setembro de 1903, pág. 24.

21 *Vide* Henry Hallam: *View of the Europe during the Middle Ages,* pág. 567, Ward, Lock, Bowden, and Co. London, sem data.

"Corre agora o boato — continua o filósofo — de que não será permitido aos mendigos errarem à sua fantasia pelas ruas, nutrindo cada cidade seus próprios mendigos e obrigando ao trabalho os que são válidos. Entretanto, tais projetos têm sido feitos várias vêzes, e só se realizarão nas calendas gregas!"

Mais de quatrocentos anos depois de redigidas estas linhas, podemos repetir, com segurança, que só nas calendas gregas serão os mendigos compulsòriamente asilados, assim como só nas mesmas calendas se realizarão as demais instituições que Platão, no quarto século antes de nossa era, e Morus, no tempo de Erasmo, imaginaram fôssem praticadas na *República* e na *Utopia*.

No colóquio *A Parturiente*, encara Erasmo, entre outros, o problema da eugenia, no que é um predecessor de Diderot, Cabanis e Augusto Comte. Êste último, ao explanar o assunto, conclui dizendo que devemos admirar-nos da importância dada, em seu tempo, à propagação das demais espécies animais, enquanto a da nossa permanecia inteiramente descuidada.[22]

Obedecendo ao influxo erasmiano, o pai da *Enciclopédia* não foi menos explícito:

"Locke toma a criança ao nascer. Parece-me que deveria remontar um pouco além. Não haverá, então, regras a prescrever para a produção de um homem? Quem deseja prospere a árvore de seu jardim escolhe a estação, prepara o solo e toma grandes precauções, várias das quais aplicáveis a um ser muito mais importante do que a árvore".[23]

Ao pensamento de Erasmo ainda se filiou Cabanis:

"Depois de nos ocuparmos com os meios de tornar mais belas e melhores as raças dos animais ou das plantas úteis e agradáveis; depois de intervir nas dos cavalos e dos cães; depois de transplantar, enxertar, remanusear de tôdas as maneiras os frutos e as flôres, quão vergonhoso é descuidarmos totalmente da raça do homem, como se nos tocasse menos de

22 *Vide* Augusto Comte: *Système de Politique Positive*, vol. IV, págs. 318 e 319; *Correspondance Inédite*, vol. II, págs. 131 e 133, e *Lettres à Divers*, págs. 435 e 437.

23 *Vide* Diderot: *Oeuvres Complètes*, vol. XV, pág. 523 da ed. Assézat, Garnier Frères, éditeurs, Paris, 1876.

perto; como se fôsse mais essencial ter bois grandes e belos do que homens vigorosos e sadios, pêssegos perfumados e tulipas regularmente pintadas de preferência a cidadãos sábios e bons! É tempo de seguirmos, a êste respeito, como a tantos outros, um sistema de vistas mais digno de uma época de regeneração; é tempo de ousar fazer sôbre nós mesmos o que de modo tão feliz fizemos em vários de nossos companheiros de existência, empreendendo, enfim, rever e corrigir a obra da natureza."[24]

Precedendo de três séculos ao autor do *Emílio*, bate-se Erasmo, no mesmo colóquio, pela amamentação materna e discute, de modo extremamente sagaz, o papel social de cada sexo. O que, porém, de mais interessante encerra êsse colóquio é longa passagem onde o filósofo ventila opiniões sôbre a alma e sua sede, no que é notável continuador de Aristóteles e Alberto Magno, religando-os a Gall, Augusto Comte e Freud.

Eis suas considerações:

"Eutrapélio: — Reconheces, portanto, que o corpo é o instrumento da alma?
"Fabula: — Sim.
"Eutrapélio: — Então admites que, num corpo defeituoso, nada pode a alma, ou, pelo menos, é muito embaraçada?
"Fabula: — Sem dúvida.
"Eutrapélio: — Se, pois, a alma de um homem passasse para o corpo de um galo, falaria êsse homem como nós?
"Fabula: — Não.
"Eutrapélio: — E por quê?
"Fabula: — Por falta de lábios, dentes e língua conforme a nossa, sem contar a epiglote, essas três cartilagens movidas por outros tantos músculos, ligados ao cérebro por nervos, e, enfim, uma garganta semelhante à nossa.

24 *Vide* Cabanis: *Rapport du Physique et du Moral de l'Homme*, pág. 434 do t. III das *Oeuvres Complètes*, Paris, 1824.

"Eutrapélio: — Que aconteceria a uma alma alojada num porco?

"Fabula: — Grunhiria como êle, é claro.

"Eutrapélio: — E a que passasse para o corpo de um camelo?

"Fabula: — Berraria como êle.

"Eutrapélio: — E a que fôsse parar no corpo de um burro?

"Fabula: — Zurraria como o asno.

"Eutrapélio: — É, aliás, o que confessa Apuleu, o qual, metamorfoseado em burro, querendo invocar a César, só conseguiu emitir, com grande dificuldade, o som *o*, e, desejoso de anotar uma boa história, baniu, pela simples vista dos cascos, essa idéia. Logo, a alma vê menos com os olhos remelentos; ouve imperfeitamente com os ouvidos obstruídos pela cêra, assim como o paladar diminui quando a língua é afetada por secreções patológicas."

Depois de examinar a influência do corpo sôbre a alma através dos alimentos e bebidas, pergunta Eutrapélio: — Por que um indivíduo dotado de inteligência sagaz e boa memória é mais tarde atormentado por um espírito lento e uma memória defeituosa, seja em conseqüência de ferimento, acidente, doença, ou velhice?

"Fabula: — Queres, decerto, dizer que a alma vê e escuta por meio dos olhos e dos ouvidos, e que, igualmente, compreende, ama, odeia, zanga-se ou faz as pazes graças a certos outros órgãos.

"Eutrapélio: — Exatamente.

"Fabula: — Quais são, pois, êsses órgãos e onde os localizas?

"Eutrapélio: — Sabes onde se acham os olhos?

"Fabula: — Sim, e também onde se encontram os ouvidos, as narinas, o paladar e que, a não ser em caso de paralisia, todo o corpo é a sede do tato.

"Eutrapélio: — E que, com um pé cortado, o espírito não deixa de compreender.

"Fabula: — Sim, e nem também quando se amputam as mãos.

"Eutrapélio: — Mas quem recebe uma pancada nas fontes ou na nuca, cai como morto e fica absolutamente insensível. Donde claramente se deduz que os órgãos da compreensão, da vontade e da memória se alojam no interior do crânio, menos grosseiros sem dúvida do que os ouvidos e os olhos, mas sempre materiais, de vez que os fluidos mais sutis do corpo nem por isto deixam de ser materiais."

Depois de examinar a reação do corpo sôbre o cérebro, continua Eutrapélio: — "A alma nada pode sem os órgãos, instrumentos do corpo, e o que se diz da alma humana também se aplica à do burro, à do boi, à do escaravelho e à do caramujo.

"Fabula: — Não posso, contudo, admitir seja a alma do besouro a mesma que a do homem.

"Eutrapélio: — Diferem, sem dúvida, mas, até certo ponto, têm alguma coisa de comum. Tua alma anima teu corpo, fazendo-o viver e sentir; a do besouro desempenha o mesmo papel nesse animal. Se a alma do homem age diversamente da do besouro, é a matéria que o motiva. O besouro só não fala ou canta por não dispor de órgãos apropriados."

O filósofo ataca, em seguida, com muito espírito, a teoria metafísica da "unidade do eu".

Nada mais falso, efetivamente, do que essa teoria puramente abstrata, que reduz a alma à inteligência, servida por paixões, estabelecendo entre o homem e os animais radical distinção, contraditòriamente com os fatos quotidianos.

Longe de ser uno, é o homem, psicològicamente, o animal que oferece os mais variados aspectos, não apenas sob o aspecto do egoísmo, mas sob o do altruísmo.

Movido por instintos diversos, ora o orgulho, ora a vaidade, ora o instinto sexual, ora a veneração, ora a bondade, etc., dificilmente consegue ser conseqüente consigo mesmo. É que, segundo a auto-análise de Diderot, cada um de nós apresenta cem fisionomias por dia: "Encontrava-me sereno, tris-

te, sonhador, terno, violento, apaixonado, entusiasta, de conformidade com o que me afetava."[25]

Não passa, pois, a unidade do *eu* de fantasia metafísica, segundo fêz ver Erasmo ao dizer a Fabula, a parturiente com a qual mantém o diálogo de que tratamos:

"És espôsa em tua alcova; na oficina fazes tapêtes; no balcão os vendes; na cozinha és cozinheira; dona de casa para com os criados e criadas; mãe para com teus filhos, e em todos êsses casos não deixas de ser a mesma.

"Fábula: — Então porta-se a alma no corpo como eu em casa?

"Eutrapélio: — Acertaste."

No colóquio *A Inimiga do Casamento*, precede Erasmo, com grande clareza e bom senso, a Diderot em sua conhecida novela *A Religiosa*:

"Não sou contra a instituição das freiras. Mas, tudo não convém a todos. Considerando teu temperamento — o filósofo dirige-se a uma jovem que pretendia fazer-se monja — aconselhar-te-ia antes a fundar em teu lar um convento em que teu marido seja o Padre Prior, e tua Madre Superiora. Sabes que êsses imensos frades, sempre empanturrados de alimentos, são homens, e quando os honramos com o título de *Padre* ou *Pai* é por se portarem muitas vêzes de modo a merecerem plenamente êsse tratamento. Assim também o nome exclusivamente reservado à Virgem, com freqüência se aplica, nos conventos, a muitas que passam por virgens depois do parto."

Aqui não maliciava Erasmo, visto como, segundo Burchard e vários outros contemporâneos fidedignos, haviam-se transformado os conventos, por êsse tempo, em casas de tolerância: "quase todos os nossos mosteiros se transformaram em prostíbulos" — *"Monasteria nobis quasi omnia facta sunt lupanaria, nemine contradicente"*,[26] o que é confirmado pela carta em que Dom João III pediu ao Papa introduzisse a Inquisição em Portugal: "Lavra nos mosteiros lusos profunda corrupção, distinguindo-se entre êles o de Longovares, da or-

25 *Vide* Diderot: *Oeuvres Complètes*, t. XI, pág. 21 da ed. cit.
26 *Vide* J. Burchard: *Diarium*, publicado por Thuasne, Paris, 1884, t. III, pág. 79, *apud* Philippe Monnier: *Le Quattrocento*, t. II, pág. 412, nota 4, Paris, Perrin et Cie., Libraires-Éditeurs, 1901.

dem de Santo Agostinho, e os de Ceiça e Tarouca da ordem de Cister, ou, antes, nenhum dêles se distinguia, porque, em todos, os abusos eram intoleráveis.

"Os abades que, segundo a regra, ocupavam o cargo vitalìciamente, faziam recordar, no seu modo de viver, os devassos barões da Idade Média, completando alguns sua existência de luxo com mancebas, que mantinham à custa do mosteiro. Viviam os monges pelo mesmo estilo, na crápula e na bruteza, servindo muitas vêzes como criados do abade, de modo que, na opinião d'el rei, não havia na ordem de Cister senão ignorantes e devassos.

"Os conventos de freiras não se achavam em melhor estado, sendo o de Chelas, o de Semide e outros, teatro de contínuos escândalos. A história de Lorvão e de sua abadêssa, D. Filipa d'Eça, é um dos quadros mais característicos daquela época.

"Lorvão contava, então, cento e setenta freiras, entre professas, noviças e conversas. A família d'Eça preponderava ali. Dela eram tiradas sempre, havia setenta anos, as abadêssas, e outros tantos havia que a dissolução era completa em Lorvão. Das freiras, então atuais, uma parte nascera no mosteiro. Suas mães não só não se envergonhavam de as criar no claustro e para o claustro, mas aí mantinham também seus filhos do sexo masculino. D. Filipa era uma dessas bastardas, fiel às tradições maternas. ....

"Sustentou longa demanda em Portugal e em Roma, demanda cheia de estranhas peripécias. Entre estas a mais singular foi o serem certa vez encontradas D. Filipa e outra freira em casa de um clérigo de Coimbra, escondidas com a sua amante ordinária que a justiça buscava. A pena recusa-se a descrever o estado em que tôdas três foram achadas. Tais eram as devassidões e os escândalos de que vamos encontrar memória nos mais insuspeitos documentos."[27]

Perdurou essa situação em Portugal até quase o século XIX, atingindo o apogeu com D. João V, que transformou o Convento de Odivelas em verdadeiro harém, e com Dona

27 *Vide* Alexandre Herculano: *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal,* t. III, págs. 36 a 39 da ed. Livraria Francisco Alves, Rio, 1907.

Maria I, em cujo reinado o requinte da frascarice era "ter freira".[28]

No colóquio *O Repasto Profano*, critica Erasmo os jejuns e abstinências de carne na quaresma, mostrando que o peixe foi sempre tido como iguaria fina, só acessível aos ricos, donde se alimentarem êstes, de modo obrigatório, mais regaladamente nos dias de abstinência, enquanto os pobres, que não podem adquirir o peixe, são privados dêle e da carne.

Assim como no *Elogio da Loucura*, não deixa Erasmo, nos *Colóquios*, de increpar a escandalosa venda de "indulgências", dizendo num dêles: "Os dominicanos dispõem de indulgências tão extensas que mesmo que alguém pudesse espoliar e decapitar Jesus Cristo seria, por elas, perdoado."

Aqui tinha o filósofo em vista o dominicano Tetzel, que, com o título de Inquisidor da Fé, fôra encarregado por Leão X de colocar nova série de indulgências na Alemanha, fazendo-o em tal desembaraço e cinismo que chegava a pregar ser tamanho o poder das indulgências que até o estupro da Virgem Maria, se alguém o pudesse praticar, seria perdoado![29]

É que, segundo a doutrina católica, sustentada por Santo Tomás de Aquino, os méritos dos santos, excedentes ao que era necessário para a sua salvação, constituem inesgotável fundo de reserva, de que os Papas, como supremos representantes da Igreja, dispõem a seu talante, vendendo-o a varejo para a remissão dos mais graves pecados e a libertação das almas do Purgatório.[30]

Chegou a chancelaria papal a publicar um livro com as tarifas das somas necessárias a resgatar todo e qualquer pe-

[28] *Vide* Ramalho Ortigão: *As Farpas*, t. VI, pág. 286, Lisboa, David Corazzi-Editor, 1888, e Oliveira Martins: *História de Portugal*, t. II, págs. 163 e seguintes, Parceria Antônio Maria Pereira, Livraria Editôra, Lisboa, 1913, 8.ª edição.
[29] *Vide* William Robertson: *The History of the Emperor Charles V*, pág. 456, nota 1, do vol. *The Works*, London, T. Cadell, Strand, 1831.
[30] *Vide* Padre Antônio Vieira: *Sermões*, t. XIV, págs. 141 e 160 da ed. cit. Sôbre "a comunhão dos santos" ou tesouro espiritual da Igreja, através do qual, com as indulgências, se obtém a remissão dos pecados, veja-se Gabriel Le Bras: *Direito Canônico in Legado da Idade Média*, volume publicado pela Universidade de Oxford, pág. 442, da tradução castelhana de Madri, Ediciones Pégaso, 2.ª ed., 1950.

cado.[31] Um diácono culpado de assassínio era absolvido por vinte escudos; um bispo e um abade podiam matar por trezentas libras. Qualquer eclesiástico podia entregar-se aos excessos da impureza por cem libras. Crimes monstruosos, de que a existência humana só apresenta raríssimos exemplos e que talvez ùnicamente existam na imaginação impura de um casuísta, eram resgatados por preços baixíssimos.[32]

No colóquio intitulado *Canonização de Capnion*, insurge-se Erasmo contra a rotina e o misoneísmo, ponderando com extraordinário bom senso: "Se tôdas as coisas velhas são boas, e tôdas as novas más, conclui-se que tudo quanto hoje tem algum valor não prestava outrora, e tudo quanto hoje é mau se tornará bom um dia."

No colóquio *A Mulher Queixosa do Casamento*, analisa os escolhos do matrimônio, concluindo, com Aristóteles, consistir a principal fôrça da mulher em superar a dificuldade de obedecer.[33]

No colóquio *O Abade e a Mulher Instruída*, defende a tese de que, sendo o dever da mãe de família superintender o lar e educar seus filhos, carece, para tal, da mais ampla instrução. É sempre com imensa delicadeza que se refere à mulher, e poucos caracteres dos *Colóquios* são traçados com tanta simpatia quanto o da sábia interlocutora do abade. "A mulher é o que o seu marido a faz" — exclama — *"ut suam quisque vult, ita est."*

Ninguém melhor do que êle defendeu a mulher que cai, e Victor Hugo não é mais do que um erasmiano na célebre apóstrofe:

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe!
Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe?

Erasmiano é ainda Musset nos versos igualmente célebres:

31 *Vide* William Robertson, *op. cit.*, pág. 464.
32 *Idem, ibidem.*
33 *Vide* Aristóteles: *Política*, 1. I, c.XIII, pág. 69 da tradução francesa de Charles Millon, Paris, Artaud, 1803.

Vous ne la plaignez pas, vous! femmes de ce monde,
. . . . .
Vous n'avez jamais vu le spectre de la faim
Soulever en chantant les draps de votre couche,
Et, de sa lèvre blême effleurant votre bouche,
Demander un baiser pour un marceau de pain!

Onde, porém, a obra de Erasmo apresenta ainda hoje a maior oportunidade é nos inúmeros opúsculos por êle consagrados à paz, dos quais se salientam a *Querela Pacis*, a *Oratio de pace et discordia* e o adágio *Dulce bellum inexpertis*.

Nesta hora angustiosa de incertezas e apreensões, em que a violência, os canhões e as bombas atômicas continuam a ser a *ultima ratio* dos povos mais civilizados, reverenciemos, no Filósofo de Roterdão, "aquêle polígrafo que nunca cessou de empregar a pena para fazer odiar a guerra e amar a paz", segundo êle próprio o diz nos *Colóquios*.

Possam os seus apelos trazer os homens à realidade, de modo a concretizarem afinal o seu mais belo sonho, que já era o de Homero, e, ai de nós! é ainda uma utopia trinta séculos depois de haver o cantor da "desastrosa cólera de Aquiles" formulado o voto:

"Pereça a dissensão entre os deuses! e, entre os homens, pereça a cólera, que perturba o mais sábio, e, mais doce que o mel líquido, se incha como a fumaça no peito dos homens!"

CAPÍTULO DÉCIMO

ERASMO E A REFORMA. O "ANTICICERONIANUS" E SUAS ÚLTIMAS OBRAS — PAPEL DE ERASMO NA HISTÓRIA DO ESPÍRITO HUMANO

A Neutralidade e o Ideal Religioso de Erasmo

O VELHO Cosme de Médicis equiparava os neutros aos que moram nos pavimentos médios dos grandes edifícios: são incomodados pelo barulho dos que habitam em cima e pela fumaça dos que residem embaixo.

Essa a posição de Erasmo a partir do surto da Reforma, porquanto, possuindo um sistema seu, não podia integralmente aderir nem ao catolicismo tradicional, nem ao protestantismo, sendo — dizia-se nas *Epistolae Obscurorum Virorum* — um homem que representava êle próprio um partido: *"Erasmus est homo pro se."*

Achava-se, por êsse tempo, o catolicismo em crise, a qual espontâneamente se vinha processando desde fins do século

XIII, conforme tivemos ocasião de acompanhar nos capítulos anteriores.

Erasmo, que tinha horror à metafísica, e, filosòficamente, atingira o deísmo, propugnava pela liberdade de pensamento, procurando estabelecer uma moral puramente humana, apoiada na experiência da antigüidade greco-romana, como vimos a propósito dos *Adágios*.

Do catolicismo, que êle pretendia conservar, transformando-o e adaptando-o às tendências modernas, deviam ser mantidas, a seu ver, as linhas mestras, purificadas, tanto quanto possível, do teologismo medievo, passando a ser representado por um Deus quase destituído de atributos morais e intelectuais, reduzido a uma Fôrça Infinita e Indefinível, causa cega dos fenômenos do universo. Um dos elementos adequados a religar os homens em tôrno de tal programa supunha êle ser o humanismo, isto é, o cultivo das boas letras, sobretudo antigas.

Essa a idéia geral que resulta do conjunto da obra do polígrafo dos *Colóquios*, que, como observa Zweig, "foi o único intelectual de sua geração a ficar fiel à Humanidade de preferência a um partido. Acreditavam êle e seus adeptos fôsse a civilização capaz de melhorar os homens, esperando da difusão dos estudos, da literatura e das ciências, da cultura, em uma palavra, o desenvolvimento das faculdades morais dos indivíduos e dos povos. Tinham êsses idealistas tocante e quase religiosa confiança na influência enobrecedora do saber sôbre a natureza humana. ....

"Não era mágico o invento de Guttenberg, que espalhava pelo mundo, multiplicando-a ao infinito, a palavra criadora e civilizadora? Dentro em breve — pensavam, com alegria, Erasmo e seus discípulos — a Humanidade, consciente de sua fôrça, reconheceria sua missão moral, e, despojando-se do que nela havia de bestial e feroz, viveria na paz e na fraternidade. Cheios de fé e impacientes, os cidadãos da Nova Europa viam, do fastígio do império erasmiano, brilhar, no horizonte, um clarão que parecia enfim anunciar, após interminável noite espiritual, o dia da libertação."[1]

[1] *Vide* Stefan Zweig: *Erasmo*, págs. 24, 15, 126, 127 *et passim* da tradução francesa de Alzir Hella, éditions Bernard Grasset, Paris, 1935.

A imensa acolhida alcançada por suas obras no primeiro quartel do século XVI, entre os elementos mais categorizados do escol europeu, levou-o a supor que suas idéias prevaleceriam, adaptando-se o catolicismo, sem grandes abalos, ao espírito moderno, de vez que o clero, naquilo que possuía de mais significativo — Papas e cardeais — havia aderido ao *erasmismo*.

Quanto ao vão privilégio de interpretar a Bíblia, frisava o filósofo que, aceitando as Escrituras compelido pela autoridade da Igreja, confiava a esta o cuidado de explicá-las.

"Propagam os humanistas sua fé na Humanidade com o mesmo fervor com que outros, nesses sombrios tempos, exaltam a sua confiança em Deus — pondera ainda Zweig. Têm a convicção de que o espírito do mundo, seu objeto e seu futuro, residem na solidariedade, e não no individualismo, o que lhe permitirá tornar-se cada vez mais humano. Sua religião era a Humanidade, o amor ao gênero humano inteiro, acima da diferença de línguas, credos e filosofias.

"Belo êsse momento da História em que a augusta fé na Humanidade iluminou, com sua doce e benfazeja luz, tôda a Europa!

"Mas, semelhante aos germanos invasores da Roma clássica, Lutero, homem de ação e fanático, desencadeia um movimento nacional de irresistível fôrça, que irrompe através do reino dos humanistas e lança por terra seus mais belos sonhos internacionais."[2]

Erasmo e Lutero

Dura, na verdade, foi a decepção de Erasmo e de seus adeptos quando êsse monge fanático, digno sucessor de Savonarola, desencadeou as paixões populares da parte da Europa menos trabalhada pela civilização, vulgarizando o que as Sagradas Escrituras apresentavam de mais atrasado e primitivo: o Antigo Testamento.

Nessa tragédia, que ensangüentou o século XVI, a partir de 1520, a atitude de Erasmo, atento o estado de seu espírito, não podia ser senão a que assumiu.

2 *Idem, ibidem*, págs. 118, 125, 127 *et passim*.

Os escritores teológicos não compreendem haja o filósofo de Roterdão deixado de definir claramente sua posição, abraçando, com desassombro, ou o catolicismo ou o protestantismo. Nada mais explicável todavia, para quem atinge a emancipação teológica, ou, mesmo, o simples deísmo.

Concordava o filósofo com a parte crítica da doutrina de Lutero, ou melhor, êste é que concordava com êle, como, aliás, o confessou em cartas que lhe fêz. Não podia, porém, admitir que se substituísse a então liberalíssima ortodoxia católica por uma ortodoxia estreita, intolerante e incomparàvelmente mais atrasada, porquanto regredia à teocracia judaica.

Também Lutero, que tudo fêz para obter-lhe a adesão, não deixou de perceber, desde logo, o intransponível abismo que os separava.

Vimos, no capítulo anterior, haver sido Lutero um dos que se insurgiram contra a edição crítica do *Nôvo Testamento,* feita por Erasmo, considerando sacrílegas as alterações por êle introduzidas no texto da *Vulgata.*

"As coisas dêste mundo têm, para Erasmo, maior importância do que as divinas" — exclama, indignado, o ex-monge de Wittenberg.

E, realmente, enquanto, para êle, como teólogo, o essencial na Terra era o divino e o celeste, para Erasmo, ao contrário, como cidadão do mundo, apresentavam a primazia o humano e o terrestre.

"Vêde quanto veneno encerram os *Colóquios* de Erasmo! Em meu leito de morte exortarei meus filhos a não lê-los" — exclama o veemente representante do espírito teológico em plena Renascença.

"Em meu testamento determino-vos a odiar e detestar essa víbora, chamada Erasmo de Roterdão, o maior celerado que jamais pisou a Terra, o mais encarniçado inimigo de Cristo."[3]

Perguntando alguém a Lutero se era capaz de amaldiçoar até mesmo ao fazer suas orações, respondeu: "Sim, quando profiro a seguinte prece: "Bendito seja o teu nome!

[3] *Apud* Jarl-Priel: *Vie d'Érasme,* pág. XXV do t. I das *Oeuvres d'Érasme de Rotterdam,* Paris, *À l'Enseigne du Pot Cassé,* 1933.

Malditos, porém, os de Erasmo e demais hereges, blasfemadores e insultadores de teu nome santo, ó Deus!"[4]

Erasmo e a Contra-Reforma

O curioso — e isto confirma a reflexão de Cosme de Médicis — é que, recusando-se Erasmo a aceitar um Bispado, caso escrevesse contra Lutero, os católicos não o atacavam menos desabridamente.

Em Lovaina, onde se encontrava de passagem, excitaram os teólogos da Universidade, em 1521, verdadeiro motim contra êle, sob o pretexto de ser luterano, e Beda, Superior dêsse mesmo Colégio Montaigu de Paris, de sinistra e lamentável memória para o filósofo, depois de haver feito queimar, em 1529, Luís Berquin, que traduzira, para o francês, várias obras de Erasmo, dizia, referindo-se a êste último: — "Se me dessem crédito, era só através do fogo que se haveria de agir contra gente dessa espécie"...[5]

Tão violenta foi a animosidade dos católicos contra o humanista, que ainda no século XVII o nosso Padre Antônio Vieira a expandiria nos seguintes têrmos: "e ainda não tinham saído do Inferno os Erasmos, os Luteros, os Calvinos e tantos outros monstros, em cujas heresias está ardendo hoje a França, a Holanda, a Inglaterra, a Alemanha, a Dinamarca, e a Suécia, e todo o Setentrião enregelado e duro. ......

"O mesmo êrro continuaram Pedro Abaylardo primeiro, e depois os hereges albigenses e quase em nossos dias o ressuscitaram Erasmo, Fabro, Zwínglio e outros monstros com nome de cristãos: não reparando, como nota Santo Agostinho contra Juliano, que quem nega o pecado original derroca o primeiro fundamento do cristianismo e quer tirar do mundo a Cristo."[6]

O fel teológico extravasado contra Erasmo chegou ao ponto, segundo êle próprio conta, de dependurar um teólogo

4 *Idem, ibidem,* pág. XXVI.
5 *Vide* Fr. Funck-Brentano: *La Renaissance,* pág. 128, Paris, Arthème Fayard et Cie., éditeurs, 1935.
6 *Vide* Padre Antônio Vieira: *Sermões,* t. XI, págs. 154 e 161, da ed. da Livraria Chardron, Lisboa, 1908.

da cidade de Constança um retrato dêle, em sua casa, só para cuspir tôdas as vêzes que por êle passasse.

Uma das máximas, a que o conhecimento dos homens o conduzira, era: "Ama, como se devesses odiar um dia, e odeia, como se devesses amar de nôvo."

É com bom humor que registra, em seus últimos anos, a história do acrimonioso teólogo de Constança, comparando seu destino ao de São Cassiano, que foi ferido, com estilos, por seus próprios discípulos, até morrer. Também êle, anos a fio, passara a ser atacado pela pena de inúmeras pessoas, vivendo nesse tormento, sem que viesse libertá-lo a morte.

Perigos Sociais da Bíblia

Muitos consideram a Bíblia perigosa em mãos de pessoas de instrução rudimentar. Sendo o *Antigo Testamento* o livro de um povo de civilização incipiente, é cheio de incongruências, lendas pueris e cruas imoralidades, e, daí, abandonarem os Santos Padres, com grande sabedoria, o sentido literal das Sagradas Escrituras, colocando-se por detrás do flexível véu da alegoria, como o fizeram, com superioridade, entre muitos outros, Santo Irineu, Orígenes, São Clemente de Alexandria e Santo Agostinho. O *Comentário ao Sermão sôbre a Montanha* dêste último é um modêlo do que pode dar a interpretação simbólica dos textos sagrados.

Apresenta a interpretação literal da Bíblia, quando entregue ao livre exame, grandes perigos sociais, visto ser necessária verdadeira ginástica intelectual para fazer concordarem as concepções de um povo primitivo com as de uma sociedade evoluída, tornando-se tal contraste tanto mais chocante quanto mais se apura a civilização.

Sendo, nas sociedades rudimentares, confusa e pouco distinta a noção de propriedade, de vez que nas tribos selvagens as terras são comuns, encontram-se muitos vestígios do primitivo comunismo judaico até mesmo em o *Nôvo Testamento,* o que prova quanto pode a Bíblia tornar-se subversiva em mãos ignaras. Daí haver Gregório VII proibido a sua vulgarização, no que foi confirmado, em 1229, pelo Concílio

de Tolosa.[7] E, ainda no século XVIII, o jesuíta francês, Padre Berruyer,[8] e o grande Fénelon, Arcebispo de Cambrai, salientavam o perigo de ser a Bíblia lida por pessoas destituídas de preparo.[9]

É comum falar-se, em nossos dias, em "comunismo ateu", como se não tivesse havido, antes dêle, um comunismo cristão.

Caracterizou-se, de fato, o cristianismo dos primeiros séculos por suas tendências comunistas, o que explica as perseguições que sofreu, porquanto apresentava, sob êsse aspecto, feição nitidamente revolucionária, levando os imperadores a reprimi-lo em defesa da ordem estabelecida e dos interêsses sociais predominantes.

Freqüentes são, nos *Evangelhos*, as idéias comunistas. No capítulo sexto de São Lucas encontram-se os seguintes tópicos que, no século XVI, serviram de grito de guerra aos comunistas de Munster:

"22. *Beati, qui nunc esuritis, quia saturabimini. Beati, qui nunc fletis, quia ridebitis.*

"24. *Verumtamen vae vobis divitibus, quia habetis consolationem vestram.*

"25. *Vae vobis, qui saturati estis, quia esurietis. Vae vobis qui ridetis nunc, quia lugebitis et flebitis.*"

Ou, como traduz o Padre Antônio Pereira de Figueiredo:

Bem-aventurados os que agora tendes fome, porque vós [sereis fartos.
Bem-aventurados os que agora chorais, porque vós rireis.
Mas, ai de vós! os que sois ricos, porque tendes a vossa [consolação.
Ai de vós os que estais fartos, porque vireis a ter fome.
Ai de vós os que agora rides, porque gemereis e chorareis.

Compreende-se a grande aceitação do cristianismo entre os escravos e humildes quando se vê êsse ódio contra

7 *Vide* Abbé Claude Fleury: *Histoire Ecclésiastique*, livro 63, c. 7, e liv. 79, c. 57, págs. 284 e 285 do t. IV, e pág. 215 do t. V da ed. de Paris, Didier éditeur, 1844.
8 *Vide* D'Alembert: *Oeuvres Complètes*, t. III, pág. 243, Paris, 1 821.
9 *Idem, ibidem*, t. II, pág. 500.

os ricos: *Vae divitibus!* — reproduzir-se veementemente nos Evangelhos de São Mateus e São Marcos, dizendo o Filho de Deus ser mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que penetrar um rico no reino dos Céus, bastando, segundo Cristo, ser alguém possuidor de cabedais para transformar-se em réprobo!

Lê-se, nos *Atos dos Apóstolos*: *"nec quisquam eorum, quae possidebat, aliquid suum esse dicebat: sed erant illis omnia communia"*[10] — "e nenhum dizia ser sua coisa alguma daquelas que possuía; mas tudo entre êles era comum."

Nos mesmos *Atos dos Apóstolos* registra-se a maneira sumária pela qual São Pedro, apelando para o Espírito Santo, fulminou Ananias e sua mulher, Safira, por sonegarem parte de seus bens à comunidade cristã.[11]

Não nos esqueçamos, ademais, ser São Paulo o autor da máxima comunista: "Quem não trabalha, não come!"[12] princípio básico das comunidades religiosas, únicas que têm, até hoje, conseguido praticar à risca o ideal comunista.

À vista dos textos, que acabamos de exibir, nada têm de estranhável as manifestações dos Santos Padres a êsse respeito.

Tertuliano, ao qual São Cipriano só se referia chamando-lhe respeitosamente "O Mestre",[13] sustentava que tudo, entre os cristãos, devia ser comum, excetuadas apenas as mulheres.[14]

Não menos explícitos foram ainda o Sumo Pontífice São Gregório Magno, São Basílio, São Clemente e Santo Ambrósio.

Eis, com efeito, o que pregava aquêle Papa:

"A terra é comum a todos os homens: é, pois, em vão, que se crêem inocentes aquêles que se apropriam, para si sós, dos bens que Deus fêz comuns, porquanto, em os não partilhando com os outros, se tornam *homicidas*."[15]

10 *Actus Apostolorum*, cap. IV, vs. 32.
11 *Idem*, cap. V, vs. 1 a 5.
12 *Vide* São Paulo: *Epistola ad Thessalonicenses*, II, cap. 3.º, 10.
13 *Vide* Abbé Claude Fleury, *op. cit.*, livro VI, cap. 22, pág. 240 do t. I, Paris, Didier, Libraire, éditeur, 1844.
14 *Idem, ibidem*, livro V, cap. 9, pág. 193.
15 *Apud* B. Malon: *Le Socialisme Intégral*, t. I, pág. 99, Paris, Félix, Alcan, sem data.

Antes do Sumo Pontífice, já ensinara São Basílio, também cognominado "o Grande": "Não és um ladrão, tu que para ti só te aproprias daquilo que recebeste para espalhar e distribuir?"[16]

E São Clemente: "Foi a iniqüidade que fêz dizer a um — isto é meu, a outro — isto me pertence. Daí proveio a discórdia entre os homens."[17]

Finalmente, Santo Ambrósio: "A natureza criou o direito de *comunidade*: foi a usurpação que produziu o direito de *propriedade*."[18]

Històricamente, quase tôdas as manifestações de fundo comunista foram inspiradas na Bíblia: assim, entre outras, a revolta dos camponeses da Inglaterra, em fins do século XIV, dirigida pelo Padre João Ball, ficando célebre sua máxima, que passou a rifão inglês: "Quando Adão lavrava e Eva fiava, onde estavam os gentis-homens?"[19]

Ao historiar essa revolta, comenta Hallam:

"Os próprios autos sacramentais, que começaram, então, a introduzir-se, e se tornaram o fundamento do teatro inglês, alimentavam o espírito sedicioso. A origem e o destino comuns do gênero humano, e tôdas as lições de igualdade ministradas pela religião para humilhar ou consolar o homem, eram reproduzidas nessas representações. A familiaridade com tais idéias enfraqueceu sua influência sôbre os espíritos cultos; mas, quando um campônio, destituído de instrução religiosa nesse século de corrupção da Igreja, era, de repente, iniciado em tão impressivas verdades, não nos podemos espantar do entusiasmo que provocavam em seu espírito."[20]

Ainda no século passado, segundo faz ver Malon, ser ateu ou malfeitor era o mesmo para os comunistas, encontrando-se sempre em suas associações e residências uma gra-

16 *Idem, ibidem.*
17 *Idem, ibidem,* pág. 100.
18 *Idem, ibidem.*
19 *Vide* Henry Hallam: *View of the State of Europe during the Middle Ages,* pág. 568, nota 1, Ward, Look, Bowden, and Co. London, sem data.
20 *Idem, ibidem,* pág. 567.

vura representativa de Jesus, como "carpinteiro", com a legenda: "Jesus de Nazaré, primeiro representante do povo."[21]

Em 1525, registrou-se, na Alemanha, sanguinolento surto comunista, que confirmou o perigo de vulgarizar-se, entre o povo, a Bíblia. É que, em 1521, Nicolau Storck, Marcos Stubner e Tomás Munzer, seguindo literalmente as *Santas Escrituras*, fundaram uma seita que, apelando para as mais violentas paixões populares, sustentava dever ser suprimida tôda distinção de nascimento, hierarquia ou fortuna, visto ser contrária ao espírito do *Evangelho*, o qual considera todos os homens iguais, devendo, portanto, os cristãos estabelecer a comunidade de bens e viver na mais perfeita igualdade, como convém aos membros de uma só família.

Encontrou essa doutrina numerosos adeptos entre os camponeses de Munster. E, a partir de 1525, começaram a subverter a ordem a fim de implantar a simplicidade da vida patriarcal descrita na *Bíblia*.

As instituições Sociais e a Teologia

Prova esta ligeira rememoração quanto se enganam, por falta de cultura histórica, os que, entre nós, pretendem basear a defesa das instituições sociais nesses mesmos princípios bíblicos, que tantas vêzes sèriamente as têm comprometido, observando com razão, o fundador da Sociologia, que "a religião, que deixou explodir a revolução ocidental, não pode, sem ridículo, ser invocada para lhe pôr têrmo".[22]

Se, lògicamente, se prova que as instituições sociais não podem ficar na dependência de concepções tão frágeis, històricamente a demonstração não é menos irrespondível.

Foram a Rússia e a Espanha os países modernos mais trabalhados pelas idéias teológicas, bastando dizer que, na primeira, era o Czar, a um tempo, Papa e Imperador, enquanto, na segunda, se estabeleceu o quartel-general da maior fer-

21 *Vide* B. Malon: *Exposé des Écoles Socialistes Françaises*, págs. 172 e 230, Paris, Lechevalier, éditeur, 1872.
22 *Vide* Augusto Comte: *Système de Politique Positive*, t. IV, pág. 386, Paris, 1854.

mentação clerical de tôda a Europa, notabilizando-se como a pátria dos "autos da fé".

Nada disso, entretanto, preservou êsses dois países da disseminação do comunismo, e, muito ao revés, facilitou-lhe a infiltração.

As instituições sociais: a família, a pátria, o capital, as religiões, etc., são tão inevitáveis quanto as condições astronômicas a que está sujeita a Terra e têm de ser apresentadas e defendidas com argumentos e razões de ordem exclusivamente científica.

Apoiando-se em Augusto Comte, fêz Teixeira Mendes uma das mais brilhantes defesas da família, servindo-se apenas de argumentos humanos e sociais.

Também o "capital" tem de estear-se em argumentos científicos, tirados da própria ordem econômica e social.

Pode e deve, de fato, a questão proletária e social ser tratada positivamente como, em 1855, frisava Augusto Comte:

"A Humanidade confia hoje a argumentos científicos a decisiva defesa de suas instituições fundamentais, não menos comprometidas pela invocação divina do que pelas tendências diretamente subversivas."[23]

Dolorosa, sem dúvida, é a situação de alguns estadistas modernos que, por falta de conhecimentos sociológicos, se vêem forçados, para manterem a ordem, a invocar opiniões cujo esgotamento é universal, pois, há mais de meio século, já frisava Edmundo Lins: "Atualmente a fé tem desaparecido das próprias classes populares, que assim exigem seu quinhão de felicidade mesmo neste mundo."[24]

Erasmo e os Ciceronianos

Não podendo Erasmo aderir completamente ao catolicismo, nem ao protestantismo, visto ser simples deísta, propugnando pelo livre pensamento, não se viu, contudo, em seus

[23] *Vide* Augusto Comte, *op. cit.*, t. IV, págs. 538, 331, 474, *et passim.*

[24] *Vide* Edmundo Lins: *Estudos Jurídicos*, pág. 44, Rio, A. Coelho Branco Filho (Editor), 1935.

últimos anos, apenas atacado pelos fanáticos de um e outro dêsses partidos.

Guerra não menos formidável moveram-lhe alguns de seus colegas humanistas. É que atacara, com imenso espírito, segundo vimos no capítulo sétimo, o servilismo dos humanistas para com a antigüidade, cujos autores se limitavam a copiar cegamente, até em seus defeitos. "Tudo isso — exclama Brentano a propósito do *Dialogus Ciceronianus* — é delicioso, e hoje o mais irredutível purista não deixaria de rir-se, felicitando o autor."[25]

Tal não ocorreu, porém, no século XVI, faz ver Bayle, que transcreve curiosos trechos das *Orationes duae adversus Desiderium Erasmum eloquentiae romanae vindices*: *Duas orações contra Desidério Erasmo vingadoras da eloqüência romana*, por Júlio César Escalígero.

O homem não consegue escapar ao seu tempo. É o que provam êsses humanistas que, escrevendo no mais puro latim, ao discordarem, recorriam imediatamente ao mais baixo calão da língua materna: *figlio d'un cane, figlio di porco!, accidente alla tua madre!* — eram expressões correntes em suas polêmicas.[26] Divergindo Filelfo do humanista Mérula a propósito da declinação de *turcae, arum*, que, a seu ver, devia ser *turci, orum*, transformou-lhe o nome em outro extremamente desagradável.[27]

No mesmo estilo das *Catilinárias*, lança Escalígero contra Erasmo as mais duras objurgatórias: "*Non tu in Aldi officina quaestum fecisti corrigendis exemplaribus? Nonne errores qui illis in libris legebantur haud tam librariorum atramento, quam tuo confecti vino? Haud tam illorum somnum olebant, quam tuam exhalabant crapulam?*"[28]

"Não ganhaste dinheiro para corrigir provas na tipografia de Aldo? Os erros que se liam nos livros por êle editados provinham, acaso, mais da tinta dos copistas do que do

25 *Vide* Fr. Funck-Brentano, *op. cit.*, pág. 123.
26 *Vide* Philippe Monnier: *Le Quattrocento*, t. I, pág. 294, Paris, Perrin et Cie., éditeurs, 1901.
27 *Idem, ibidem*, pág. 168.
28 *Apud* Pierre Bayle: *Dictionnaire Historique et Critique*, t. VI, pág. 226, Paris, ed. Beuchot, 1820.

teu vinho? Não denunciavam tanto o sono dêles quanto a tua crápula?"

Não foram as invectivas e apóstrofes do humanista menos veementes do que as de Cícero ao combater formidável conspiração contra a República, e considerando a Sorbone ser idêntico o perigo, desferiu contra Erasmo seus anátemas, tal qual o Senado romano suas proscrições contra Catilina.

A grande vingança do filósofo foi deixar sem resposta seus detratores, o que os levou ao auge do desespêro, pois, dada a sua fama, nada mais honroso do que manter com êle uma polêmica.

Viu-se, assim, o homem mais pacífico do mundo atacado, em seus últimos anos, a um tempo, por três temíveis hordas de fanáticos: os protestantes, os representantes da Contra-Reforma e os humanistas!

A Obra de Erasmo

Isto não obstou, todavia, continuasse Erasmo a absorver-se em imensos trabalhos: edições de vários Santos Padres e de muitos autores clássicos; reedições de São Jerônimo e da sua tradução e paráfrases do *Nôvo Testamento;* comentários sôbre os *Salmos* e grande número de novos tratados morais, pedagógicos e filológicos.

São Cipriano, Santo Hilário, Santo Irineu, São Basílio, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Boaventura, Catão, Cícero, Plauto, Terêncio, Amiano Marcelino, Eutrópio, Arnóbio Sêneca, Aristóteles completo, Ptolomeu e Josefo são sucessivamente por êle editados, além de compor um dicionário grego e traduzir, para o latim, várias obras de Isócrates, Eurípedes, Xenofonte, Plutarco, Luciano e São João Crisóstomo. Eis por que Diderot dizia ser Erasmo "um erudito que, sòzinho, sabia mais do que mil de nós reunidos".[29]

Quando se considera o conjunto da obra de Erasmo, é impossível deixar de admirar como uma só vida bastou para

[29] *Vide* Diderot: *Essai sur les Règnes de Claude et de Néron*, pág. 230 das *Oeuvres Complètes*, ed. Assézat, Garnier-Frères, éditeurs, Paris, 1875.

levá-la a têrmo. A Erasmo — diz o apaixonado cultor da filosofia na Idade Média, Étienne Gilson — "a Erasmo devemos os métodos escrupulosos de investigação, a crítica dos textos que hoje empregamos no estudo da Índia, da Grécia, de Roma e da própria literatura medieva. A êle devemos mais ainda. O humanismo não é sòmente a História, mas a simpatia, que a vivifica, do homem para com o homem, o gôsto que a ilumina, a alegria, enfim, que a recompensa, quando, ao têrmo de pacientes pesquisas, ela se apodera de um fragmento humano que se achava perdido e acaba de ser reencontrado".[30]

Erasmo e o Livre Arbítrio

Dentre os inúmeros trabalhos do filósofo, a que ainda não me referi, merece deter-nos um instante a sua polêmica sôbre o "livre arbítrio", entabulada com Lutero. Sustentava êste que "a presciência e onipotência de Deus fazem com que tudo aconteça pela sua imutável, eterna e inevitável vontade, a qual fulmina e estraçalha o livre arbítrio. Não passa êste de palavra vã, porquanto Deus é o autor do bem e do mal praticado pelos homens, consistindo a grande perfeição da fé em acreditar na sua justiça, embora nos torne necessàriamente culpados por sua vontade, parecendo mesmo comprazer-se com os suplícios dos desgraçados. Deus nos apraz quando coroa indignos e não deve desagradar-nos quando condena inocentes". "Só a fé, mesmo que faltem tôdas as demais virtudes, faz justos" — sustentava ainda Lutero.[31]

A concepção monotéica de um Deus onipotente e onisciente acarreta, de fato, a admissão do dogma da predestinação, incompatível com a liberdade individual. De acôrdo

30 *Vide* Étienne Gilson: *Moyen Âge et Renaissance, in Héloïse et Abélard, Études sur le Moyen Âge et l'Humanisme*, págs. 220 e 221, Paris, Vrin, éd., 1938.
31 *Vide* Bossuet: *Histoire des Variations des Églises Protestantes*, págs. 419, 420, 375 e seguintes do t. XII das *Oeuvres Complètes*, Paris, Mellier Frères, 1847, e Padre Antônio Vieira: *Sermão Décimo Sétimo do Rosário*, pág. 173 do t. XI dos *Sermões*, ed. da Livraria Chardron, Lisboa, 1908.

com essa doutrina, acham-se as ações humanas, de tôda a eternidade, predeterminadas pela onisciência e onipotência divinas, não passando o homem de inerme instrumento nas mãos de Deus, tal como o caniço açoitado pelo vendaval, sem mérito nas virtudes, sem culpa nos crimes.

É, como se vê, um dogma de imensos perigos sociais por eliminar a responsabilidade dos atos humanos, transferindo-a para Deus.

Seguindo à risca êsse dogma — observa excelentemente o Padre Antônio Vieira — sustentava Calvino, de conformidade com Lutero, "que Deus quer que os homens pequem, e os obriga a que necessàriamente pequem e que não possam deixar de pecar, ainda que quisessem. Donde se segue, como douta e largamente demonstra Belarmino, que na sentença impiíssima dêstes mais ateus que hereges, Deus é a causa do pecado, e de todos os pecados, e que quando os homens pecam, Deus é o que mais própria e mais verdadeiramente peca, que os mesmos homens".[32]

Dá, porém, essa doutrina aos eleitos da Divindade os mais legítimos motivos de orgulho e desvanecimento, porquanto os eleva acima do resto da Humanidade. Foi o que aconteceu com todos os reformadores teológicos, os quais sempre adotaram a predestinação, como, entre outros, Maomé, Lutero, Calvino e Jansenius, apesar do evidente absurdo de punir Deus com castigos eternos aquilo que êle próprio, em sua onisciência, predeterminou, por imutáveis e imprescriptíveis decretos.

A Erasmo, em seu lúcido bom senso, não ficaram despercebidos êsses perigos, e, por isto, defendeu, contra Lutero, o "livre-arbítrio."

Mas, não foi apenas na questão do livre-arbítrio que Erasmo condenou a retrogradação luterana ao aferrar-se ao texto bíblico.

A Teologia ou a concepção de um Deus, que interfere nos acontecimentos humanos, nunca influiu para moralizar, de modo decisivo, os homens, conforme pôde Erasmo verificar pessoalmente, atribuindo, nos *Colóquios,* as seguintes palavras a um adepto do protestantismo:

32 *Vide* Padre Antônio Vieira: *Sermões,* t. XI, pág. 177 da ed. cit.

"Sendo quatro os Evangelhos, nós outros, campeões do Evangelho, visamos sobretudo a quatro coisas: a satisfação do ventre, o contentamento do que se encontra um pouco mais abaixo, a busca dos meios de subsistência, e, finalmente, a faculdade de fazermos o que nos apraz. Se conseguirmos êsses objetivos, exclamamos, entre dois tragos de aguardente: 'Viva o Evangelho! Reine o Cristo!!!' "[33]

Comenta o filósofo, em suas cartas, que jamais se viram homens tão libertinos e sediciosos quanto os pretensos evangélicos que sòmente tinham em vista duas coisas: dinheiro e mulher![34]

É que, alegando o Landgrave de Hesse ter em número de três o que ordinàriamente os demais homens possuem apenas em número de dois, solicitou e obteve de Lutero autorização para desposar mais de uma mulher.[35]

Circunstância que poucos conhecem e não deixa de ser um dos títulos de glória de Erasmo é haver sido o primeiro a compor um dêsses preciosos manuais de filosofia prática chamados catecismos. A sua *Explanatio Symboli Apostolorum* foi, na verdade, o primeiro catecismo da doutrina cristã,[36] depois imitado por Lutero, e, alguns anos mais tarde, pelo Concílio de Trento no célebre *Catechismus Concilii Tridentini.*

Em outubro de 1534, foi Clemente VII sucedido por Paulo III, o qual querendo dar brilho à delegação que, no Concílio de Trento, devia representar a Igreja Romana, ofereceu a púrpura a Erasmo. Êste, porém, que recusara um Bispado, havia mais de quinze anos, visto não querer imiscuir-se nas lutas, cheias de fel, em que degeneraram as disputas teológicas da Reforma, não aceitou também o cha-

33 *Vide* Erasmo: *O Ciclope Porta-Evangelho,* pág. 217 do livro primeiro dos *Colóquios,* t. II das *Obras,* edição francesa, Paris, *À L'Enseigne du Pot Cassé.*

34 *Apud* A. Renaudet: *Études Erasmiennes* (1521-1529), pág. 354, nota 5, Paris, Librairie E. Droz, 1939.

35 *Vide* Bossuet: *Histoire des Variations Protestantes,* livro VI, c. 1, págs. 579 e 580 do t. XII das *Oeuvres Complètes,* ed. cit., e Voltaire *Essai sur les Moeurs,* cap. CCCXXX, pág. 590, t. III das *Oeuvres Complètes,* ed. Didot, Paris, 1855.

36 *Vide* Pierre Laffitte: *Le Catholicisme,* págs. 428 e 431, Paris, *Au siège de la Société Positiviste,* 1897.

péu de cardeal a fim de manter sua independência de livre pensador.

Foi o que não escapou a Augusto Comte ao apreciar, em sua *Dinâmica Social*, o papel de Erasmo na história do espírito humano:

"No século XVI, os livres pensadores deixam o protestantismo agir, abstendo-se de colaborar nêle, e, utilizando-se da semiliberdade então existente, diretamente desenvolveram sua própria influência mental, seja escrita, seja, sobretudo, oral. É o que provam, de modo decisivo, os ilustres exemplos de Erasmo, Cardano, Ramus, Montaigne e tantos outros, e confirmam, com grande evidência, as ingênuas queixas dos protestantes sôbre a crescente invasão de um espírito antiteológico, que já ameaçava tornar inteiramente supérflua a Reforma nascente, patenteando a irrevogável caducidade do sistema por êles reformado."[37]

Últimos anos de Erasmo

Assim como, fugindo às perseguições dos católicos, deixara Erasmo Lovaina em 1521, também foi, oito anos mais tarde, compelido a trocar Basiléia por Friburgo, por haver sido rompido o equilíbrio até então aí mantido entre católicos e protestantes pela preponderância dêstes últimos, os quais tentaram debalde arrastar o filósofo a tomar seu partido.

Foi, para êle, velho e atormentado de cálculos renais, verdadeiro sacrifício essa viagem feita exclusivamente para salvaguardar a sua independência. Tanto mais lhe custou quanto se distanciava da tipografia do Froben, por êle considerada prolongamento de sua própria casa.

Teve, contudo, o consôlo de verificar que ainda mantinha o principado intelectual de sua época, pois a municipalidade de Friburgo colocou à sua disposição o grande palácio que construíra para o Imperador Maximiliano, avô de Carlos V. Além disto, um dos maiores banqueiros da época — Antônio Fugger — procurou atrair o humanista a

[37] *Vide* A. Comte: *Cours de Philosophie Positive*, t. V, págs. 490 e 491 da 4.ª ed., Paris, J. B. Baillière et fils, éditeurs, 1877.

Augsburgo mediante fabulosa pensão anual. Nem por isto deixaram de ser de grande tristeza e melancolia os seus últimos anos. Começara, desde o surto da Reforma, a mudar a face risonha da Renascença. Em Paris fôra queimado seu tradutor e discípulo, Luís Berquin; em Londres, depois de ser galardoado pelo Papa com o título de Defensor da Fé por haver escrito contra Lutero a favor da doutrina de Santo Tomás de Aquino sôbre as indulgências, rompera Henrique VIII violentamente com a Santa Sé, fazendo decapitar dois dos melhores e mais insignes amigos de Erasmo: Tomás Morus, autor da *Utopia,* e John Fisher, Bispo de Rochester.

Quanto a Roma, capital do humanismo, fôra saqueada pelos exércitos de Carlos V, causando-lhe as tropas dêsse imperador maiores estragos, no século XVI, do que, no quinto século, os bárbaros de Alarico. Retiraram-se êstes no fim de seis dias, enquanto os soldados imperiais ocuparam a Cidade Eterna durante nove meses, dos quais cada dia e cada hora foram assinalados por uma ação de crueldade ou de rapina.[38]

Clemente VII, que tão favorável se mostrara sempre a Erasmo, passara pelas maiores afrontas e humilhações, tendo sido obrigado a vender um chapéu de cardeal para poder pagar seu resgate.[39] Evidentemente havia vivido demais — pensava consigo mesmo o filósofo, que dissera, no *Elogio da Loucura,* trazer, o velho, no sangue, o lêvedo do tédio. Além de Morus e Fisher, também Wahram, Mountjoy, Pierre Gilles, Pirkheimer e tantos outros haviam morrido. Conta Beatus Rhenanus, o mais fiel e dedicado de seus discípulos, assim como um dos mais autorizados de seus biógrafos, que, nos meses que antecederam a sua morte, se comprazia o filósofo em reler, uma a uma, as cartas de seus amigos, excla-

38 *Vide* Gibbon: *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire,* c. XXXI, pág. 518, London, Frederick Westley and A. H. Davis, 1836.

39 *Vide* Bossuet: *Histoire de France,* pág. 430 do t. XXIV, Paris, Mellier Frères, éditeurs, 1849, e William Robertson: *The History of the Reign of the Emperor Charles V,* págs. 516 e seguintes de *The Works,* London, T. Cadell, Strand, 1831.

mando melancòlicamente ao terminar a leitura de cada uma: "e, contudo, êste também se foi!"[40]

"Antes nunca se houvesse metido Morus nos perigos em que se viu envolvido, deixando a causa teológica para os teólogos" — escreveu êle a propósito da degolação do Santo Chanceler, mostrando não compreender, em seu deísmo um tanto cético, a sublime sinceridade religiosa com que se votara ao martírio o mais eminente de seus amigos.

Em junho de 1535, apesar das doenças e da idade, transferiu-se novamente para Basiléia, onde se hospedou na própria casa de Froben, atraído pela sua tipografia a fim de dirigir, pessoalmente, a publicação dos trabalhos que preparara em Friburgo: uma longa obra sôbre a composição de sermões e o modo de pregar; uma edição latina de Orígenes e uma reedição dos *Adágios*, consideràvelmente aumentados e dos quais se fizeram nada menos de cento e trinta e duas edições só no século XVI.

Depois de dar ao prelo êsses trabalhos, revendo-lhes as provas, extinguiu-se o filósofo em Basiléia na noite de 11 para 12 de julho de 1536, sem se confessar, nem comungar, e, tal qual aquêle justo, cuja morte descrevera nos *Colóquios*, foi apenas acompanhado de dois íntimos e queridos amigos que se dispôs a partir em busca do "Grande Talvez", a que se refere seu discípulo Rabelais.

Quatro anos depois, ergueu-lhe Roterdão uma estátua de madeira, e, em 1557, uma de pedra, substituída, afinal, em 1622, por outra de bronze, sendo a sua a única estátua que haja subido de graduação à medida que decorreu o tempo de sua morte: madeira, pedra e bronze.

Resultados da Obra de Erasmo

Adotando o pensamento de Santo Agostinho: *"in necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus charitas"*, dizia Erasmo que a última palavra de tôda filosofia e o último vocábulo de tôda religião devia ser *charitas*: amor.

40 *Vide* J. Huizinga: *Erasmo*, pág. 296 da trad. francesa de V. Bruncel, Paris, Gallimard, 3.ª ed., 1955.

Para avaliar-se, porém, o heroísmo de sua atitude ao pregar a tolerância, leiam-se os volumes onde Hume narra, em sua *História de Inglaterra,* as lutas religiosas dêsse século, no qual de todos os lados retumbava a maldição de Meroz, essa maldição tão solene contra a neutralidade e a moderação.[41]

Para católicos e protestantes a tolerância era, nessa época, o assassínio da alma, que transformava a Igreja de Cristo em Arca de Noé, onde encontraram guarida todos os animais imundos. Quando se conhece o absolutismo dêsses sectários, que, ainda um século depois da morte de Erasmo, ao adotarem as idéias republicanas, mudaram o próprio *Padre-Nosso,* dizendo "venha a nós a vossa república",[42] pode-se avaliar quanto Erasmo se antecipou à sua época.

No que concerne à tolerância, suas idéias sòmente foram compreendidas e aplicadas, em fins do século XVI, por Guilherme, o Taciturno, ao implantar, na Holanda, a liberdade de consciência. No atinente ao relativismo filosófico, só no século XVII encontrou continuadores, ao escrever sôbre as causas primárias: "Há muitos problemas que mais vale desprezar do que procurar resolver, e boa parte da ciência consiste em ignorar certas coisas."[43]

Seguindo-lhe as pegadas, proclamaria Bacon: "As causas primeiras são tão estéreis quanto as virgens consagradas ao Senhor",[44] pensamento que Hume desenvolveria nestes têrmos:

"As causas primeiras e finais constituem o eterno escolho da curiosidade humana. Elasticidade, gravidade, coesão das moléculas, comunicação impulsiva dos movimentos, tais os limites de nossa inteligência. Felizes os homens no dia em que, convencidos da temeridade de quererem penetrar mistérios tão sublimes, souberem ser modestos, deixando essa cena

41 *Vide* David Hume: *História de Inglaterra,* pág. 297, nota 1, do t. V, da trad. francesa de Campenon, Paris, Furne et Cie., éditeurs, 1839.

42 *Idem, ibidem,* págs. 339, 366 e 440, nota 1, da trad. cit.

43 *Apud* Th. Quoniam: *Érasme,* pág. 100, Paris, Desclée de Brower et Cie., éditeurs, 1935.

44 *Vide* Francis Bacon: *Dignidade e Acréscimo das Ciências,* livro III c. 5.º, pág. 100 da trad. francesa publicada por Buchon no *Panthéon Littéraire,* Paris, Auguste Desrez, éditeur, 1830.

de trevas e perplexidades e voltando sua atenção para a sua sede e o que nela se passa. Encontrarão aí, sempre inúmeras dificuldades a esclarecer, sem carecerem ir buscá-las alhures, arriscando-se nesse imenso pélago de dúvidas, incertezas e contradições, que é a pesquisa das causas primeiras."[45]

Em sua preocupação de fundar a moral sôbre bases puramente humanas, encontrou Erasmo eminente continuador em Montaigne, o qual serve, ao lado dêle e de Tomás Morus, Campanela, Ramus, São Boaventura, Raimundo Lúlio, João de Salisbury e Rogério Bacon, de transição entre o pensamento escolástico de Santo Alberto Magno e Santo Tomás de Aquino e a Filosofia Moderna, representada pelo Chanceler Bacon, Descartes, Leibnitz, Hume, Kant, Diderot e Augusto Comte, ligando-se, assim, o pensamento de nossos dias à mais sólida das escolas filosóficas da antigüidade: o aristotelismo.

As idéias de Erasmo sôbre a "educação", entre as quais avulta o combate aos castigos corporais, tornando-se o ensino suave e atraente, encontram adeptos, no século XVI, em Rabelais, Ramus e Montaigne; no século XVII, em Locke, e, finalmente, no século XVIII, em Diderot, Condorcet, Rousseau e Pestalozzi.

Seu pacifismo — nós o vimos — ainda hoje apresenta a maior oportunidade social.

Os *Colóquios*, apesar de condenados, a um tempo, por Lutero e pela Sorbonne, queimados na Espanha e incluídos no *Index* de Roma, assim como quase tôdas as suas demais obras, não deixaram de ser lidos, exercendo imensa influência nos séculos XVI e XVII. Até 1522 — haviam sido os *Colóquios* publicados e várias vêzes reimpressos em Antuérpia, Paris, Strasburgo, Colônia, Cracóvia, Deventer, Leipzig, Londres, Viena e Mogúncia. Podem fàcilmente avaliar o que haja sido sua influência emancipadora do teologismo pelo que dizia Santo Inácio de Loiola de uma das obras tidas como mais fervorosas de Erasmo: o *Enchiridion Militis Christiani*. Empreendendo o insigne Chefe da Contra-Reforma

45 *Vide* David Hume: *Quarto Ensaio sôbre o Entendimento Humano*, págs. 118 e 119 do 1.º vol. da edição francesa, Londres, 1788, e *Oitavo Ensaio*, *ibidem*, pág. 262.

ler essa obra, a conselho de seu confessor, abandonou-a por "esfriar-lhe a devoção".[46]

Entretanto, na própria Espanha, apesar do terror inspirado pelas fogueiras inquisitoriais, grandes espíritos como Cervantes e Lope de Vega não deixaram de filiar-se intelectualmente ao filósofo de Roterdão.

É o que prova um exame, mesmo superficial, das obras de Lope de Vega, como, entre outras, as comédias *Los Milagros del Desprecio* e *El Nuevo Mundo Descubierto por Cristóbal Colón*. No atinente a Cervantes, demonstrou-o exaustivamente Américo de Castro em seus primorosos trabalhos: *El Pensamiento de Cervantes* e *Erasmo en Tiempo de Cervantes*.[47]

Também em Portugal, principalmente através de Damião de Góis, infiltrou-se o *erasmismo*. Segundo Barboza Machado, em sua *Biblioteca Lusitana*, teria Erasmo aprendido o português, estimulado por Damião de Góis, a fim de penetrar as agudezas de Gil Vicente, confessando, depois de lê-lo, "que nenhum poeta mais que o lusitano imitara o estilo de Plauto e Terêncio". No dizer do mesmo Barboza Machado, hospedou-se Damião de Góis com Erasmo, em Friburgo, durante cinco meses.

A essas relações faz também referências, em sua *Goisiana*, Joaquim de Vasconcelos, e são elas exaustivamente estudadas por Marcel Bataillon em seus *Estudos sôbre Portugal no Tempo do Humanismo*.[48]

Quanto ao autor de *Gargântua* e *Pantagruel*, teve Erasmo o confôrto de receber dêle, em seus últimos anos, uma das mais entusiásticas consagrações jamais chegadas a um pensador:

"Tudo quanto sou, tudo quanto valho, devo-o a ti só, e seria o homem mais ingrato de todos os tempos, se o não reconhecesse. Salve, pois, salve, pai amantíssimo, pai e hon-

46 *Vide* Marcel Bataillon: *Érasme et l'Espagne*, pág. 230, Paris, Librairie E. Droz, 1937.
47 *Vide* Américo Castro: *El Pensamiento de Cervantes*, Madri, Casa Editorial Hermando, 1925, págs. 279 e seguintes, *signaliter* 281-283.
48 *Vide* Marcel Bataillon: *Études sur le Portugal au Temps de l'Humanisme, Acta Universitatis Conimbricensis*, 1952, *passim*.

ra da pátria, protetor das letras e invictíssimo defensor da verdade!"

"Quidquid sum et valeo tibi id uni acceptum ni feram, hominum omnium ingratissimus sim.

"Salve itaque etiam atque etiam, pater amantissime, pater decusque patriae litterarum assertor, veritatis propugnator invictissime!"[49]

Por haver pregado a humanização crescente de nossa espécie,[50] jamais cessará a influência de Erasmo que, por seus livros se fêz cidadão de tôdas as pátrias e contemporâneo de todos os tempos, incorporando-se à existência da própria Humanidade.

Se, no quinto centenário de seu nascimento, lhe abrirmos de nôvo a obra, veremos que em cada uma de suas páginas, como observa Gautier Vignal, êle exorta os homens a confiarem seu destino à razão e ao amor, de preferência às paixões e ao ódio. Dirige-nos, assim, perene mensagem de liberalismo, de cultura, de fraternidade e de paz,[51] podendo, a justo título, ser apontado como um dos fundadores da unidade humana.

49 *Apud* J. B. Pineau: *Érasme — sa Pensée Religieuse*, pág. 60, nota 47, Paris, Les Presses Universitaires de France, 1924, e Stefan Zweig: *Erasmo*, pág. 229 da trad. francesa de Alzir Hella, éditeur Bernard Grasset, Paris, 1935. Louis Thuasne estuda miùdamente a influência de Erasmo sôbre Rabelais em seu livro *Études sur Rabelais*, Paris, Émile Bouillon, éditeur, 1904, págs. 27 a 157.
50 *Vide* Stefan Zweig, *op. cit.*, págs. 237, 238 *et passim*.
51 *Vide* L. Gautier Vignal: *Érasme* 1466-1536, Paris, Payot, 1936, pág. 273.